



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

TÂNIA BRAGA GUIMARÃES

**PARA UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE SÃO FRANCISCO DO  
SUL (ALSFS):**

**HÁ NESTA ILHA UM FALAR ESPECÍFICO?**

TÂNIA BRAGA GUIMARÃES

**PARA UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE SÃO FRANCISCO DO  
SUL (ALSFS):  
HÁ NESTA ILHA UM FALAR ESPECÍFICO?**

Tese apresentada à banca examinadora do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como exigência parcial para a obtenção do título de doutor em estudos da linguagem.

Orientadora: Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina  
2008

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

- 963 Guimarães, Tânia Braga.  
Para um atlas linguístico de São Francisco do Sul (alsfs): : há nesta ilha um falar específico? / Tânia Braga Guimarães. - Londrina, 2008.  
229 f.
- Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.  
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2008.  
Inclui bibliografia.
1. Geografia linguística. - Tese. 2. Dialectologia. - Tese. 3. Língua portuguesa - Dialeto. - Tese. I. Aguilera, Vanderci de Andrade . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. IV. Título.

CDU 8

TÂNIA BRAGA GUIMARÃES

**PARA UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE SÃO FRANCISCO DO SUL  
(ALSFS):**

**HÁ NESTA ILHA UM FALAR ESPECÍFICO?**

Tese apresentada à banca examinadora do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como exigência parcial para a obtenção do título de doutor em estudos da linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade  
Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Abdelhak Razky  
Univerasidade de Brasilia - UNB

---

Prof. Dra. Silvia Figueiredo Brandão  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

---

Prof. Dra. Adja Balbino de A. B. Durão  
Universidade Federal de Santa Catarina -  
UFSC

---

Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 09 de junho de 2008

**Dedico este trabalho aos meus pais**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me permitir realizar esta pesquisa.

A meus pais, que desde sempre representaram, e representam, apoio em minhas jornadas.

À Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera, com quem primeiro incursionei pelo mundo da Dialetoлогия e por abraçar esta causa comigo. Sua motivação, sua incansabilidade, a paixão e a conseqüente dedicação com que empreende as pesquisas dialetológicas são lições de “faça como faço” e não de “faça o que digo”.

À Dr<sup>a</sup>. Silvia Brandão que, por ocasião do exame de qualificação, apresentou sua avaliação do trabalho com uma objetividade tal que tornou cada re-leitura de seu parecer uma nova escuta dos apontamentos feitos oralmente.

À Dr<sup>a</sup>. Adja Barbieri Durão cujas palavras me fizeram voltar ao trabalho pós-qualificação com a perspectiva da real dimensão a que uma tese está sujeita.

À Dr<sup>a</sup>. Aparecida Negri Isquerdo que, além da participação no exame de qualificação, foi minha debatedora no Sedata e, com seus questionamentos sempre pertinentes, fez com que cada retorno à tese fosse um retorno mais crítico e consciente.

Ao Dr. Abdelhak Razky por aceitar o convite para participar da banca e por trazer contribuições de quem faz Dialetoлогия combinando paixão e exatidão.

Ao Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos pela contribuição de nos fazer lembrar que nem sempre a pesquisa permanece nos caminhos a priori pensados.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras, pelo conhecimento partilhado.

À Capes, pela concessão da bolsa de estudos, usufruída por dois anos, que permitiu avançar parte da estrada rumo ao doutoramento .

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b>	Cartas fonético-fonológicas do ALERS e do ALSFS.....	51
<b>Quadro 02</b>	Ditongação nas tônicas seguidas de /♦/ final .....	52
<b>Quadro 03</b>	Realização da pré-tônica /□/ em /◆/.....	53
<b>Quadro 04</b>	Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ .....	55
<b>Quadro 05</b>	Realização de /Ω/ e /◆/ em sílaba tônica.....	56
<b>Quadro 06</b>	Realização de /Ω/ e /◆/ em posição pré e pós-tônica .....	57
<b>Quadro 07</b>	Realização de -ndo .....	58
<b>Quadro 08</b>	Realização /r/ em coda silábica.....	60
<b>Quadro 09</b>	Realização /r/ em início de sílaba .....	61
<b>Quadro 10</b>	Realização de /l/ em encontros consonantais .....	63
<b>Quadro 11</b>	Realização dos ditongos /ki/kwi .....	63
<b>Quadro 12</b>	Campos semânticos e cartas elaboradas para o ALSFS.....	65

## SUMÁRIO

### VOLUME I

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1	POR QUE UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE PEQUENO DOMÍNIO? .....	2
<b>2</b>	<b>SOBRE SÃO FRANCISCO DO SUL (SC)</b> .....	<b>8</b>
2.1	BREVE HISTÓRICO .....	8
2.2	CARACTERÍSTICAS .....	12
<b>3</b>	<b>DIVISÕES DIALETAIS</b> .....	<b>16</b>
3.1	ÁREAS LINGÜÍSTICAS NO BRASIL, NO SUL E EM SANTA CATARINA .....	16
3.2	COLONIZAÇÃO AÇORIANA: INFLUÊNCIA NO LINGÜÍSTICO E NO FOLCLORE .....	20
<b>4</b>	<b>ESTUDOS DA VARIAÇÃO</b> .....	<b>25</b>
4.1	ASPECTOS TEÓRICOS .....	25
4.2	LÍNGUA, DIALETO E FALAR .....	26
4.3	A DIALETOLOGIA .....	28
4.4	GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA .....	36
4.5	DIALETOLOGIA NO BRASIL .....	38
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>43</b>
5.1	METODOLOGIA DO ATLAS <i>LINGÜÍSTICO DE SÃO FRANCISCO DO SUL (ALSFS)</i> .....	43
5.2	PONTOS DE INQUÉRITO .....	43
5.3	PERFIL DOS INFORMANTES .....	44
5.4	QUESTIONÁRIOS .....	49
5.5	ENTREVISTAS .....	51
5.6	GRAVAÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE DADOS .....	52
5.7	NORMAS DE ORGANIZAÇÃO DAS CARTAS LINGÜÍSTICAS .....	53
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DAS CARTAS</b> .....	<b>55</b>
6.1	COMPARAÇÃO DAS VARIANTES FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO ALERS E DO ALSFS .....	56
6.1.1	REALIZAÇÃO DAS VOGAIS TÔNICAS SEGUIDAS DE /S/ FINAL .....	57
6.1.2	REALIZAÇÃO DA VOGAL PRÉ-TÔNICA /O/ EM /U/ .....	58

6.1.3	REALIZAÇÃO DAS VOGAIS E DITONGOS NASAIS .....	59
6.1.4	REALIZAÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES /aj/, /ej/ e /ow/ INTERNOS .....	60
6.1.5	REALIZAÇÃO DE /□□/ E /□□/ EM SÍLABA TÔNICA .....	61
6.1.6	REALIZAÇÃO DE /d/ E /t/ EM POSIÇÃO PRÉ E PÓS-TÔNICA.....	62
6.1.7	REALIZAÇÃO DO SEGMENTO -NDO DOS GERÚNDIOS .....	63
6.1.8	REALIZAÇÃO DE /j/, /lj/, /□/ e /□/ .....	63
6.1.9	REALIZAÇÃO DE /s/ EM CODA .....	64
6.1.10	REALIZAÇÃO /R/ EM CONTEXTOS DE CODA E DE INÍCIO DE SÍLABA.....	65
6.1.11.	// EM ENCONTROS CONSONANTAIS E CODA.....	67
6.1.12	REALIZAÇÃO DE DITONGAÇÃO EM /ki/ /kwi/ .....	68
6.1.13	MANUTENÇÃO DO GRUPO CONSONANTAL /pr/ .....	69
6.1.14	REALIZAÇÃO DE PROPAROXÍTONAS .....	69
<b>7</b>	<b>VARIANTES SEMÂNTICO-LEXICAIS DO ALSFS.....</b>	<b>70</b>
7.1	ANÁLISE DAS CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS.....	71
7.1.1	ACIDENTES GEOGRÁFICOS .....	71
7.1.2	FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS.....	72
7.1.3	ATIVIDADES AGROPASTORIS.....	74
7.1.4	FAUNA .....	75
7.1.5	CORPO HUMANO .....	76
7.1.6	CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL.....	77
7.1.7	JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS .....	78
7.1.8	HABITAÇÃO.....	80
7.1.9	ALIMENTAÇÃO E COZINHA .....	82
7.1.10	VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS.....	82
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>84</b>
<b>9</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>86</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>91</b>

## VOLUME II

<b>1</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ALSFS.....</b>	<b>112</b>
1.1	SÍMBOLOS FONÉTICOS USADOS.....	112

1.2	PONTOS DE INQUÉRITO .....	113
1.3	QUESTIONÁRIOS, GRAVAÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE DADOS .....	117
1.4	NORMAS DE ORGANIZAÇÃO DAS CARTAS LINGÜÍSTICAS.....	117
1.5	ÍNDICE DAS CARTAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS E SEMÂNTICO-LEXICAIS.....	118
1.6	ÍNDICE ONOMASIOLÓGICO.....	120

## 1.INTRODUÇÃO

Tomamos a palavra da língua inglesa *Serendipity* como mote – inscrita em tábua fixada na fachada de uma casa que, com farol anexo e arquitetura inusitada, serve de ponto turístico na praia do Paulas, em São Francisco do Sul (SC) - porque ela expressa perfeitamente o que aconteceu nestas terras francisquenses nos idos de 1500: *“the lucky tendency to find interesting or valuable things by chance”*, uma vez que o destino da primeira expedição que aqui chegou era pretensamente outro. Se a primeira expedição aportou na Baía da Babitonga ao acaso, o mesmo não se pode dizer sobre as posteriores, que vieram para colonizar, pilhar, entre outros interesses, nem sempre pacíficos.

Guimarães Rosa disse que toda língua são rastros de velhos mistérios. Acreditando nisso, são os rastros deixados em São Francisco do Sul que tentamos percorrer, retilhar, a fim de registrar o mosaico resultante de tantas histórias aqui vividas após a primeira expedição, dos franceses, a segunda, dos espanhóis, e depois do Tratado de Tordesilhas. Enfim, das incontáveis luas transcorridas após as vinte, que marcariam o retorno do índio Carijó levado à França.

Muitos mistérios marcaram essa terra, porém, alguns rastros da ação dos homens na Ilha ficam evidentes quando observamos o Centro Histórico da cidade, com 150 casarões de arquitetura açoriana, alemã, suíça, entre outras. Observamos ainda na construção da estrada de ferro, na abertura da picada que resultou na BR-101, no Porto, no canal do Linguado, nos sambaquis. Se tais estruturas arquitetônicas e geográficas permitem conhecer sobre os povos que por aqui passaram, elas mesmas despertam a curiosidade em saber de que forma esse

encontro de povos de diversas nacionalidades colaborou para forjar o povo francisquense e, constituindo-se a língua em herança cultural, neste trabalho, buscamos pelas palavras que são de origens diversas da usada como mote, ou seja, as que podemos encontrar nesta cidade após 500 anos de história. A pergunta principal seria “quais formas fonético-fonológicas e semântico-lexicais teriam sido herdadas pelo francisquense”?

### **1.1. POR QUE UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE PEQUENO DOMÍNIO?**

A maioria das pesquisas geolingüísticas no Brasil abarcou limites estaduais - Bahia, Minas, Paraíba, Sergipe e Paraná - primeiros Atlas publicados - havendo, além desses pioneiros, outros estados com Atlas Lingüísticos concluídos, e vários outros com estudos em realização. Sem esquecermos o de limite nacional, o *Atlas Lingüístico do Brasil*, em andamento.

Nesse contexto, após a conclusão de um número considerável de Atlas estaduais, a realização de Atlas de pequeno domínio seria desejável para o Brasil, a exemplo do que ocorreu na França, na medida em que podem desempenhar papel complementar aos trabalhos de maior envergadura.

O *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul* se soma cinco outros de pequeno domínio: de Londrina - PR (AGUILERA: 1987), de Cândido de Abreu - PR (LINO: 2000), de Florianópolis - SC (IMAGUIRE: 2000) e Adrianópolis - PR (ALTINO: 2002), de Ponta Porã - MS (PEREIRA: 2006) e de Ortigueira (AGUILERA: no prelo).

Na França, o reconhecimento da necessidade e da importância complementar de trabalhos com olhar voltado para regiões menores coincidiu com o

florescimento de Atlas de diversos domínios, com metodologias diferenciadas e correspondentes aos objetivos em questão naquele momento, como: salvar alguns dialetos franceses em via de extinção e até mesmo de melhorar trabalhos feitos anteriormente. Já a Dialectologia brasileira produziu um número reduzido de Atlas Lingüísticos de pequeno porte, que descrevessem a língua de uma cidade apenas.

Tais investigações implicam muito mais uma questão de viabilidade: devido à impossibilidade de descrever os falares de cada cidade de um estado, opta-se por escolher aquelas que possam ser representativas de regiões, das mesoregiões.

A validade de elaborar Atlas lingüísticos de pequeno domínio é confirmada por Silva Neto (1957, p. 40), segundo o qual: “os atlas regionais nem substituem nem colidem com os atlas nacionais: trata-se de empreendimentos igualmente úteis e necessários, mas obedientes a fins diversos”. A propósito da mesma questão, Alvar (1969) menciona as possíveis vantagens, as quais seriam o conhecimento aprofundado das áreas, com a penetração em estruturas lingüísticas mais escondidas, estabelecimento seguro de isoglossas, dentre outras e cita outro autor, que corrobora a importância da coexistência de projetos de propósitos descritivos diversos, Jaberg, que, em um de seus últimos estudos, defendia a necessidade da coexistência de Atlas lingüísticos de grandes e pequenos domínios.

O *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul* (ALSFS) surge com o intuito de colaborar com os estudos Geolingüísticos ao descrever parcialmente a língua em uso pelos francisquenses. Fizemos a opção de que a metodologia adotada seguisse critérios da Dialectologia Pluridimensional, estabelecendo informantes de duas faixas-etárias e dos dois sexos, além da variação diatópica.

Do ponto de vista lingüístico, a localidade escolhida por nosso

projeto já foi estabelecida como ponto de inquérito por Nascentes, sob o número 391, em proposta para um Atlas nacional na década de 50. Foi ainda incluída e estudada no projeto ALERS (*Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*), sob o número 480, e, igualmente, em um empreendimento maior do que o Atlas aqui proposto, sob o número 225, que é o Projeto interinstitucional ALiB (*Atlas Lingüístico do Brasil*). Esse último, lançado em 1996, oxigenou a Geolingüística, objetivando o mapeamento da variação fonético-fonológica, semântico-lexical e morfológica, constituindo-se no primeiro Atlas Lingüístico, de caráter nacional, em andamento.

Dessa maneira, São Francisco do Sul apresenta importância confirmada pelo triplo estabelecimento como ponto de inquérito nessas pesquisas Geolingüísticas. Dessas três, o ALERS foi efetivado e o ALiB está em andamento, enquanto a proposta de Nascentes esperava a criação de uma “mentalidade dialetológica” que pudesse levar o Atlas nacional à execução, inviável naquele momento. Este *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul* é, portanto, o quarto trabalho Geolingüístico a estabelecer como ponto de inquérito esta Ilha e o segundo que, de fato, empreendeu a coleta, análise e mapeamento de dados na região.

As propostas supracitadas tornam pertinente a pergunta: Por que realizar um Atlas lingüístico de pequeno domínio em localidade investigada por outros projetos? As motivações para retornarmos à região são razoáveis.

Há a primazia das razões de ordem histórica, dentre elas, os 500 anos alegados de história, quando da chegada dos franceses, datação da descoberta praticamente coincidente com a dos portugueses ao Brasil, o que a torna a terceira cidade mais antiga do país, após Porto Seguro e São Vicente, e a mais antiga em Santa Catarina.

Geopoliticamente, a escolha também se deveu às características de

Ilha, que permite supor um grau de isolamento. No entanto, a intensa atividade portuária poderá refutar a existência desse grau de isolamento, na medida em que o Porto de São Francisco do Sul foi ponto de chegada e de partida de pessoas de todos os lugares do mundo, e, conseqüentemente, rota obrigatória de passagem para aqueles que se dirigiam às cidades da região, como Joinville, para colonizá-las.

A propósito dos falares catarinenses, Silva Neto (1957, p. 43) elaborou uma divisão de áreas, tomando como base elementos histórico-geográficos e de colonização, segundo a qual haveria seis zonas demarcáveis: 1º) zona de influência açoriana, constituída por grande parte do litoral; 2º) zona de influência paulista-bandeirante, constituída pela região serrana; 3º) zona ligada ao Paraná e constituída por uma faixa que acompanha toda a fronteira norte; 4º) zona ligada ao Rio Grande do Sul e constituída por uma faixa que acompanha toda a fronteira sul; 5º) zona de colonização alemã; e 6º) zona de colonização italiana. Além de Silva Neto (1957), outros autores como Furlan (1989) e Altenhofen (2005) designam a faixa litorânea catarinense especificamente como área do “falar açoriano-catarinense”.

Todas estas áreas de Santa Catarina foram contempladas na coleta de dados do projeto ALERS. A cidade aqui investigada pertence à primeira zona do estado proposta por Silva Neto, porém esta pesquisa se constitui na primeira a representar verticalmente a Ilha, com uma rede mais extensa de pontos e um universo maior de informantes.

A colonização misturou etnias, processo de formação que caracterizou fortemente grande parte das regiões brasileiras, inclusive esse Estado, que não ficou à parte das ondas migratórias.

Há um falar francisquense? De quais formas lingüísticas se

constitui? É de origem açoriana? É resultante do mosaico cultural e étnico forjado no Estado e igualmente reproduzido em São Francisco do Sul? A pesquisa aqui empreendida assumirá esta hipótese: há, no que se refere aos hábitos fonético-fonológicos e ao acervo léxico-semântico, características que permitem chamá-lo *falar francisquense*.

Como objetivo geral pretendemos colaborar com a descrição do português falado em uma parcela da região brasileira, neste caso a Ilha de São Francisco do Sul, numa visão pluridimensional. Dentre os objetivos específicos visamos a: (i) elaborar um *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul (ALSFS)*; (ii) descrever aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais caracterizadores do falar francisquense; (iii) fazer um levantamento das semelhanças e diferenças lingüísticas com base no fator diatópico, isto é, em relação à rede de pontos lingüísticos; (iv) verificar em que medida as variáveis sexo e faixa-etária podem justificar a ocorrência de variantes; (v) comparar os dados do ALSFS com os apresentados em cartas fonéticas do ALERS I.

Para consecução dos objetivos, organizamos esta tese em dois volumes. Do primeiro constam: a Introdução, na qual tratamos das questões gerais que motivaram o trabalho e a organização. No Capítulo 2, focalizamos aspectos histórico-sociais da cidade, objeto de pesquisa. No Capítulo 3, abordamos as divisões dialetais, as correntes migratórias do Sul, a colonização em Santa Catarina e as áreas lingüísticas do estado. No Capítulo 4, discutimos questões teóricas concernentes aos estudos da variação, sobretudo relativos aos princípios da Geolingüística e da Sociolingüística. O capítulo 5 traz a metodologia empregada na elaboração do *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul (ALSFS)*. O Capítulo 6 constitui-se em comentários às cartas e respectiva análise. No Capítulo 7, temos as

considerações finais quanto às cartas elaboradas e a realidade lingüística encontrada na região. Em seguida, há os anexos que se constituem do questionário aplicado, brasão e hino.

O segundo volume constitui-se da apresentação dos procedimentos metodológicos empregados, tais como os símbolos fonéticos usados; os pontos de inquérito; informações sobre o questionário, gravação e transcrição de dados. Há ainda um índice onomasiológico, as normas de organização das cartas, o índice das cartas aos quais se seguem as cartas lingüísticas, dispostas em Cartas Introdutórias (3), Cartas Fonético-fonológicas (53) e Cartas Semântico-lexicais (42), totalizando 98 cartas.

## 2. SOBRE SÃO FRANCISCO DO SUL (SC)

### 2.1. BREVE HISTÓRICO

Fatos históricos marcantes da cidade de São Francisco do Sul (SC) são tão antigos quanto a história da descoberta do país que mais tarde se denominou Brasil. Remontam, portanto, aos 500 anos da nossa história. O contexto da expansão marítima portuguesa propiciou a chegada dos portugueses a esta nova terra a partir das iniciativas que pretendiam alcançar as Índias:

Nas últimas décadas do século XV, Lisboa tornou-se um centro de referência na Europa. Navegadores, cartógrafos, agentes de casas bancárias, aventureiros e comerciantes se confundiam nas ruas apertadas da cidade. As notícias sobre os avanços dos portugueses na costa da África circulavam céleres e criavam expectativas no imaginário popular. O projeto dos Reis de Portugal de abrir uma rota marítima para as Índias, contornando a África, tornou-se realidade com a viagem de Vasco da Gama (1498). Dois anos depois, a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral chegava à costa ocidental do Atlântico, ou seja, ao Brasil, daí seguindo para as Índias. O império português se expandiu rapidamente nas décadas seguintes, tendo como foco o comércio de especiarias com as Índias, e depois com o Brasil (SANTOS, 2004, p.22).

O cenário histórico de Portugal, permeado por inúmeras descobertas e avanços, e movido por interesses econômicos, estimularam o desafio de abrir novas rotas comerciais. Era a fase do conquistar para colonizar, comercializar, e reafirmar-se como Império.

“O pretenso direito de Portugal e da Espanha sobre as terras descobertas certamente não era compartilhado por outras casas reinantes na Europa, muito menos por comerciantes e aventureiros.” (SANTOS, 2004, p.24). Sem o reconhecimento da legitimidade da posse sobre as terras descobertas, devido à

cobiça dos conquistadores de outras nacionalidades, Portugal precisava encontrar meios de garantir a posse, adotando uma política de proteção territorial.

Haverá dois relatos de descobertas se entrecruzando no mesmo período: a chegada ao Brasil e a chegada a São Francisco do Sul, uma vez que o descobrimento da Ilha se deu em 05 de janeiro de 1504, resultado de uma expedição financiada pelo comércio da Normandia que, sob o comando de Binot Paulmier de Gonneville e a bordo da nau *L'Espoir*, desviou-se de sua rota original. Consta que, após um mês vagando, a tripulação avistou a Baía da Babitonga, confundida por todos como sendo a foz do rio ORNE (fato obscuro, pois os registros históricos não atestam certeza quanto à localização deste rio).

Nicole Lefebre, considerado “pessoa de saber”, registraria as “curiosidades” das terras. Os problemas da viagem foram abundantes: falta de alimentos frescos, escorbuto, dias sem vento e dias com tempestades. Como conta Nacke (2004), houve uma relação pouco comum para a época entre desbravadores e nativos, ou seja, franceses e carijós conviveram tão pacificamente que estes ajudaram aqueles, após convívio de seis meses, a reformar seu navio e regressar à França. Essa harmonia propiciou a permissão do chefe da tribo – Arosca – para que seu filho Iça-Mirim (Essomericq para os franceses) fosse em expedição de volta à França, conhecê-la.

A saga de Essomericq na França é no mínimo curiosa, uma vez que o relacionamento dos franceses e dos Carijós foi tão incomum a ponto de o levarem e de este não retornar, casando e constituindo sua família na região em que estaria de passagem e sem sofrer as humilhações comumente sofridas pelos exóticos habitantes levados à Europa (SANTOS, 2004) - e o porquê de ele não ter voltado ao Brasil como foi prometido ao seu pai: “Nos meses seguintes, o capitão tentou

convencer seus sócios e outros comerciantes para equipar outro navio e voltar às terras austrais. Seus argumentos, entretanto, foram em vão. A prometida volta à terra de Essomericq (rebatizado pelos franceses como Binot) não aconteceu” (SANTOS, 2004, p.27). Apesar das promessas não cumpridas, essa experiência propiciou a continuidade de uma relação de tolerância inter-racial que começou no Brasil e se estendeu pela França. Dessa forma, a saga do índio que foi visitar terras estrangeiras e nunca mais voltou, passou a ser mais que uma lenda ao ter seu reconhecimento tardio, quando, em 1658, descendentes de Essomericq solicitaram ao Rei Luís XIV isenção do imposto ádvena, impingido aos estrangeiros, por se considerarem convidados.

Os índios - população nativa, que tão bem recebeu os franceses quando da sua chegada - foram aos poucos dizimados, vítimas da sua própria cordialidade, que os tornou alvo fácil para os colonizadores. Não sem antes compartilhar conhecimentos fundamentais para a sobrevivência dos desbravadores “A começar pelo capitão Gonneville e seus companheiros, foram os Carijós que passaram para os europeus os saberes fundamentais à sobrevivência no espaço geográfico que estavam invadindo. (SANTOS, p. 46)”. Como bem afirma Santos, é fácil perceber a influência dos índios porque “deixaram como testemunho de sua longa presença na Ilha de São Francisco do Sul e adjacências diversos topônimos, dentre os quais destacamos como exemplo: Babitonga, Araquari, Itapoá, Itaguaçu, Iperoba, Itapocu, Ubatuba, Tapera, Una, etc.”. (SANTOS, p.46).

Em outros momentos, além de expedição de descoberta, São Francisco do Sul estabeleceu relações com franceses, sendo o primeiro Gonneville, em 1504, e os principais personagens franceses foram: Auguste de Saint-Hilaire, que começou sua viagem por Santa Catarina exatamente em São Francisco do Sul.

Depois foi a vez de Benoit Jules Mure que, ao idealizar o Falanstério do Saí, inspirado nas idéias de Charles Fourier, trouxe uma leva de franceses (217) para estas paragens em janeiro de 1842, onde longe dos vícios das metrópoles européias, pretendiam criar um mundo novo, inspirados nas idéias de Charles Fourier.

A Ilha já se chamou Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco Xavier do Sul, nome atribuído pelos espanhóis da expedição de Juan Díaz Solís, em 1515. Embora batizada pelos espanhóis, São Francisco foi efetivamente fundada por iniciativa portuguesa e paulista, os quais, segundo Lins “traziam escravos e o contingente de origem européia foi se ampliando, e gente de outras origens também se estabeleceu na Ilha, contribuindo para a formação do atual mosaico étnico que caracteriza a sua população” (apud SANTOS, 2004, p.14).

Quanto à relação do porto com a cidade, segundo Lins (apud SANTOS, 2004), São Francisco do Sul exerce funções portuárias relevantes desde pelo menos o séc. XVII. Pode-se afirmar, portanto, que “a história de São Francisco do Sul confunde-se com a história de seu Porto”. Lins afirma que no séc. XIX, a cidade foi, notadamente, “porta de entrada para inúmeras famílias de imigrantes, que tinham como destino Joinville, Jaraguá do Sul, São Bento e outras colônias (apud SANTOS, 2004, p.14)”.

Assim sendo, foi o lugar de encontro entre culturas proporcionado pela busca de uma vida melhor, sonho acalentado pelos imigrantes de longínquas plagas, uma vez que “A força simbólica de um porto nos remete a sonhos, esperanças ou desencantos. Um porto é lugar de chegada, mas também de partida, de alegria e de tristeza”. (apud SANTOS, 2004, p. 95).

Para Lins, na segunda metade do séc. XIX, esse desejo utópico de uma vida melhor gerou uma grande onda migratória, trazendo ao “Porto de São Francisco do Sul milhares de imigrantes europeus, principalmente, alemães, suíços, dinamarqueses e noruegueses. (apud SANTOS, 2004, p.95)”. Esses imigrantes fundaram a colônia Dona Francisca, em 1851, que depois foi denominada de Joinville.

Essa característica de cidade portuária põe à prova o grau de isolamento, que seria acentuado devido a sua constituição de Ilha. Lins (apud SANTOS, 2004, p. 166) define os Portos como:

nós que “amarram” redes de transportes e comunicações com dimensões variáveis, costumando servir de pilares, sobretudo quando marítimos, para malhas bastante amplas, não raramente com alcance global. De fato, tais estruturas funcionam como portas de entrada e saída de riquezas e pessoas, cumprindo um papel estratégico na configuração do sistema econômico mundial (p.166).

A estrada de ferro aumentou a importância do Porto pela integração com a malha ferroviária nacional. E para construir a linha ferroviária, construiu-se também o Canal do Linguado, que geograficamente mudou a constituição de Ilha para península, embora a distinção não seja realizada no cotidiano. Usa-se ainda Ilha. Depois veio a integração rodoviária, também facilitada pelo Canal do Linguado.

## **2.2. CARACTERÍSTICAS**

O município de São Francisco do Sul tem uma área de cerca de 540 km<sup>2</sup>, ocupando toda a Ilha homônima e uma parte do continente onde se localiza o Distrito do Saí (NACKE, 2004, p.214). Pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000, sua população é de 32.301 habitantes, e a maioria

(29.930) vive na área urbana.

A história da localidade é atestada pelos principais pontos turísticos: Centro Histórico (composto por 150 casarões tombados pelo patrimônio histórico); Mercado Municipal; Museu Histórico; Forte Marechal Luz; Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça; Museu Nacional do Mar; Morro Pão de Açúcar; Sambaquis; Cariocas; Vila da Glória.

Os fatores econômicos são relevantes para entender melhor como vive e sobrevive a população. Quanto à expectativa das formas de sustento dos francisquenses, algumas foram confirmadas e outras constituíram surpresa. Como angariar um emprego no Porto ou na Prefeitura (almejados) é para poucos, conseqüentemente, recorrem às formas mais antigas, ou simples, de produção e obtenção de renda:

as atividades ligadas à agricultura, à pesca artesanal, ao cultivo de mexilhões e ostras ou mesmo, no outro extremo, à coleta e a reciclagem do lixo no centro histórico ou nas praias, embora representem uma parcela pouco significativa da receita municipal, são fundamentais na subsistência de parte das famílias residentes no município. Para estas, o apoio do poder público local é crucial. (NACKE, 2004, p.219).

A agricultura, a agropecuária e a pesca artesanal são importantes para as famílias, embora sejam muito mais atividades de subsistência do que de renda propriamente dita.

Para se ter uma idéia da dimensão da agricultura, alguns dados: “hoje é desenvolvida apenas por pequena parcela da população”. O modelo de produção é familiar, geralmente associado com a criação de gado (carne/leite), suínos, aves e ovinos. (NACKE, 2004, p.219). Segundo Nacke, “produtos, como mandioca, palmito, batata, hortaliças e frutas, também são cultivados, embora em

menor quantidade, e apenas para consumo (NACKE, 2004, p.219)".

A pesca artesanal, para subsistência, é mais difundida. Outras iniciativas de produção foram criadas para resolver problemas de carência dos pescadores pela diminuição de peixes ocasionada pela pesca industrial, em larga escala, e pela poluição. Segundo Nacke, 2004, p.218: "O turismo, também em destaque, participa com cerca de 20%, enquanto outros setores da economia têm pouca expressão". Para nós que esperávamos maior representatividade do turismo na economia local, demonstra o grande potencial a ser explorado e que talvez não tenha atingido índices maiores por algumas dificuldades de infra-estrutura e de acesso à Ilha. No Natal, por exemplo, pode-se testemunhar o congestionamento formado desde a praia da Enseada até o final de Ubatuba. Existem projetos para viabilizar outras vias de acesso à Ilha, mas tais sem data de execução prevista.

Por outro lado, do Porto se esperava uma grande parcela de representatividade na economia local, o que veio a se confirmar como a principal: "A economia do município gira em torno do Porto, responsável por aproximadamente 70% a 80% da receita total do município, bem como pela maior parte dos salários da cidade". (NACKE, 2004, p.218-9).

É no modo de vida proporcionado pela Ilha e sua estrutura física e social que se pode afirmar que a Baía da Babitonga, abrigando uma guirlanda de ilhas e um porto natural, é um lugar de recursos para famílias carentes e:

vem promovendo encontros entre homens e culturas através dos séculos. Mãe dos pobres é como os antigos a chamavam para designar seu significado na luta pela sobrevivência. De fato, o porto seguro, a abundância de peixes e aves proporcionados pela riqueza em manguezais e alagadiços, o verde e boas terras das suas ilhas, onde cultivavam diversos produtos de subsistência, fizeram a Baía da Babitonga o centro da vida de São Francisco (p.86).

A natureza permite, portanto, alimentar famílias numerosas que não encontrariam as mesmas condições proporcionadas pela Ilha em outras cidades. Por mais necessitados que sejam, a natureza fornece alimentos para os mais carentes e para os que sabem pescar. Aliás, todos os informantes homens sabem pescar e se não o fazem como trabalho, o fazem por lazer e a fim de complementar o mercado. Ao lado das facilidades de viver em uma região de natureza abundante, encontram-se também inúmeros problemas que se constituem em verdadeiro desafio a ser superado, se não pelas gerações atuais, pelas que hão de vir. Alguns desses problemas são os índices de desenvolvimento, de empregabilidade e de educação.

Quanto à educação em São Francisco do Sul, os investimentos concentram-se principalmente na educação infantil. Por enquanto, há apenas uma Faculdade na cidade e os alunos que optam pela continuidade de seus estudos devem se deslocar para Joinville.

Durante a fase de seleção de informantes, descobrimos que muitas pessoas venderam suas casas e rumaram para outras regiões em busca de emprego e de melhores oportunidades.

### **3. DIVISÕES DIALETAIS**

Neste capítulo discutimos as propostas de divisões dialetais elaboradas para o português no Brasil. Apresentamos as delimitações em áreas lingüísticas feitas para os estados do Sul, baseadas nas principais correntes migratórias ocorridas nos três estados. Aproveitamos o ensejo para trazer as subdivisões regionais do estado de Santa Catarina, baseadas em critérios de colonização. Brevemente, abordamos a influência açoriana no lingüístico e no folclore estadual.

#### **3.1. ÁREAS LINGÜÍSTICAS NO BRASIL, NO SUL E EM SANTA CATARINA**

A diversidade lingüística, antes intuída, mais tarde estudada e sistematizada, vem permitindo o traçado de isoglossas e o estabelecimento de áreas lingüísticas de acordo com o léxico empregado e as realizações fonéticas encontradas em cada região, uma vez que a suposta “unidade lingüística” do português brasileiro foi reconhecida como mito. Segundo Leite (2002, p.15), “não resta dúvida de que a história da colonização brasileira se reflete na diversidade lingüística existente no país, a qual veio aos poucos sendo reconhecida”.

De acordo com Altenhofen (In AGUILERA, 2005), delimitar áreas lingüísticas é uma tarefa bastante complexa, um bom número de pesquisadores propuseram a divisão do português brasileiro, e entre as propostas de maior aceitação está a apresentada por Antenor Nascentes, autor de *Bases(s) para a elaboração de atlas lingüístico do Brasil I* (1958) e II (1961) e *d'O linguajar carioca* (1953), na qual divide o “falar brasileiro em dois falares do norte e do sul, e em seis

subfalares”.

Para Altenhofen (In AGUILERA, 2005), na divisão de falares e na determinação de áreas lingüísticas, há uma série de fatores extralingüísticos a serem levados em consideração, tais como: origem étnica da população, atividades econômicas, densidade demográfica e redes de comunicação, migrações históricas, grau de isolamento e de urbanização, características do espaço em termos de relevo, vegetação e hidrografia, entre outros. Ainda segundo o autor, “na região sul do Brasil, tem-se uma pluralidade social, cultural e geofísica rara que lhe confere um *status* particular no estudo no português brasileiro” (In AGUILERA, 2005, p. 185).

Especificamente em Santa Catarina, quanto à arealidade lingüística possível, citamos na introdução deste trabalho a contribuição de Silva Neto (1957, p. 43) que dividiu os falares do estado, com base em elementos histórico-geográficos em : 1º) zona de influência açoriana, constituída por grande parte do litoral; 2º) zona de influência paulista-bandeirante, constituída pela região serrana; 3º) zona ligada ao Paraná e constituída por uma faixa que acompanha toda a fronteira norte; 4º) zona ligada ao Rio Grande do Sul e constituída por uma faixa que acompanha toda a fronteira sul; 5º) zona de colonização alemã; e 6º) zona de colonização italiana”.

A mistura de etnias em determinadas regiões, os agrupamentos de estrangeiros em determinados pontos e da distribuição de açorianos ao longo do litoral, certamente, imprimiram suas marcas na língua de cada uma delas.

Uma vez que necessitam de comprovação maior, Altenhofen elenca as hipóteses mais prováveis de correntes migratórias significativas da variação diatópica do português falado na região Sul do Brasil. Segundo o autor, embora grande parte dessas áreas já tenha sido preconizada em trabalhos anteriores como

Koch (2000), no Paraná (MERCER, 1992; AGUILERA, 2000), em Santa Catarina (FURLAN, 1989; 1989) e Rio Grande do Sul (BUNSE & KLASSMANN, 1969; KOCH, 1995), faltaria ainda concluir uma série de mapas semântico-lexicais.

A primeira hipótese de corrente migratória ocorrida no Sul do Brasil, considerada pelo autor como uma das mais significativas e abrangentes, “divide a Região Sul claramente em duas grandes áreas lingüísticas, a paranaense e a rio-grandense, identificando o Estado de Santa Catarina como área de transição” (KOCH 2000: 57 apud ALTENHOFEN). Leque Catarinense é o nome dado a essa área em função de seu traçado, constituído de “um feixe de isoglossas que percorre Santa Catarina sob a forma de um leque com 150 km de largura a oeste e 500 a leste” e sua divisão parece refletir “dois movimentos colonizadores em sentidos opostos: em direção sudoeste, partindo do ‘Paraná antigo’, e no sentido sul, aproveitando os Campos de Lajes e Curitibanos”.

A segunda hipótese seria de novos desdobramentos do denominado Leque Catarinense: o primeiro, e mais evidente, “é representado por um grupo de isoglossas que avançam, em forma de cunha, na direção sul, seguindo o Corredor de Lajes, por onde passavam as antigas rotas migratórias dos paulistas, no comércio de gado com o gaúcho-rio-grandense”. Esta hipótese teria um segundo desdobramento constituído das isoglossas que seguem um caminho secundário, por Nonoai (RS), Chapecó (SC) e Palmas (PR), assumindo o formato de uma cunha menor. Para o autor há evidências da influência paulista nesse movimento, a partir das antigas rotas de tropeiros nos séculos XVII e XVIII.

A terceira corrente migratória hipotetizada por Altenhofen constitui-se em outro desdobramento da primeira hipótese. Seria o avanço da área rio-grandense por um corredor lateral, principalmente da subárea bilíngüe sob influência

de línguas de imigrantes europeus, através do oeste de Santa Catarina até o sudoeste do Paraná.

Neste ponto, o autor se refere principalmente aos imigrantes italianos e germânicos que se distribuíram ao longo do estado. Houve em São Francisco casos de família destas etnias, porém não marcou a formação do povo Francisquense, como se pode observar em cidade como Treze Tílias, Pomerode (muito próxima a São Francisco do Sul), Blumenau e Joinville, a título de ilustração.

Como quarta hipótese temos o que Koch (2000: 58) denomina de Feixe Secundário Rio-Grandense. Paralelo ao corredor oeste de projeção rio-grandense, no lado oposto, ocorrem isoglossas que transpõem o Rio Grande do Sul até a orla leste de Santa Catarina.

A quinta hipótese é diretamente relacionada ao *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul*. É a área de possível influência açoriana, com toda a sua complexidade e divergências suscitadas entre os estudiosos da língua, dialetólogos e açorianistas.

A faixa chamada de *Feixe Secundário Paranaense* seria parte da sexta hipótese, assim descrita por Altenhofen: “O norte/noroeste do Paraná, o chamado Paraná Moderno, de colonização recente, configura uma área à parte, que Koch (2000) chama de *Feixe Secundário Paranaense*, e que Mercer (1992) associa à forma de colonização”.

A sétima hipótese considera as mudanças de demarcação dos limites fronteiriços entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul ao longo do tempo: “A fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai guarda traços de momentos históricos diversos de ocupação da área e oscilações das fronteiras históricas com o

espanhol”.

A oitava hipótese considera as migrações dentro do próprio estado: “O contato paulista-gaúcho anterior à chegada dos primeiros imigrantes alemães (1824) e italianos (1875) no séc. XIX desencadeou uma série de migrações internas no Rio Grande do Sul, originando rotas “comerciais” bastante regulares”.

E a nona hipótese traz que as áreas de floresta (antes despovoadas) e mais ou menos delineáveis apresentam uma variedade distinta do português devido aos imigrantes estrangeiros (não-falantes de português) cujos filhos irão apropriar-se da língua do novo meio.

### **3.2. COLONIZAÇÃO AÇORIANA: INFLUÊNCIA NO LINGÜÍSTICO E NO FOLCLORE**

Atendendo a diversos interesses, a Coroa portuguesa estimulou e dirigiu a vinda de açorianos e madeirenses para diminuir a sobrecarga demográfica dos Açores e para tomar posse dos extremos Norte e Sul do Brasil - (Maranhão e Grão Pará) e (hoje Rio Grande do Sul e Santa Catarina) - respectivamente, expostos à invasão espanhola. (FURLAN, 1989, p.31). Sobre os pontos de Santa Catarina em que se estabeleceram os açorianos, Mattos (apud Furlan, 1989, p.35), assim declara:

“os colonos foram distribuídos não só pelas terras da Ilha, mas também pelo litoral da terra firme, desde São Francisco, por Itapocoroy, Cubatão, Enseada de Brito até Laguna”. Piazza (1983: 152) confirma que “os povoadores açorianos se fixaram em todo o litoral catarinense, desde São Francisco do Sul até Laguna e penetraram no ‘Continente do Rio Grande’ de São Pedro.

Sobre os povoadores, Soares (2002, p.17) afirma: “Os açorianos e madeirenses, por sua vez, pouco afeitos às lides campeiras, adaptaram-se melhor às condições físicas do litoral e foram distribuídos desde a Ilha de Santa Catarina até Laguna”.

É evidente e incontestado a contribuição dessa etnia ao folclore regional. Melo (apud FURLAN, 1989, p.36) menciona a “influência cultural dos Açores em Santa Catarina” na esfera do artesanato, da música, da literatura e da religiosidade popular. Além das influências no bolinho vespertino e na brincadeira, há outros elementos folclóricos e culinários que são legados do mesmo povo “rendas de bilro, a cerâmica, as danças de pau-de-fita, do boi-de-mamão, o pão-por-Deus, a festa do Divino, o caldo de peixe com bastante cominho, colorau e coentro, o cozido, a canjica, o doce de banana”. (SOARES, 2002, p. 22).

Quanto à possível influência açoriana na linguagem, não há consenso entre os pesquisadores:

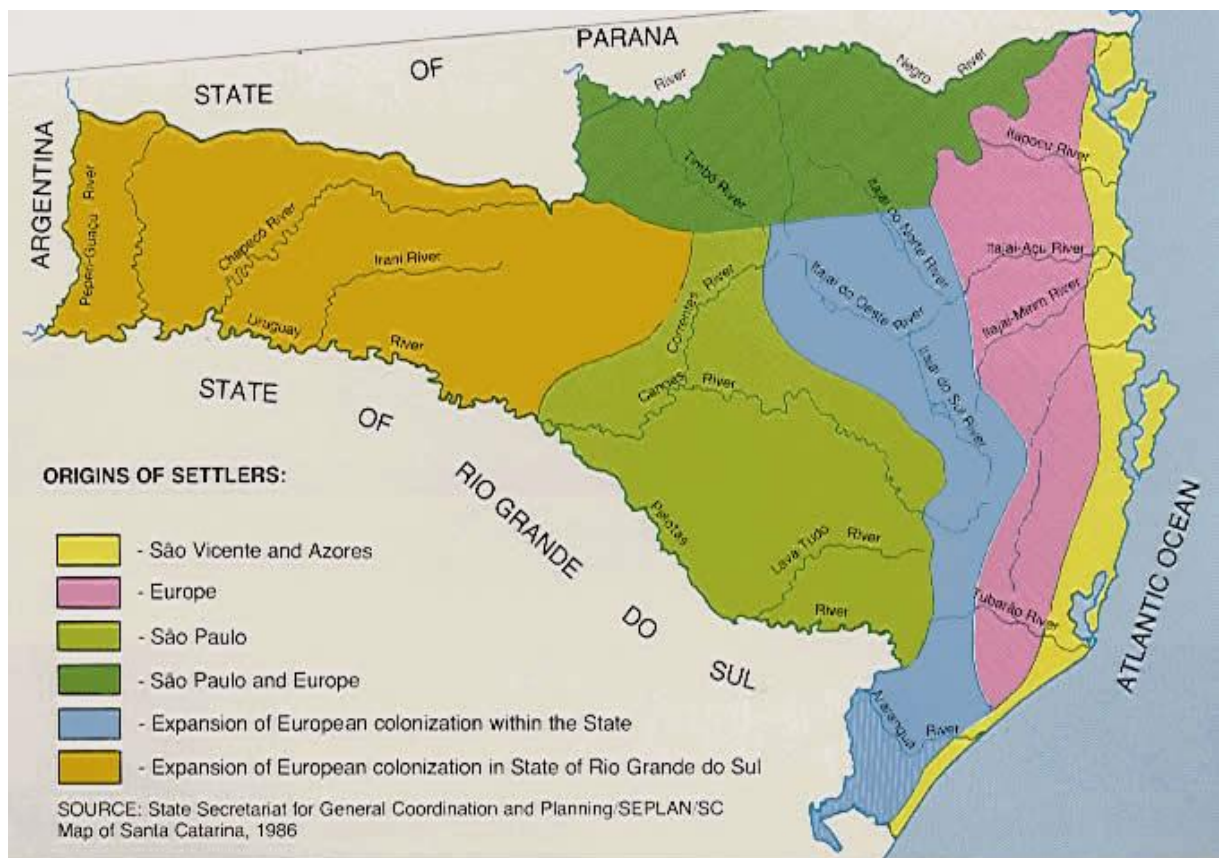
Boléo (1943, 1945, 1950, 1974, 1983), de Coimbra, tem-se empenhado em acumular indícios em favor de sua “hipótese” de que haveria influência açoriana no português do Brasil, influência que lhe pareceu “evidente” no Estado de Santa Catarina, cuja capital visitou em 1948. O açorianista Rogers (1947), de Harvard, argüiu de falta de solidez os dados e argumentos dele. Dentre os brasileiros, Laytano (1974) difundiu a hipótese e os argumentos de Boléo como seguros; Silva Neto (1953 e 1970) e S. Bueno (1967) endossaram a posição de Rogers. Contudo nenhum deles efetuou pesquisa bastante sólida nem definiu o que se entende por “influência açoriana” (FURLAN, 1989, p.17).

Independentemente de ter havido ou não influência na linguagem, é fato que os açorianos foram um dos povos a contribuir para a colonização do estado. O mapa abaixo ilustra a origem dos povoadores de Santa Catarina e juntamente

com às correntes migratórias estabelecidas por Altenhofen (in AGUILERA: 2005) proporcionam as pistas para a diversidade lingüística encontrada no Estado. Cada uma dessas regiões certamente herdou marcas lingüísticas comprobatórias da passagem desses povos.

FIGURA 2

Mapa da Colonização de Santa Catarina



Furlan (1989) menciona as principais correntes migratórias do Estado de Santa Catarina: “a grande maioria descende das três correntes migratórias ocorridas, sobretudo entre 1748 e 1880, a saber, a açoriana (1748/1756), a germânica e a italiana, no fim século 19 (...). (p.25-5)”. O autor traz algumas características do estado, seu estágio de desenvolvimento, naquele momento, e seus núcleos mais antigos e populosos:

Seu litoral mede mais ou menos 400 km; até 1960, sua principal via de comunicação com os outros estados era a marítima; foi nessa data que se concluiu o asfaltamento de sua via expressa litorânea, a BR 101, sendo posteriores as que estabelecem ligação entre o litoral e o interior; os centros urbanos litorâneos mais populosos são: São Francisco do Sul, Florianópolis e Laguna, os mais antigos, e Itajaí, que funcionou também como porto de passageiros já no século 19. Os mais antigos núcleos de povoamento no litoral catarinense datam da segunda metade do século 17 e resultam da expansão originária de São Vicente, no litoral paulista: São Francisco do Sul (1640), Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis (1662;1675?), Laguna (1684). (p.26).

Furlan (1989) apresenta dados que apontam para uma migração que aumentou consideravelmente a população do Estado, resultando numa população de imigrantes maior que a local: “A imigração dos Açores ao Brasil nos séculos 17/19 acrescentou, em 1748/1756, 6.071 açorianos aos 4.197 catarinenses, provocando imediato aumento demográfico de 144, 6%, índice que superou o de cada uma das demais Capitâneas (p.17)”. A motivação para tamanha imigração deu-se por razões financeiras (fuga do atraso econômico), busca de melhores condições de vida e trabalho, além do superpovoamento nas ilhas de origem e de outros problemas enfrentados pelos açorianos que, somados, provocaram “nas populações dos Açores, um surto migratório que vem de séculos e que as levou a todos os continentes” (FURLAN, 1989, p. 25).

Há a linha litorânea demarcatória da colonização açoriana e vicentista. A parcela de contribuição vicentista para a colonização do estado é apontada também por outros autores, como Soares (2002, p.16): “O século XVII marcou o início da estruturação da sociedade catarinense, com a instalação, em São Francisco do Sul, Desterro e Laguna, de povoadores vicentistas”. Segundo este autor, “a eles se juntaram, no século XVIII, os açorianos e madeirenses, no litoral, e os paulistas, no planalto. Os paulistas que povoaram o planalto eram da mesma

forma vicentistas, portugueses já adaptados à vida no Brasil (2002, p.16).”

Para o ALERS, Altenhofen (*in* AGUILERA: 2005) também considerou a região litorânea de Santa Catarina como de colonização açoriana, assim como Silva Neto (1957) e Furlan (1989). Este último, ao estudar o português tido de influência açoriana, ou seja, o falado ao longo do litoral catarinense, pormenorizou as áreas deste litoral e, segundo o autor, haveria um falar do norte, um do centro e outro do sul. As marcas lingüísticas mais características desta área seriam: ausência de palatalização de /t/, por exemplo, em *mentira* e *tio*; palatalização de /s/ final, por exemplo, em *paz*, *cruz*, *dois*, *três*, *seis* e *dez* e preservação da marca de 2ª pessoa na conjugação dos verbos, por exemplo (*tu*) *fizeste*.

Neste trabalho buscamos verificar quais características são reafirmadas e quais se diferenciam, levando em consideração que os dados de Furlan (1989) apresentam quase duas décadas de diferença em relação aos aqui coletados e que a metodologia diferenciada possivelmente apontará dessemelhanças.

## 4. ESTUDOS DA VARIAÇÃO

### 4.1 ASPECTOS TEÓRICOS

A diversidade imanente nas línguas, já percebida pelos gregos – criadores da noção de dialeto – vem sendo estudada há um tempo consideravelmente grande. Metonimicamente Sapir, em 1925, dizia que todo mundo sabe que a língua é variável (apud CHAMBERS; TRUDGILL, 1994). Pelo fato de a diversidade lingüística e as diferenças regionais serem de fácil percepção até mesmo para leigos, os autores vão mais longe ao sugerir que é provável que as diferenças dialetais tenham sido tema de conversas desde que começamos a nos comunicar (1994). Assim, existe uma larga história de comentários interessantes sobre dialetos diversos embora as descrições das áreas dialetais fossem intuitivas e fortuitas. Constatações acerca das diferenças dos falares regionais são tão comuns que, segundo eles, surpreende que o avanço dos estudos dos dialetos só começasse sistematicamente na segunda metade do século XIX (p.36).

Conseqüentemente, o debruçar sistemático sobre essas questões de variação ocorreu a partir do surgimento da ciência lingüística, que posteriormente criou ramos como a Dialectologia e a Sociolingüística, com métodos rigorosos de coleta e controle de dados lingüísticos.

Há um número relativamente grande de definições de língua de acordo com o objeto de pesquisa eleito e, sem ignorá-las, também podemos afirmar que a língua que herdamos é um sistema, de infinitas possibilidades (polimorfismo), constituído de fonemas, de morfemas, de palavras; e essas duas áreas da Lingüística registram-na em sua concretude material e em diferentes níveis de

análise: fonético, morfológico, lexical. Desses níveis, as escolhas que os falantes realizam ao interagir socialmente são passíveis de se relacionar ao sexo, profissão, idade. Dessa forma, a linguagem de homens, mulheres, empregados, patrões, jovens, idosos, constituem-se em objeto de análise e registro porque vão, possivelmente, apresentar divergências multi-fatoriais. Estas sujeições às quais a linguagem está submetida são trazidas por Leite (2002, p. 7) “a linguagem também oferece pistas que permitem dizer se o locutor é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado”.

Inúmeras vezes a fala cotidiana, buscada pela Dialetologia e pela Sociolingüística, com as suas denominações de objetos, seres, entre outros itens da cultura local, está em oposição ao padrão culto, ou norma culta - termos por excelência polissêmicos e problemáticos - representante do ideal lingüístico a ser alcançado pela população - segundo o senso comum. Assim, ao interessarem-se justamente pela fala, e sua diversidade imanente, desenvolveram métodos para levantar os fatores que colaboram e motivam a variação.

## 4.2. LÍNGUA, DIALETO E FALAR

Língua, dialeto, falar, *continuum* dialetal, esses são os conceitos fundamentais com os quais os estudos da variação lidam para empreender suas descrições. Chambers e Trudgill (1994), ao discutir definições de língua e dialeto - que chamam de etiquetas – afirmam sobre a primeira que uma língua é um conjunto de dialetos mutuamente inteligíveis. Se uma língua é um conjunto de dialetos, o que vem a ser um dialeto? O termo derivaria de *dialeto*, designação tradicional em lingüística das variedades de uma língua, correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada *variação diatópica*. Os pesquisadores apresentam três

## definições

A primeira considera dialeto uma forma de linguagem rústica, de baixo *status*, de falantes de classe trabalhadora, pessoas sem polimento, sem educação, seria uma espécie de linguagem sub-estandardizada. A outra definição aponta para as linguagens encontradas nas partes mais isoladas do mundo. E a terceira é aquela que confunde dialeto com “desvios” da norma-culta. Os autores afirmam ainda que os dialetos podem ser considerados como subdivisões de uma língua em particular (2004, p.20)”.

Para exemplificar a problemática da questão, os autores citam o caso das línguas escandinavas – norueguês, sueco e dinamarquês - consideradas distintas e que são inteligíveis para seus falantes. E o alemão, considerado uma língua única apresenta variedades que são incompreensíveis para alemães de certas regiões. Dessa forma, o critério de inteligibilidade mútua seria insuficiente para assegurar tais distinções e se língua é um termo relativamente pouco técnico, como afirmam Chambers e Trudgill (1994), dialeto também o seria.

Silva Neto (1957, p.18) sobre dialeto afirma: “é uma palavra que foi cunhada para traduzir uma situação da língua grega, e que depois se generalizou, mas é uma palavra pouco precisa, de modo que nós usamos hoje a expressão *falar, falares*, com aquela significação que eu há pouco expendi, de *feixe de traços lingüísticos distintivos*”. Assim também, Ferreira e Cardoso (1994, p.16) definem dialeto a partir do conceito de isoglossa<sup>1</sup>, dessa forma dialeto seria “um feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade lingüística em confronto com outras”.

---

<sup>1</sup> Linha que se traça num mapa para indicar a área de abrangência de um determinado traço lingüístico. (BRANDÃO, 1991).

Brandão (1991, p.12-3) menciona as importantes definições que Alvar elaborou em 1961<sup>2</sup> para estabelecer diferenças entre dialeto e falar<sup>3</sup> (regional e local). Para o pesquisador espanhol, dialeto seria um “sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum”. Os falares regionais caracterizam-se “por serem as peculiaridades expressivas próprias de uma região determinada” e os locais constituem “estruturas lingüísticas de traços pouco diferenciados, mas com matizes característicos dentro da estrutura regional, a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas”.

A autora observa que a tentativa de estabelecer nitidamente tais limites entre as definições encontra seus critérios questionados por parte dos lingüistas e que há uma tendência em empregar o termo dialeto em seu sentido mais amplo “como sendo qualquer variedade lingüística – quer de natureza geográfica, quer de cunho social – que constitua um subsistema singular, unitário” (p.13).

Sugerem Chambers e Trudgill, como solução, um termo que consideram neutro; se queremos ser mais rigorosos no uso de etiquetas descritivas, devemos empregar outra terminologia: “variedade“, que aplicaríamos a qualquer língua que desejássemos considerar, por alguma razão, como uma entidade individual (1994, p.22).

### 4.3. A DIALETOLOGIA

Uma vez trazidos os possíveis conceitos de dialeto, fica evidente de

---

<sup>2</sup> ALVAR, Manuel, Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filología Hispánica*. México, D. F & Austin, 15, jan./jun. 1961.

<sup>3</sup> Tomaremos por falar, ao longo de todo o trabalho, as definições de Alvar e Brandão apresentadas nesta introdução.

que trata a disciplina intitulada Dialetologia, como afirma Trudgill: “*Dialetologia, obviamente, é o estudo do dialeto e dialetos*” (1994, p.19). Este tipo de investigação pressupõe o estudo dos dialetos e é, resumidamente, o estudo de uma dada língua na sua variabilidade dentro de um determinado espaço geográfico.

O fundamento desse tipo de investigação está em entender que uma comunidade, numa certa área geográfica, apresenta fatores de diferenciação lingüística, devido às experiências sociais, históricas, culturais diferenciadas da localidade e isso tem repercussão na sua linguagem. Esse estudo da variação lingüística disposta na arealidade, de acordo com a metodologia adotada, como eleição de informantes, possui ramificações: as *Dialetologias: rural, urbana e mono ou pluridimensional* e, para cada uma, há ainda um leque de termos usados como sinônimos para expressá-las.

O termo Dialetologia tradicional está associado aos primórdios desse tipo de investigação, à fase do predomínio do interesse na variação diatópica e exclusivamente monodimensional. Com critérios rigorosos na escolha de seus informantes do meio rural, esses atendiam ao perfil que é conhecido pelo acrônimo NORMs<sup>4</sup> – que significa *nonmobile, older, rural, males* (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994), por isso é chamada sinonimicamente de Dialetologia rural. Chambers e Trudgill (1994) afirmam que os informantes não viajados ou não moradores de localidades diferentes da de seu nascimento eram preferíveis para garantir que sua fala fosse característica da região em que se viviam (p.58)”.

Com o tempo, percebeu-se que esse critério de seleção excluía e levava a uma considerável ignorância quanto aos dialetos falados por outros grupos sociais. Essa mudança de perspectiva resultou na constatação de que as variantes

---

<sup>4</sup> Zágari (2005) propõe o acrônimo HARAS – homem, adulto, rurícola, analfabeto, sedentário.

lingüísticas não são fruto apenas da dimensão espacial, uma vez que, segundo eles, a variação social na língua é tão comum e importante quanto a variação espacial. Todos os dialetos são tanto espaciais quanto sociais, posto que todos os falantes têm um entorno social e, igualmente, a localização espacial. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

Silva Neto (1986) cita uma afirmação de Paiva Boléo quanto às diferenças possíveis na fala ao considerar a variável idade e sexo do informante:

enquanto uma mulher de cinquenta anos dará a determinada peça do vestuário feminino a nome de *cabeção* ou *tchambra*, uma rapariga nova lhe chamará *blúsia*, na mesma família o pai ou a mãe dirá *pimpino*, *matarra*, *grabanço*, *eucalipio*, e o filho dirá *pupino*, *batarraba*, *grão*, *eucalipto*; nessa mesma família a avó poderá ainda dizer *currel* e *bureco*. (SILVA NETO, 1986, p. 196).

Se há variação dentre indivíduos da mesma família, de acordo com o sexo e a idade, não parece adequado considerar apenas as respostas de informantes enquadráveis ao perfil NORMs como representantes de um falar local. Por isso ele sugere que se faça a eleição por faixa-etária:

A linguagem que deve ser estudada não é a das pessoas mais idosas (que representam um estado lingüístico arcaizado) mas a de geração média – pessoas entre cinquenta e sessenta anos, que constituem a parte mais importante da população. A finalidade é de registrar o estado lingüístico atual. Ao inquiridor incumbe, também, fazer confrontos entre a fala da geração nova e a da mais velha. (SILVA NETO, 1986, p. 196).

Conseqüentemente, houve a compreensão de que grande parcela de variedades lingüísticas estava ficando esquecida e sem descrição, pois se viu, com o tempo, que a limitação da Dialetologia tradicional aos dialetos rurais havia levado, em muitos países, a um esquecimento quase total das formas usadas pela maioria da população, ou seja, pelos que viviam nas cidades (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

Essa percepção da exclusão à qual estavam submetidos os trabalhos de descrição lingüística, trouxe a preocupação em realizar também pesquisas que incluíssem informantes de outras localidades, como as cidades, abrindo espaço para o surgimento da Dialetoologia Urbana, que, identicamente interessada na variação, receberá influência da Sociolingüística. Por este motivo, Chambers e Trudgill (1994) afirmam que a Dialetoologia tradicional se concentrava na relação língua e geografia e na diferenciação espacial da língua e que a Dialetoologia urbana tem se centrado mais nas relações que surgem entre língua e características sociais. Desse alargamento de perspectiva surge a interface entre a Dialetoologia e a Sociolingüística.

Ambas se interessam pela diversidade das línguas e por descrever acuradamente as formas disponíveis e em uso no sistema lingüístico. As duas disciplinas, porém, desenvolvem métodos próprios de coletas de dados, mudando o número de informantes a ser entrevistado em cada ponto de inquérito. A Sociolingüística trabalha sempre com uma rede maior de informantes, incluindo freqüente e obrigatoriamente mais fatores, como sexo, idade, escolaridade, renda, do que a Dialetoologia que os escolhe de acordo com os propósitos de cada pesquisa. Embora com métodos diferentes, os dados alcançados pela Sociolingüística não conflitam com os resultados encontrados pela primeira, dessa forma, reafirmando os métodos até então empregados.

Os limites das duas disciplinas não são sempre tão claros, e nem se pode afirmar que uma separação rígida seria interessante:

Talvez a Dialetoologia seja a disciplina mais próxima da sociolingüística, a ponto de muitas vezes os campos se entrecruzarem. Os lingüistas entendem, de maneira tautológica, que cabe à Dialetoologia a descrição dos dialetos, tarefa porém que não deixa de ser ocupação da sociolingüística, considerada por isso

mesmo como parcialmente herdeira da Dialetologia. Tenta-se então estabelecer alguma distinção, para que ambas possam subsistir sem o risco de uma fusão (MONTEIRO, 2000, p.29).

Monteiro cita ainda as diferenças de abordagem das duas disciplinas feitas por Morales em 1993, ou seja, há quem atribua:

à Dialetologia o trabalho de estudar os *letos* diatópica e diastraticamente, como gramáticas internalizadas, e à sociolingüística, o trabalho de estudar esses fenômenos no contexto social, preocupando-se com as possibilidades de realização. De acordo com outra versão muito divulgada, enquanto a Dialetologia se volta para a descrição dos falares, levando em conta a diversidade regional ou diatópica, a sociolingüística analisa as variações de ordem social ou diastrática. Ou seja, uma realiza pesquisas de caráter horizontal; a outra, investigações de natureza vertical. Também se procurou ver uma nota específica na base da escolha do dialeto, se urbano (para a sociolingüística) ou se rural (para a Dialetologia) (p.29).

E mais tarde surge a Dialetologia, também chamada de contemporânea ou atual, conhecida por Pluridimensional, por controlar um número maior de variáveis, aproximando-se da Sociolingüística:

Do legado deixado por Gilliéron (séc. XIX) aos estudos vindos a lume no início deste terceiro milênio (séc. XXI), o constructo epistemológico gerado pela Dialetologia evidencia que essa área de investigação deixou de configurar-se como um ramo de estudos da linguagem que se ocupava tão somente da variação espacial, para alçar esferas mais amplas em termos de objeto de estudo, incorporando em suas pesquisas outras dimensões da variação lingüística. (ISQUERDO, 2005, p.335).

Com as mudanças de metodologia proporcionadas por áreas limítrofes – Dialetologia e sociolingüística-, benefícios puderam ser observados na adoção de novas dimensões de linguagem, a inclusão de fatores além do *topos*, antes não contempladas: dimensão, a diastrática, a diassexual, e diageracional, que permitem uma descrição mais acurada:

a Dialetologia que centralizava seu interesse no estudo da variação diatópica e que tradicionalmente se ocupava da interpretação de fatos lingüísticos em áreas predominantemente rurais, tem se beneficiado dos avanços da Lingüística moderna e também das contribuições das ciências sociais, razão por que na contemporaneidade entende-se que a dimensão social da língua é tão importante quanto a espacial. (ISQUERDO, 2005, p.335)

A Dialetologia pluridimensional está diretamente relacionada à Dialetologia urbana por incluírem variáveis sociais na metodologia de coleta de dados. Embora não seja improvável que se aplique a metodologia pluridimensional em meios rurais.

Nisto diferencia-se das escolhas feitas para pesquisas pluridimensionais, que elege informantes de pelo menos duas faixas-etárias, jovem e idosos, quando não a eleição de três faixas - jovem, meia-idade e mais velhos (que trariam as formas arcaicas).

Silva Neto (1986, p. 196) já exemplificou as respostas possíveis de acordo com a faixa-etária. Chambers e Trudgill afirmam que, para que uma inovação ou uso lingüístico seja considerado variante diageracional, é preciso que se refira a um traço lingüístico que esteja presente independentemente de fatores como classe social e sexo num dado momento, cujas ocorrências vão se reduzindo na população de falantes mais jovens (2004).

Altenhofen (2006) aponta outras motivações para que se inclua a variável idade na escolha dos informantes para o inquérito lingüístico:

cabe fazer alusão às diferenças diageracionais como indicadoras de tendências diacrônicas e que apontam mudanças em tempo aparente. A fala de velhos e jovens aparece assim como uma espécie de história em miniatura, ou um sinal do futuro. Essa possibilidade é garantida pelo modelo da Dialetologia pluridimensional, que inquire e cartografa a fala de velhos e jovens em uma determinada rede de pontos. (apud MOTA; CARDOSO, 2006, p.176).

Como sabemos, essa possibilidade de contar com obter registros em tempo aparente resolve muitos problemas das pesquisas em tempo real em que, o pesquisador, ao retornar anos depois à mesma localidade, não encontra os mesmos informantes por motivos diversos como mobilidade, migração, falecimentos, enfim, acontecimentos aos quais os informantes estão sujeitos e que tornam a pesquisa em tempo real um desafio de grandes proporções.

Chambers e Trudgill (1994) afirmam que outra característica social na qual se relacionam as diferenças lingüísticas muito claramente é quanto ao sexo do falante porque em pesquisas sociolingüísticas se evidenciou que a análise das variantes por sexo mostra claramente que os homens usam muito mais que as mulheres as variantes de menor prestígio social (p.104). Ou seja, homens e mulheres fazem uso diferenciado do sistema lingüístico do qual dispõem. Leite (2002) sobre este fator afirma:

Os gêneros masculino e feminino são categorias procedentes de uma construção histórica, cultural e social e, na sociolingüística, a diferença entre a fala de homens e mulheres é objeto de permanente discussão. Além de a questão contar com extensa bibliografia, já ficou demonstrado ser essa diferenciação um fator condicionante da heterogeneidade lingüística. (p. 36).

Pensando em todos esses conhecimentos acumulados sobre as pesquisas dialetológicas e os perfis dos informantes, neste trabalho, *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul*, incluímos na metodologia as variáveis, sexo, idade e a areal, tendo em mente o que Brandão (1991) afirma sobre nosso país e sua língua:

um retrato fiel, atual, de nosso país teria de colocar, lado a lado: executivos de grandes empresas; técnicos que manipulam, com desenvoltura, o computador; operários de pequenas, médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de

cana; pescadores artesanais; plantadores de mandioca em humildes roças; pombeiros que comerciam pelo sertão; indígenas aculturados (p.17).

Se nos primórdios a Dialectologia registrava as diferenças regionais, os falares baseados em diferenças diatópicas, hoje, pode-se afirmar, com segurança, que prevalece o interesse em registrar a variação incluindo fatores que permitiram um retrato mais condizente com o uso, uma vez que a língua é condicionada a fatores que se somam ao diatópico:

A variedade “horizontal” que a geografia comprova esquematicamente não constitui toda a variedade da linguagem: existe também a variedade “vertical”, entre estratos sociais e culturais, e no falar do mesmo indivíduo, segundo as diferentes situações e os diferentes momentos expressivos. (COSERIU, 1987, p.112).

Enfim, assumir a verticalidade para realizar investigações mais abrangentes tem se revelado uma tendência forte e irreversível.

Isquerdo, sobre a adoção de métodos sociolingüísticos pela Dialectologia e a interface das duas disciplinas, afirma “Este novo tipo de orientação metodológica adotada nas pesquisas dialetais confirma a interface manifesta entre a Dialectologia e a Sociolingüística”. (ISQUERDO, 2005, p.335). Ao que Brandão complementa: “o estudo da modalidade oral do português do Brasil, portanto, não se confina nos limites da Dialectologia e da sociolingüística; ao contrário, ultrapassa-os” (1991, p.17). E conclui quanto à inevitabilidade da inclusão de tais fatores:

Assim, hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas lingüístico variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação econômica, a fim de que se revelem aos máximos as peculiaridades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos lingüísticos. (1991, p. 26).

É possível que a manutenção das tendências metodológicas advindas com o projeto ALiB permita traçar o retrato fiel da realidade brasileira acima referido por Brandão.

#### **4.4 GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA**

Os estudos dialetológicos contam com o método Geolingüístico, sobre o qual Coseriu afirma que se constitui “indubitavelmente, uma das grandes conquistas da ciência da linguagem de nosso século”. (1987, p.110). E assim o define:

“geografia lingüística” designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo que chegou a ter extraordinário desenvolvimento em nosso século, sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (1987, p. 79).

A Geografia Lingüística é uma forma de apresentação dos resultados de maneira a possibilitar uma visão abrangente dos fenômenos através de mapeamento das variantes. Sobre o tema, assim argumenta Monteiro que: “Se é difícil perceber diferenças entre os conteúdos sociolingüísticos e os dialetológicos, o mesmo acontece com relação à geografia lingüística, que em última instância é quase outra designação (como também se diz Geolingüística) para a Dialetologia” (p.30). Monteiro expõe quais são os propósitos da Geografia Lingüística:

é o de elaborar análises minuciosas de variações dialetais localizadas numa ampla área geográfica, apresentando em geral os resultados numa série de mapas reunidos no que se denomina um *Atlas lingüístico*. Costuma-se estabelecer nessas cartas linhas isoglóssicas, no sentido de separar zonas que revelam diferenças com relação a um dado item lingüístico. (p.30).

Segundo o autor, apresenta como tarefa:

(i) descrever comparativamente os diversos dialetos nos quais uma língua se diversifica no espaço e (ii) estabelecer os seus limites. Ela demarca as regiões dialetais de acordo com critérios fonéticos, gramaticais e léxicos, mas, segundo Baylon (1991), pode também descrever um falar tomado isoladamente, sem referência aos falares vizinhos ou da mesma família. Para o referido autor, a investigação sociolingüística é como se fosse uma versão moderna do que se fazia na área da geografia lingüística (p.30).

Enfim, uma tese na área de Dialectologia, mais especificamente da Geolingüística, tem como objetivos precípuos mapear e descrever a língua de uma região, dentro de um determinado espaço de tempo, e de trazer à tona retratos de uma sincronia que ajude a compreender melhor os fatos lingüísticos, e que permita alcançar a abrangência da diacronia, inseridos em seus contextos diversos: nacional, estadual, local ou de migração.

Cardoso (2001) manifesta ponderação a respeito das novidades metodológicas incorporadas pela Dialectologia e pela geolingüística, a qual deve continuar:

a priorizar a variação diatópica, abrindo porém, espaço para o controle das outras variáveis como sexo, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os dados areais pois, não se propondo dizer o absoluto – essa é uma região exclusiva de tal ou qual fenômeno – retrata as particularidades sem assegurar o caráter de exclusividade.

Ao que acrescenta “A geolingüística, como a própria denominação lhe impõe e a natureza dos dados que busca reunir exige, permanece, na sua essência, diatópica sem, porém, descurar do aspecto multidimensional de que se

reveste o ato de fala e de cuja consideração, no mundo atual, não se pode eximir”. Apesar de ajustar o foco, a autora reconhece os benefícios que podem ocasionar a inclusão de tais variantes “Tomar diferentes tipos de falantes, diversificados socialmente, significa, por outro lado, ampliar o espectro da fotografia”. (CARDOSO, p. 2001).

Nas palavras de Cardoso, não podemos prescindir do conhecimento desta realidade lingüística multifacetada, mas também não podemos perder de vista o objetivo primeiro destas pesquisas que é descrever a arealidade das variantes lingüísticas.

Enfim, trabalhar com metodologias de forma complementar pode ser o melhor caminho para retratar a variação evidente em cada recanto ou centro urbano do país.

#### **4.5. DIALETOLOGIA NO BRASIL**

As denominações da Dialetoлогия em rural, urbana e pluridimensional (quando a Dialetoлогия se encontrou com a Sociolingüística) estão estritamente ligadas às mudanças na sua metodologia e enfoque, e essas mudanças resultam em Atlas chamados de monodimensionais, bidimensionais ou pluridimensionais, dependendo das variáveis que procuram abarcar.

Cada um dos Atlas Lingüísticos publicados no Brasil adotou metodologia diferenciada “no que se refere aos controles de variáveis sociolingüísticas” (CARDOSO, 2001). Os primeiros Atlas lingüísticos no Brasil contemplavam a variação diatópica, constituindo-se em monodimensionais. Os Atlas Lingüísticos de Sergipe e do Paraná, por estabelecerem a variável sexo, assumiram

a bidimensionalidade. E, pelo predomínio metodológico encontrado nos Atlas atuais, estamos na fase da pluridimensionalidade.

Pelas características metodológicas e interesses comuns, a Dialetoлогия, em determinados períodos, experimentou no Brasil duas fases, de acordo com Nascentes (1952 e 1953) e Brandão (1991, p. 42):

Divide-se, aqui, a história da Dialetoлогия no Brasil em duas épocas, propondo como marco divisório o período que se estende de 1957 a 1959, quando se realizam o 3º e 4º Colóquios Internacionais de Estudos Luso-Brasileiros (1957 e 1959), o 1º Congresso de Etnografia e Dialectologia (1958), o 1º Simpósio de Filologia Românica (1958) e se publica, pela Casa de Ruy Barbosa, a primeira parte das Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil (1958), de Antenor Nascentes.

Há autores que se distinguem diferentemente, como Ferreira e Cardoso (1994), que dividem a história dos estudos dialetais em três grandes fases. A primeira, que se estendeu de 1826 a 1920, foi a fase em que os estudos pairavam sobre o eixo lexical do português brasileiro, repercutindo na elaboração de dicionários, vocabulários, glossários.

A segunda fase teria seu marco representado pela obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920) e teve o eixo voltado para questões gramaticais, enquanto o léxico continuava a despertar interesse. Pertencentes a essa fase há ainda, *O linguajar carioca* em 1922, de Antenor Nascentes; *O vocabulário pernambucano*, de Pereira da Costa (1937), e *a Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934).

A terceira fase é propiciada pela vitalização trazida pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 que estabeleceu como principal finalidade a “elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil”. A crescente sistematização dos estudos lingüísticos nesse período ocasionou o surgimento de trabalhos de Geografia Lingüística no Brasil. Nesta fase, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso

Cunha e Nelson Rossi, destacam-se pelo pioneirismo e pelos passos consistentes dados rumo à criação da mentalidade dialetológica necessária à formação de novos pesquisadores na viabilização dos empreendimentos até então apenas desideratos.

Hoje, o contexto em que se encontra a Dialetologia no Brasil permite afirmar que a mentalidade dialetológica foi criada, consolidada, e que as sementes daquela época germinaram, abrindo caminho para que uma nova fase da disciplina seja estabelecida como consequência deste momento de expansão das pesquisas dialetológicas no cenário nacional. Autores como Cardoso e Ferreira (1994) já distinguem quatro fases da Dialetologia no Brasil, sendo essa última impulsionada pelo projeto ALiB.

O Projeto ALiB é interinstitucional e objetiva mapear a variação fonético-fonológica, semântico-lexical e morfológica encontrada na Língua Portuguesa brasileira e elaborar o primeiro Atlas Lingüístico Nacional. Seu lançamento, em 1996, oxigenou a Geolingüística no Brasil.

Evidentemente que um projeto de tal envergadura gera uma onda de renovação que, a partir desse projeto nacional, outros projetos estaduais foram concebidos e estão sendo realizados a partir da sua metodologia. Com vistas a Atlas pluridimensionais, os trabalhos em andamento, pautam-se, em sua maioria, nos princípios emanados da Dialetologia contemporânea, que se preocupa com o estudo da variação espacial aliada à variação social. Segundo Isquierdo, “Muitos projetos de Atlas regionais já em andamento ganharam novo impulso ao mesmo tempo em que novos outros surgiram, motivados pela concretização do Projeto ALiB, inclusive orientados pela metodologia adotada pelo tão almejado Atlas nacional”. (In MOTA; CARDOSO, p.79).

Para a coleta de dados, a metodologia do ALiB conta com

questionário próprio, tantas vezes discutido e reavaliado até que se chegasse a um material considerado pelos pesquisadores como adequado e minimizador de ambigüidades e equívocos. Metodologicamente, estabelece duas faixas etárias para a escolha dos informantes: 18 a 30 e 50 a 65 anos. Nas capitais, trabalha com a variável escolaridade incluindo falantes com curso superior completo.

Como o Projeto teve a sua metodologia adaptada a diversos propósitos de descrição lingüística, é possível afirmar sem receio que é a consolidação da Dialectologia atual, contemporânea ou pluridimensional. É o reconhecimento da inegável importância dos outros fatores que não apenas o diatópico:

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolingüística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional - monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolingüística hoje rotulada de “tradicional”. (MOTA; CARDOSO, 2006, p.21).

Este novo impulso é evidente e inegável. Nos trabalhos dialetais sempre se lembra que há ainda muito por fazer quanto à descrição do português no Brasil, mas cremos que o quadro atual é a realização de tudo aquilo que era desiderato em meados do século passado.

Os primeiros Atlas lingüísticos publicados no país em decorrência da movimentação em torno da Dialectologia proporcionada pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que culminou na certeza da necessidade da criação de uma mentalidade dialetológica, foram: 1) *Atlas Prévio dos falares baianos* (1963); 2) *Esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais – EALMG* (1977); 3) *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB* (1984); 4) *Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS* (1987);

5) o *Atlas Lingüístico do Paraná* – ALPR (1994) e o *Atlas Lingüístico Sonoro* – ALISPA (2004).

Mais recentemente ocorreu a divulgação de parte dos dados do *Atlas Lingüístico Etnográfico da região Sul do Brasil* – ALERS (2002) e nesta semana o *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* (2008).

Como tese de doutorado e trazendo à luz dados não contemplados na primeira versão do *Atlas Lingüístico de Sergipe I*, de 1987, em 2002 foi concluído por Suzana Alice Marcelino Cardoso, o *Atlas Lingüístico de Sergipe II*.

## **5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **5.1 METODOLOGIA DO ATLAS *LINGÜÍSTICO DE SÃO FRANCISCO DO SUL* (ALSFS)**

A opção metodológica para o Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul foi pela Dialetologia Pluridimensional, com a determinação de 4 informantes por localidade, 2 homens e 2 mulheres, ambos nas faixas etárias jovem e idosa, coincidentes com as faixas etárias eleitas pelo projeto ALiB: 18 a 30 e 50 a 65. Com nove pontos de inquérito, o número de informantes resulta em 36 no total.

### **5.2. PONTOS DE INQUÉRITO**

Conhecer a distribuição geográfica dos bairros de São Francisco do Sul foi fundamental para a determinação da metodologia e para a eleição dos pontos de inquéritos. Buscamos conhecê-los pessoalmente, pois sabíamos, de antemão e informalmente, que a cidade contava com os seguintes bairros: Miranda; Ribeira; Gamboa; Morro da Cruz (ou Morro da Palha); Rocio Grande; Rocio Pequeno; Acaraí; Centro; Paulas; Tapera; Iperoba; Ubatuba; Forte; Capri; Enseada; Água Branca; Praia Grande (Praia do Ervino); Prainha; Laranjeira; Vila da Glória; Estaleiro; Figueira; Pontal. Totalizando: 23 bairros. Oficialmente, na Prefeitura, a cidade é constituída de 15 bairros, porém, quando conversamos com a população, fomos percebendo que os populares os pormenorizam ainda mais.

Depois da análise, foram considerados pontos de inquérito aqueles que obedeceram ao critério de antiguidade e possuíam um número significativo de habitantes da localidade, ou seja, relevância populacional local e pontos nos quais

era possível encontrar o francisquense nato. Aqueles só recentemente loteados ou com predominância de turistas-veranistas e de aposentados de outras regiões, que ali se estabeleceram em busca de qualidade de vida, foram excluídos da amostra e os de características semelhantes foram considerados um mesmo ponto.

Os locais tomados como ponto de inquérito já eram organizados em forma de bairro por volta de 1939, são eles: Acaraí, Água Branca, Ubatuba, Iperoba, Rocio Pequeno, Rocio Grande, Reta e Laranjeiras.

Acaraí, Água Branca, Rocio Pequeno e Rocio Grande são bairros centrais, no entorno do Centro Histórico. Iperoba é um dos bairros que se segue ao da Reta, tendo ambos a sua formação em torno da rodovia. Ubatuba é subdividida em Ubatuba, Itaguaçu e bairro do Forte, porém, consideramos apenas Ubatuba porque as subdivisões não eram significativas do ponto de vista lingüístico.

### **5.3. PERFIL DOS INFORMANTES**

Como discutido anteriormente, no capítulo teórico, para a Dialetologia e a Sociolingüística faz-se de extrema importância o controle e a seleção adequada de informantes que, de fato, vão ser representantes do falar local, por serem nativos daquela região ou por não terem habitado em regiões diferentes que possam ter alterado seu falar. Também devem ser levadas em consideração, as variáveis: sexo, idade, profissão, escolaridade, como fatores de diferenciação lingüística.

Como o critério de seleção dos informantes para o *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul* obedeceu ao mesmo do ALiB, a solução para a questão de escolaridade - quando havia dificuldade de encontrar informantes jovens, que

tivessem feito somente até a 4<sup>o</sup> série do ensino fundamental - seguiu as mesmas orientações apresentadas por aquele projeto em *Documentos I*:

tendo em vista que, em algumas áreas, de acordo com os relatos dos professores Vanderci Aguilera e Mário Roberto Zágari, a maioria dos indivíduos da primeira faixa etária tem o curso fundamental completo, havendo dificuldade de se encontrar informante que tenha cursado apenas até a 4<sup>a</sup> série, ficou decidido que, nessas áreas, mantida a preferência por informante que tenha cursado apenas até a 4<sup>a</sup> série, podem ser admitidos indivíduos da primeira faixa com mais de 4 anos de escolaridade, desde que não tenham ainda completado o fundamental ou o curso supletivo. (p.16).

E assim se procedeu: quando o informante não atendia à exigência primeira, abria-se exceção respeitando o segundo critério.

Para a caracterização dos informantes do Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul, segue-se esta ordenação: “Iniciais do nome de registro. Apelido (se houver; caso inexistente ficará assim registrado: ã). Nível de escolaridade. Cidade natal. Idade. Tempo de residência na cidade. Profissão. Estado civil. Local de nascimento do cônjuge (quando necessário) e dos pais. Viagens realizadas. Data de realização do inquérito”. O informante A é homem jovem e o C é homem idoso, e o informante B é a mulher jovem e o D é a mulher idosa.

### **01.Acaraí**

(Inf. A) R.C.V. Cara de Velho. 8<sup>a</sup> incompleta. SFS. 19 anos. 19 anos. Servente. Solteiro. Mãe de Joinville e pai de SFS. 19/01/2006.

(Inf. B) M.C.A.P. ã. 4<sup>a</sup> série. SFS. 28 anos. 26 anos. Solteira. Pais nascidos em SFS. Permaneceu 2 anos em Joinville. 19/01/2006.

(Inf. C) L.S.S. Serrote. 4<sup>a</sup> série. 52 anos. 42 anos. SFS. Pedreiro/vigia. Viúvo. Pais de SFS. Ausentou-se da cidade por 10 anos.

(Inf. D) J.B.O. ã. 2<sup>a</sup> série. SFS. 54 anos. Do lar. Casada. Pais de SFS e marido também. 17/01/2006.

## **02.Água Branca**

(Inf. A) A.G.B. Buldogue. 8ª incompleta. SFS. 20 anos. 19 anos. Autônomo. Casado. Pais de SFS e esposa Joinville. Ficou 1 ano em Joinville. 26/01/2006.

(Inf. B) A. K. ñ. 8ª incompleta. 18 anos. 15 anos. Do lar. Casada. Pais de Joinville e marido de SFS. Veio pequena para SFS. 26/01/2006.

(Inf. C) J.C.P. Didi. 8ª série incompleta. 63 anos. 63 anos. Alfaiate. Casado. Mãe de Iguape (SP) veio pequena para SFS, pai e esposa de SFS. 13/01/2006.

(Inf. D) M. C. G. Conce. 4ª série. SFS. 55 anos. 45 anos. Servente em fábrica e escola. Viúva. Pais e marido de SFS. Morou 5 anos em Santos e 5 em Joinville. 17/01/2006.

## **03.Ubatuba**

(Inf. A) L.M.H.F. Lulu. 4ª grupo. SFS. 20 anos. 20 anos. Pescador. Solteiro. Pais de SFS. 21/01/2006.

(Inf. B) V.P.C.V.S. ñ. 4ª série. SFS. 21 anos. 21 anos. Diarista. Casada. Cônjuge de Pato Branco –PR e pais de SFS. 14/01/2006.

(Inf. C) A.F.V. Tião. 2ª série. SFS. 60 anos. 59 anos. Pescador. Casado. Pais e esposa de SFS. Morou 1 ano em Curitiba. 09/01/2006.

(Inf. D) E.C. ñ. 1ª série. SFS. 65 anos. 65 anos. Doméstica não aposentada pelo INSS, mas não trabalha mais. Casada. Pais e marido de SFS. 05/01/2006.

## **04.Iperoba**

(Inf. A) F.M.T. Pingo. 7ª série. SFS. 22 anos. 22 anos. Servente e padeiro. Solteiro. Pais de SFS. 23/01/2006.

(Inf. B) M.V.O.S. ñ. 30 anos. 30 anos. Diarista e ajudante na peixaria do pai. Casada. Pais de SFS e marido do Mato Grosso.

(Inf. C) B.M. Bentinho. 4ª série. SFS 60 anos. 58 anos. Encanador. Casado. Pais e esposa de SFS. 10/01/2006.

(Inf. D) J.O.M. Lilica. 4ª série. SFS. 50 anos. 48 anos. Cozinheira. Casada. Pais e marido de SFS. 10/01/2006.

### **05.Paulas**

(Inf. A) J.S.P. ã. 8ª série incompleta. SFS. 23 anos. 23 anos. Servente de pedreiro. Solteiro. Mãe de Florianópolis e pai de SFS. 20/01/2006.

(Inf. B) D.S.O. ã. 6ª série. SFS. 20 anos. 20 anos. Do lar e biscates. Casada. Pais de SFS e marido de Florianópolis. 11/01/2006.

(Inf. C) R.M.P. Beto. 2ª série do fundamental. SFS. 50 anos. 46 anos. Catador de papel. Casado. Pais de SFS e esposa de Florianópolis. 11/01/2006.

(Inf. D) S.A.S. Santa. 4ª série. SFS. 64 anos. 64 anos. Do lar. Casada. Pais e marido de SFS. 10/01/2006.

### **06.Rocio Pequeno**

(Inf. A) A.C.R. Rerro. 4ª série. SFS. 30 anos. 30 anos. Vidraceiro. Casado. Pais e esposa de SFS. 27/01/2006.

(Inf. B) S.B.P.R. ã. 6ª série. SFS. 22 anos. 22 anos. Do lar. Casada. Pais e marido de SFS. 26/01/2006.

(Inf. C) R.S.O. Beto. 8ª série incompleta. SFS. 51 anos. 51 anos. Eletricista/encanador. Casado. Pais e esposa de SFS. 20/01/2006.

(Inf. D) H.S.T.V. ã. 3ª série. SFS. 59 anos. 56 anos. Do lar. Casada. Pais e marido de SFS. Passou 3 anos em Florianópolis dos 9 aos 12, quando voltou para SFS. 06/01/2006.

### **07.Rocio Grande**

(Inf. A) P.E.V.B. Paulinho. 8ª incompleta. SFS. 21 anos. 21 anos. Padeiro. Solteiro. Data?

(Inf. B) J. S. ã. 4ª série. Joinville. 26 anos. 25 anos. Vendedora. Casada. Marido de SFS, mãe de Florianópolis e pai de Araquari. data

(Inf. C) O.P. Donato. 3ª série. SFS. 64 anos. 59 anos. Pescador. Casado. Pais de SFS e esposa de Araquari. 06/01/2006.

(Inf. D) R.M.B.M. ã. 3ª série. 59 anos. 58 anos. Do lar. Casada. Pais e marido de

SFS. 19/01/2006.

### **08.Reta**

(Inf. A) A.A.D. ñ. 6ª série. 26 anos. 26 anos. Confeiteiro. Casado. Pais de SFS e esposa de Paranaguá. 11/01/2006.

(Inf. B) A.A.D.ñ. 8ª série incompleta. 30 anos. 30 anos. Vendedora. Separada. Pais e ex-marido de SFS. 11/01/2006.

(Inf. C) J.A.D. Bochecha. 4ª série. 56 anos. 53 anos. Estivador aposentado. Mãe de Barra do Saí – SC e pai de Santa Luzia –SC e esposa de SFS. 12/01/2006.

(Inf. D) H.M.H.C. ñ. 2ª série. 60 anos. 53 anos. Do lar. Casada. Mãe de Biguaçu e pai de Palhoça – ambas cidades de SC. 27/01/2006.

### **09.Laranjeiras**

(Inf. A) L.J.C. ñ.4ª série. 28 anos. 28 anos. Auxiliar de produção. Casado. Pais de SFS e cônjuge de Paranaguá. 18/01/2006.

(Inf. B) A.R.C. Ana. 8ª série incompleta. 24 anos. 24 anos. Do lar. Casada. Pais de SFS e marido de Campo Mourão – PR. 18/01/2006.

(Inf. C) J.N.C. Lilo. 2ª série. 64 anos. 54 anos. Servente e coveiro aposentado. Casado. Morou 10 anos em Joinville. Pais e esposa de SFS. 18/01/2006.

(Inf. D) D.M.C. Dora. Nem a 2ª série. 57 anos. 47 anos. Catadora de caranguejo. Casada. Viveu 10 anos em Joinville. Pais de SFS, nascidos nas Laranjeiras e marido também de SFS. 18/01/2006.

As profissões dos informantes constituem-se, portanto, de auxiliar de produção, alfaiate, autônomo, atendente de padaria (balconista), cozinheira, catadora de caranguejo, diarista/doméstica, do lar, estivador, encanador, pedreiro, pescador, padeiro/confeiteiro, servente, vendedora e vidraceiro. Deste universo diversificado de profissões, chama a atenção o fato de que quase metade de informantes femininas serem do lar. Das que trabalham fora de casa, prevalece o

exercício de trabalhos domésticos, alguns em regime de diária. Dos que exercem a profissão de servente, apenas um é informante feminino. Das profissões relacionadas às condições naturais da Ilha há três pescadores, uma catadora de caranguejo e um estivador aposentado. Dois são padeiros/confeiteiros.

Outras características podem ser observadas pela Ficha do Informante, tais como o acesso e a frequência com que ficam em contato com os meios de comunicação em massa. Fato que pode contribuir para uma aceleração do desaparecimento do falar local. Quanto ao hábito de assistir/ouvir meios de comunicação em massa, como televisão e rádio, obtivemos as seguintes respostas para a pergunta “assiste TV?”: Todos os dias: 21 informantes. Às vezes: 10 informantes Não/nunca: 4 informantes Não respondeu: 1 informante. E para a pergunta “Ouve rádio”? Todos os dias: 16 informantes. Às vezes: 6 informantes. Não/nunca: 6 informantes. Não respondeu: 8 informantes.

#### **5.4. QUESTIONÁRIOS**

De acordo com Castro (2004), na elaboração do questionário lingüístico do projeto ALiB, consideraram-se estudos sobre o português regional do Brasil, os questionários dos Atlas regionais já publicados, dos em andamento, assim como os questionários do ALiR – *Atlas Linguistique Roman* e do *Atlas lingüístico-etnográfico de Portugal e Galiza*, dessa forma, optamos por tomar proveito dessa experiência, tomando-o como objeto de coleta de dados para o *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul*.

Foram usados os questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL), com supressões que levaram em conta a experiência já

adquirida por este projeto quanto à ausência na obtenção de respostas. Dessa forma, os termos, que apresentaram um histórico de improdutividade nas pesquisas já realizadas pelo ALiB, nas demais localidades, foram retirados. Como exemplo, citamos as questões 22 a 28, referentes ao campo semântico de astros e tempo, que busca obter termos como amanhecer, nascer, alvorada, pôr (do sol), crepúsculo, entardecer, anoitecer. Tais perguntas se mostram produtivas em Atlas rurais, mas vêm apresentando um grande número de não respostas. Mantivemos as questões sobre estrelas para verificar em que medida as denominações estrela cadente, caminho de Santiago, correu/mudou uma estrela permanecem em uso.

Houve uma segunda supressão de questões, considerando a realidade das zonas litorâneas de Santa Catarina, especificamente a sócio-histórica de São Francisco do Sul, que desenvolveu por pouquíssimo tempo modos de vida e trabalho de referência ao universo rural. Por isso, o campo semântico fauna, referentes às questões 72 a 76 e 79, que buscam saber como de chamam “patas dianteiras do cavalo, crina do pescoço, crina da cauda, lombo (parte do cavalo onde vai a sela), anca, cabra sem chifre” foram retiradas.

O campo semântico da alimentação e cozinha sofreu ampla redução, pelo fato de os alimentos em questão ou não estarem incluídos nos hábitos alimentares da região, como geléia, curau/canjica e mungunzá; ou, no inquérito experimental terem resultado pouco produtivos, como café da manhã, carne moída e aguardente.

Este processo de seleção dos fatos lingüísticos a serem investigados possibilitou um questionário composto de 117 questões para apurar fatos fonético-fonológicos e 131 para os semântico-lexicais, com 248 perguntas no total. A concisão do questionário possibilitou envolver um número maior de

informantes que o ALERS e o ALiB. Dessas questões, elaboramos 98 cartas lingüísticas: 53 fonético-fonológicas e 42 semântico-lexicais<sup>5</sup>

Sabemos da riqueza da realidade sócio-cultural que poderia ser objeto de estudo em São Francisco do Sul por meio de questionários específicos, elaborados para investigar fenômenos característicos da região e contemplar fatos lingüísticos mais diretamente relacionados ao modo de vida encontrado na Ilha, tais como a pesca, a culinária, o folclore. A tardia descoberta da Dialectologia por parte da pesquisadora inviabilizou a elaboração desse tipo de questionário. Por outro lado, a utilização do questionário adaptado permitirá que um número significativo de cartas lingüísticas do Atlas de São Francisco do Sul possam ser comparadas aos dados encontrados pelo ALERS e, posteriormente, pelo ALiB e poderão elucidar outros fatos metodológicos, como, por exemplo, quanto ao número de informantes necessários para que se obtenham dados lingüísticos confiáveis.

## **5.5. ENTREVISTAS**

Este trabalho, durante toda a fase de coleta, contou com inquiridor único, a autora desta tese, por se tratar de projeto de doutorado que não contava com equipe de apoio ou recursos financeiros específicos para sua realização. Por outro lado, esta é a recomendação primeira da Dialectologia: que se tenha o menor número possível de inquiridores.

As entrevistas foram realizadas, principalmente, na casa dos informantes, na varanda, na garagem, na sala. Apenas uma foi feita à beira-mar, por ser o local de trabalho do informante. Como a casa dos informantes foi o local em

---

<sup>5</sup> O questionário resultante do processo de supressão se encontra em anexo).

que ocorreu o maior número das entrevistas, conseqüentemente, houve gravações com sons de ventilador, de galos e de crianças querendo a atenção da mãe.

## 5.6. GRAVAÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE DADOS

O gravador usado é da marca PANASONIC, com microfone embutido e alta sensibilidade. As fitas são da marca BULK com duração de 60 minutos. Analisando as dificuldades encontradas no uso de materiais mais sofisticados, a experiência tem mostrado que o gravador tradicional proporciona mais segurança quanto à gravação e que as condições no momento da entrevista são as maiores responsáveis pela qualidade do som, pois as garantias de ter um material audível diminuem em um ambiente com barulho de crianças e de aparelhos diversos.

Os dados coletados para o Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul teve a transcrição realizada pelos seguintes alunos da graduação, bolsistas de Iniciação Científica do Projeto ALiB – Regional Paraná, orientados pela Diretora Científica Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera: 1. Eloísa Elena Bárbara de Oliveira; 2. Greize Alves da Silva; 3. Ivã Apolônio Munhoz e 4. Juliana Franco Alves.

Todas as transcrições feitas passaram pelo processo de revisão. A equipe de transcrição formou pares no qual um transcrevia e o outro revisava e após esta etapa, procedemos à audição para a confirmação dos dados.

Para a transcrição dos dados foi feita a opção pela notação fonética ampla, seguindo igualmente ao projeto ALiB. A fonte usada foi a *Sil Doulos IPA*<sup>6</sup>, do

---

<sup>6</sup> A lista com os símbolos usados consta da introdução do segundo volume da tese.

Alfabeto Fonético Internacional (IPA). O único diacrítico usado, pela recorrência com que aparece e conseqüente relevância, foi o que marca a aspiração dos fonemas /t/ e /d/.

## 5.7. NORMAS DE ORGANIZAÇÃO DAS CARTAS LINGÜÍSTICAS

Montes (1987) denomina os tipos de cartas geolingüísticas, de acordo com a disposição escolhida para a demonstração dos dados lingüísticos, que seriam: literal analítico, sintético, e misto ou sintético-analítico. Para o autor, a carta literal analítica é aquela que na disposição dos dados em cada ponto se transcrevem as respostas tal como se recolheram. (MONTES GIRALDO). É sintética quando, se realiza uma análise prévia à cartografia e são reunidos fenômenos que são similares em certas regiões, formando zonas que se distinguem no mapa por traçados e colorações diversas. Há ainda o tipo misto, intermediário ou sintético-analítico, quando não há a resposta literal, mas se estabelece um símbolo para cada variante.

Para esta etapa do *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul*, optamos pela descrição dos fenômenos em cartas fonético-fonológicas e semântico-lexicais mistas, por acreditar que elas proporcionam uma organização melhor dos dados e facilitam a leitura.

O título na maioria das cartas lexicais refere-se às variantes mais produtivas. Quando a lexia pudesse suscitar dúvidas optou-se pelo título que trouxesse a definição.

Para representar as variantes diagenéricas no interior da carta, usamos o quadrado para os informantes do sexo masculino, o círculo para as informantes femininas. A cruz divide as faixas etárias, situando os idosos na parte

superior e os jovens na parte inferior. Os registros ao centro da cruz, significam as primeiras ocorrências, e os colocados ao lado significam a segunda ocorrência e assim por diante, de dentro para fora.

Nas cartas fonético-fonológicas, a legenda traz os fenômenos em análise isolados, deixando a parte que não está em questão separada por parênteses.

No canto inferior direito das cartas fonéticas e semânticas, há um gráfico para sumarizar o número de ocorrências, nas quais trazemos o número absoluto de registros para cada variante e não o número percentual, por não haver para cada carta um mesmo número de respostas que a justificasse.

Os pontos de inquérito correspondentes aos bairros centrais, foram redimensionados à esquerda para que os registros não ficassem muito próximos dificultando a leitura da carta.

## 6. ANÁLISE DAS CARTAS

Neste sexto capítulo, faremos a descrição e análise dos registros lingüísticos fonético-fonológicos e semântico-lexicais pertinentes aos dados do falar francisquense, coletados para este *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul (ALSFS)*.

Na análise fonético-fonológica, as cartas do ALSFS, de registros coletados junto a 36 informantes, são comparadas aos dados disponíveis no ALERS, registradas no ponto 480<sup>7</sup> - São Francisco do Sul, junto a um único informante. Para a análise das cartas semântico-lexicais não procederemos à comparação de dados, por não contarmos ainda com esse volume do projeto ALERS.

A organização da análise dos dados realiza-se de forma que, ao término da apresentação de cada fenômeno e respectivas variantes fonéticas ou lexicais em questão, segue um parágrafo com comentários quanto às influências das variáveis sociais, ou seja, considerando as semelhanças ou diferenças, relacionadas às variantes diageracionais, diagenéricas (diassexuais) e diatópicas. Discutiremos, portanto, em que medida os fatores pluridimensionais marcam a variação lingüística da região.

---

<sup>7</sup> O ALERS traz, na seqüência, as cartas n° 01/02, (p. 45), indicando o “limite meridional de áreas de alto grau de ocorrência da ditongação de /a/ em (P)AZ e de /u/ em (CR)UZ”; n° 03/04, (p. 47), indicando o “limite meridional da ditongação de /e/ em (TR)ÊS e (D)EZ” e n° 01-04, (p. 49), indicando “limite de ocorrência de ditongação em (P)AZ, (CR)UZ, (TR)ÊS e (D)EZ”.

## 6.1. COMPARAÇÃO DAS VARIANTES FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO ALERS E DO ALSFS

Uma vez que, dentre os objetivos delimitados nesta tese, consta a comparação dos resultados do ALERS com os do *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul* (ALSFS), para efetivá-la, buscamos as cartas semelhantes entre ambos, isto é, as que coincidiam quanto ao item lexical buscado, ou as que traziam um item  $\text{ɔ̃} \text{ɨ} \text{ɜ̃} \text{ɞ} \text{ɟ} \text{ɠ} \text{ɢ} \text{ɣ} \text{ɤ} \text{ɥ} \text{ɦ} \text{ɧ} \text{ɨ} \text{ɩ} \text{ɪ} \text{ɫ} \text{ɬ} \text{ɮ} \text{ɹ} \text{ɻ} \text{ɽ} \text{ɿ} \text{ʀ} \text{ʁ} \text{ʂ} \text{ʃ} \text{ʄ} \text{ʅ} \text{ʆ} \text{ʇ} \text{ʈ} \text{ʉ} \text{ʊ} \text{ʋ} \text{ʌ} \text{ʍ} \text{ʎ} \text{ʏ} \text{ʟ} \text{ʠ} \text{ʡ} \text{ʢ} \text{ʣ} \text{ʤ} \text{ʥ} \text{ʦ} \text{ʧ} \text{ʨ} \text{ʫ} \text{ʬ} \text{ʭ} \text{ʮ} \text{ʯ} \text{ʰ} \text{ʱ} \text{ʲ} \text{ʳ} \text{ʴ} \text{ʵ} \text{ʶ} \text{ʷ} \text{ʸ} \text{ʹ} \text{ʺ} \text{ʻ} \text{ʼ} \text{ʽ} \text{ʾ} \text{ʸ} \text{ʺ} \text{ʻ} \text{ʼ} \text{ʽ} \text{ʾ}$ , mas com o mesmo contexto fônico analisado. Resumindo o que havia de comum entre ambos os atlas, chegamos ao seguinte quadro:

Quadro 01 Cartas fonético-fonológicas do ALERS e do ALSFS

<b>CARTAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS</b>		
<b>Variante/realização</b>	<b>ALERS</b>	<b>ALSFS</b>
1. Vogais tônicas seguidas de /♦/ final	01, 02, 03 e 04	06, 10, 45 e 48
2. Vogal pré-tônica /□/ em /u/	11 e 12	11, 15, 18
3. Vogais e ditongos nasais	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23	17, 26, 27, 38, 41, 44
4. Ditongos /ej/, /aj/ e /ow/ internos	24 e 25	03, 05 e 20
5. Realização de /ɔ̃ɸ/ e /♦ɸ/ em sílaba tônica	28, 29 e 30	22, 32 e 42
6. Realização de /d/ e /t/ em posição pré e pós-tônica	31, 32, 33 e 34	02, 04, 14 e 51
7. Segmento <i>-ndo</i> dos gerúndios	36	21
8. De /j/, /lj/, /ɔ̃/ e /ɣ/	40, 41, 42 e 43.	37, 40, 46, 47
9. De /♦/ em coda silábica	-	16, 36, 49
10. Rótico em coda silábica	44, 45, 49, 50, 51, 52, 53 e 54.	07, 09, 12, 19, 23, 29, 31 e 43
11. /l/ em encontros consonantais e coda	37, 38 e 39	24 e 25

Após a análise dos fenômenos que vão do item 6.1.1 ao item 6.11, que são as cartas comuns, segue a análise das cartas elaboradas exclusivamente para o ALSFS, para os fenômenos de realização de ditongação em palavra como liquidação, manutenção de grupo consonantal e realização de proparoxítonas,

seções 6.1.12., 6.1.13. e 6.1.14, respectivamente, cujos contextos não constam do ALERS.

### 6.1.1. REALIZAÇÃO DAS VOGAIS TÔNICAS SEGUIDAS DE /S/ FINAL

As cartas do ALERS sobre as variantes de *paz* (01), *cruz* (02), *três* (03) e *dez* (04)<sup>8</sup>, registradas no ponto 480<sup>9</sup> - São Francisco do Sul, junto a um único informante, indicam que é unânime a ditongação na ilha. No ALSFS, porém, por terem sido entrevistados 36 informantes, 50% homens e 50% mulheres, distribuídos por duas faixas etárias, obtivemos os seguintes resultados, que serão analisados posteriormente à luz dessas variáveis:

Quadro 02 Ditongação nas tônicas seguidas de /s/ final

Ditongos	ALSFS
Carta (48) <u>Paz</u>	76%
Carta (10) <u>Arroz</u>	75%
Carta (06) <u>Luz</u>	61%
Carta (45) <u>Voz</u>	41%

Comparando os dados de ambos os atlas, verificamos que, com exceção de *voz*, em que as formas com ditongo estiveram abaixo da média, a ditongação se constitui na variante majoritária em São Francisco do Sul, corroborando os dados do ALERS, coletados há mais de vinte anos.

Quanto às variáveis sociais, podemos afirmar para a realização da vogal tônica final seguida de /s/, que, com base na variável sexo, as Cartas (48) *Paz*

<sup>8</sup> O ALERS inclui as cartas para *seis* (05) e para *dois* (06) porque ocorrem casos de monotongação desses ditongos em algumas áreas catarinenses.

<sup>9</sup> O ALERS traz, na seqüência, as cartas n° 01/02, (p. 45), indicando o “limite meridional de áreas de alto grau de ocorrência da ditongação de /a/ em (P)AZ e de /u/ em (CR)UZ”; n° 03/04, (p. 47), indicando o “limite meridional da ditongação de /e/ em (TR)ÊS e (D)EZ” e n° 01-04, (p. 49), indicando “limite de ocorrência de ditongação em (P)AZ, (CR)UZ, (TR)ÊS e (D)EZ”.

e (10) *Arroz* mostram que a pronúncia ditongada, tida como característica da região, se realiza principalmente pelos informantes homens e idosos, evidenciando o seu caráter diageracional. A terceira carta é *Luz* com 61% de ditongação. Novamente, a maioria das manutenções do fenômeno ocorre na faixa dos homens idosos totalizando 12 dos 20 registros. A não-ditongação em *luz* distribui-se com pequena variação tanto entre os jovens (6 ocorrências) como entre os idosos (5 ocorrências). Por outro lado, a mulher se apresenta como inovadora (8 registros) da forma não ditongada. A carta *voz* mostra uma diminuição significativa da ditongação liderada pelas mulheres, principalmente as jovens, que ditongaram apenas em dois registros. Diatopicamente, a ditongação e a não-ditongação ocorrem em todos os pontos de inquérito.

### 6.1.2. REALIZAÇÃO DA VOGAL PRÉ-TÔNICA /o/ EM /u/

Quadro 03 Realização da pré-tônica /o/ em /u/

Realização de /o/ em /u/	Manutenção de /o/	Alçamento da vogal alta posterior
<u>T</u> omate (15)	86%	14%
Pr <u>o</u> cissão (33)	84%	16%
Bor <u>o</u> leta (18)	83%	17%
G <u>o</u> rdura (11)	50%	50%
Montar (17)	55%	45%

A realização da vogal pré-tônica /o/ foi registrada, no ALERS, nas Cartas *Gordura* (11) e *Procissão* (12), nas quais se verifica o não alçamento da vogal. No ALSFS, com exceção de *gordura*, em que a vogal tônica da sílaba seguinte favorece a harmonização vocálica ou assimilação total regressiva, predomina a manutenção de /o/. Em *Tomate* (15) e *Boroleta* (18), verifica-se que a realização da vogal pré-tônica /o/ resulta em não-alçamento, com 86% e 83% de manutenção de /o/, respectivamente.

Dentre as vogais em contexto de nasalização, a realização de /o/, em Montar (17), não permite que o alçamento ocorra na maioria dos registros, com 55%, havendo alçamento da vogal nasalizada em 45% das respostas.

Quanto às variáveis sociais, não se percebem influências diageracionais, diagenéricas. Diatopicamente, os bairros centrais, correspondentes aos pontos 05, 06, 07, 08, tendem ao não alçamento, com exceção da carta *gordura*, na qual a distribuição de ambas variantes se espraia.

### 6.1.3. REALIZAÇÃO DAS VOGAIS E DITONGOS NASAIS

Quanto às vogais e ditongos nasais, o ALERS traz onze cartas: Santo Antônio (13), Santo Antônio (14), Ninguém (15), Genro (16), Homem (17), Mentira (18), Compadre (19), Bom (20), Calção (21), Procissão (22) e Falam (23).

Dessas 11 cartas, em que aparecem os contextos de vogais e ditongos nasais, para o ALSFS são comuns apenas as cartas de Genro (44) e Homem (38), em que verificamos para o primeiro, a mesma variante anterior média fechada nasal encontrada na carta do ALERS. Para o segundo ocorrem 54% de alçamento com desnasalização (variante idêntica à encontrada no ALERS), 26% de realizações como ditongo nasal e 20% de monotongação para a vogal anterior média fechada nasal.

Por outro lado, dentre as cartas exclusivas do ALSFS, a carta Passagem (26), que apresenta o mesmo contexto da carta Homem (38), resultou novamente em alçamento com desnasalização, em 77% das realizações e 23% para a variante com o ditongo nasal. Com relação ao ditongo na carta Muito (27), verifica-se a ocorrência de 50% de realizações não nasais e as restantes nasais. A carta para Família (41) apresenta 85% de /a/ não nasalizado e 15% de /a/ nasalizado,

indicando que o contexto em que a vogal aparece, precedida de consoante nasal, não influencia para que ocorra a nasalização na sílaba.

Quanto às variáveis sociais, a realização de vogais e ditongos nasais indica que tais registros ocorrem dentre todas as faixas etárias e sexo, sem que se possa apontar um grupo como inovador ou conservador. Assim como a influência diagenérica e diageracional, a diatópica também não teve relevância.

#### 6.1.4. REALIZAÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES /aj/, /ej/ e /ow/ INTERNOS

As cartas do ALERS sobre as variantes de *queijo* (24) e *queixo* (25), registradas no ponto 480<sup>10</sup> - São Francisco do Sul, junto a um único informante, indicam que, em ambos os casos, ocorre a monotongação. Nesse projeto não foram elaboradas cartas para a monotongação de /ow/ interno.

Quadro 04 Monotongação de ditongos /aj/, /ej/ e /ow/

Monotongação	ALSFS
Caixa (03)	66%
Peixe (20)	66%
Tesoura (05)	61%

Nas três cartas do ALSFS, sobre o registro dos ditongos nas cartas *Caixa* (03), *Tesoura* (05) e *Peixe* (20), verificamos que a monotongação está em fase crescente de implantação, com o índice em torno de 65%.

As variáveis sociais, sexo e faixa etária, no entanto, não são determinantes nesse processo de variação. Quanto à variável diatópica, observamos

<sup>10</sup> O ALERS traz, na seqüência, as cartas n° 01/02, p. 45, indicando o “limite meridional de áreas de alto grau de ocorrência da ditongação de /a/ em (P)AZ e de /u/ em (CR)UZ”; n° 03/04, p. 47, indicando o “limite meridional da ditongação de /e/ em (TR)ÊS e (D)EZ” e n° 01-04, p. 49, indicando “limite de ocorrência de ditongação em (P)AZ, (CR)UZ, (TR)ÊS e (D)EZ”.

que *caixa* e *tesoura* são registradas como monotongos na fala de todos os informantes dos pontos 03 e 09.

#### 6.1.5. REALIZAÇÃO DE /ɔ̃/ E /ɔ̃/ EM SÍLABA TÔNICA

As cartas do ALERS, com itens lexicais em que ocorrem os registros das consoantes oclusivas alveolares, sonoras e surdas, seguidas da vogal anterior alta, são as de Tio (28), Mentira (29) e Dia (30)<sup>11</sup>. No ponto 480, junto a um único informante, a variante oclusiva não se palataliza em nenhum dos casos. No ALSFS, porém, devido ao número maior de informantes, distribuídos pelas variáveis sexo e faixa etária e, reforçando o princípio da variação lingüística, determinado tanto por fatores lingüísticos como extralingüísticos, registramos, com mais freqüência, a variante aspirada tanto para /t<sup>h</sup>/ como para /d<sup>h</sup>/, indicando uma mudança em processo.

Quadro 05 Realização de /ɔ̃/ e /ɔ̃/ em sílaba tônica

Realização de /d/ e /t/	Aspiração /d <sup>h</sup> / /t <sup>h</sup> /
Ment <u>ir</u> a (32)	91%
<u>D</u> ia (22)	88%
<u>T</u> io (42)	86%

A realização aspirada de /ɔ̃/ e /ɔ̃/ na fala francisquense, em oposição à manutenção das oclusivas, não parece estar relacionada a nenhum fator social (sexo, faixa etária e ponto lingüístico), registrando-se uma distribuição mais ou menos homogênea entre esses estratos e as localidades investigadas.

<sup>11</sup> Seguem-se as cartas n° 28/29, p. 45, indicando a “ausência de palatalização de /ti/ em (MEN)TI(RA) e TI(O).

### 6.1.6. REALIZAÇÃO DE /d/ E /t/ EM POSIÇÃO PRÉ E PÓS-TÔNICA

Com relação às variantes de /d/ e /t/, o ALERS apresenta as cartas<sup>12</sup> de Sete (31), Dezessete (32), Vinte (33) e Vinte e um (34), portanto somente em contexto pós-tônico, nas quais observamos: (i) nos itens *sete*, *dezesete* e *vinte* a única forma registrada é o [ti], isto é, ocorre o alçamento da vogal anterior média alta, mas a consoante permanece oclusiva; (ii) no caso de *vinte e um*, dá-se o alçamento da vogal anterior média alta, mas a oclusiva alveolar surda é ligeiramente africada.

Para o ALSFS, no entanto, cartografamos as variantes de /de/ e de /te/ tanto em posição pré, como pós-tônica, nas cartas: Prateteira (02), Tesoura (04), Tomate (14) e Hóspede (51). Os resultados apontam novamente para a aspiração da oclusiva diante do alçamento da vogal e > i:

#### Quadro 06 Realização de /d/ e /t/ em posição pré e pós-tônica

Realização de /d/ e /t/	Aspiração
<u>Tomate</u> (14)	91%
<u>Hóspede</u> (51)	78%
<u>Prate<u>t</u>eira</u> (02)	72%
<u>T<u>e</u>soura</u> (04)	30%

Tesoura (02) é a única carta na qual o /t/ em contexto inicial de sílaba favorece ao não alçamento e a não aspiração.

As cartas para o /t/ em início de sílaba trazem a preferência pela manutenção de /t/. Já *prateleira*, pré-tônica e *tomate*, pós-tônica, revelam a preferência pela aspiração. Assim como para o fenômeno fonético anterior, realização de /d/ e /t/ em sílaba tônica, para este fenômeno fonético, novamente, o

<sup>12</sup> Sobre essas cartas, o ALERS constrói três outras em que os registros são considerados em seu conjunto. (V. as cartas das p. 117, 119 e 121).

ALERS registrou realizações que não palatalizavam. Para São Francisco do Sul não houve, no ALERS, o registro da aspiração, que predominou nos dados do ALSFS.

O item lexical buscado na carta para a realização de /d/, Hóspede (51), é de difícil obtenção, por isso resultou num número elevado de não-respostas, chegando a 16. Diatópica, diageracional e diagenericamente não consideramos que houve alguma influência.

### 6.1.7. REALIZAÇÃO DO SEGMENTO -NDO DOS GERÚNDIOS

O segmento -ndo dos gerúndios, no ALERS, vem registrado na carta Fervendo (36) e indica a manutenção da realização de /d/ para todos os pontos de inquéritos, exceto os pontos nº 517 e nº 529. O ALSFS, por sua vez, constatou a manutenção da forma padrão com /d/ em 86% dos registros.

Quadro 07 Realização de and (o)

realização de and (o)	ALSFS
Remando (21)	Manutenção do /d/ em 86%
Fervendo (36)	-

Nas poucas ocorrências verificáveis de assimilação (nd>nn>n), parece tratar-se de um fenômeno dia genérico, pelo fato de que, das 5 realizações, 4 delas foram na faixa jovem, e apenas uma na fala da informante idosa.

### 6.1.8. REALIZAÇÃO DE /j/, /lj/, /ɲ/ e /ʎ/

As Cartas 40, 41, 42 e 43 do ALERS registram as variantes fonéticas para /j/, /lj/, e /ɲ/. Dentre a possível realização fonética de /lj/ ou /ɲ /, em palavras como *família* e *sandália*, no ALERS ocorreu a realização em /ɲ / na carta 40, e no

ALSFS verificou-se uma alta produtividade da realização em / $\diamond$ /, com 100% dos registros na Carta Família e 91% dos registros na carta Sandália. Nessas cartas não houve iotização de / $\diamond$ /. A carta Velho (46) apresentou um elevado nível de não iotização de / $\diamond$ /, com 97% dos registros.

Na carta *banho*, não é realizada, em 100%, a possível iotização, que por vezes ocorre nas palavras com esse fonema palatal dígrafo. Já a seqüência fônica /lj/ em *família* e *sandália* foi registrada com alta produtividade como / $\diamond$ /: “família” em 100% das ocorrências e “sandalha” em 91, 1% das respostas, seguindo a tendência nacional<sup>13</sup>. Em *velho*, a possível iotização nessa palavra não é fenômeno produtivo, apenas um informante idoso a realizou, o que representa 3% dos casos, liderando a permanência da pronúncia do / $\diamond$ /.

#### 6.1.9. REALIZAÇÃO DE /s/ EM CODA

O ALERS, para este contexto, apresenta os dados de *lesma*, embora sem cartografiação, que, no ponto 480 é registrada com a fricativa alveolar sonora. No ALSFS, cartografamos os dados de *Casca* (16), *Caspa* (36) e *Mesma* (49), com os seguintes resultados: (i) o /s/ em *caspa* e *casca* realiza-se como fricativa alveolar surda, isto é, sem a palatalização, fenômeno raro na fala catarinense conforme dados do ALERS (p. 191); (ii) quanto ao vocábulo *mesma*, os dados do ALSFS mostram a mesma tendência observada em outros falares do Brasil, como em Brandão (2000): realização da fricativa alveolar sonora (94%) e uma realização para me [x] ma e uma para o zero fonético: mema.

<sup>13</sup> A professora Cláudia Cunha, em Workshop recente do Comitê do ALiB, segundo informações de Aguilera, para demonstrar que é muito difícil, quase impossível, distinguir as formas /lja/ de /la/, recortou a sílaba final de ovelha e de família e substituiu uma pela outra, chegando à conclusão de que o registro de ambas as palavras com os finais trocados é, senão idêntico, muito semelhante e imperceptível ao ouvinte.

### 6.1.10. REALIZAÇÃO /r/ EM CONTEXTOS DE CODA E DE INÍCIO DE SÍLABA

Para as realizações do fonema /r/ em contexto de coda silábica, o ALERS apresenta as cartas Gordura (12) e Calor (23), para as quais a variante encontrada em São Francisco do Sul foi o tepe. A fim de analisar esse fenômeno em mesmo contexto foram elaboradas as cartas para o ALSFS: Torneira (07), Gordura (12), Calor (23), Rasgar (29), Certo (31), Mulher (39), Esquerdo (52).

Quadro 08 Realização /r/ em coda silábica

Realização /r/ em coda	Zero	Retroflexo	Velar	Tepe
Torneira (07)		53%	42%	3%
Gordura (12)		38%	24%	10%
Calor (23)		69%	17%	9%
Rasgar (29)	70%	-	27%	3%
Certo (31)		53%	39%	9%
Mulher (39)	40%	34%	17%	9%
Esquerdo (52)		32%	65%	3%

A realização /r/ em coda silábica foi registrada em duas cartas do ALERS, Gordura (49) e Calor (53) e do ALSFS, Gordura (12) e Calor (23). No ALSFS, os resultados apontam para a implantação do /r/ retroflexo não documentado pelo ALERS que só registra o tepe.

Quanto às demais cartas: Torneira (07), Certo (31) e Esquerdo (52), em que o /r/ está em coda silábica interna, os resultados confirmam a movimentação em favor da implantação do /r/ retroflexo. Em coda silábica em final de vocábulo, nas cartas Calor (23), Mulher (39) e Rasgar (29), observamos que, no caso do substantivo *calor*, a tendência é a da manutenção do rótico, seja como retroflexo (em sua maioria), seja como velar ou tepe. No caso de *mulher*, registramos um índice elevado de supressão do /r/ final, seguido das realizações como retroflexo, velar e

tepe. No caso do verbo no infinitivo, segue a tendência dos demais falares do português brasileiro que é o da supressão da desinência do infinitivo.

Nas análises para as realizações de /r/ em contexto de coda silábica encontramos em 4 cartas 07, 12, 23 e 31 a liderança do /r/ retroflexo com 52%, 38%, 68% e 52%, respectivamente. Seguido pelo /r/ velar em segundo em todas essas cartas e o /r/ tepe por último em todas elas. Quando as tomamos considerando as faixas etárias, os jovens fazem mais uso do /r/ retroflexo, 12 registros em torneira, 8 em gordura, 14 em calor, e 10 em certo. Porém, a mesma realização não é insignificante na faixa dos idosos, com 7 em torneira, 8 em gordura, 10 em calor, e 9 em certo. Esses dados podem estar mostrando, que embora a retroflexão não tenha sido acusada os dados do ALERS, vinte anos atrás, esse fenômeno fônico já estava acontecendo naquele mesmo instante. E esta pesquisa, realizada verticalmente, pôde contemplar.

As cartas Rasgar (29) e Mulher (39) diferenciam-se pela apócope do /r/, porém, quando realizados, repete-se o padrão apresentado nas cartas anteriores com a liderança de retroflexão. Em *rasgar* não houve velarização e houve caso único de tepe.

Para a realização /r/ em início de sílaba, optamos pelas cartas Varrer (09), Genro (43), Rato (19) e Rasgar (28).

Quadro 09 Realização /r/ em início de sílaba

Realização /r/ em início de sílaba			
ALERS	Registros	ALSFS	Registros
Genro (45)	Tepe	Genro (43)	100% velar
Revolver (44)	Velar	Rato (19)	100% velar
-		Rasgar (28)	100% velar
-		Varrer (09)	90% velar

O fonema /r/ em contexto inicial de sílaba foi registrado no ALERS, na carta Revólver (44) como vibrante múltipla uvular sonora. No ALSFS, registramos dados coincidentes em duas cartas Rato (19) e Rasgar (28), com 100% de realizações do mesmo fonema. A carta Varrer (09) igualmente apresentou alta produtividade do mesmo fonema, em 90% das ocorrências. A variação de fonemas deu-se na carta Genro (45) do ALERS, que registrou um tepe e Genro (43) do ALSFS, que registrou 100% velar, ou seja, 36 registros desse fonema.

Quanto às variáveis sociais, para a realização de /r/ em início de sílaba houve variação mínima. Nas cartas rato (19), *genro* (43), *rasgar* (28) e *varrer* (09) predominaram o /r/ velar, com a diferença de que, em *varrer*, ocorreram três registros de tepe, todos na faixa etária idosa, dois na fala de homens e um na fala de uma mulher, totalizando 9,3% dos registros. Esse tepe parece representar, portanto, uma variante diageracional. Para as realizações de /r/ em coda ou realização /r/ em início do sílaba, as realizações deste fonema apresentaram dados que não apareciam no ALERS há vinte anos. A recorrência do /r/ retroflexo em coda silábica é uma diferenciação e a única carta em que o retroflexo não foi a pronúncia a liderar é em *esquerdo*.

#### **6.1.11. // EM ENCONTROS CONSONANTAIS E CODA**

O ALERS, para os contextos de // em coda e na formação de encontros consonantais, apresenta as cartas Cação (37), Clara (38) e Revólver (39) e o ALSFS traz apenas as cartas dos encontros consonantais Placa (24) e Bicicleta (25). No ALERS, ponto 480, temos: para Cação, não houve resposta; em Clara, a líquida se mantém e em Revólver ocorre o rótico. No ALSFS, embora predomine a

líquida, registramos algumas variantes em /r/, como podemos observar no Quadro 10.

Quadro 10 Realização de // em encontros consonantais

Para realização de // como /r/	//	/r/
Placa (24)	82%	17%
Bicicleta (25)	86%	14%

Quanto às variáveis sociais, para o fenômeno da realização de // em /r/, as duas únicas ocorrências foram dos informantes jovens de nível de escolarização fundamental, uma para a informante jovem e uma para o informante jovem. Como a pronúncia do // foi mantida em 82,3 % das respostas para a carta *placa* e em 86,1% para a carta *bicicleta*, afirmamos tratar-se exclusivamente de variação diastrática.

#### 6.1.12. REALIZAÇÃO DE DITONGAÇÃO EM /ki/ /kwi/

Embora o ALERS não traga cartas com este segmento fônico que permita verificar a produtividade da realização da ditongação de /ki/ em /kwi/, elaboramos para o ALSFS, as duas cartas *Liquidação* (30) e *Liquidificador* (13). O Quadro 11 mostra os seguintes resultados:

Quadro 11 Ditongos /ki/kwi.

Ditongos /ki/kwi	ALSFS
Liquidação (30)	54%
Liquidificador (13)	50%

Nos registros de *liquidação* e *liquidificador*, observamos um equilíbrio entre as formas monotongadas e as ditongadas. Embora a ditongação em

liquídificador tenha ocorrido em 44% dos casos e a não-ditongação em 56% dos registros, observa-se dentre as faixas etárias e dentre os sexos que os jovens e os homens apresentam maior tendência à ditongação.

#### **6.1.13. MANUTENÇÃO DO GRUPO CONSONANTAL /pr/**

A manutenção do grupo consonantal verificada nas cartas totalizou 73% das respostas nas cartas Procissão (33) e Prateleira (02). Indica, assim como o fenômeno anterior, tratar-se de registros de informantes pouco escolarizados o que faz da não-manutenção do grupo consonantal, com 27%, uma marca diastrática.

#### **6.1.14. REALIZAÇÃO DE PROPAROXÍTONAS**

As proparoxítonas no ALERS não foram contempladas com a cartografiação. Para o ALSFS, elaboramos a carta Fósforo (8) em que verificamos a manutenção da proparoxítora em 67% dos registros e 33% de paroxítonas em que (i) ocorre a supressão da sílaba final (4 registros); (ii) a supressão da pós-tônica (3 registros) e (iii) em dois registros a palavra se reduz a duas sílabas: fossi e fossu.

A manutenção preferencial pela realização da pronúncia da palavra como proparoxítora pode indicar, assim como os fenômenos anteriores, de realização de // em encontros consonantais e manutenção do grupo consonantal, tratar-se de variantes diastráticas. Diatopicamente, não se registram diferenças significativas entre os pontos pesquisados.

## 7. VARIANTES SEMÂNTICO-LEXICAIS DO ALSFS

A análise da variação semântico-lexical será feita com base nas isoléxicas que possam ser traçadas pelo *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul (ALSFS)*, por não ter sido ainda publicado o volume das cartas do ALERS nesse nível lingüístico, e não haver, portanto, possibilidade de comparação. Resumimos no quadro abaixo, os campos semânticos apresentados nos Questionários - adaptados e aplicados - e os respectivos temas cartografados:

Quadro 12 Campos semânticos e cartas elaboradas para o ALSFS

<b>CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS ALSFS</b>	
<b>Campo Semântico</b>	<b>Cartas no ALSFS</b>
1. Acidentes Geográficos	Ponte (01); Redemoinho (de água) (02); Onda de Mar (03).
2. Fenômenos atmosféricos	Redemoinho (de vento) (04); Relâmpago (05); Raio (06); Granizo (07); Arco-íris (08); Orvalho (09); Cerração (10).
3. Atividades Agropastoris	Amendoim (11); Penca (12); Bananas grudadas (13); Parte terminal da inflorescência da bananeira (14); Sabugo (15); Canga (16).
4. Fauna	Urubu (17); Beija-flor (18); Angolista (19); Papagaio (20); Sura (21); Cotó (22); Gambá (23) e Chifre (24).
5. Corpo humano	Vesgo (25); Terçol (26); Dentes caninos (27); Dentes do siso (28); Pessoa de pernas arqueadas (29) e Cócegas (30).
6. Convívio e comportamento social	Mau pagador (31); Cigarro de palha (32) e Toco de cigarro (33).
7. Jogos e diversões infantis	Cambalhota (34); Bolinha de gude (35); Estilingue (36); Gangorra (37); Balanço (38) e Amarelinha (39).
8. Habitação	Vaso sanitário (40).
9. Alimentação e cozinha	Empanturrado (41).
10. Vestuário e Acessórios	Rouge (42).

## 7.1. ANÁLISE DAS CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS

### 7.1.1. ACIDENTES GEOGRÁFICOS

Para explorar denominações próprias da região de São Francisco do Sul quanto ao campo semântico Acidentes Geográficos, fizemos as cartas 01, 02 e 03, consideradas pertinentes devido à constituição geográfica da Ilha, que apresenta mar, rios, lagoas e pontes.

Para a carta sobre a pergunta “Como chamam o tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um...?”, obtivemos *ponte* em 48% das respostas, e por esta razão foi denominada Ponte (01), e *pinguela* em 27% dos registros. A variante *ponte* distribuiu-se de forma homogênea dentre as faixas etárias e *pinguela* foi registrada na fala de 9 informantes idosos, e 1 única vez na faixa jovem.

Quanto à dicionarização, todas elas são encontradas no Aurélio, porém, algumas vezes com significado diverso do pretendido pela questão, como pau, que tem denominação mais abrangente, constituindo-se em “qualquer pedaço de madeira (lasca, haste, madeira, tábua, etc.). *Passarela* não deixa de ser uma espécie de *ponte*, mas o espaço geográfico que ocupa costuma ser diverso uma vez que é uma “ponte para pedestres, em geral estreita, construída sobre ruas ou estradas”. *Ponte*, por exemplo, é definida como uma “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer”, lexia para a qual haveria os seguintes diminutivos irregulares: *pontícula* e *pontilhão*. Com *travessia* ocorre o mesmo, já que a acepção é “Ato ou efeito de atravessar uma região, um continente, um mar, etc.; travessa”. *Caminho*, igualmente dicionarizada, é “faixa de terreno destinada ao trânsito de um para outro ponto; estrada, vereda, via, trilho.

*Pinguela* é dicionarizada com a denominação buscada na carta, como um “tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio”. *Pontilhão* também é, tratando-se de “uma pequena ponte, de vão total inferior a cerca de uma dezena de metros”.

A carta Redemoinho (de água) (02) buscava as respostas para “Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?”. Se considerarmos *redemoinho* e *rodamoinho* como uma única lexia, essa variante alcançou 82% das respostas. *Largamar* e *vagamar* foram registradas em 15% dos informantes, distribuídos pelas duas faixas etárias e ambos os sexos. O dicionário registra as duas formas *redemoinho* e *rodamoinho*. *Lagamar*, como está dicionarizada, significa “cova no fundo do mar ou de um rio; pego”. Porém, *vagamar* não está dicionarizada”.

Na Carta Onda de Mar (03), para “o movimento da água do mar?” 94% dos informantes registraram *onda*, e apenas dois informantes idosos apresentaram a variante *ressaca*. Ambas estão dicionarizadas com a mesma acepção.

### 7.1.2. FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

A fim de obter as variantes para os fenômenos da natureza, relativos ao campo semântico dos Fenômenos Atmosféricos, elaboramos as cartas: redemoinho (do vento) (04), para a qual a variante homônima foi registrada em 89% dos informantes. A outra variantes registrada parece estar associada à ocorrência de fenômenos mais recentes na região: *furacão*.

Para o “clarão que surge no céu em dias de chuva?”. A Carta Relâmpago (05) mostra essa variante em 76% dos registros, seguida de ocorrências com menor frequência, como: *trovoada*, *trovão* e *raio*.

Para a Carta Raio (06), essa variante ocorre em 80% dos registros, seguida de *relâmpago*, *corisco*. Quanto aos significados dicionarizados temos, para *raio* “descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão”. Para *relâmpago* temos “luz intensa e rápida produzida pela descarga elétrica entre duas nuvens, e que, geralmente, precede o ruído do trovão”. E *corisco* significa “centelha produzida nas nuvens eletrizadas, sem que se ouçam trovões, faísca elétrica”.

A Carta Granizo (07), elaborada para o tipo de chuva em que podem cair bolinhas de gelo, a lexia homônima apresenta o maior número dos registros. Outras variantes, com relativo índice de frequência, são: *chuva de pedra* e *chuva de gelo*. No dicionário *granizo*, do espanhol, é definido como um “tipo de precipitação atmosférica, na qual as gotas de água se congelam ao atravessar uma camada de ar frio, caindo sob a forma de glóbulos ou pedaços de gelo, separadamente ou aglomerados em blocos irregulares; saraiva, chuva de pedra”. Embora o dicionário use como sinônimo de chuva de pedra na definição, essa lexia não vem dicionarizada. *Chuva de gelo* também não está dicionarizada.

O fenômeno denominado Arco-íris (08), e a carta correspondente, não apresentaram qualquer variante, dentre as muitas disponíveis na língua portuguesa, e presentes nos Atlas estaduais.

Na Carta Orvalho (09), a homônima representa 60% dos registros e na Carta Cerração (10) essa lexia aparece em 50% dos registros, seguida de *neblina*, com 38%, *nevoeiro*, com 10% e *sereno*, com apenas 2%. O dicionário

define *orvalho* como a “umidade da atmosfera, que se condensa (principalmente durante a noite) e se deposita, em forma de gotículas, sobre qualquer superfície fria; relento, rocio, e como “chuva muito miúda; chuvisco”. *Sereno* seria um “tênue vapor atmosférico, noturno; relento” ou “chuva fina e pouco duradoura”. Por sua vez, *cerração* é definida como um “nevoeiro espesso”. *Neblina*, do espanhol, “névoa densa e rasteira; nevoeiro”. E *nevoeiro* “nebulosidade que se forma nas camadas inferiores da atmosfera, próximo ao solo, constituída de grande número de gotículas de água em suspensão no ar, do que resulta ficar muito reduzida a visibilidade”. Enfim, esta carta mostra uma riqueza sinonímica de tênues delimitações.

### 7.1.3. ATIVIDADES AGROPASTORIS

Sobre o campo semântico Atividades Agropastoris, elaboramos a carta Amendoim (11), que apresenta apenas essa lexia homônima variante. Essa lexia, do tupi, poderia ter as variantes *amendoí*, *amendoís*, *mandobi*, *mandubi*, *mendubi*, *menduí*, *mindubi*, segundo *Ferreira*, das quais nenhuma foi encontrada em São Francisco do Sul.

A carta Penca (12), resultante da questão “...cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?”, apresenta o registro da variante *penca* junto a todos os informantes. Dicionarizada, e de origem obscura, é definida como um “Conjunto ou esgalho de flores ou frutos”.

Para as “...duas bananas que nascem grudadas?”, da Carta Inconha (13), a variante, de base tupi *inconha*, predomina nas respostas dos informantes, seguida de *gêmeas*. Quanto às variáveis sociais, *inconha* realizou-se na fala dos jovens em 10 registros, e 17 entre os idosos. Esse fato parece indicar um processo

de mudança no uso de uma variante mais antiga. Quanto a *gêmeas*, a maior frequência está entre os jovens (5 registros), indicando pois uma variante inovadora.

*Inconha* está dicionarizada sob a forma *inconho*, do tupi, que significa o fruto que nasce pegado a outro.

Para a Carta Parte Terminal da inflorescência da bananeira (14), obtida com a resposta para como se chama “a ponta roxa no cacho da banana?”, a variante *umbigo* representa 88% das ocorrências.

Para a pergunta que indaga sobre “o que sobra quando se tiram todos os grãos do milho?”, a Carta Sabugo (15) indica que a forma predominante é *sabugo*, com 82% das respostas, seguida de *soca*, com 13%. Ambas estão dicionarizadas. *Sabugo*, do latim *sabucu*, ‘sabugueiro’, que compreende a medula do sabugueiro. E *soca*, do tupi, “a segunda produção da cana depois de cortada a primeira”.

A Carta (16) sobre “a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?” traz como forma predominante, com 96%, a variante *canga* e apenas uma ocorrência de *cangalha*. Ambas as variantes estão dicionarizadas, constituindo-se a primeira em “peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado; jugo. E *cangalha* em “peça de três paus, unidos em triângulo, que se enfia no pescoço dos porcos para não destruírem hortas cultivadas”.

#### 7.1.4. FAUNA

O campo semântico da Fauna traz oito cartas. A carta Urubu (17), sobre “a ave preta que come animal morto, podre?” traz 80% de registros para *urubu* e 20% para *corvo*, forma bastante produtiva entre os idosos. A Carta 18 – que

indaga sobre “o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?” mostra a variante *beija-flor* em 94% das respostas e dois registros para *colibri*. Para a “ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?”, a carta (19) indica que a variante *angolista* é a mais produtiva, com 66% das respostas, seguida de *galinha d’angola*, com 26% das respostas, “*tô fraco*”, com 5% e “*mourisco*”, com 3%; essas duas últimas registradas apenas entre os jovens. Para a “ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?” e para “o bicho que solta um cheiro muito ruim quando se sente ameaçado?” as cartas Papagaio (20) e Gambá (23) apresentam, respectivamente, *papagaio* e *gambá* como únicas respostas. A carta Sura (21), que contém as respostas para “a galinha sem rabo?” mostra que 55% dos informantes apresentam a variante *sura* seguida de *pitoca*, com 35% das respostas, e *toca/cotoca* com apenas 4 registros. *Sura* e *pitoca* parecem indicar variantes diageracionais, uma vez que *sura* apresenta 13 registros na faixa idosa e apenas 3 na faixa jovem. Com *pitoca*, deu-se o contrário, 8 registros na faixa jovem e apenas 2 na faixa idosa. *Sura* foi registrada preferencialmente nas respostas dos homens idosos, com 7 registros, e apenas 1 do homem jovem. Para “um cachorro de rabo cortado?”, a Carta Cotó (22) traz a lexia *pitoco*. Finalmente, a carta Chifre (24) mostra que, para a questão “o que o boi tem na cabeça?”, a forma predominante é *chifre*, registrada por todos os informantes. Os dois registros de *galho* ocorreram entre os informantes da faixa idosa.

#### 7.1.5. CORPO HUMANO

Para o campo semântico Corpo Humano elaboramos seis cartas. Os informantes registraram *vesgo* para “a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?”, na Carta Vesgo (25).

A questão que busca saber a denominação “da bolinha que nasce na (item 89), fica vermelha e incha?”, mostra a Carta Viúva (26), na qual *viúva* e *viúvo* foram as variantes registradas, constituindo-se em variação morfológica e não propriamente lexical.

Na Carta Presa (27), para “dois dentes pontudos?”, a variante homônima, foi registrada com 57%, seguida de *canino* com 42%, indicando implantação gradativa da forma inovadora.

Para os dentes “que nascem por último, quando já somos adultos”, na Carta Siso (28), *siso* se fez presente em 92% das respostas.

Na Carta Pessoa de pernas arqueadas (29), para “a pessoa de pernas curvas?” *cambaio* representou 56% das respostas, seguida de *garrincha*, *perna torta*, *cambeta* e *perna de alicate*. Na Carta Cócegas (30), “que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?” dentre as duas lexias apontadas, *cócegas* representou um pouco mais da metade, com 58% das respostas, seguida de *curica* que também foi registrada em pontos lingüísticos do ALPR.

#### 7.1.6. CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

As três cartas elaboradas a fim de verificar as variantes para o campo semântico de Convívio e comportamento social mostram: na Carta Mau pagador (31), que a lexia predominante é *velhaco*, com 86% dos registros, que está dicionarizado como adjetivo proveniente do espanhol *bellaco*, que significa: que ludibria de propósito ou por má índole. *Caloteiro*, que surge com apenas 8%,

aparece somente na faixa idosa, portanto, com caráter diageracional. *Trapaceiro* foi registrado somente nas respostas das mulheres, constituindo-se, portanto, de outra variante diagenérica. A variável diatópica não se mostrou relevante.

Na Carta Cigarro de Palha (32), que buscou “que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?”, *palheiro* evidenciou-se com 63% das respostas, seguida de *cigarro de palha*, com 12% e *fumo, palha e fumo de corda* com baixa produtividade. Diageracional, diagenérica e diatopicamente a influência não se verifica.

O dicionário Aurélio traz quanto ao “o resto do cigarro que se joga fora?” uma grande diversidade de variantes, *bagana, beata, bituca, chica, góia, menor, piola, ponta, prisca, pucho, vinte, vintes, xepa*. A Carta Toco de Cigarro (33), do ALSFS, reflete em parte essa riqueza de variantes, na qual *xepa* é registrada com 31% das respostas e *bia* com 24%. Enquanto *xepa* está distribuída dentre as faixas etárias, *bia* se revela diageracional, com apenas 1 resposta na faixa jovem e 12 na faixa idosa. Além dessas variantes, a carta apresentou ainda *bituca, bagana, bagaço, bega*.

#### 7.1.7. JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

No campo semântico Jogos e diversões infantis, dentre as variantes para “a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?”, na carta Cambalhota (34), ocorreu produtividade maior nos registros de *carambota*, com 66% das respostas, seguida das variantes: *cambalhota, calhambota e cambota*. Delas, *carambota* e *calhambota* não são dicionarizadas. *Cambalhota* e *cambota* são dicionarizadas como lexias sinônimas. Diatopicamente, *carambota* foi registrada por

todos os informantes de cinco pontos lingüísticos, portanto, sexo e idade também são fatores que não atuam na preferência pelo vocábulo.

No dicionário Aurélio, *gude* é um jogo infantil em que se procura fazer entrar em três buracos bolinhas de vidro, ou os carocinhos pretos do fruto do saboeiro, ganhando o jogador que chega primeiramente de volta ao buraco. A pergunta, como você chama as “coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?”, busca as variantes para esse pequeno objeto utilizado na brincadeira em questão, na Carta Peca (35), 78% dos registros apontaram *peca* como a lexia predominante, seguida de *bola de gude*. *Bola de gude* não está dicionarizada.

A carta Setra (36), que investiga “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?”, apresenta a variante *setra*, com 74%, e a distribuição diatópica ocorre semelhantemente ao que aconteceu com *peca*, ou seja, para essa lexia também houve os registros em primeira ocorrência em 6 pontos de inquéritos. Diagenericamente, apenas um idoso homem não mencionou *setra*, ponto 03, ao passo que todos os outros informantes das duas faixas etárias, de ambos os sexos e em todos os pontos a elegeram. *Setra* é alteração de *seta*, está dicionarizada assim como *estilingue* (do inglês) e *funda*.

As denominações para uma outra brincadeira infantil muito comum que tem “uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe outra desce?”, foram registradas na carta Gangorra (37), e apresenta o registro de *gangorra* em 77% das respostas. *Balança* é a lexia dos informantes idosos em 6 dos 7 registros e *burra* é registrada apenas em um ponto e na fala de apenas um idoso. *Burra* pode estar associada às próprias variantes

dicionarizadas que apontam como sinônimo do brinquedo: *arre-burrinho*, *burrica*, *coxipim*, *jangalamarte*, *zangaburrinha*, *zangaburrinho*, dentre outras.

Para o aparelho que, de acordo com Aurélio, consiste num assento composto de travessa, tábua e cadeirinha, suspenso pelas extremidades por cordas ou correntes, onde as pessoas se sentam para se balançarem, e para o qual traz os sinônimos *balouço* e *embalo*. Elaboramos a Carta Balanço (38), e as lexias variantes do brinquedo”, consideradas as respostas *balança* e *balanço* uma só lexia, juntas representaram 94% de registros. Diagenericamente, os homens registraram *balança* (11 registros) e as mulheres *balanço* (com 12 registros). Diatopicamente não houve influência nos dados.

Para “a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?, a carta Amarelinha (39) registrou 74% de *amarelinha* e 28% de *macaca*. Ambas estão dicionarizadas. *Macaca* revela-se variante diageracional com 10 registros na faixa idosa e apenas 1 na jovem. A terceira lexia registrada foi *céu* e *inferno*, com apenas 2 registros, e não dicionarizado. Diatopicamente, não houve influência.

#### **7.1.8. HABITAÇÃO**

A Carta Vaso Sanitário (40) foi a única elaborada do campo semântico Habitação. Assim sendo, para “quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?”, traz *bacio* como a variante mais produtiva com 54% das respostas. Essa lexia provém do latim tardio *bachinnon*, possivelmente pelo gascão (relativo à Gasconha, França), e sinônima de urinol. *Vaso*, que é definido como qualquer objeto côncavo para conter substâncias

líquidas, obteve 36% dos registros. *Privada*, 10% dos registros, é sinônimo de latrina, e o dicionário Aurélio não menciona sua origem. *Patente* e *trono* não são dicionarizadas na acepção da carta. As variantes se distribuem sem influências, diageracionais, diagenéricas ou diatópicas.

### 7.1.9. ALIMENTAÇÃO E COZINHA

Para o campo semântico Alimentação e cozinha elaboramos a Carta Empanturrado (41). Dessa forma, para a questão “quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: “Comi tanto que estou...?””, registrou-se *cheio*, com 22% dos registros, *ansiado* com 18%, *estufado* com 12%, *estourando* com 10%, *satisfeito* com 10%, *agoniado* com 10% e *empanzinado* com 10% e *passando mal* com apenas 4%, demonstrando uma grande variação e riqueza lexical. Todas as variantes estão dicionarizadas como sinônimas. Dentre elas, *empazinado* chama atenção pela formação que vem de empazinar [De em + esp. Panza [> pança] + inar], portanto, possível influência espanhola no léxico francisqueense. Quanto às outras, não se faz menção à origem.

Diageracionalmente, enquanto *cheio* se distribui em todas as faixas etárias, temos que *ansiado* é a lexia preferida da faixa idosa com 8 registros, enquanto é registrada apenas uma vez na faixa jovem. Diatopicamente, as lexias estão por todos os pontos lingüísticos.

### 7.1.10. VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

Escolhemos elaborar a carta Rouge (42), no campo semântico de Vestuário e Acessórios, que melhor representa as variantes diageracionais. Ao indagar os informantes quanto a “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?”, os registros mostram nitidamente que *rouge* é uma variante diageracional, relacionada à faixa dos idosos (13 registros), sem nenhum registro entre os jovens. E *blush* igualmente é variante diageracional, porém relacionada à faixa dos jovens, com apenas 1 registro na faixa idosa e 11 na

faixa jovem. Além dessas lexias, houve entre os informantes homens 5 não-respostas, ainda entre eles 3 registros de *pó-de-arroz*, 1 de *sombra* e 1 de *maquiagem*, evidenciando-se como lexia de interesse do universo feminino, com 16 registros distribuídos entre *rouge* ou *blush*. Apenas duas informantes não responderam.

Diatopicamente, não há observação a ser feita. As lexias são distribuídas dentre os pontos lingüísticos aleatoriamente. Quanto à dicionarização, a forma francesa *rouge* não está dicionarizada no Aurélio, que registra *ruge* abasileirada. *Blush* igualmente não se verifica nesse dicionário. *Pó-de-arroz*, tem como definição “pó finíssimo que se aplica à epiderme do rosto, para absorver a gordura da pele e dar certa coloração à *cútis*”.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul* (ALSFS) apresenta como maior contribuição a descrição lingüística, ainda diferenciada da região, quanto ao universo maior de informantes, ou seja, uma pesquisa que considerou o nível pluridimensional e pôde apontar caminhos para a descrição de uma parcela da língua que apresenta, por exemplo: (i) particularidades, como a aspiração de /t/ e /d/, não registrada no ALERS; (ii) coincidências com os registros do ALERS como a preferência pela ditongação em vogais tônicas finais seguidas de /s/, e o não alçamento de /o/ em /u/ pré-tônico; (iii) fenômenos fônicos mais gerais do português brasileiro, como a monotongação de /aj/, /ej/ e /ow/ e (iv) cartas elaboradas para o ALSFS, não constantes no ALERS, que relevam variantes diastráticas como a manutenção/não-manutenção de encontro consonantal e realização de /l/ em /r/ em encontros consonantais do tipo pl e cl.

Lexicalmente, percebe-se (i) uma tendência à homogeneização lingüística verificável em cartas como *arco-íris*, *gambá* e *papagaio*, que não trouxeram outra variante e em cartas como *granizo*, em que essa lexia mais próxima da norma culta prevalece em detrimento de outras, locais ou próprias do falar rural, como *chuva de pedra* ou *chuva de gelo*, (ii) cartas que apontam para variantes diageracionais, como *beija-flor/colibri*; *sura/pitoca*; *rouge/blush*; *macaca/amarelinha*; (iii) variantes populares registradas mais freqüentemente em determinadas regiões catarinenses correspondendo com cartas de outros Atlas: *seta/setra*; *curica* (ALPR); (iv) outras que criam expectativas para o traçado de isoglossas no Estado, como a extensão da lexia *bia*, para toco de cigarro; (v) variantes que parecem próprias da

região como, *ansiado*, *angolista*; *bacio*, *velhaco* (vi) inovações como *garrincha* para pessoa de pernas arqueadas.

Com relação a poder afirmar se há um falar francisquense, percebemos que, quanto aos aspectos fonético-fonológicos, (i) a aspiração em /t/ /d/ revela-se marcante da localidade de São Francisco do Sul e (ii) o /r/ retroflexo, não registrado no ALERS, surge como uma inovação no falar francisquense. Lexicalmente, os dados não permitem afirmar que determinadas variantes são exclusivamente francisquenses – locais-, quando parecem se caracterizar em lexias regionais a serem comprovadas com a publicação dos demais volumes do ALERS.

Este trabalho, como o próprio título deixa transparecer, não é um Atlas concluído, uma vez que abordamos parte do material coletado e esperamos, não só elaborar novos volumes com os demais dados, como proceder à análise mais detalhada das cartas segundo os princípios da Geolingüística pluridimensional.

## 9. REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacira Andrade (orgs.). **Documentos I: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. 2004
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico de Ortigueira** (Inédito/no prelo).
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Esboço de um atlas lingüístico de Londrina**. Londrina: Prefeitura Municipal de Londrina e Curitiba: CONCITEC, 1987.
- ALTENHOFEN, Cléo. Áreas lingüísticas do Português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.
- ALTINO, Fabiane Cristina. **Pelos caminhos da Geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina. 2001.
- ALVAR, Manuel. **Estructuralismo, Geografía Lingüística y Dialectología**. Madrid: Gredos, 1969.
- ARAGÃO, Maria do Socorro da Silva. Os estudos geolingüísticos no Brasil: dos Atlas regionais ao ALIB. In: MOTA, Jacira; CARDOSO, Suzana (Orgs.). **Documentos 2. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.
- BRANDÃO, Silva Figueiredo. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRANDÃO, Silva Figueiredo. Sobre a palatalização num dialeto brasileiro. **Actes du XXII<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Vol III**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2000.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialectologia no Brasil: Perspectivas**. **DELTA**, São Paulo, v 15, n. spe, 1999.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir**. **DELTA**, São Paulo, v. 17, n. spe, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. **Dialectologia brasileira: o Atlas Lingüístico do Brasil**. Rev. ANPOLL, n.8, p.41-57, jan./jun.2000.

CARVALHO, Castelar. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASTRO, Vandersí Sant'ana. **Os questionários do Atlas lingüístico do Brasil**. Estudos Lingüísticos, p. 1091-1096, 2004.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros. 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (BRASIL). **Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001**: Londrina: Eduel, 2001.

COSERIU, Eugenio. **O homem e a sua linguagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. 3ª ed. Curitiba: Positivo. 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Nova Fronteira. 1986.

FERREIRA, Carlota da Silva et alii. **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987. 361 p.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Susana Alice. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Influência açoriana no português do Brasil de SC**. Florianópolis: UFSC, 1989.

IMAGUIRE, Lígia, M. C. **Estudo com vistas a um Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina: Abordagem de aspectos semânticos e lexicais**. 1999. 554f. Dissertação (Mestrado), USP: São Paulo, 2000).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000** Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. XXXII Volume, Rio de Janeiro. 1959.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas Regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

- KOCH, Walter; KLASSMAN, Mário; ALTENHOFEN, Cléo. **Atlas Lingüístico – Etnográfico da Região Sul do Brasil**. V.I e II. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora da UFRGS/ Editora da UFSC/ Editora da UFPR. 2002.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- LINO, Fádua Moisés, **Estudo sociogeolingüístico de Cândido de Abreu (PR)**. Londrina, 2000. Dissertação (Mestrado), UEL, Londrina, 2000.
- LINS, Hoyêdo Nunes. O porto e sua expressão econômica. In: SANTOS, Silvio Coelho; NACKE, Aneliese; REIS, Maria José. **São Francisco do Sul: muito além de Gonneville**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madri: Gredos, 1993.
- MOLLICA; BRAGA (Org.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, José Lemos **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MONTES GIRALDO, José Joaquín. **Dialectología general e hispano-americana**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.
- MOTA, Jacira; CARDOSO, Suzana. **Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros**. In: MOTA, Jacira; CARDOSO, Suzana. **Documentos 2. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.
- MOTA, Jacira; CARDOSO, Suzana.(Orgs.). **Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.
- NACKE, Aneliese. São Francisco do século XXI. In: SANTOS, Silvio Coelho; NACKE, Aneliese; REIS, Maria José. **São Francisco do Sul: muito além de Gonneville**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.
- NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, v. I, 1958. v.II, 1961.
- OLIVEIRA, D.O. (org.). **Atlas lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)**. 1.ed. Campo Grande: editora UFMS, 2007.
- OLIVEIRA, Maria José Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Maria José Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida.Negri. **As ciências do léxico**. 2. ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001.
- PEREIRA, Carlos da Costa. **História de São Francisco do Sul** Florianópolis: Editora da UFSC, Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul, 1984.
- PEREIRA, Regiane. **Atlas lingüístico do município de Ponta Porã MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai**. 2006. Dissertação (Mestrado) UFMS, Campo Grande, 2006.

RAZKY, Abdelhak, LIMA, Alcides, OLIVEIRA, Marilúcia. Atlas Lingüísticos: contribuição para o ensino básico. In: MOTA, Jacira; CARDOSO, Suzana. **Documentos 2. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém, 2004. CD-ROM. ISBN 85904127-1-7.

ROSSI, Nelson et alii. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANTOS, Silvio Coelho. Notícia sobre os Carijó. In: SANTOS, Silvio Coelho; NACKE, Aneliese; REIS, Maria José. **São Francisco do Sul: muito além de Gonneville**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SANTOS, Silvio Coelho; NACKE, Aneliese; REIS, Maria José. **São Francisco do Sul: muito além de Gonneville**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SEIBEL, Nelci Terezinha (Org.). **São Francisco do Sul 500 anos: construções históricas**. 1 ed. Joinville, SC: S&A Editora, 2004.

SILVA CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. 2.ed. Belém: CNPQ/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no métodos**. 3ª ed. Presença: Rio de Janeiro. 1977.

SOARES, Doralécio. **Folclore Catarinense**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. Série Princípios: 7 ed. São Paulo, 2000. Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

TARALLO. **Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

ZÁGARI, Mario et alii. Fundação Casa de Rui Barbosa: Universidade Federal de Juiz de Fora. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**, I. Rio de Janeiro, 1977.

ZILLES, Ana Maria Stahl. (Org.). **Estudos da variação lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2005.

#### JORNAIS CONSULTADOS

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. Rumo aos 500 anos. Diário Catarinense. Caderno 1. Domingo, 21 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. O encontro. Diário Catarinense. Caderno 2. Domingo, 22 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. A fundação. Diário Catarinense. Caderno 3. Domingo, 23 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. A lei na nova vila. Diário Catarinense. Caderno 4. Domingo, 24 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. As riquezas. Diário Catarinense. Caderno 5. Domingo, 25 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. Peste mata e causa pânico. Diário Catarinense. Caderno 6. Domingo, 26 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. O fim da era da escravidão. Caderno 7. Domingo, 27 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. O progresso nas linhas de trem. Diário Catarinense. Caderno 8. Domingo, 28 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. Em cada esquina, novas atrações. Diário Catarinense. Caderno 9. Domingo, 29 de abril de 1999.

SÃO Francisco do Sul. Berço da colonização de Santa Catarina. Ao casarões. Diário Catarinense. Caderno 12. Domingo, 02 de maio de 1999.

## **ANEXOS**

## QUESTIONÁRIO ADAPTADO COM BASE NAS QUESTÕES DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL<sup>14</sup>

### Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

1. TERRENO Onde se constrói uma casa? [O que é preciso para construir uma casa]?
2. PRATELEIRA ... aquilo assim [mímica] onde a se colocam objetos (latas de mantimentos na cozinha, livros no gabinete, enfeites na sala ...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?
3. CAIXA Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de uma... ?
4. TESOURA ... o objeto com que se corta tecido
5. TRAVESSEIRO ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?
6. LUZ Quando está escuro é porque faltou o quê... ? [Quando falta energia é que ficou sem...?]
7. LÂMPADA ... aquilo que acende para ligar a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?] [...aquilo que se acende quando se liga o interruptor? se estiver queimada a casa fica no escuro ?]
8. ELÉTRICO Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa?
9. TORNEIRA ... aquilo que fica na pia, que se abre quando se quer lavar as mãos?
10. FECHA Uma pessoa passa e deixa a porta aberta. Como é que se diz para que a porta não fique aberta? Fulano, ... a porta
11. FÓSFORO ... aquilo que se usa [mímica] para acender o fogo?
12. PÓLVORA ... aquilo que se coloca nos foguetes para que eles estourem?
13. VARRER Para limpar o chão é preciso ....? [mímica]
14. ALMOÇO ... uma refeição que se faz, em geral, ao meio-dia?
15. RUIM Uma comida pode estar boa ou ...
16. ARROZ O que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
17. GORDURA A carne de porco não é magra porque tem ... ?

<sup>14</sup> Os números entre parênteses referem-se ao número das questões no questionário original.

18. GRELHA ... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.? ...aquilo que se coloca em cima do fogão para assar carne, peixe, etc.?
19. PENEIRA ... aquele objeto que se usa na cozinha para passar [mímica] farinha, lavar o arroz, etc.?
20. LIQUIDIFICADOR/LIQUIDIFICADOR ... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?
21. FERVENDO Quando a água da panela está muito quente, cheia de bolinhas [borbulhando], se diz que ela está ... ?
22. SAL Para temperar uma comida é preciso botar ... ? O que é preciso colocar na carne para temperar?
23. TOMATE ... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
24. CASCA Para comer uma banana, se tira a ... ?
25. ABÓBORA ... aquilo que dá no chão, grande [mímica], com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro que se cozinha para comer, para fazer doce?
26. MANTEIGA ... aquilo que se faz da nata do leite e se passa no pão?
27. BONITO O que não é feio é ...? Qual o contrário de feio?
28. ÁRVORE O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
29. PLANTA Para ter flores no jardim, o que é que a gente faz ... ? Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem...?]
30. MONTAR Para viajar de cavalo a gente tem que [mímica] .... ? Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (mímica)?
31. ABELHA ... um inseto que também carrega o pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso [espesso], amarelado, que é usado como alimento e como remédio ?
32. MEL E o que é que a abelha fabrica?
33. BORBOLETA ... um inseto que tem as asas bonitas, coloridas, carrega nas patas o pólen das flores? ...um bichinho que voa e tem asas bonitas e coloridas?
34. TEIA ... aquilo que a aranha faz nas paredes?
35. RATO ... o bichinho que o gato persegue [caça]?
36. PEIXE O que é que se pesca nos rios, no mar?
37. REMANDO Quando se faz assim [mímica] numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?

38. NOITE Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a ... ?
39. DIA E depois da noite vem o ... ?
40. SOL... aquilo que brilha no céu de dia?
41. SÁBADO ... o dia que vem depois de sexta-feira?
42. CALOR No inverno faz frio. E no verão?
43. TARDE O contrário de cedo é ... ?
44. TRÊS Depois de dois vem o... ?
45. DEZ Depois do nove vem o ... ?
46. CATORZE/QUATORZE Depois do treze?
47. NÚMERO Quatorze não é uma letra, é um ... ?
48. ESTRADA Para ir de uma cidade a outra as pessoas vão pela ... ? Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?
49. POÇA ... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?
50. DESVIO Quando uma parte da estrada fica interdita [interrompida/bloqueada], porque uma ponte caiu ou se abriu um buraco muito grande no meio dela, o que é que se faz, ao lado, para que as pessoas possam passar?
51. PLACA E o que é que se põe nos pára-choques dos carros para identificar, uma coisa assim [mímica], com números ? O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios?
52. BICICLETA ... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
53. PNEU ... aquilo que o carro tem: preto, de borracha, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?
54. PASSAGEM...aquilo que se compra para poder viajar de ônibus de uma cidade para outra? ...aquilo que se paga para poder viajar?
55. MUITO O contrário de pouco é ... ?
56. TRABALHAR Quem quer ganhar dinheiro, precisa... ?

57. EMPREGO Para trabalhar e ganhar dinheiro é preciso procurar um ...
58. INÍCIO Quando uma coisa está terminando, se diz que está no fim. E quando está começando, como é que se diz?
59. PREFEITO Para governar uma cidade se elege o ... ? Quem dirige a cidade?
60. ESCOLA Onde as crianças estudam? Onde as crianças vão para aprender a ler?
61. GIZ ...aquilo branquinho, assim [mímica para tamanho] que serve para escrever no quadro, na escola?
62. BORRACHA ...aquele objeto que serve para apagar o papel quando o que se escreveu está errado?
63. RASGAR Fazer assim [mímica] em um papel é ... ?
64. AZUL Que cor é esta ? [mostrar]
65. BRASIL ... o nosso país?
66. BANDEIRA ...aquilo que representa o país, que os soldados prestam juramento, nos quartéis [que é verde, amarelo, azul e branco?]
67. SOLDADO ...o indivíduo que vai para a guerra defender o país? ... a pessoas que usa farda, que vive em quartel? [tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]
68. CORREIO Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?
69. LIQUIDAÇÃO/LIQUIDAÇÃO As lojas baixam o preço. O que elas estão fazendo? (De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?)
70. CALÇÃO Os jogadores de futebol usam camiseta e ...? Os jogadores de futebol aqui (apontar) usam camiseta. E aqui (apontar) o que é que usam?
71. UNIÃO Para vencer uma luta, resolver um problema é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja ... ?
72. ADVOGADO Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?
73. QUESTÃO Procura-se o juiz para resolver a ....? [Quando você/o (a) senhor (a) não quer muito uma coisa, você/o senhor (a) diz: Eu não faço...]
74. PEGO Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você diz: O ladrão foi \_\_\_\_\_ pela polícia

75. CERTO Se não está errado, está ... ? Qual o contrário de errado?
76. MENTIRA Uma pessoa lhe conta um fato que você acha que não é verdade. Você diz que é uma... ?
77. PROCESSÃO Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz levando uma imagem de um ponto a outro?
78. SANTO ANTÔNIO Qual é o santo casamenteiro, que se festeja a 13 de junho?
79. PERDÃO Quando se comete um pecado, deve-se pedir ...?
80. ORELHA ... esta parte? [mostrar]
81. OUVIDO E esta parte aqui dentro? [mostrar]
82. DENTE E isto? [mostrar]
83. PEITO Onde a criança mama na mãe? A carne branca da galinha se chama carne do...?
84. FÍGADO ... o órgão que fica aqui [mostrar] que adocece se a pessoa bebe demais?
85. COSTAS Aqui (mostrar) é a frente e aqui (mostrar)?
86. UMBIGO Aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?
87. JOELHO ... esta parte? [mostrar]
88. CASPA ... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?
89. BANHO Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?
90. VÔMITO O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal ?
91. HOMEM Adão foi o primeiro ...
92. MULHER E Eva foi a primeira... ?
93. FAMÍLIA Pai, mãe, filhos juntos, formam uma ... ?
94. TIO O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?
95. GENRO O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?
96. ALTA Uma pessoa que mede 1 metro e 90, 2 metros é ... ?

97. BAIXA Uma pessoa que não é alta é ... ?
98. LOURA .... a pessoa que tem os cabelos claros e amarelados? A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros e amarelados?
99. VOZ Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa ...?
100. DOIDO ...uma pessoa que é não é boa da cabeça ? [mímica] Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?
101. VELHO Um sapato que não é novo é ... ?
102. SANDÁLIA ...aquilo que se calça, aberto, usado no verão, trançadinho, pode ter uma tira para prender no dedo ou no calcanhar [mímica] ?
103. MEIA ...aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?
104. BRAGUILHA As calças dos homens têm uma abertura na frente que é a ... ? (Se você encontra um conhecido com a calça aberta, você diz: Fulano, fecha a ...?)
105. ANEL O que é que se usa aqui no dedo ? [ou mostrar]
106. BEIJAR Fazer assim [beijar] é ... ?
107. DORMINDO A pessoa que não está acordada, está...(mímica)?
108. ASSOBIO Como se chama isto ? [assobiar]
109. PERDIDA Quando não se acha uma coisa, ela fica ...?
110. ENCONTRAR Quando se perde uma coisa, se vai procurar até... ?
111. PERGUNTAR Quando uma pessoa quer saber uma coisa ela vai ... ?
112. SAIR O contrário de entrar é ... ?
113. PAZ Se a pessoa não quer ser incomodada, ela diz: Me deixe em ...
114. MÊSMA Uma pessoa usa uma roupa num dia. No outro dia, se ela não tem outra roupa, ela usa a ...?[Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas tem a ... sogra.]
115. HÓSPEDE Em uma pensão, um hotel, as pessoas que se hospedam lá são o quê?
116. ESQUERDO Esse lado é o direito e esse é o ... ?

117. MORREU Quem não está mais vivo é porque já \_\_\_\_\_?

### QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

#### ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1 - CÓRREGO / RIACHO - Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

2 – PINGUELA - Como se chama aqui um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um... (item 1)?

3 – FOZ - Como se chama aqui o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?

4 - REDEMOINHO (DE ÁGUA) - Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?

5 - ONDA DE MAR - Como se chama aqui o movimento da água do mar?

#### FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

6 - REDEMOINHO (DO VENTO) - Como se chama aqui o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

7 – RELÂMPAGO - Como se chama aqui um clarão que surge no céu em dias de chuva?

8 – RAIOS - Como se chama aqui uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

9 – TROVÃO - Como se chama aqui o barulho forte que se escuta logo depois de um (item 9)?

10 - TEMPORAL/TEMPESTADE/VENDAVAL - Como se chama aqui uma chuva com vento forte que vem de repente?

11 - CHUVA DE PEDRA - Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

12 - ARCO-ÍRIS - Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?

13 – GAROA - Como chamam aqui uma chuva bem fininha?

14 – ORVALHO - De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

15 - NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA - Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

#### ASTROS E TEMPO

16 - ESTRELA MATUTINA/VÊNUS/ESTRELA DA MANHÃ/ESTRELA D'ALVA - De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

17 - ESTRELA VESPERTINA/VÊNUS/ESTRELA DA TARDE - De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?

18 - ESTRELA CADENTE/ESTRELA FILANTE/METEORO/ZELAÇÃO - De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco. Como chamam isso?

19 - MUDAR/CORRER UMA ESTRELA - E quando se vê uma ... (item 31), como é que se diz?

20 - VIA LÁCTEA/CAMINHO DE SANTIAGO - Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que corta o céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

#### ATIVIDADES AGRO-PASTORIS

21 - TANGERINA/MEXERICA - Como se chama aqui as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

22 – AMENDOIM - Como se chama aqui o grão coberto por uma casquinha dura, que se

come assado, torrado ou moído?

23 – CAMOMILA - Como se chama aqui umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê e até de adulto e também para acalmar?

24 – PENCA - Como se chama aqui cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

25 - BANANA DUPLA/FELIPE/GÊMEAS - Como se chama aqui duas bananas que nascem grudadas?

26 - PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/UMBIGO/CORAÇÃO - Como se chama aqui a ponta roxa no cacho da banana?

27 – SABUGO - Quando se tira da espiga todos os grãos do milho, o que sobra?

28 - VAGEM DO FEIJÃO/BAINHA - Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?

29 - MANDIOCA/AIPIM - Como se chama aqui aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

30 – MANDIOCA - Como se chama uma raiz parecida com (item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

31 - CARRINHO DE MÃO - Como se chama aqui um veículo de uma roda, empurrado por pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?

32 - HASTES DO CARRINHO DE MÃO - Como se chama aqui as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o (a) (item 52)?

33 – CANGA - Como se chama aqui a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? *Mostrar gravura.*

34 - JACÁ/BALAIÓ - Como se chama aqui aqueles objetos de vime, de taquara, de cipó trançado(s), para levar batatas, (mandioca/macaxeira, aipim etc.), no lombo do cavalo ou do burro?

35 - TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA - Como se chama aqui o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?

36 - PICADA/ATALHO ESTREITO - O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

37 - TRILHO/CAMINHO/ VEREDA/TRILHA - Como se chama aqui o caminho no pasto onde não cresce mais grama de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

## FAUNA

38 – URUBU - Como se chama aqui a ave preta que come animal morto, podre?

39 – COLIBRI/BEIJA-FLOR - Como se chama aqui passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

40 - GALINHA-D'ANGOLA/GUINÉ/COCAR - Como se chama aqui ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

41 – PAPAGAIO - Como se chama aqui ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

42 – SURA - Como se chama aqui uma galinha sem rabo?

43 – COTÓ - Como se chama aqui um cachorro de rabo cortado?

44 – GAMBÁ - Como se chama aqui o bicho que solta um cheiro muito ruim quando se sente ameaçado?

45 – CHIFRE - O que o boi tem na cabeça?

46 - BOI SEM CHIFRE - Como se chama aqui o boi sem (item 77)?

47 – ÚBERE - Em que se chama aqui a parte da vaca fica o leite?

48 – MANCO - Como se chama aqui o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?

49 - MOSCA VAREJEIRA - Como se chama aqui um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

50 - LIBÉLULA - Como se chama aqui o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

51 - BICHO DE FRUTA - Como se chama aqui aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

52 – CORÓ - Como se chama aqui aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

53 – PERNILONGO - Como se chama aqui aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido da gente, de noite? *Imitar o zumbido.*

## CORPO HUMANO

54 - PÁLPEBRAS/CAPELA DOS OLHOS - Como se chama aqui esta parte que cobre o olho? *Apontar.*

55 – CISCO - Como se chama aqui alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

56 - CEGO DE UM OLHO - Como se chama aqui a pessoa que só enxerga com um olho?

57 – VESGO - Como se chama aqui a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?

58 – MÍOPE - Como se chama aqui a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

59 – TERÇOL/VIÚVA - Como se chama aqui a bolinha que nasce na (item 89), fica vermelha e incha?

60 – CONJUNTIVITE/DOR D'OLHOS - Como se chama aqui a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

61 - DENTES CANINOS/PRESAS - Como se chama aqui esses dois dentes pontudos? *Apontar.*

62 - DENTES DO SISO/DO JUÍZO - Como se chama aqui os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

63 - DENTES MOLARES/DENTE QUEIRO - Como se chama aqui esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos (item 98)? *Apontar.*

64 – DESDENTADO/BANGUELA - Como se chama aqui a pessoa que não tem dentes?

65 – FANHOSO/FANHO - Como se chama aqui a pessoa que parece falar pelo nariz?

66 – MELECA/TATU - Como se chama aqui a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

67 – SOLUÇO - Como se chama aqui este barulhinho que se faz?

68 - POMO-DE-ADÃO/GOGÓ - Como se chama aqui esta parte alta do pescoço do homem?

69 – AXILA - Como se chama esta parte aqui? *Apontar*

70 - CHEIRO NAS AXILAS - Como se chama aqui o mau cheiro embaixo dos braços?

71 – CANHOTO - Como se chama aqui a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?

72 – SEIOS / PEITO - Como se chama aqui a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

73 – VOMITAR - Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr / botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?

74 – ÚTERO - Como se chama aqui parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?

75 – PERNETA - Como se chama aqui a pessoa que não tem uma perna?

76 – MANCO - Como se chama aqui a pessoa que puxa de uma perna?

77 - PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS - Como se chama aqui a pessoa de pernas curvas?

78 – RÓTULA/PATACA - Como se chama aqui o osso redondo que fica na frente do joelho?

79 – TORNOZELO - Como se chama aqui isto?

80 – CALCANHAR - Como se chama aqui isto?

81 – CÓCEGAS - Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?

#### CICLOS DA VIDA

82 – PARTEIRA - Como se chama aqui a mulher que ajuda a criança a nascer?

83 – ABORTO - Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve ...

84 - FILHO ADOTIVO - Como se chama aqui a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

85 - FILHO MAIS MOÇO/CAÇULA - Como se chama aqui o filho que nasceu por último?

86 – MENINO/GURI/PIÁ - Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

87 – FINADO/FALECIDO - Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

88 - PESSOA SOVINA - Como se chama aqui a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

89 - MAU PAGADOR - Como se chama aqui a pessoa que deixa suas contas penduradas?

90 - MARIDO ENGANADO - Como se chama aqui o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

91 - PROSTITUTA - Como se chama aqui a mulher que se vende para qualquer homem?

92 - XARÁ - Como se chama aqui a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

93 - CIGARRO DE PALHA - Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

94 - TOCO DE CIGARRO - Como chama aqui o resto do cigarro que se joga fora?

## RELIGIÃO E CRENÇAS

95 - MEDALHA - Como se chama aqui a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

96 - PRESÉPIO - No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?

## JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

97 - CAMBALHOTA - Como se chama aqui a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?

98 - BOLINHA DE GUDE - Como se chamam aqui as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

99 - ESTILINGUE/SETRA/BODOQUE - Como se chama aqui o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?

100 - PAPAGAIO DE PAPEL/ PIPA - Como se chama aqui o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

101 – PIPA / ARRAIA - E um brinquedo parecido com o (a) (item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina no vento por meio de uma linha?

102 - ESCONDE-ESCONDE - Como se chama aqui a brincadeira em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

103 - CABRA-CEGA - Como se chama aqui a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

104 - PEGA-PEGA - Como se chama aqui uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

105 - FERROLHO/SALVA/PICULA/PIQUE - Como se chama aqui esse ponto combinado?

106 - CHICOTE-QUEIMADO/ LENÇO ATRÁS - Como se chama aqui uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

107 – GANGORRA - Como se chama aqui uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe outra desce? *Mímica*

108 – BALANÇO - Como se chama aqui uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?

109 – AMARELINHA - Como se chama aqui a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?

#### HABITAÇÃO

110 – VASO SANITÁRIO / PATENTE - Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

111 – FULIGEM - Como se chama aqui aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

112 – ISQUEIRO - Para acender um cigarro, eu uso fósforo ou ... ?

113 – LANTERNA - Como se chama aqui aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim?

114 – INTERRUPTOR DE LUZ - Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

#### ALIMENTAÇÃO E COZINHA

115 – EMPANTURRADO - Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou ...

116 – GLUTÃO - Como se chama aqui uma pessoa que normalmente come demais?

117 - PÃO FRANCÊS - Como se chama aqui isto?

118 - PÃO BENGALA - Como se chama aqui isto?

#### VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

119 – SUTIÃ - Como chama a peça do vestuário serve para segurar os seios?

120 – CUECA - Como chama a roupa que o homem usa debaixo da calça?

121 – CALCINHA - Como chama a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

122 – ROUGE - Como se chama aqui aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

123 - GRAMPO (COM PRESSÃO)/RAMONA/MISSE - Como se chama aqui um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*

124 – DIADEMA/ARCO/TIARA - Como chama aqui o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? *Mímica*

#### VIDA URBANA

125 – SINALEIRO/SEMÁFORO/SINAL - Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

126 – LOMBADA/QUEBRA-MOLAS - Como se chamam aqui aqueles morrinhos atravessados no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

127 – CALÇADA/PASSEIO - Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

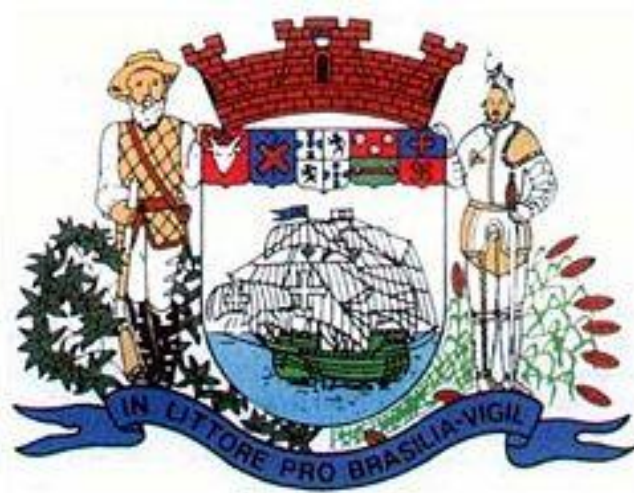
128 - MEIO-FIO - Como se chama aqui o que separa o (item 196) da rua?

129 – ROTATÓRIA/RÓTULA - Como se chama aqui aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

130 – LOTE/TERRENO/DATA - Como se chama aqui a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

131 – BODEGA/BAR/BOTECO - Como chama aqui um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber (item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

## Brasão de São Francisco do Sul



## Hino de São Francisco do Sul

Letra:Freitas Barranco

Música:Sebastião Lima

*São Francisco do Sul altaneira  
Tu és ilha do oceano e nação  
Se não foste à cidade primeira  
És entanto o ponto de união!*

*Se do mar nasceste soberba  
Imponência, orgulho e pendor  
Tua gente viril e garbosa  
Hospitaleira da paz e do amor!*

*Ilha imensa, beleza verdejante  
Nascimento de mil tradições  
Tua gente pacata e amante*

*O teu nome tem nos corações!  
O teu porto é o pioneiro ?  
Os teu montes e o teu litoral ?*

*Ubatuba ? Enseada ? Estaleiro  
Do turismo tu és capital!*

*Tuas ruas estreitas e fontes  
Tradições que se guardam com ardor  
São Francisco do Sul ? Horizontes  
Desde mar-continente e ardor!*

*Tens em ti esplandecência da vida  
Cuja história palpita em teu ser  
Minha terra ó ilha querida  
Sou teu filho e por ti vou viver*



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

**TÂNIA BRAGA GUIMARÃES**

**PARA UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE SÃO FRANCISCO  
DO SUL (ALSFS): HÁ NESTA ILHA UM FALAR ESPECÍFICO?**

**VOLUME II**

**LONDRINA**

2008

**TÂNIA BRAGA GUIMARÃES**

**CARTAS LINGÜÍSTICAS**

**FONÉTICO-FONOLÓGICAS**

**E SEMÂNTICO-LEXICAIS**

**LONDRINA**

2008



## 1.2. PONTOS DE INQUÉRITO

Pontos de inquérito, de acordo com a disposição no mapa: 1) Ubatuba; 2) Paulas; 3) Iperoba; 4) Reta; 5) Rocio Pequeno; 6) Acaraí; 7) Rocio Grande; 8) Água Branca; 9) Laranjeiras.

Para a disposição dos dados dos informantes do *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul*, segue-se esta ordenação: “Iniciais do nome de registro. Apelido (se houver; caso inexistente ficará assim registrado: ã). Nível de escolaridade. Cidade natal. Idade. Tempo de residência na cidade. Profissão. Estado civil. Local de nascimento do cônjuge (quando necessário) e dos pais. Viagens realizadas. Data de realização do inquérito”. O informante A é homem jovem e o C é homem idoso, e o informante B é a mulher jovem e o D é a mulher idosa.

### 01. Acaraí

(Inf. A) R.C.V. Cara de Velho. 8ª incompleta. SFS. 19 anos. 19 anos. Servente. Solteiro. Mãe de Joinville e pai de SFS. 19/01/2006.

(Inf. B) M.C.A.P. ã. 4ª série. SFS. 28 anos. 26 anos. Solteira. Pais nascidos em SFS. Permaneceu 2 anos em Joinville. 19/01/2006.

(Inf. C) L.S.S. Serrote. 4ª série. 52 anos. 42 anos. SFS. Pedreiro/vigia. Viúvo. Pais de SFS. Ausentou-se da cidade por 10 anos. 17/01/2006.

(Inf. D) J.B.O. ã. 2ª série. SFS. 54 anos. Do lar. Casada. Pais de SFS e marido também. 15/01/2006.

### 02. Água Branca

(Inf. A) A.G.B. Buldogue. 8ª incompleta. SFS. 20 anos. 19 anos. Autônomo. Casado. Pais de SFS e esposa Joinville. Ficou 1 ano em Joinville. 26/01/2006.

(Inf. B) A. K. ñ. 8ª incompleta. 18 anos. 15 anos. Do lar. Casada. Pais de Joinville e marido de SFS. Veio pequena para SFS. 26/01/2006.

(Inf. C) J.C.P. Didi. 8ª série incompleta. 63 anos. 63 anos. Alfaiate. Casado. Mãe de Iguape (SP) veio pequena para SFS, pai e esposa de SFS. 13/01/2006.

(Inf. D) M. C. G. Conce. 4ª série. SFS. 55 anos. 45 anos. Servente em fábrica e escola. Viúva. Pais e marido de SFS. Morou 5 anos em Santos e 5 em Joinville. 17/01/2006.

### **03.Ubatuba**

(Inf. A) L.M.H.F. Lulu. 4ª grupo. SFS. 20 anos. 20 anos. Pescador. Solteiro. Pais de SFS. 21/01/2006.

(Inf. B) V.P.C.V.S. ñ. 4ª série. SFS. 21 anos. 21 anos. Diarista. Casada. Cônjuge de Pato Branco –PR e pais de SFS. 14/01/2006.

(Inf. C) A.F.V. Tião. 2ª série. SFS. 60 anos. 59 anos. Pescador. Casado. Pais e esposa de SFS. Morou 1 ano em Curitiba. 09/01/2006.

(Inf. D) E.C. ñ. 1ª série. SFS. 65 anos. 65 anos. Doméstica não aposentada pelo INSS, mas não trabalha mais. Casada. Pais e marido de SFS. 05/01/2006.

### **04.Iperoba**

(Inf. A) F.M.T. Pingo. 7ª série. SFS. 22 anos. 22 anos. Servente e padeiro. Solteiro. Pais de SFS. 23/01/2006.

(Inf. B) M.V.O.S. ñ. 7ª série. 30 anos. 30 anos. Diarista e ajudante na peixaria do pai. Casada. Pais de SFS e marido do Mato Grosso.

(Inf. C) B.M. Bentinho. 4ª série. SFS 60 anos. 58 anos. Encanador. Casado. Pais e esposa de SFS. 10/01/2006.

(Inf. D) J.O.M. Lilica. 4ª série. SFS. 50 anos. 48 anos. Cozinheira. Casada. Pais e marido de SFS. 10/01/2006.

**05.Paulas**

(Inf. A) J.S.P. ñ. 8ª série incompleta. SFS. 23 anos. 23 anos. Servente de pedreiro. Solteiro. Mãe de Florianópolis e pai de SFS. 20/01/2006.

(Inf. B) D.S.O. ñ. 6ª série. SFS. 20 anos. 20 anos. Do lar e biscates. Casada. Pais de SFS e marido de Florianópolis. 11/01/2006.

(Inf. C) R.M.P. Beto. 2ª série do fundamental. SFS. 50 anos. 46 anos. Catador de papel. Casado. Pais de SFS e esposa de Florianópolis. 11/01/2006.

(Inf. D) S.A.S. Santa. 4ª série. SFS. 64 anos. 64 anos. Do lar. Casada. Pais e marido de SFS. 10/01/2006.

**06.Rocio Pequeno**

(Inf. A) A.C.R. Rerro. 4ª série. SFS. 30 anos. 30 anos. Vidraceiro. Casado. Pais e esposa de SFS. 27/01/2006.

(Inf. B) S.B.P.R. ñ. 6ª série. SFS. 22 anos. 22 anos. Do lar. Casada. Pais e marido de SFS. 26/01/2006.

(Inf. C) R.S.O. Beto. 8ª série incompleta. SFS. 51 anos. 51 anos. Eletricista/encanador. Casado. Pais e esposa de SFS. 20/01/2006.

(Inf. D) H.S.T.V. ñ. 3ª série. SFS. 59 anos. 56 anos. Do lar. Casada. Pais e marido de SFS. Passou 3 anos em Florianópolis dos 9 aos 12, quando voltou para SFS. 06/01/2006.

**07.Rocio Grande**

(Inf. A) P.E.V.B. Paulinho. 8ª incompleta. SFS. 21 anos. 21 anos. Padeiro. Solteiro. 14/01/2006.

(Inf. B) J. S. ñ. 4ª série. Joinville. 26 anos. 25 anos. Vendedora. Casada. Marido de SFS, mãe de Florianópolis e pai de Araquari. 07/01/2006

(Inf. C) O.P. Donato. 3ª série. SFS. 64 anos. 59 anos. Pescador. Casado. Pais

de SFS e esposa de Araquari. 06/01/2006.

(Inf. D) R.M.B.M. ñ. 3ª série. 59 anos. 58 anos. Do lar. Casada. Pais e marido de SFS. 19/01/2006.

### **08.Reta**

(Inf. A) A.A.D. ñ. 6ª série. 26 anos. 26 anos. Confeiteiro. Casado. Pais de SFS e esposa de Paranaguá. 11/01/2006.

(Inf. B) A.A.D.ñ. 8ª série incompleta. 30 anos. 30 anos. Vendedora. Separada. Pais e ex-marido de SFS. 11/01/2006.

(Inf. C) J.A.D. Bochecha. 4ª série. 56 anos. 53 anos. Estivador aposentado. Mãe de Barra do Saí – SC e pai de Santa Luzia –SC e esposa de SFS. 12/01/2006.

(Inf. D) H.M.H.C. ñ. 2ª série. 60 anos. 53 anos. Do lar. Casada. Mãe de Biguaçu e pai de Palhoça – ambas cidades de SC. 27/01/2006.

### **09.Laranjeiras**

(Inf. A) L.J.C. ñ.4ª série. 28 anos. 28 anos. Auxiliar de produção. Casado. Pais de SFS e cônjuge de Paranaguá. 18/01/2006.

(Inf. B) A.R.C. Ana. 8ª série incompleta. 24 anos. 24 anos. Do lar. Casada. Pais de SFS e marido de Campo Mourão – PR. 18/01/2006.

(Inf. C) J.N.C. Lilo. 2ª série. 64 anos. 54 anos. Servente e coveiro aposentado. Casado. Morou 10 anos em Joinville. Pais e esposa de SFS. 18/01/2006.

(Inf. D) D.M.C. Dora. Nem a 2ª série. 57 anos. 47 anos. Catadora de caranguejo. Casada. Viveu 10 anos em Joinville. Pais de SFS, nascidos nas Laranjeiras e marido também de SFS. 18/01/2006.

### 1.3. QUESTIONÁRIOS, GRAVAÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE DADOS

Para a elaboração do *Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul* foram usados os questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL) do ALiB, com supressões justificadas no volume I. Essa seleção tornou o questionário composto de 117 questões para fatos fonético-fonológicos e 131 para semântico-lexicais, com 248 perguntas no total. Dessas questões, elaboramos 98 cartas lingüísticas: 53 fonético-fonológicas e 42 semântico-lexicais<sup>15</sup>

A transcrição realizada pelos seguintes alunos da graduação, bolsistas de Iniciação Científica do Projeto AliB – Regional Paraná, orientados pela Diretora Científica Dr<sup>a</sup> Vanderci de Andrade Aguilera: 1. Eloísa Elena Bárbara de Oliveira; 2. Greize Alves da Silva; 3. Ivã Apolônio Munhoz e 4. Juliana Franco Alves.

Foi feita a opção pela notação fonética ampla, seguindo igualmente ao projeto ALiB. A fonte usada foi a *Sil Doulos IPA*<sup>16</sup>, do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). O único diacrítico usado, pela recorrência com que aparece e conseqüente relevância, foi o que marca a aspiração dos fonemas /t/ e /d/.

### 1.4. NORMAS DE ORGANIZAÇÃO DAS CARTAS LINGÜÍSTICAS

Optamos pela descrição dos fenômenos em cartas fonético-fonológicas e semântico-lexicais mistas.

O título na maioria das cartas lexicais refere-se às variantes mais produtivas. Quando a lexia pudesse suscitar dúvidas optou-se pelo título que trouxesse a definição.

<sup>15</sup> O questionário resultante do processo de supressão se encontra em anexo).

<sup>16</sup> A lista com os símbolos usados consta da introdução do segundo volume da tese.

Para representar as variantes diagenéricas no interior da carta, usamos o quadrado para os informantes do sexo masculino, o círculo para as informantes femininas. A cruz divide as faixas etárias, situando os idosos na parte superior e os jovens na parte inferior. Os registros ao centro da cruz, significam as primeiras ocorrências, e os colocados ao lado significam a segunda ocorrência e assim por diante, de dentro para fora.

Nas cartas fonético-fonológicas, a legenda traz os fenômenos em análise isolados, deixando a parte que não está em questão separada por parênteses.

No canto inferior direito das cartas fonéticas e semânticas, há um gráfico para sumarizar o número de ocorrências, nas quais trazemos o número absoluto de registros para cada variante e não o número percentual.

Os pontos de inquérito correspondentes aos bairros centrais, foram redimensionados à esquerda para que os registros não ficassem muito próximos, dificultando a leitura da carta.

## 1.5 ÍNDICE DAS CARTAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS E SEMÂNTICO-LEXICAIS

Cartas introdutórias

I Santa Catarina no Brasil  
 II São Francisco do Sul em Santa Catarina  
 III Pontos de inquérito em São Francisco do Sul

Nº da carta. Título. Nº da questão no ALiB	PERGUNTA
1.PRA(TELEIRA)	2
2.PRA(TE)LEIRA	2
3.CAI(XA)	3
4.TE(SOURA)	4
5.(TE)SOU(RA)	4

6. LUZ	6
7.(TO)R(NEIRA)	9
8.FÓSFORO	11
9 (VAR)RER	13
10.(A)RROZ	16
11 (G)O(RDURA)	17
12 (GO)R(DURA)	17
13 LIQUIDIFICADOR/LIQÜIDIFICADOR	20
14 (TOMA)TE	23
15 TO(MATE)	23
16 (CA)S(CA)	24
17 (M)ON(TAR)	30
18 (BORB)O(LETA)	33
19 R(ATO)	35
20 (P)EI(XE)	36
21 (REMA)NDO	37
22 D(IA)	39
23 (CALO)R	42
24 (P)L(ACA)	51
25 (BICI)CL(ETA)	52
26 (PASSAG)EM	54
27 MUITO	55
28 RAS(GAR)	63
29 (RAS)GAR	63
30 LIQÜIDAÇÃO/LIQUIDAÇÃO	69
31 CER(TO)	75
32 (MEN)TI(RA)	76
33 PRO(CISSÃO)	77
34 (SANTO AN)TÔNIO	78
<b>35 (COS)TAS</b>	<b>85</b>
36 CAS(PA)	88
37 (BA)NHO	89
38 (HO)MEM	91
39 (MU)LHER	92
40 (FAMÍ)LIA	93
41 FA(MÍLIA)	93
42 T(IO)	94
43 (GEN)RO	95
44 GEN(RO)	95
45 (V)OZ	99
46 (VE)LHO	101
47 (SANDÁ)LIA	102
48 (P)AZ	113
49 (ME)S(MA)	114
50 (HÓS)PE(DE)	115
51 (HÓSPE)DE	115
52 ESQUERDO	116
53 MORREU	117

*CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS*

1.PONTE	2
2.REDEMOINHO (DE ÁGUA)	4
3.ONDA DE MAR	5
4.REDEMOINHO (DO VENTO)	6
5.RELÂMPAGO	7
6.RAIO	8
7.CHUVA DE PEDRA	11
8.ARCO-ÍRIS	12
9.ORVALHO	14
10.CERRAÇÃO	15
11.AMENDOIM	22
12.PENCA	24
13.INCONHA	25
14.UMBIGO	26
15.SABUGO	27
16.CANGA	33
17.URUBU	38
18.COLIBRI/BEIJA-FLOR	39
19.ANGOLISTA .....	40
20.PAPAGAIO	41
21.SURA	42
22.COTÓ	43
23.GAMBÁ	44
24.CHIFRE	45
25.VESGO	57
26.TERÇOL/VIÚVA	59
27.DENTES PRESAS	61
28.DENTES DO JUÍZO	62
29.PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS	77
30.CÓCEGAS	81
31. MAU PAGADOR	89
32.CIGARRO DE PALHA	93
33.TOCO DE CIGARRO	94
34.CAMBALHOTA	97
35.BOLINHA DE GUDE	98
36.ESTILINGUE	99
37.GANGORRA	107
38.BALANÇO	108
39.AMARELINHA	109
40.VASO SANITÁRIO	110
41.EMPANTURRADO	115
42.ROUGE	122

**1.6 ÍNDICE ONOMASIOLOGICO**

**AMARELINHA (Carta 39)**

Amarelinha  
Céu e inferno  
Macaca

**AMENDOIM (Carta 11)**

Amendoim

**ANGOLISTA (Carta 19)**

Angolista  
Galinha d'Angola  
Murisco  
Tô fraco

**ARCO-ÍRIS (Carta 8)**

Arco-íris

**BALANÇO (Carta 38)**

Balança  
Balanço  
Burra  
Ninanga

**BEIJA-FLOR (Carta 18)**

Beija-flor  
Colibri

**BOLINHA DE GUDE (Carta 35)**

Bola de gude  
Peca

**CAMBALHOTA (Carta 34)**

Calhambota  
Cambalhota  
Cambota  
Carambota

**CANGA (Carta 16)**

Canga  
Cangalha

**CERRAÇÃO (Carta 10)**

Cerração  
Neblina  
Nevoeiro  
Serenó

**CHIFRE (Carta 24)**

Chifre

Galho

**CHUVA DE PEDRA (Carta 7)**

Chuva de gelo  
Chuva de pedra  
Granizo  
Neve

**CIGARRO DE PALHA (Carta 32)**

Cigarro de palha  
Fumo  
Fumo de palha  
Palha  
Palheiro

**CÓCEGAS (Carta 30)**

Cócegas  
Curica

**COTÓ (Carta 22)**

Cotoco  
Pitoco  
Toco

**DENTE DO SISO/JUÍZO (Carta 28)**

Dente do cisne  
Dente do juízo  
Siso

**EMPANTURRADO (Carta 41)**

Agoniado  
Ansiado  
Cheio  
Empanzinado  
Estourando  
Estufado  
Passando mal  
Satisfeito

**ESTILINGUE (Carta 36)**

Estilingue  
Funda  
Setra

**GAMBÁ (Carta 23)**

Gambá

**GANGORRA (Carta 37)**

Balança  
Burra  
Gangorra

**INCONHA (Carta 13)**

Gêmeas  
Inconha

**MAU PAGADOR (Carta 31)**

Caloteiro  
Trapaceiro  
Velhaco

**ONDA DE MAR (Carta 3)**

Onda  
Ressaca

**ORVALHO (Carta 9)**

Cerração  
Orvalho  
Serenó

**PAPAGAIO (Carta 20)**

**Papagaio**

**PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS (Carta 29)**

Cambaio  
Cambeta  
Garrincha  
Perna de alicate  
Perna torta

**PENCA (Carta 12)**

Gaço  
Penca  
Umbigo

**PONTE (Carta 1)**

Pau  
Pinguela  
Pontilhão  
Ponte  
Travessia

**PRESAS (Carta 27)**

Canino  
Dente de coelho  
Grande  
Presa

**RAIO (Carta 6)**

Curisco  
Raio  
Relâmpago

**REDEMOINHO (DE ÁGUA) (Carta 2)**

Larga-mar  
Redemoinho  
Rodamoinho  
Vaga-mar

**REDEMOINHO (DO VENTO) (Carta 4)**

Furacão  
Redemoinho

**RELÂMPAGO (Carta 5)**

Raio  
Relâmpago  
Trovão  
Trovoada

**ROUGE (Carta 42)**

Blush  
Rouge

**SABUGO (Carta 15)**

Sabugo  
Soca

**SURA (Carta 21)**

Galinha do mato  
Pitoca  
Sura

**TOCO DE CIGARRO (Carta 33)**

Bagaço  
Bagana  
Bega  
Bia  
Bituca  
Xepa

**UMBIGO (Carta 14)**

Coração  
Mamica  
Talo  
Umbigo

**URUBU (Carta 17)**

Corvo

Urubu

**VASO SANITÁRIO (Carta 40)**

Bacio

Patente

Privada

Trono

Vaso

**VESGO (Carta 25)**

Caolho

Estrábico

Vesgo

**VIÚVA (Carta 26)**

Viúva

Viúvo

**TÂNIA BRAGA GUIMARÃES**

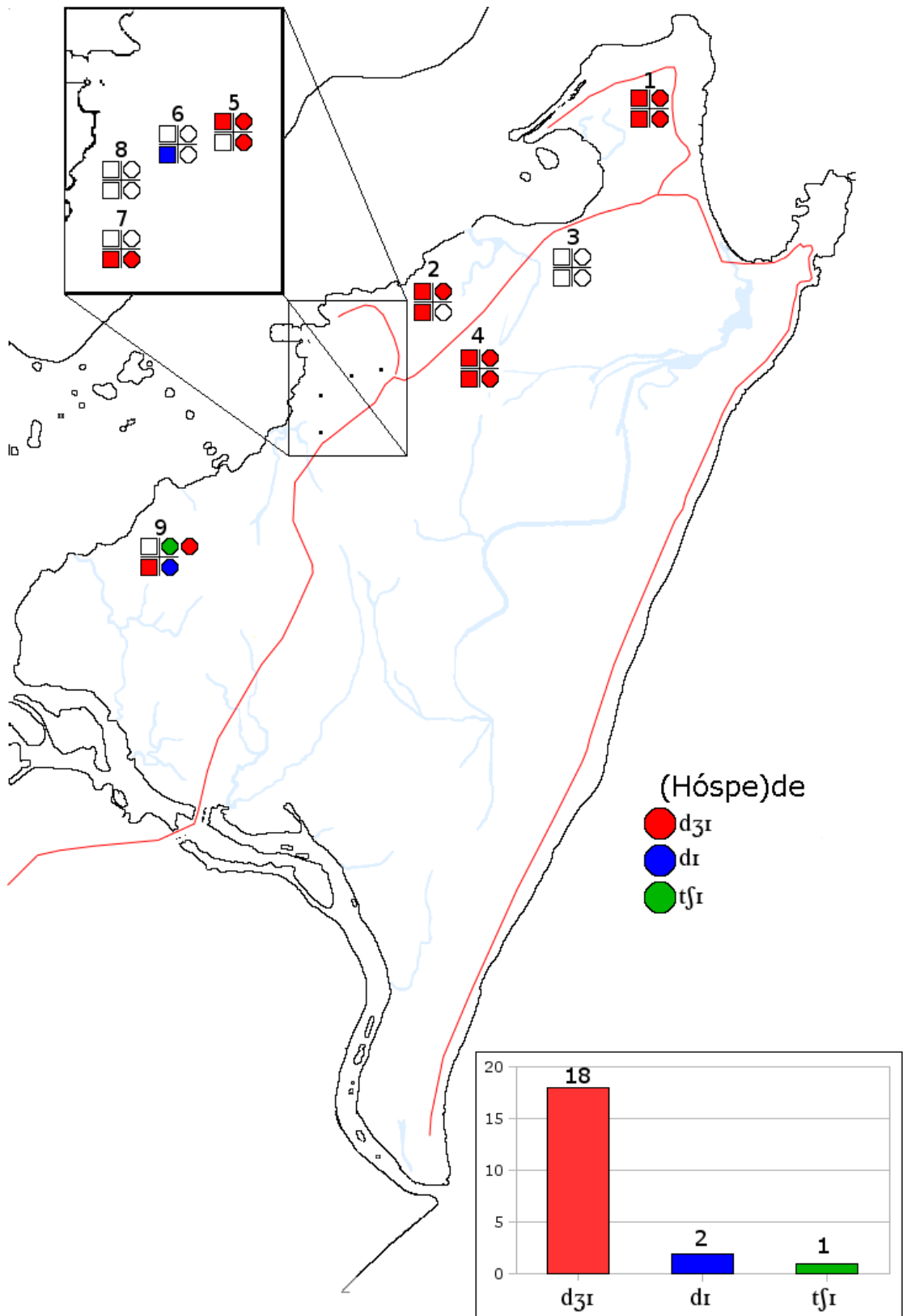
**CARTAS LINGÜÍSTICAS**

**FONÉTICO-FONOLÓGICAS**

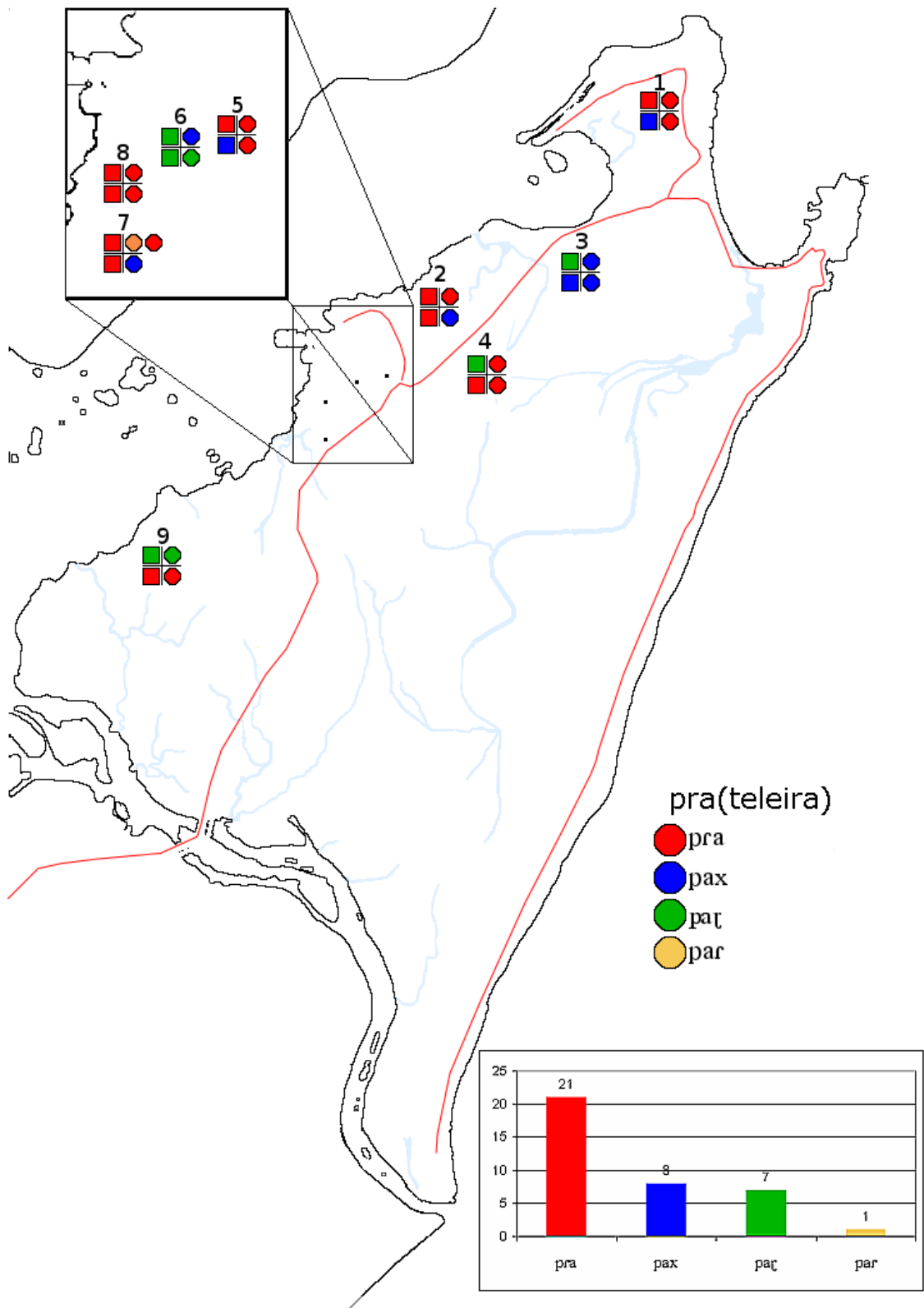
**LONDRINA**

**2008**

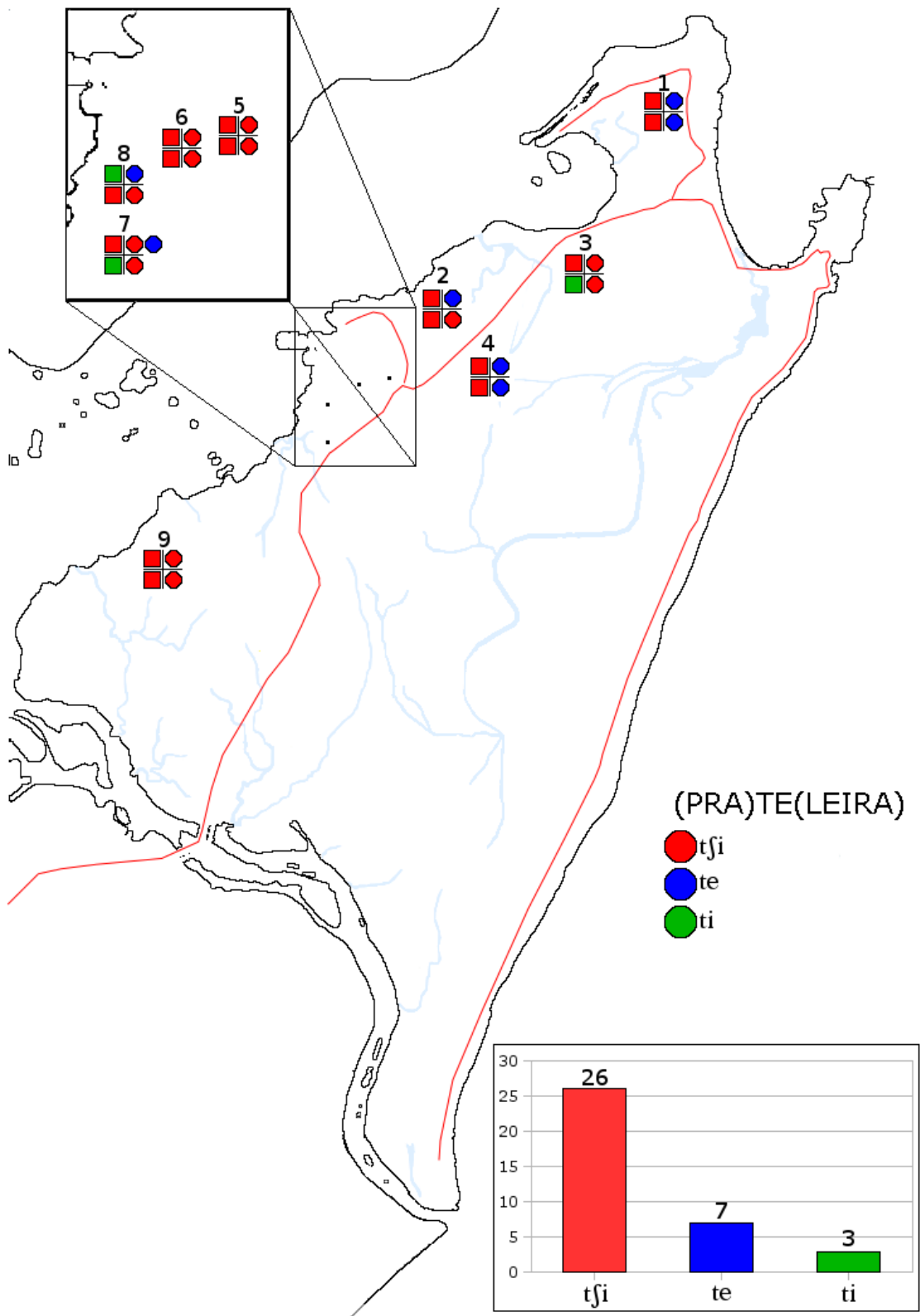
Carta 51. HÓSPEDE (QFF-157)



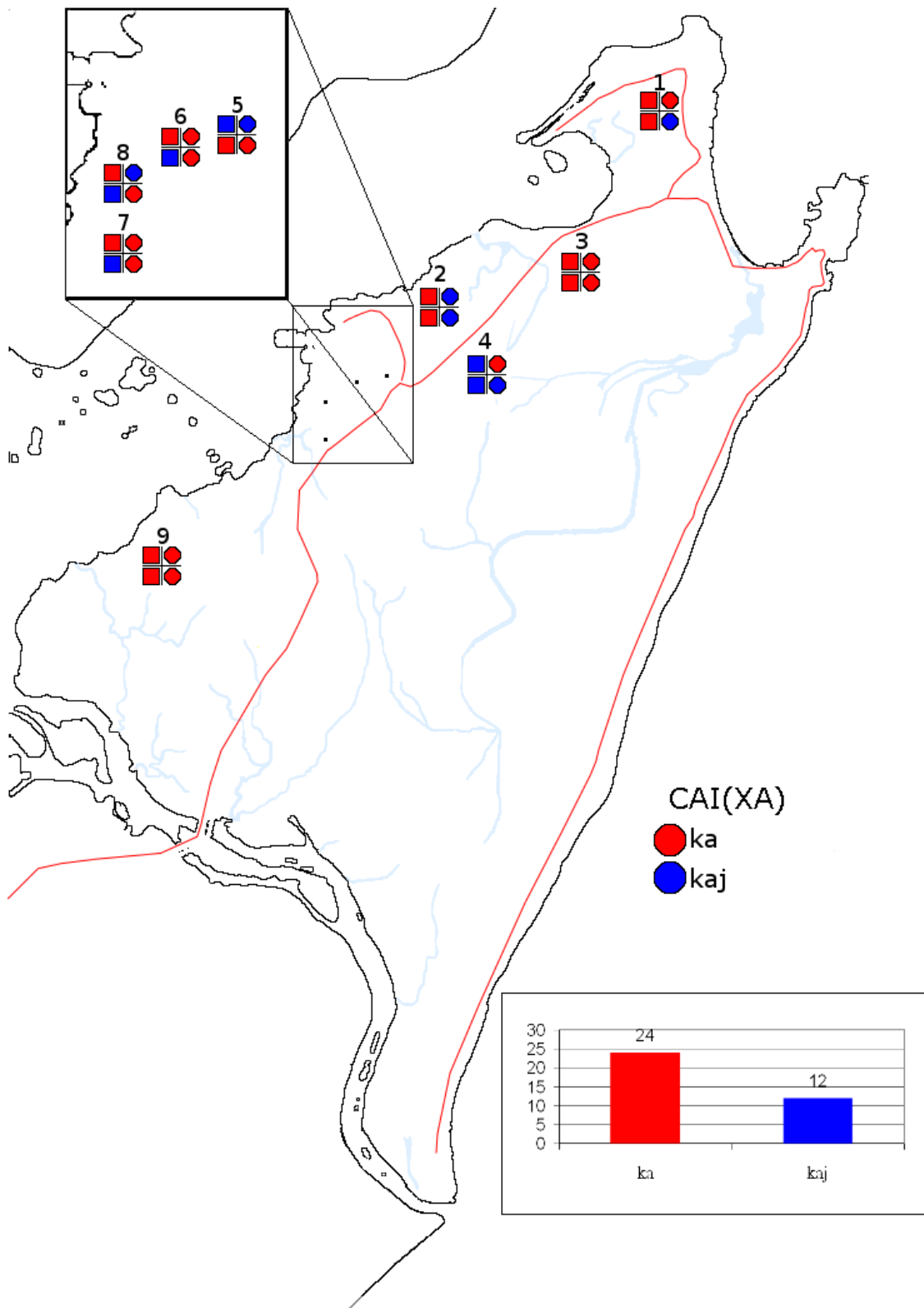
Carta 1. PRATELEIRA (QFF-003)



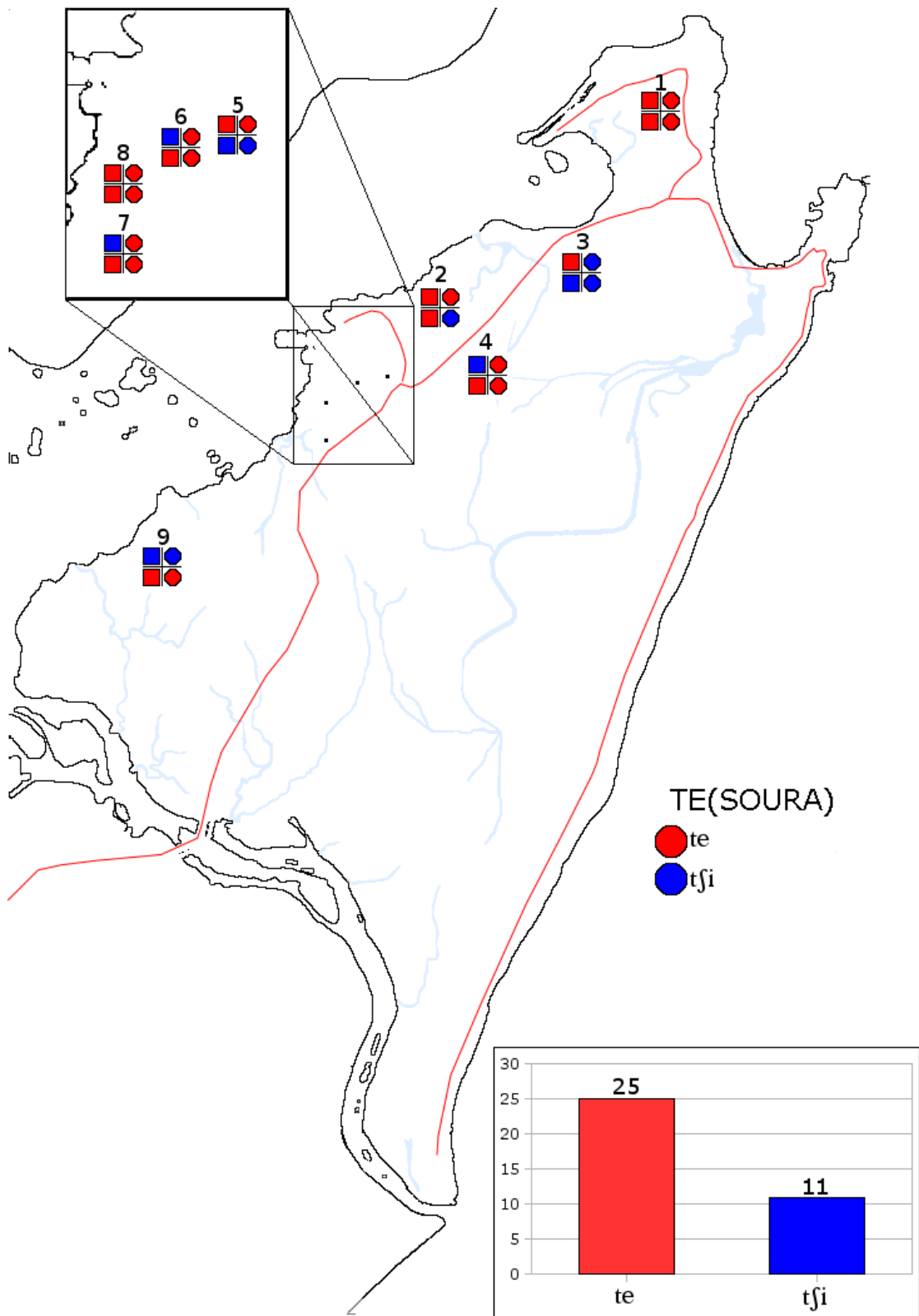
Carta 2. PRATELEIRA (QFF-003)



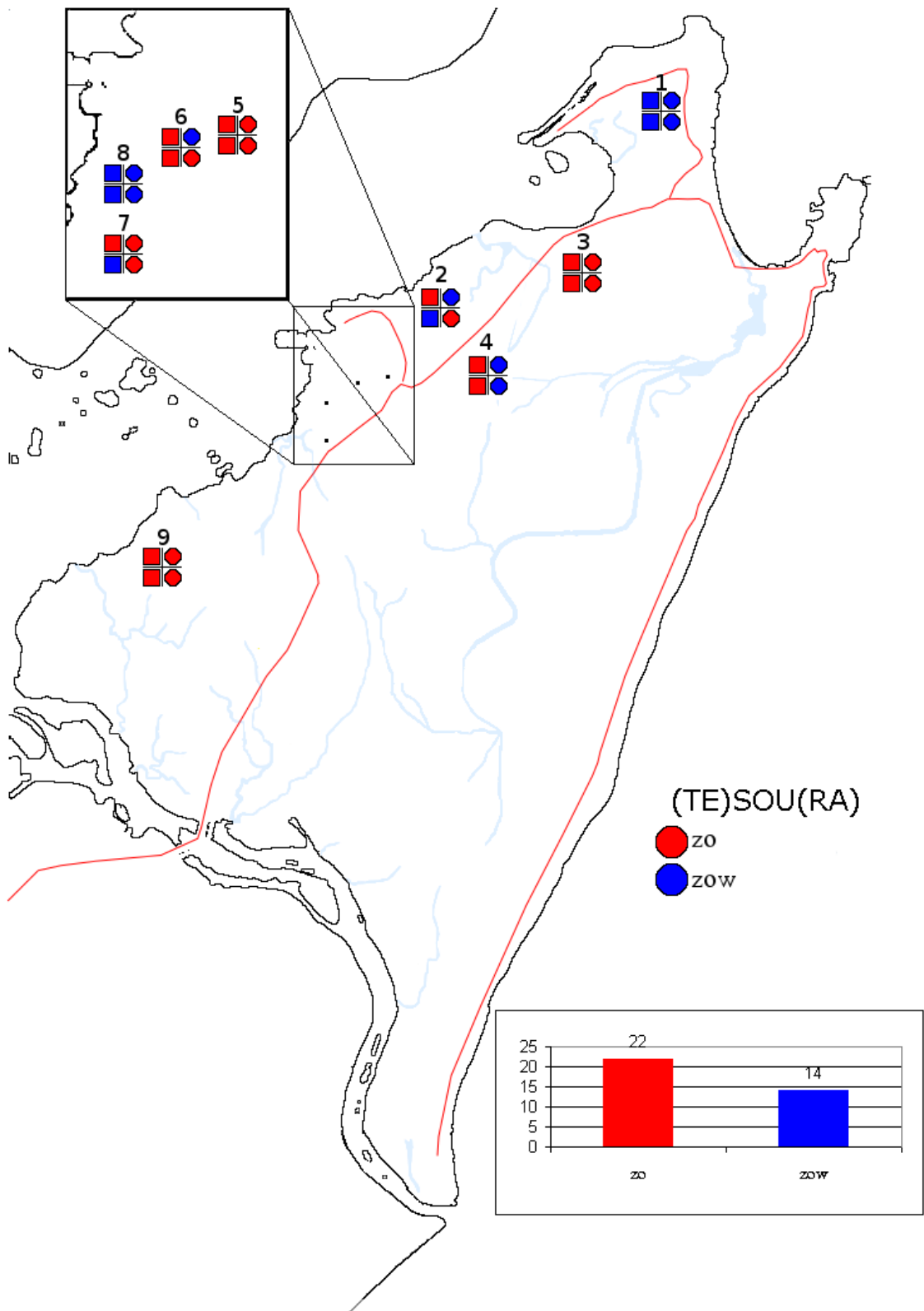
Carta 3. CAIXA (QFF-005)



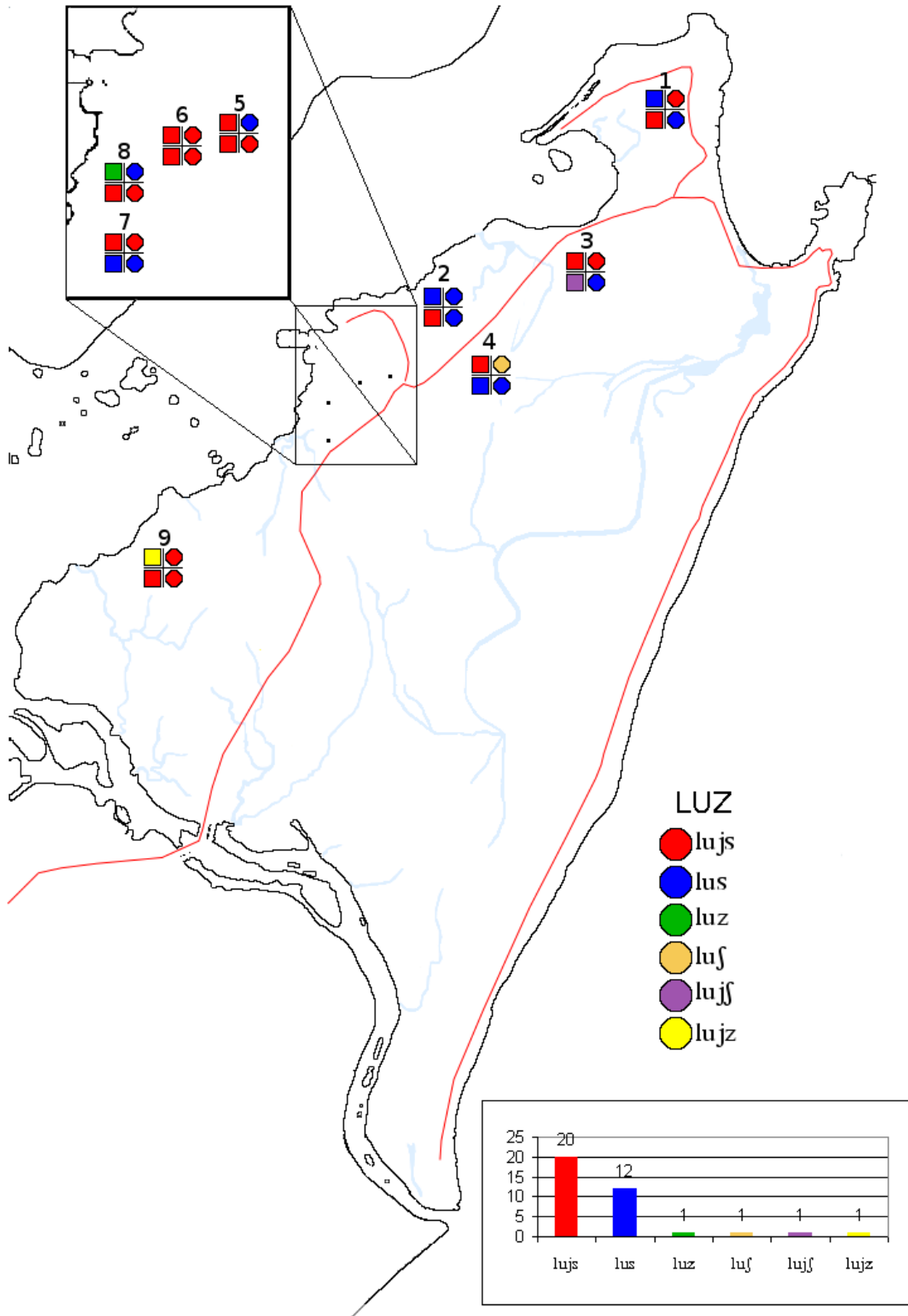
Carta 4. TESOURA (QFF-006)



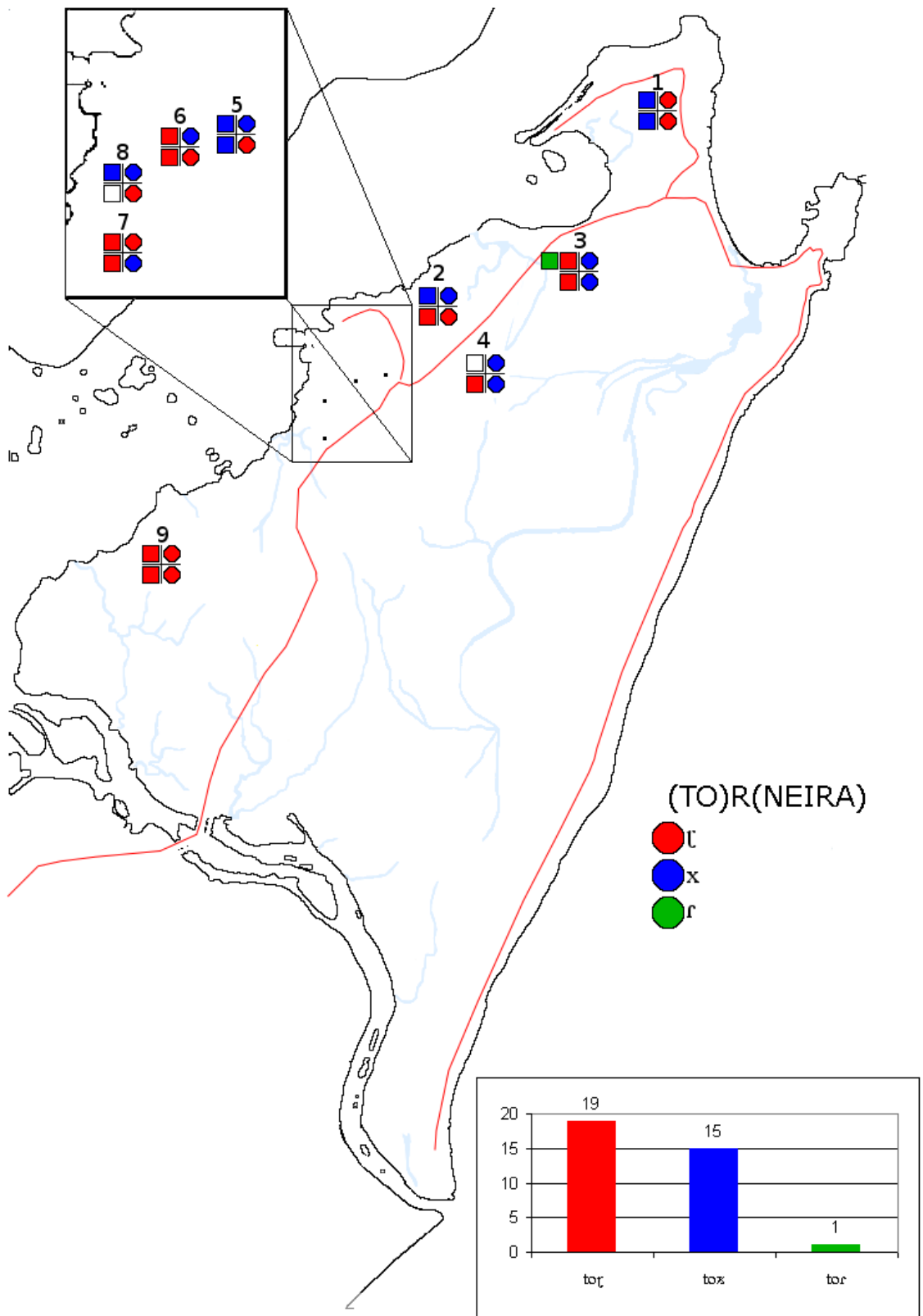
## Carta 5. TESOURA (QFF-006)



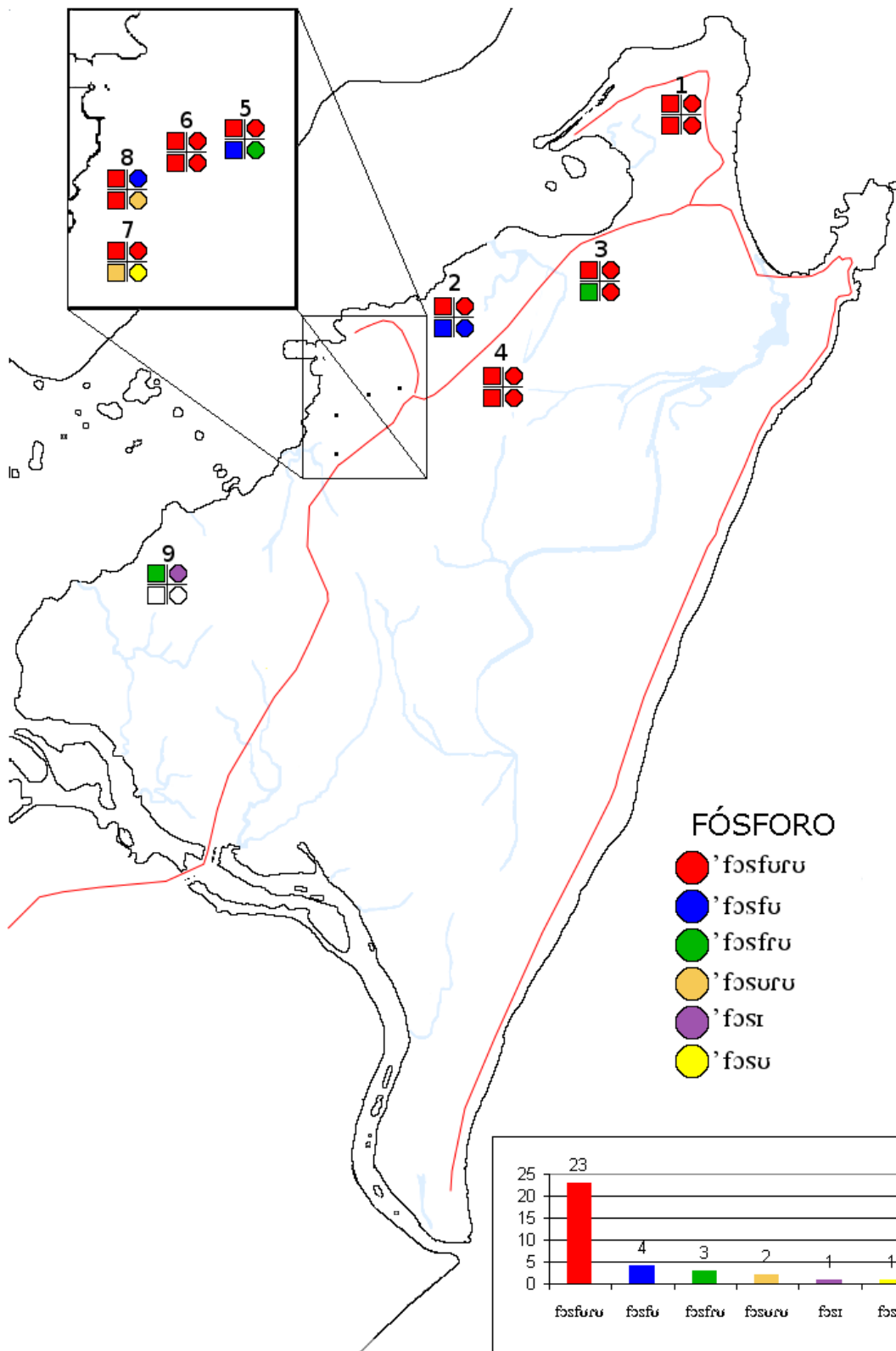
Carta 6. LUZ (QFF-009)



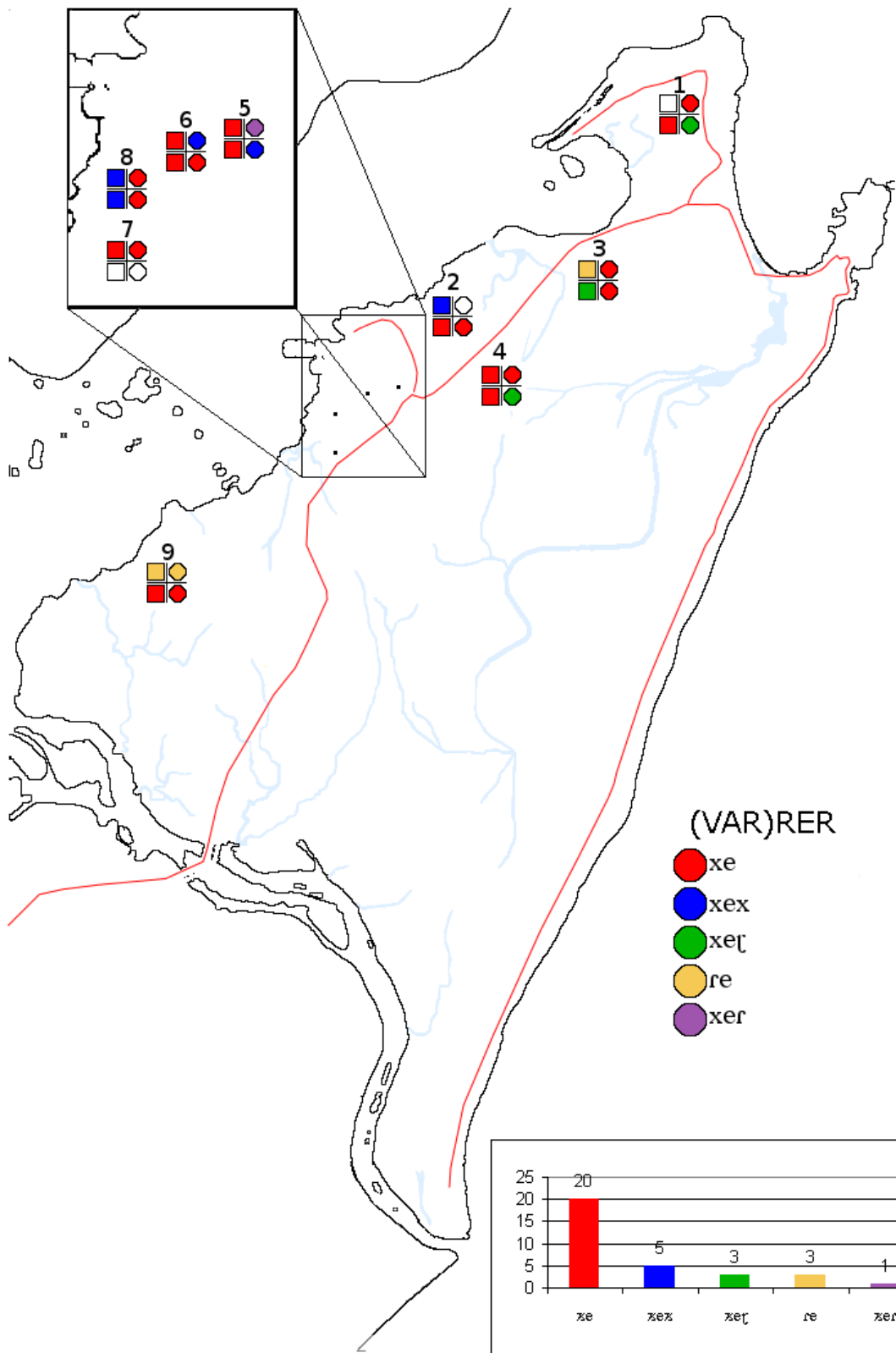
Carta 7. TORNEIRA (QFF-012)



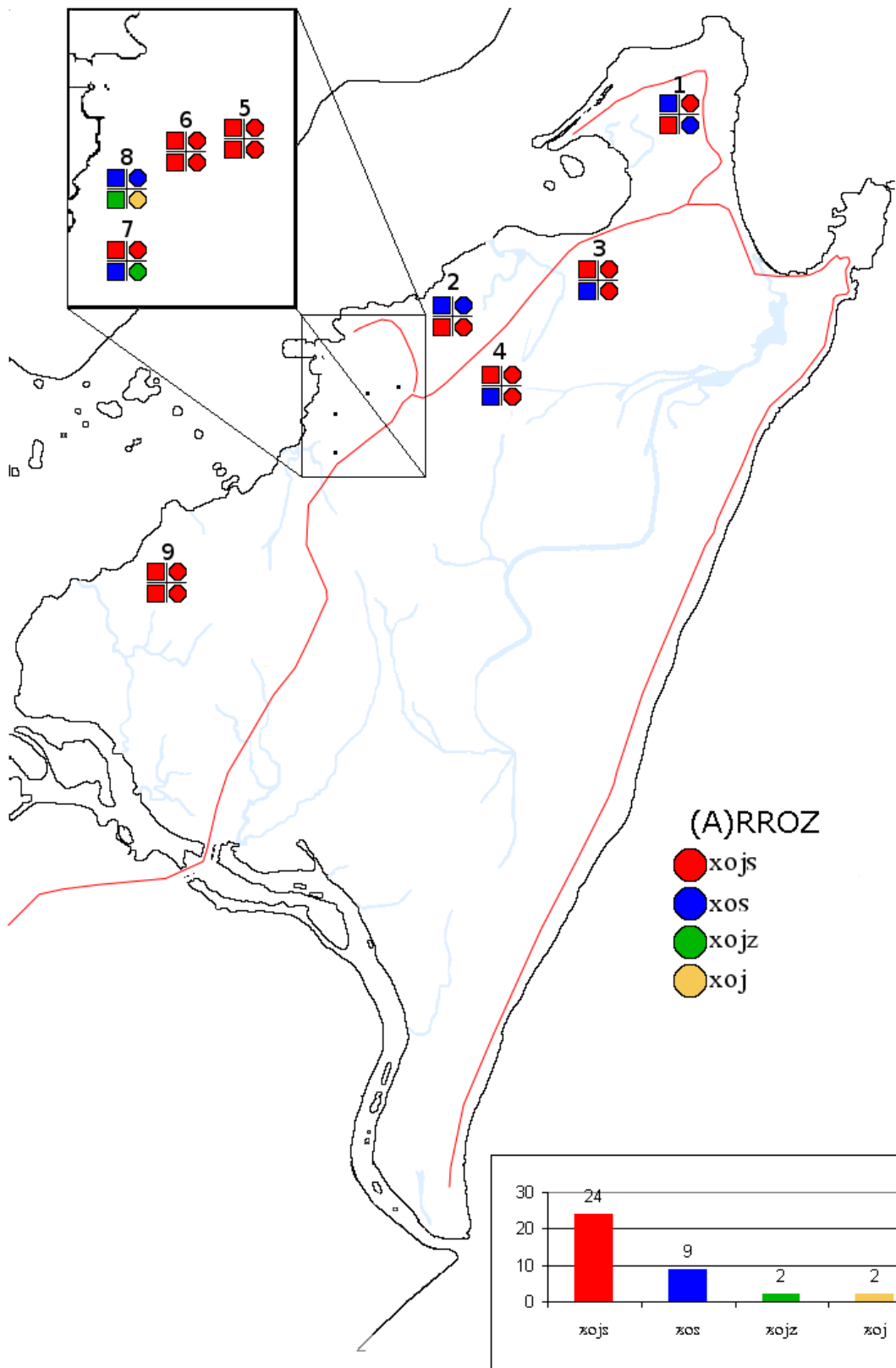
Carta 8. FÓSFORO (QFF-15)



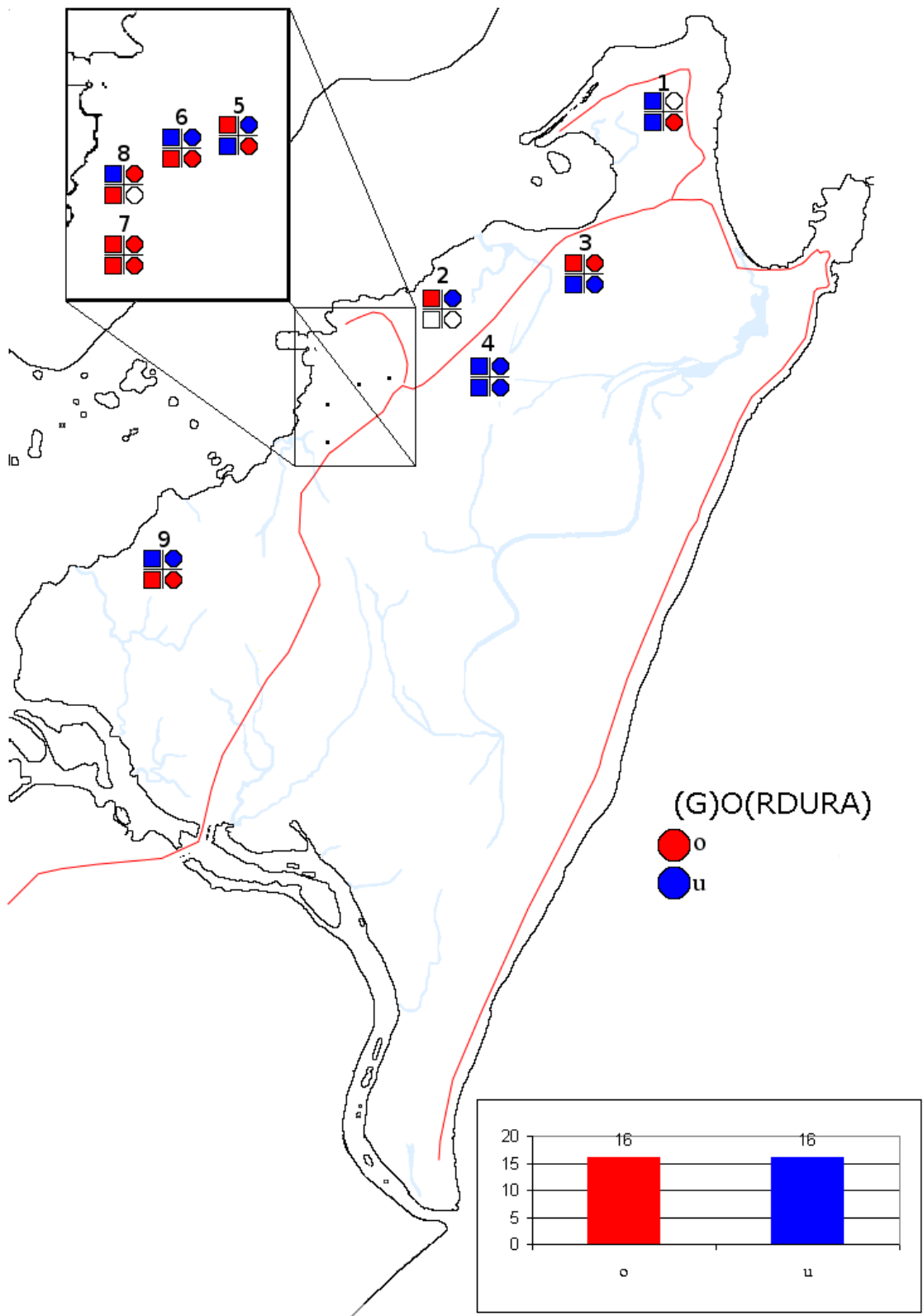
Carta 9. VARRER (QFF-18)



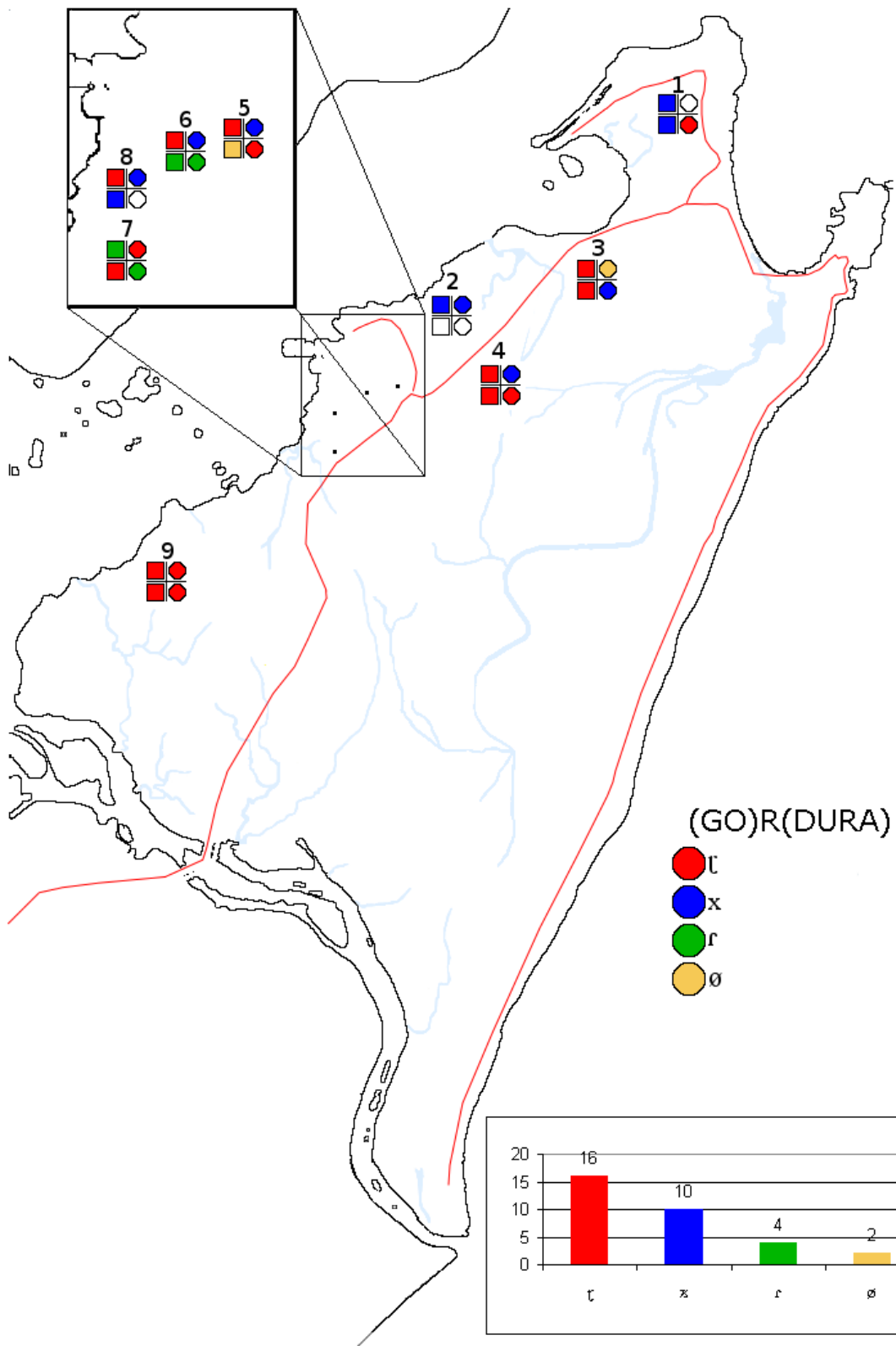
Carta 10. ARROZ (QFF-021)



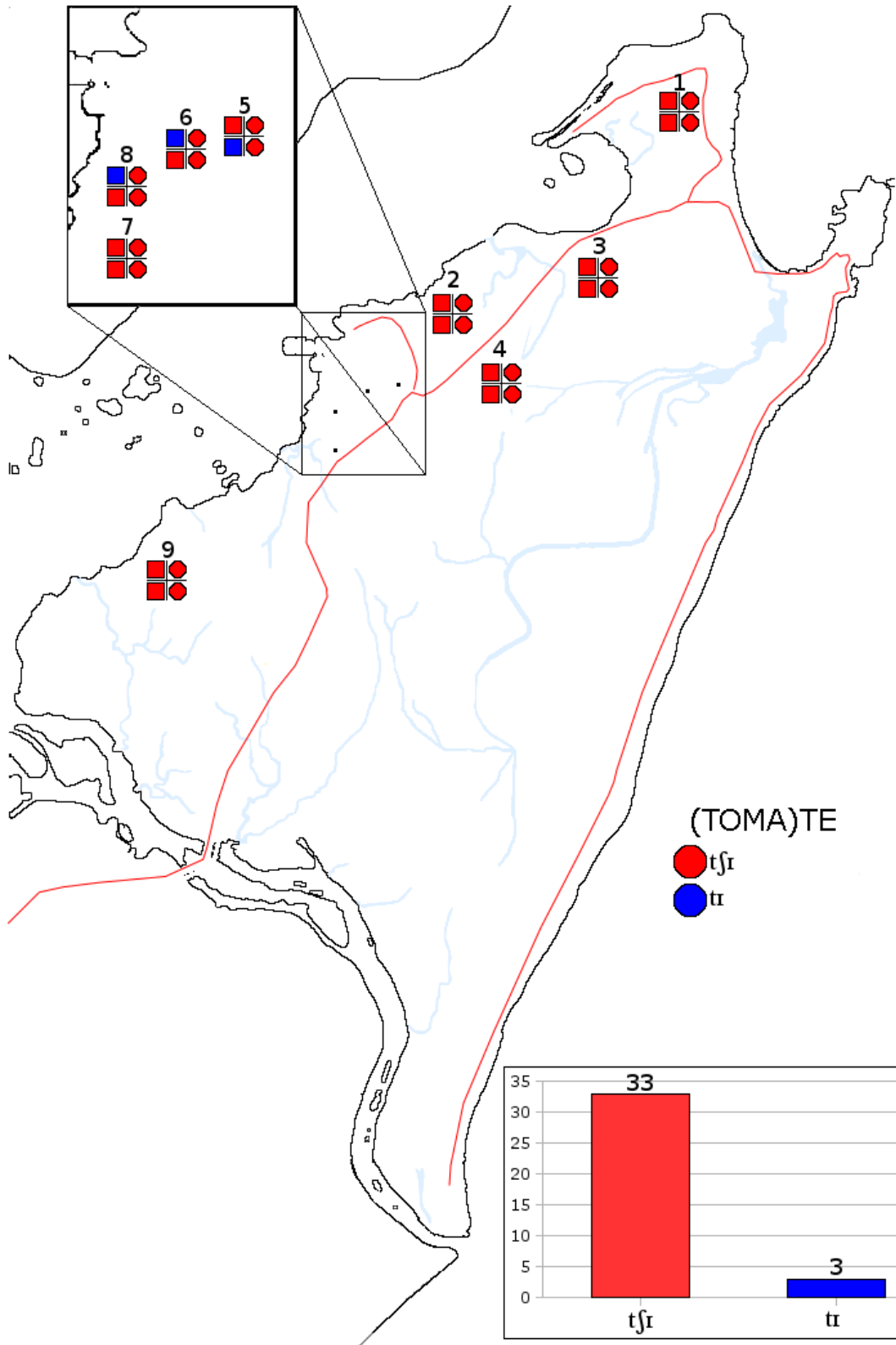
Carta 11. GORDURA (QFF-22)



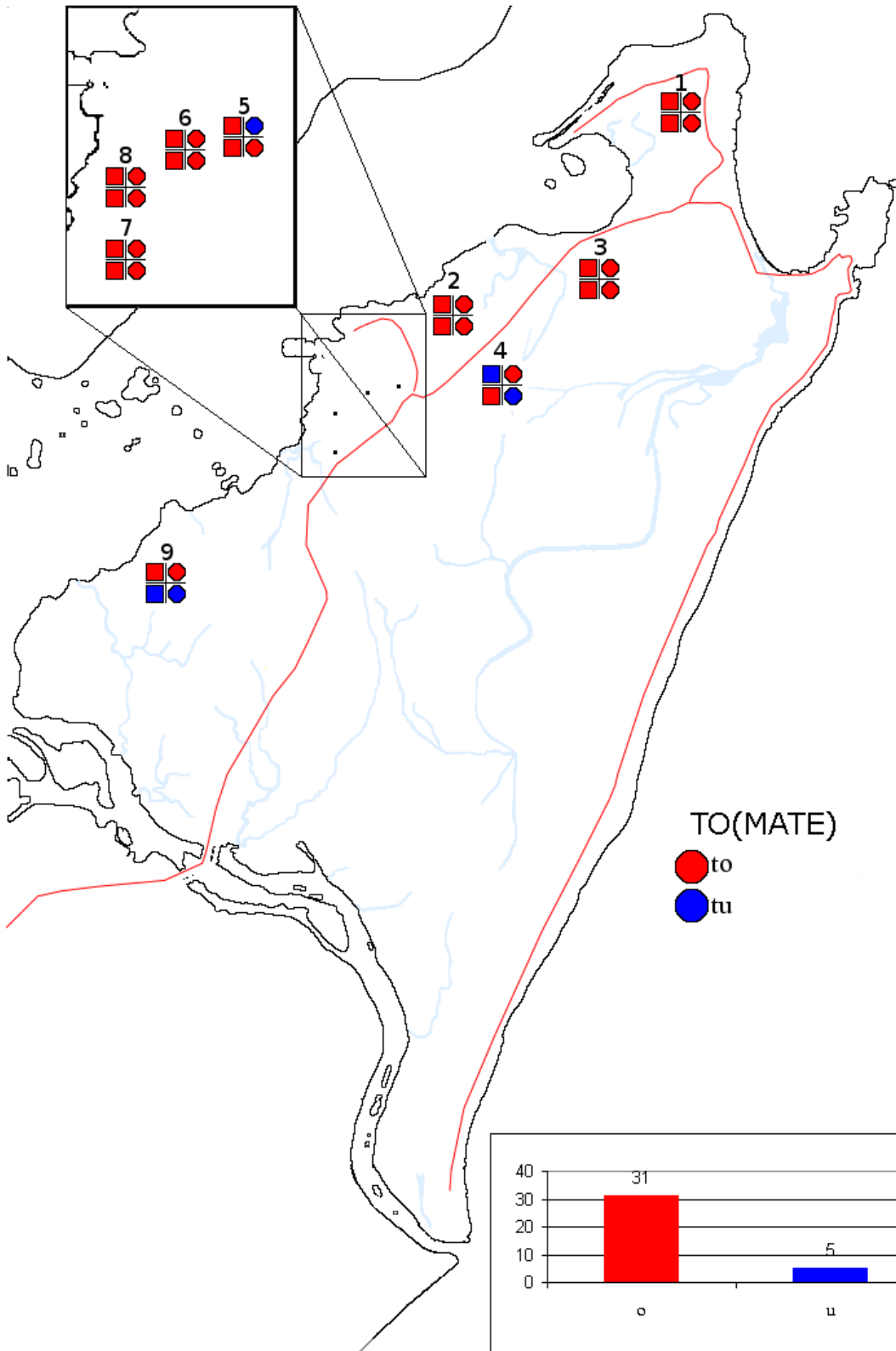
Carta 12. GORDURA (QFF-22)



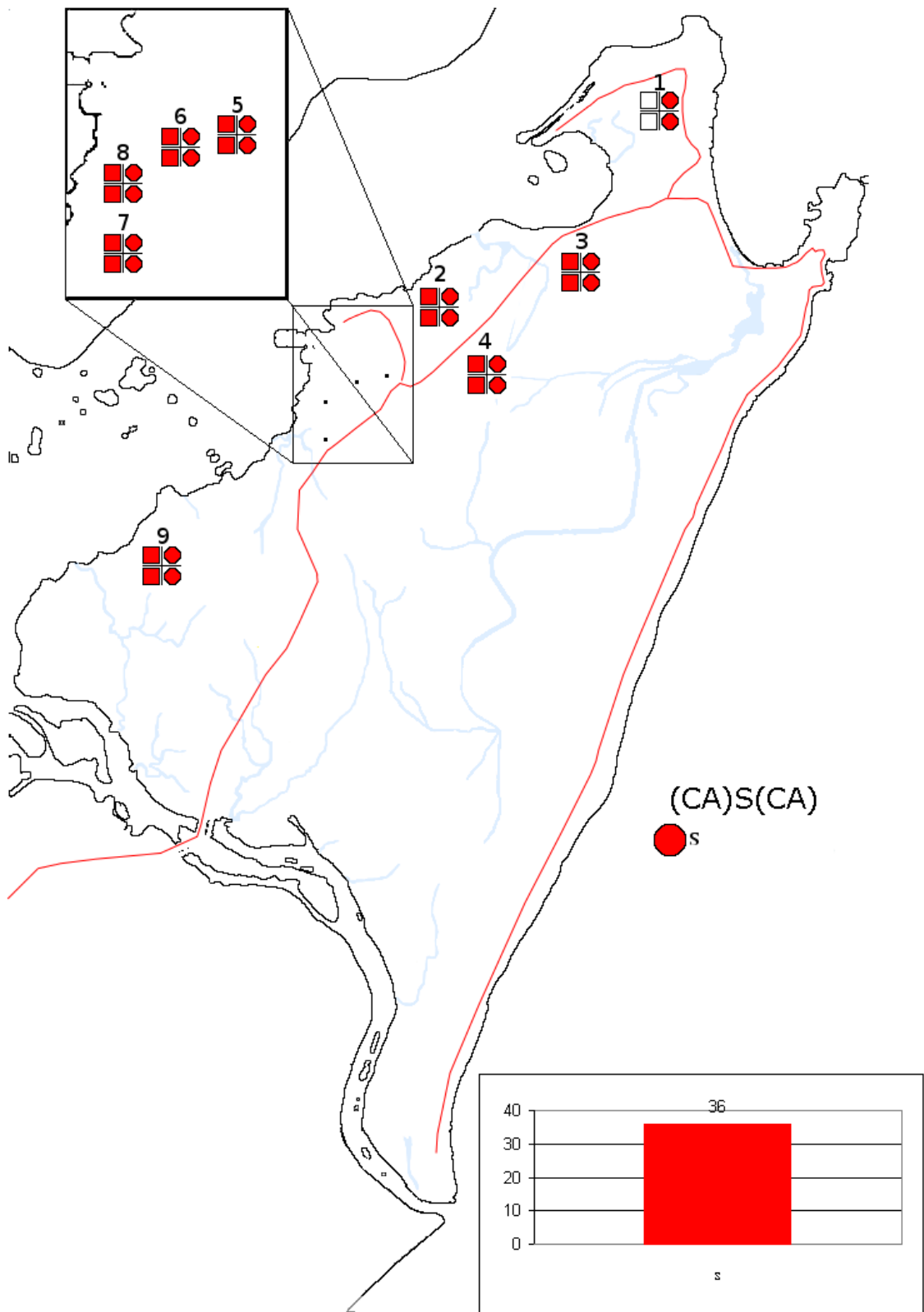
Carta 14. TOMATE (QFF-30)



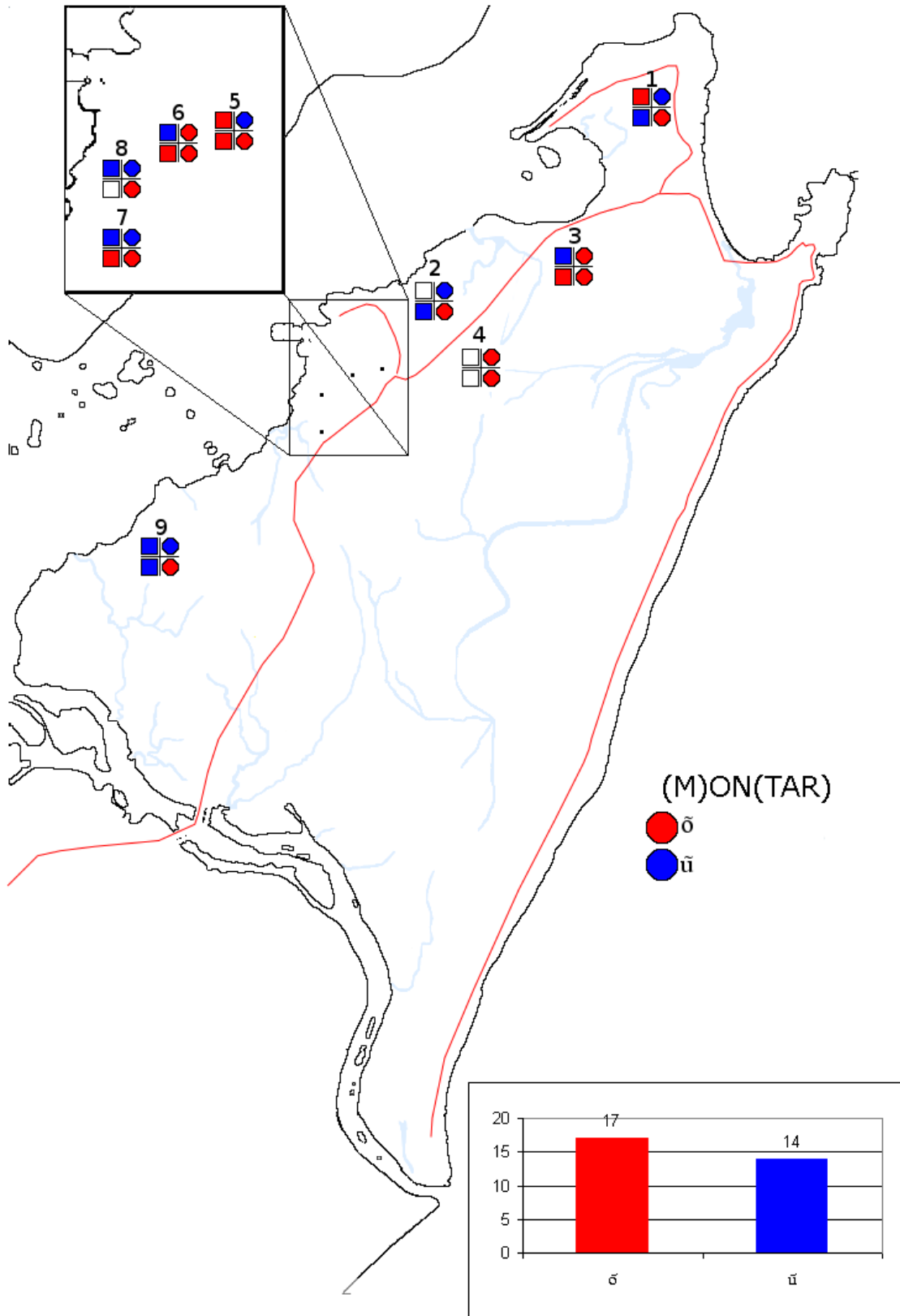
Carta 15. TOMATE (QFF-30)



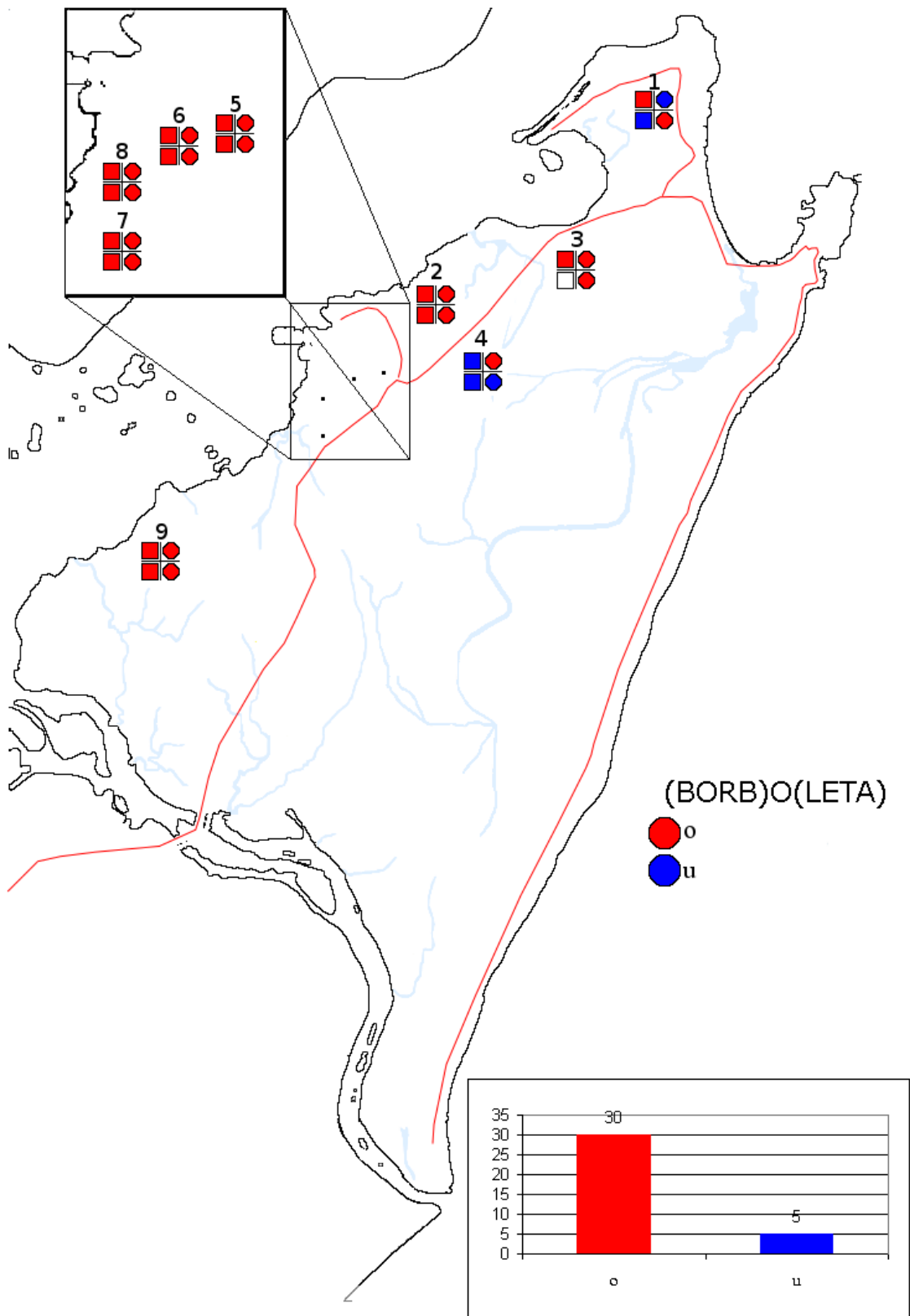
Carta 16. CASCA (QFF-31)



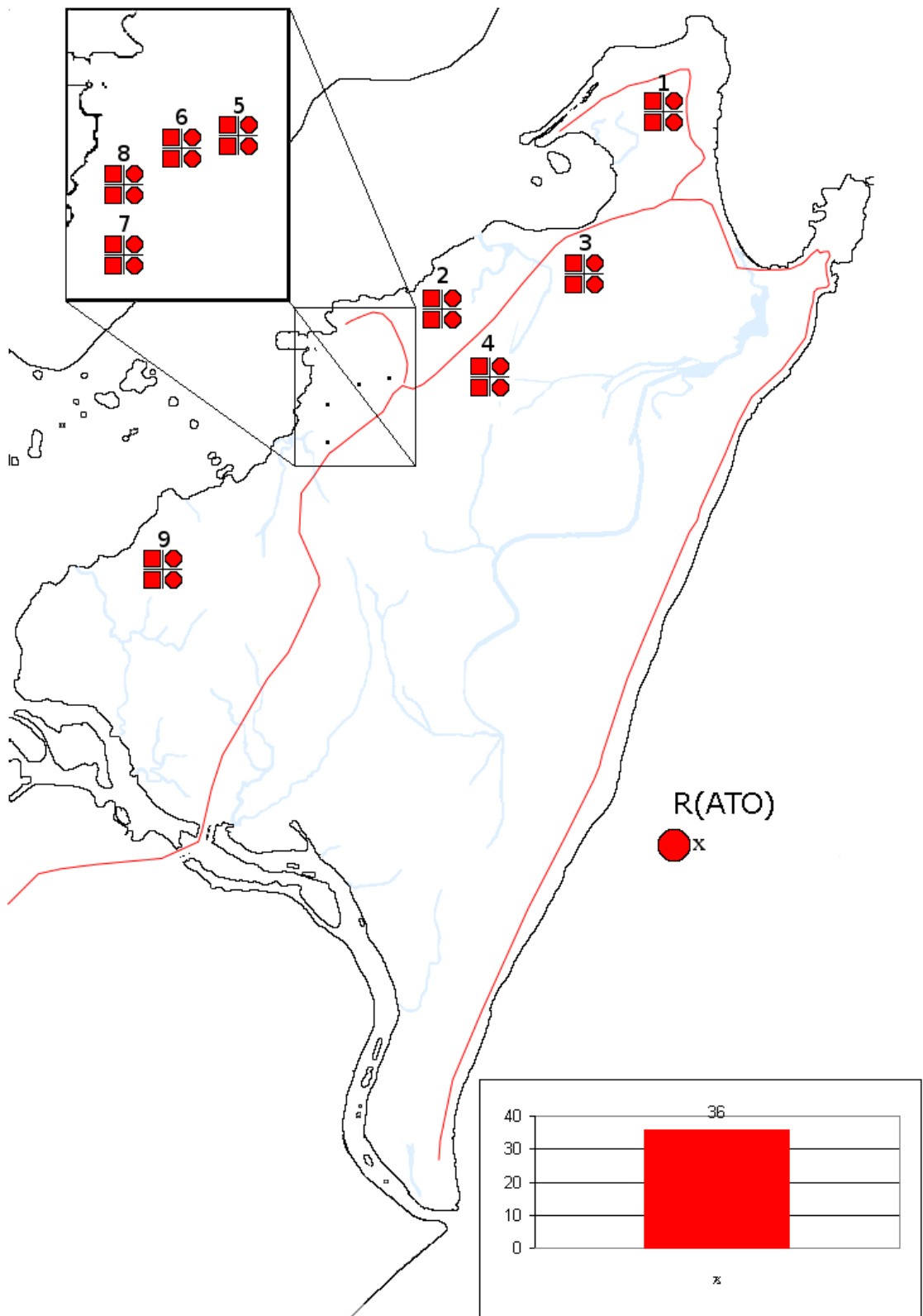
Carta 17. MONTAR (QFF-43)



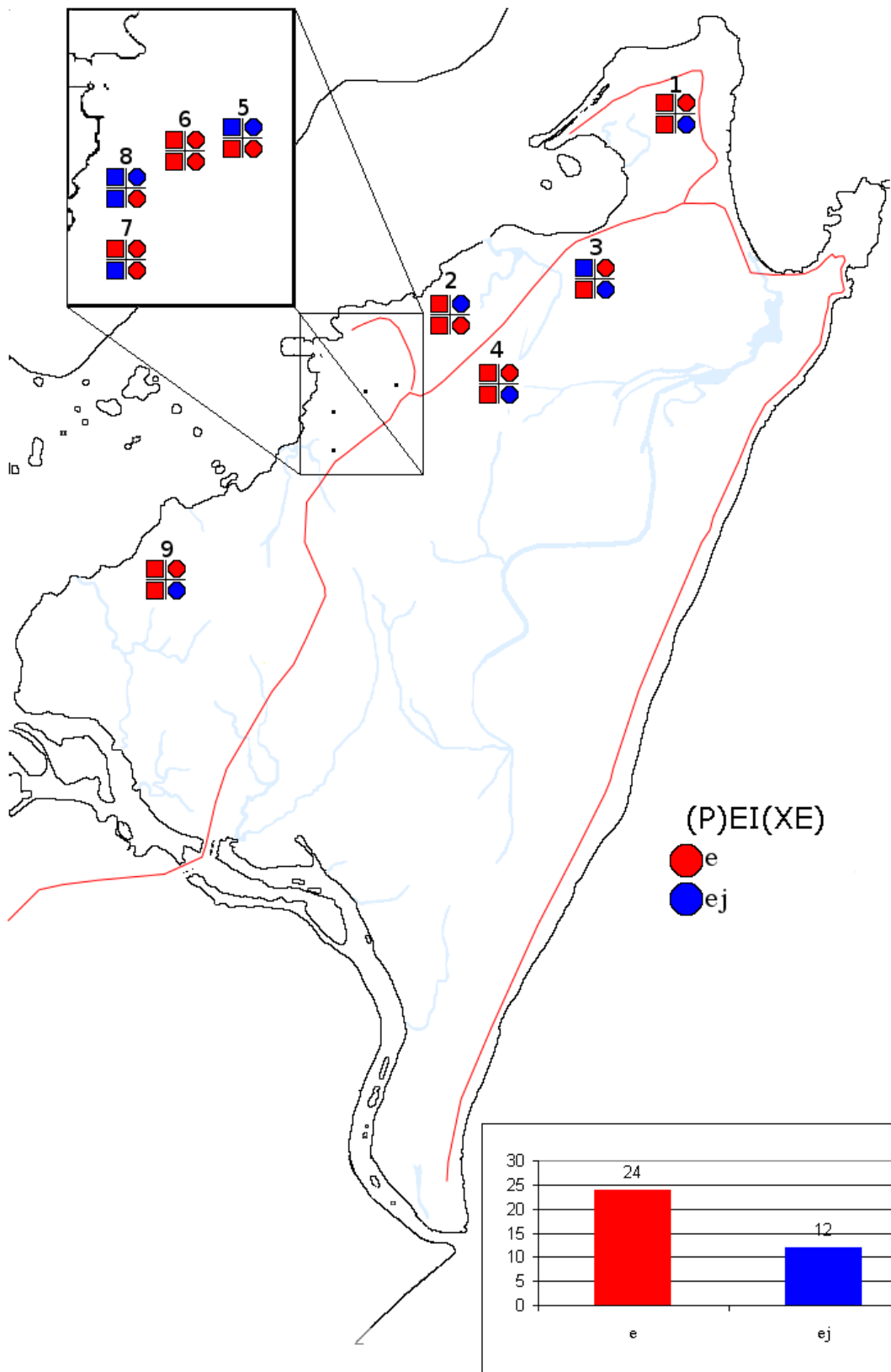
## Carta 18. BORBOLETA (QFF-46)



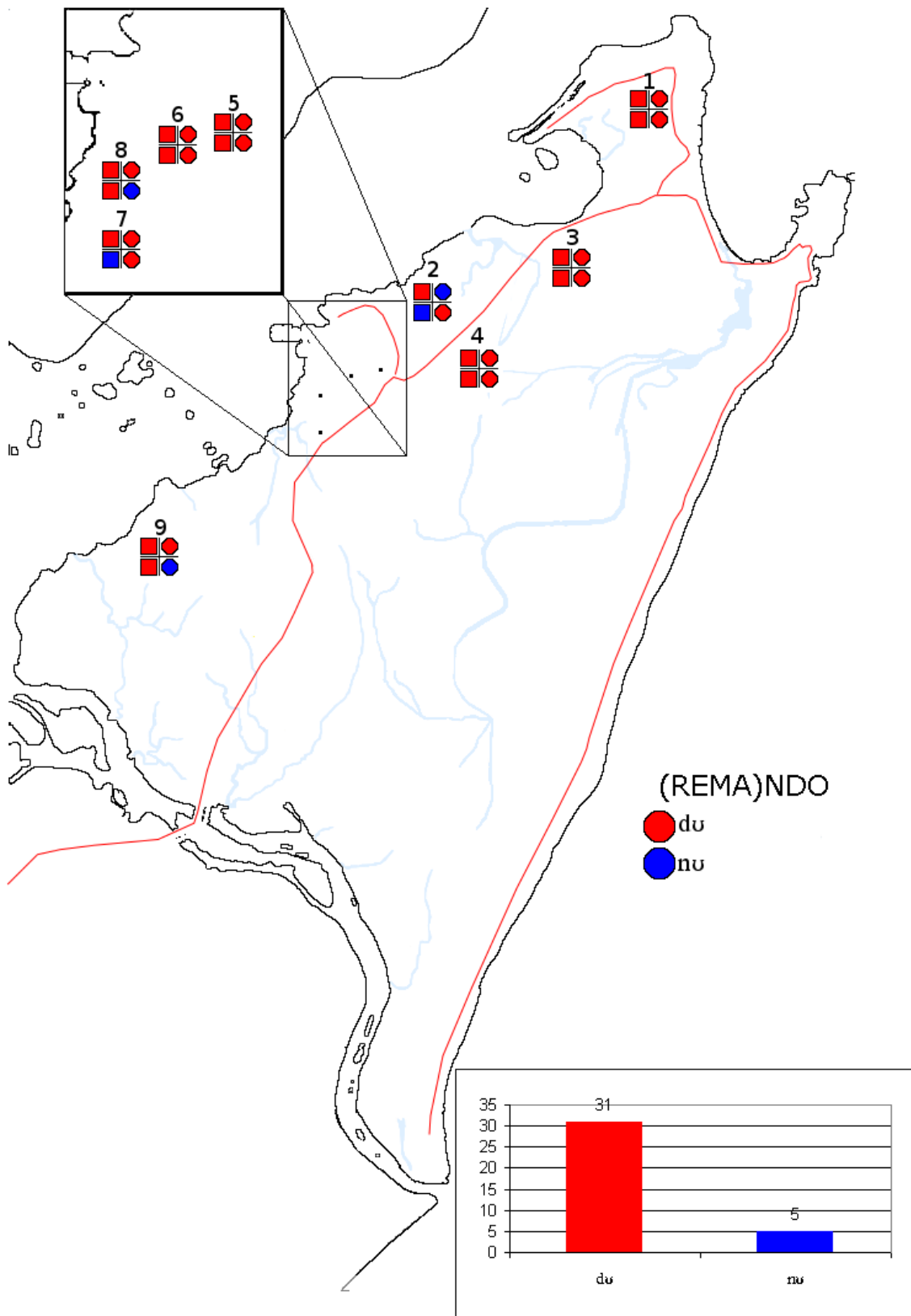
Carta 19. RATO (QFF-48)



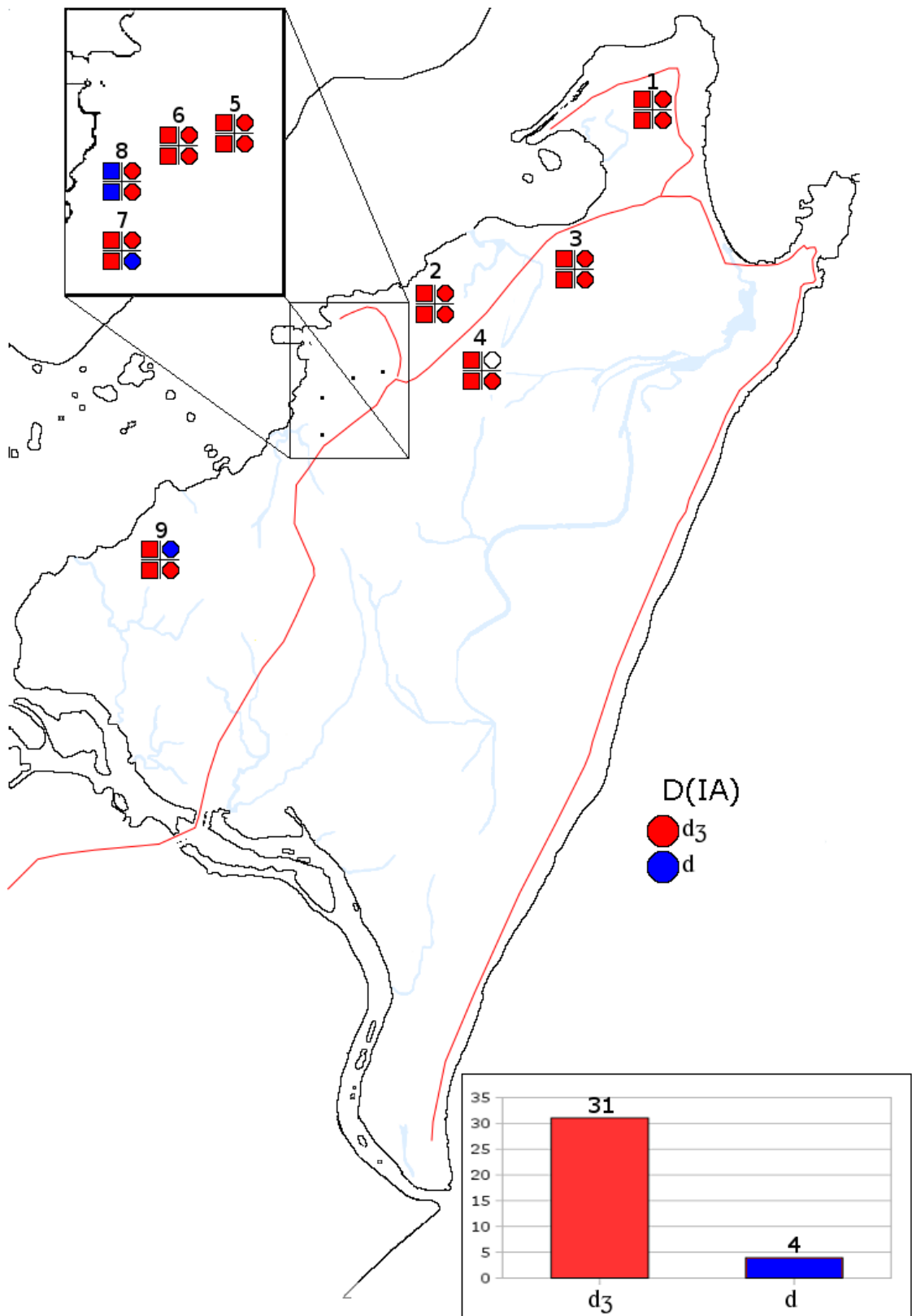
Carta 20. PEIXE (QFF-50)



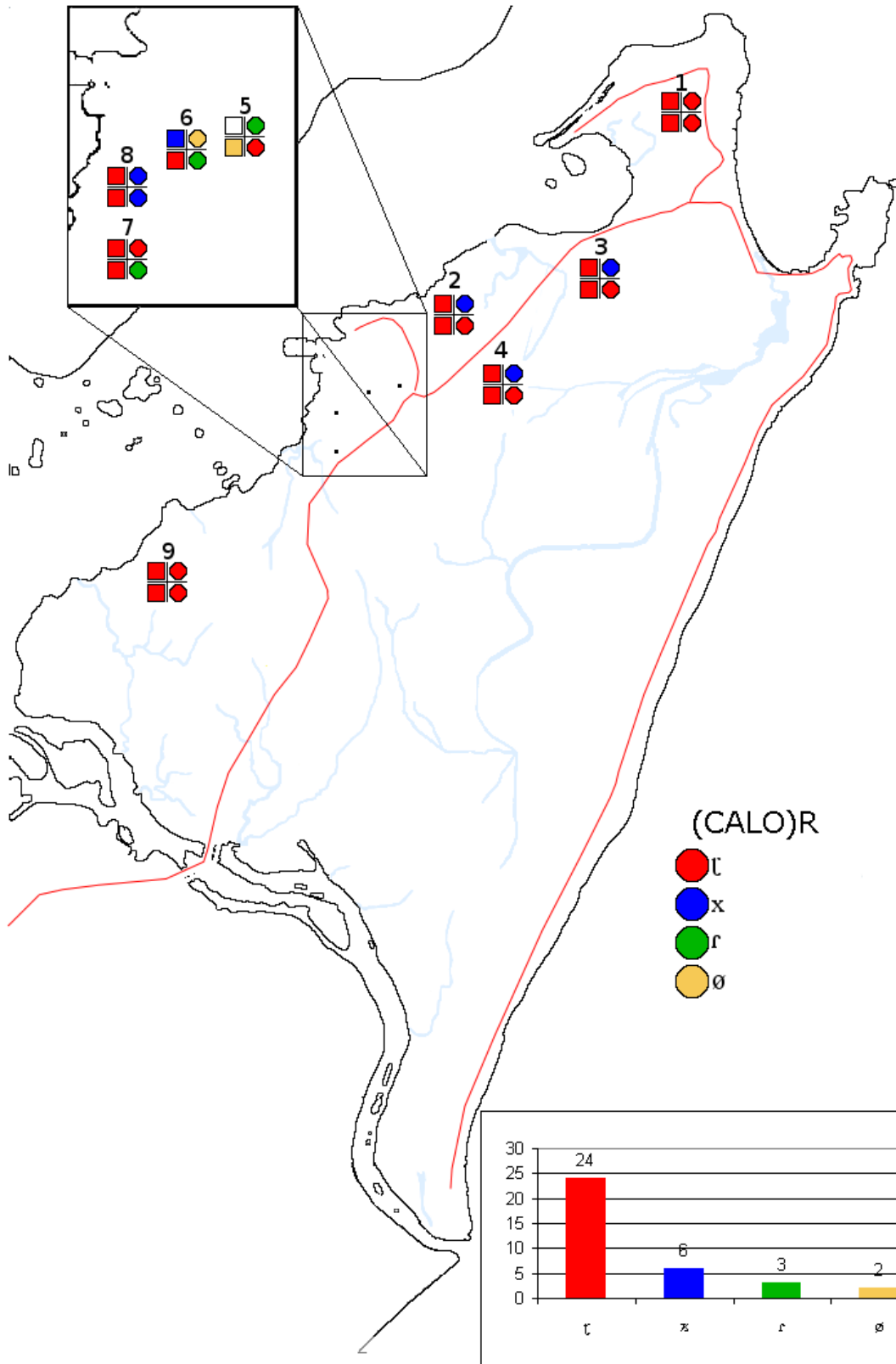
## Carta 21. REMANDO (QFF-52)



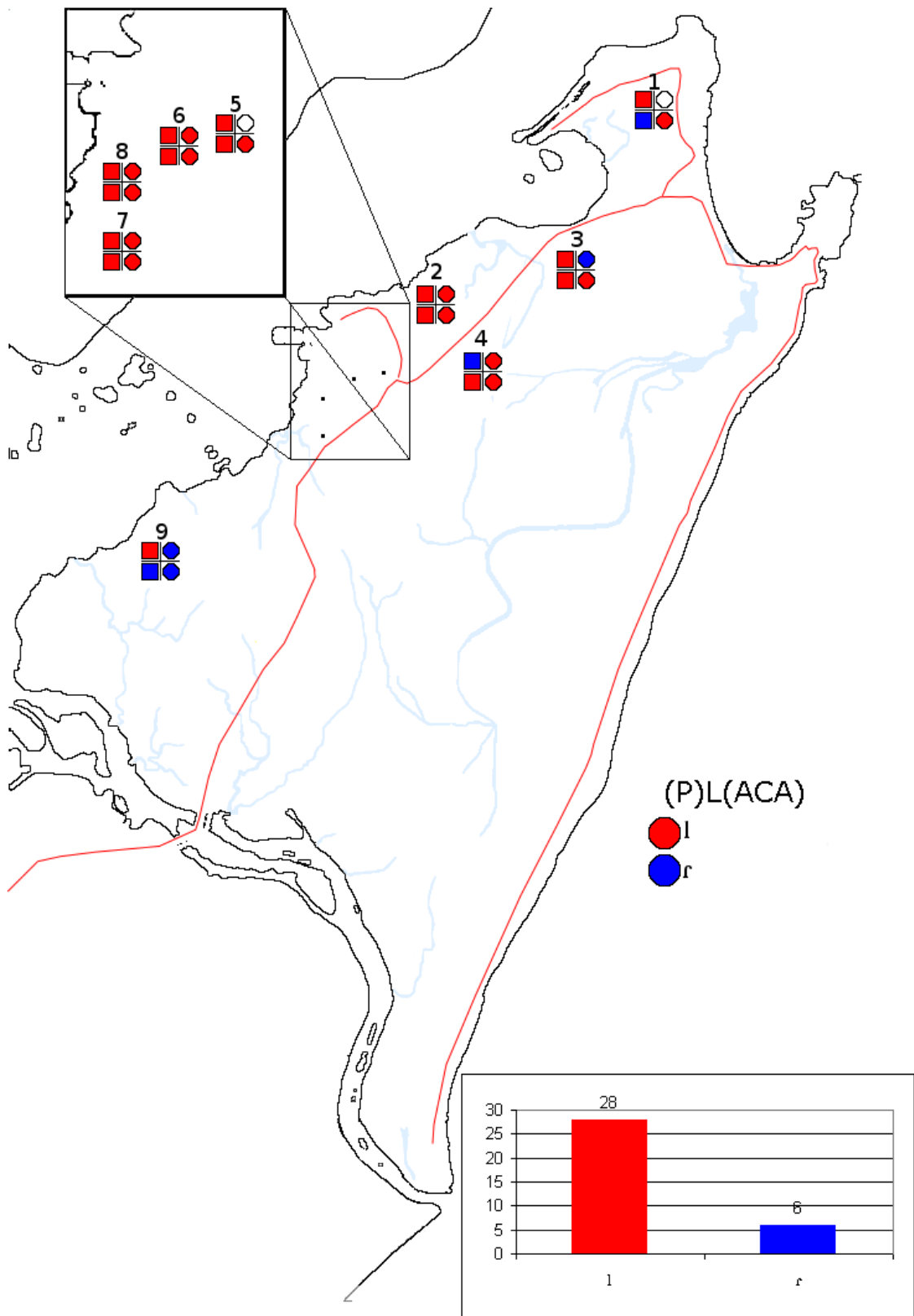
Carta 22. DIA (QFF-56)



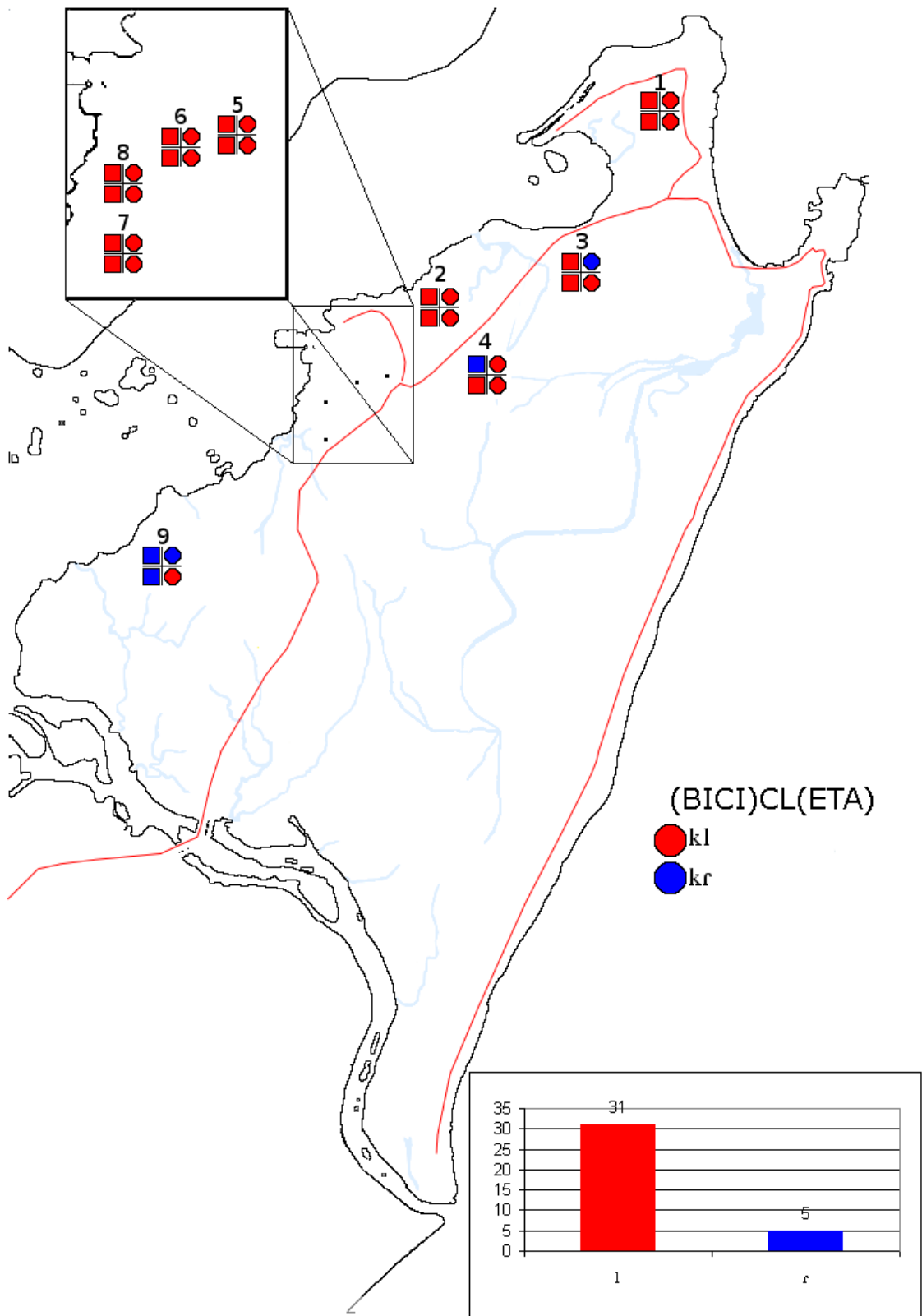
Carta 23. CALOR (QFF-61)



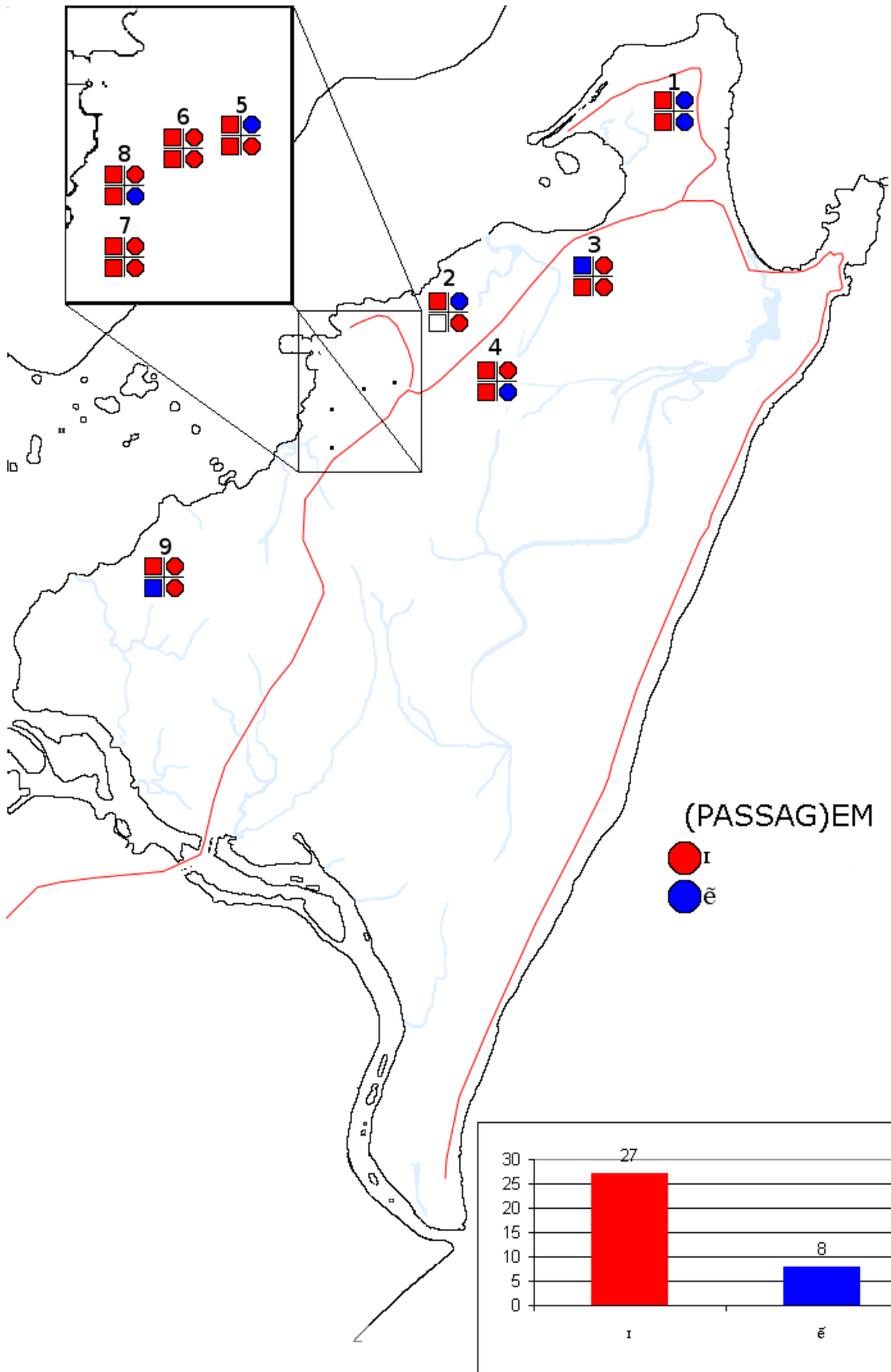
## Carta 24. PLACA (QFF-70)



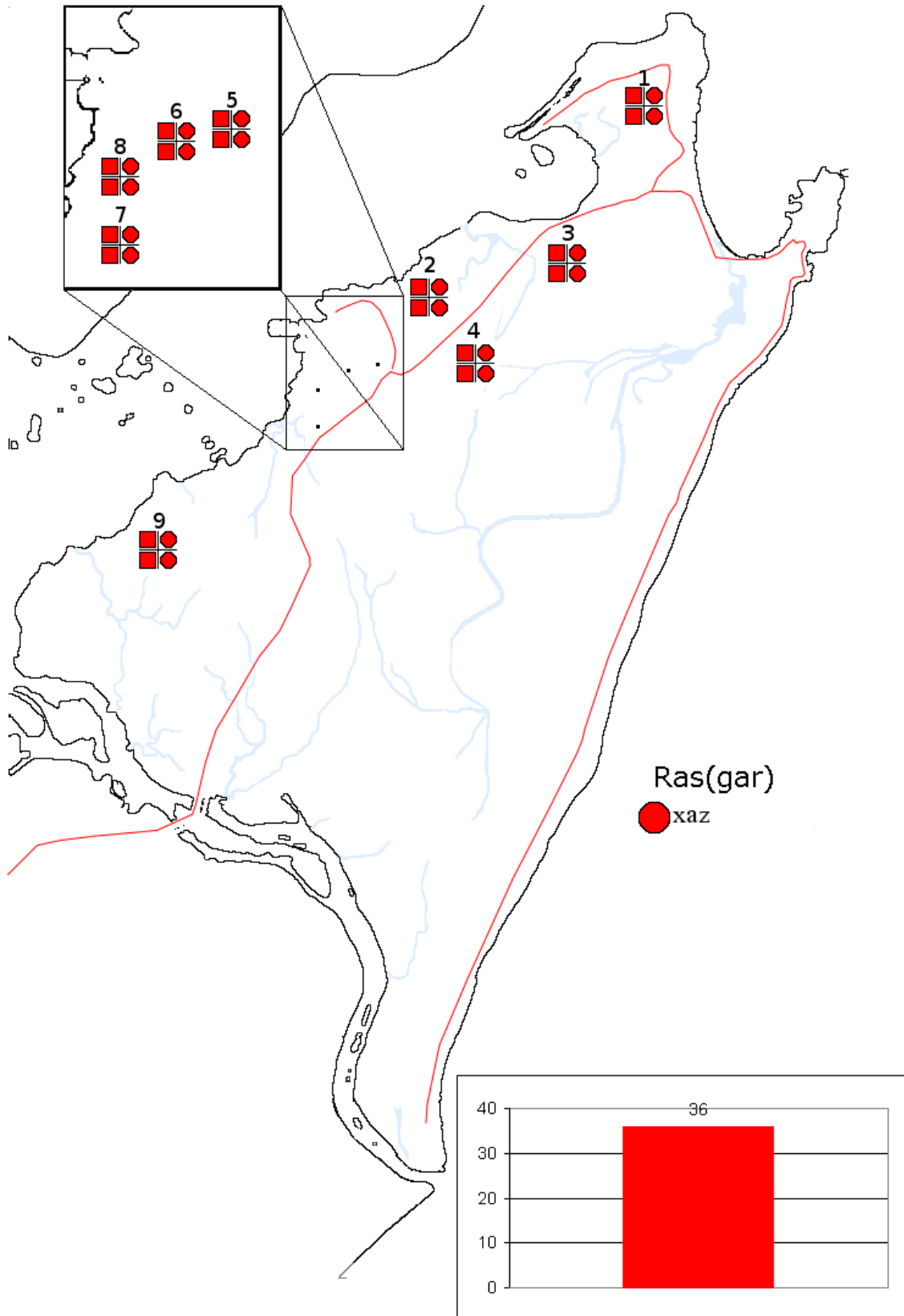
Carta 25. BICICLETA (QFF-71)



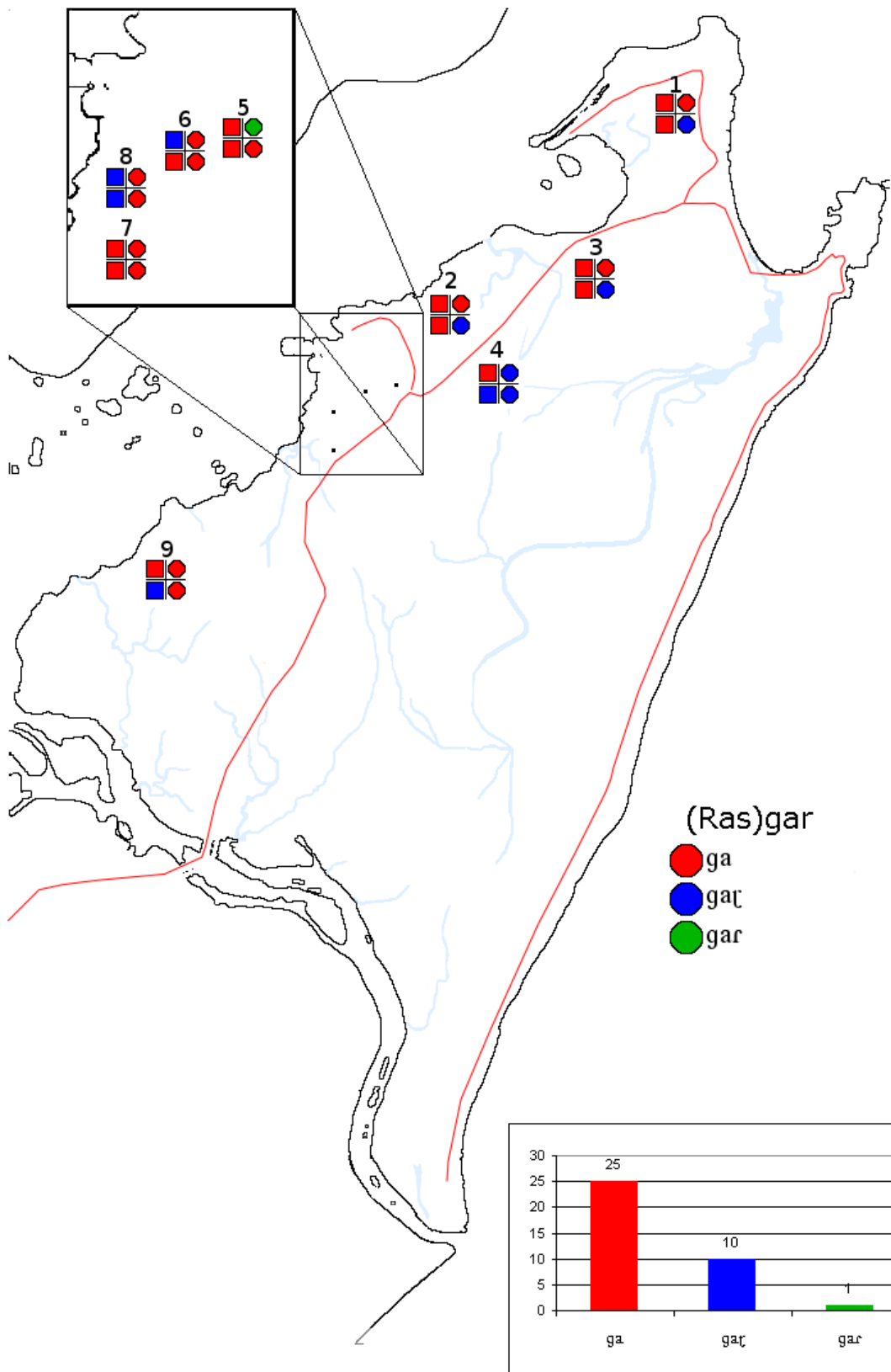
Carta 26. PASSAGEM (QFF-75)



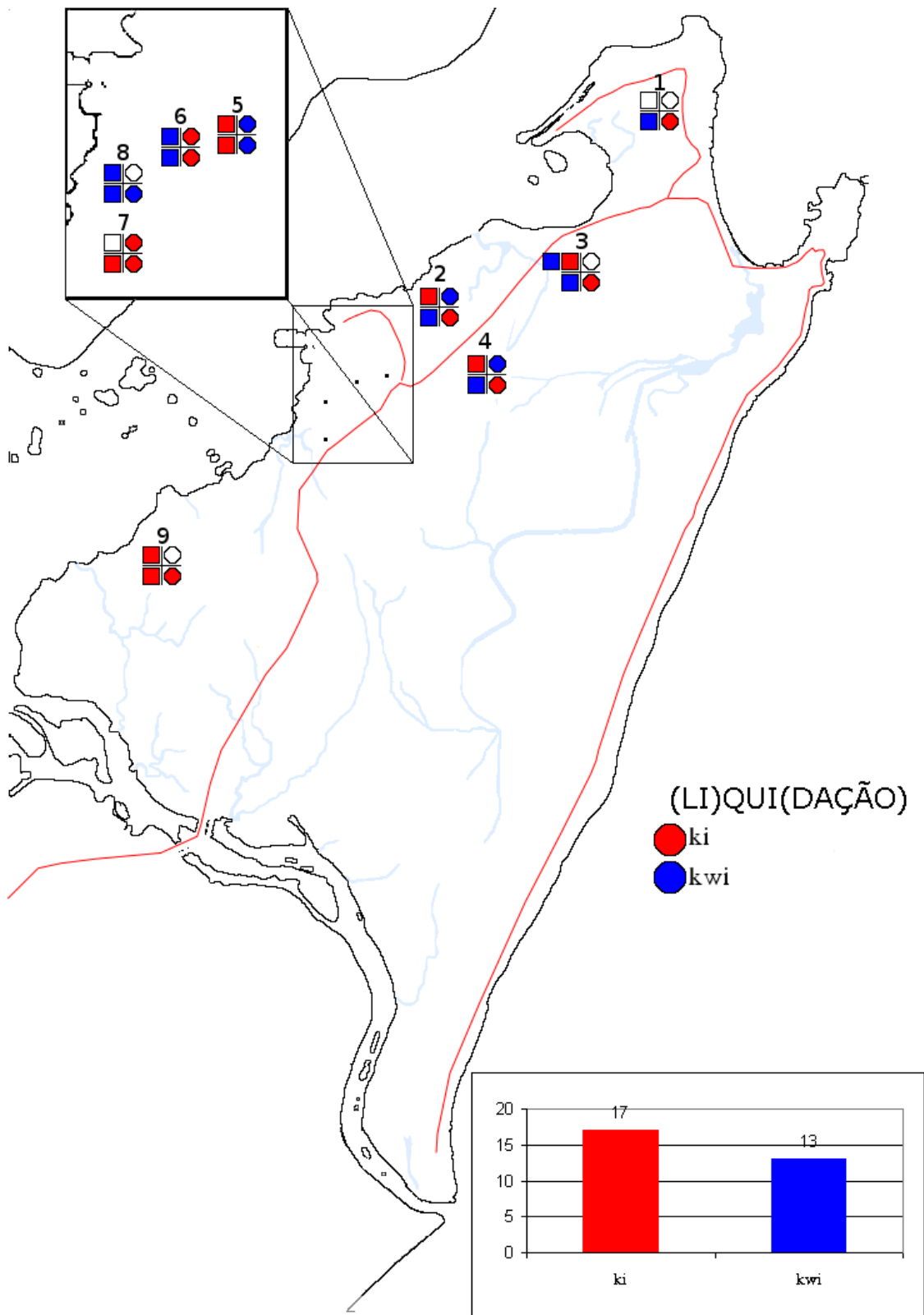
Carta 28. RASGAR (QFF-88)



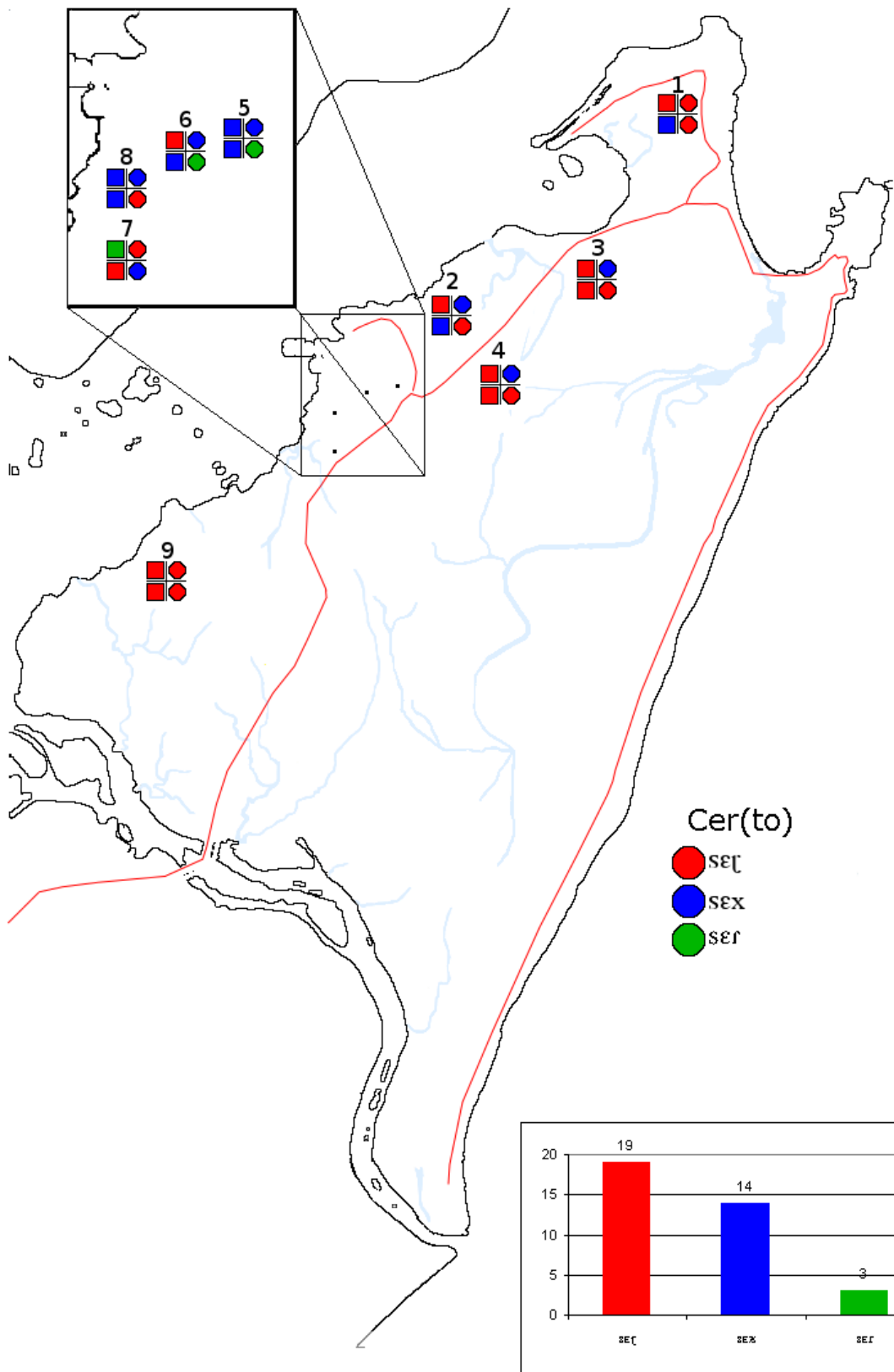
Carta 29. RASGAR (QFF-88)



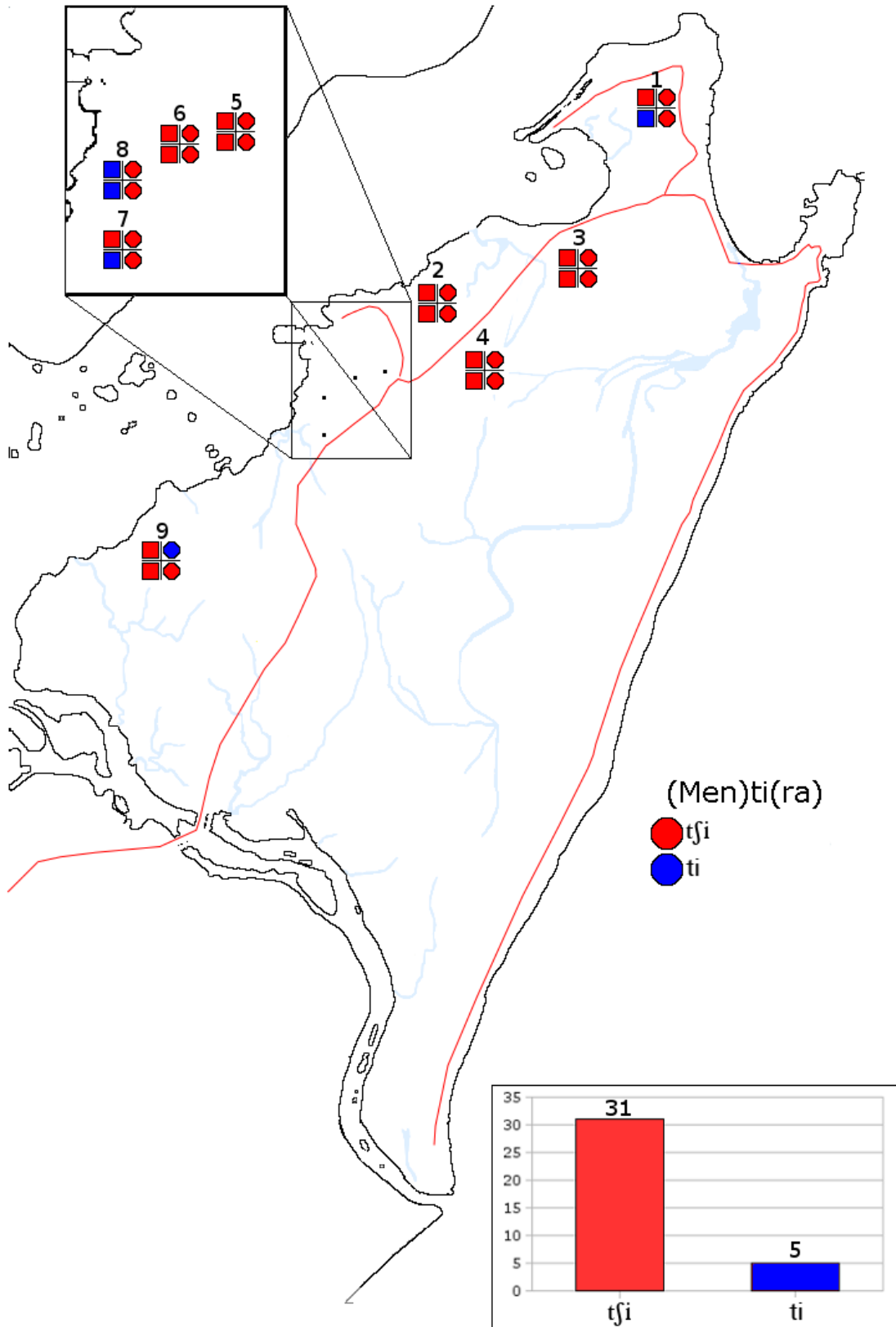
Carta 30. LIQÜIDAÇÃO/LIQUIDAÇÃO (QFF-95)



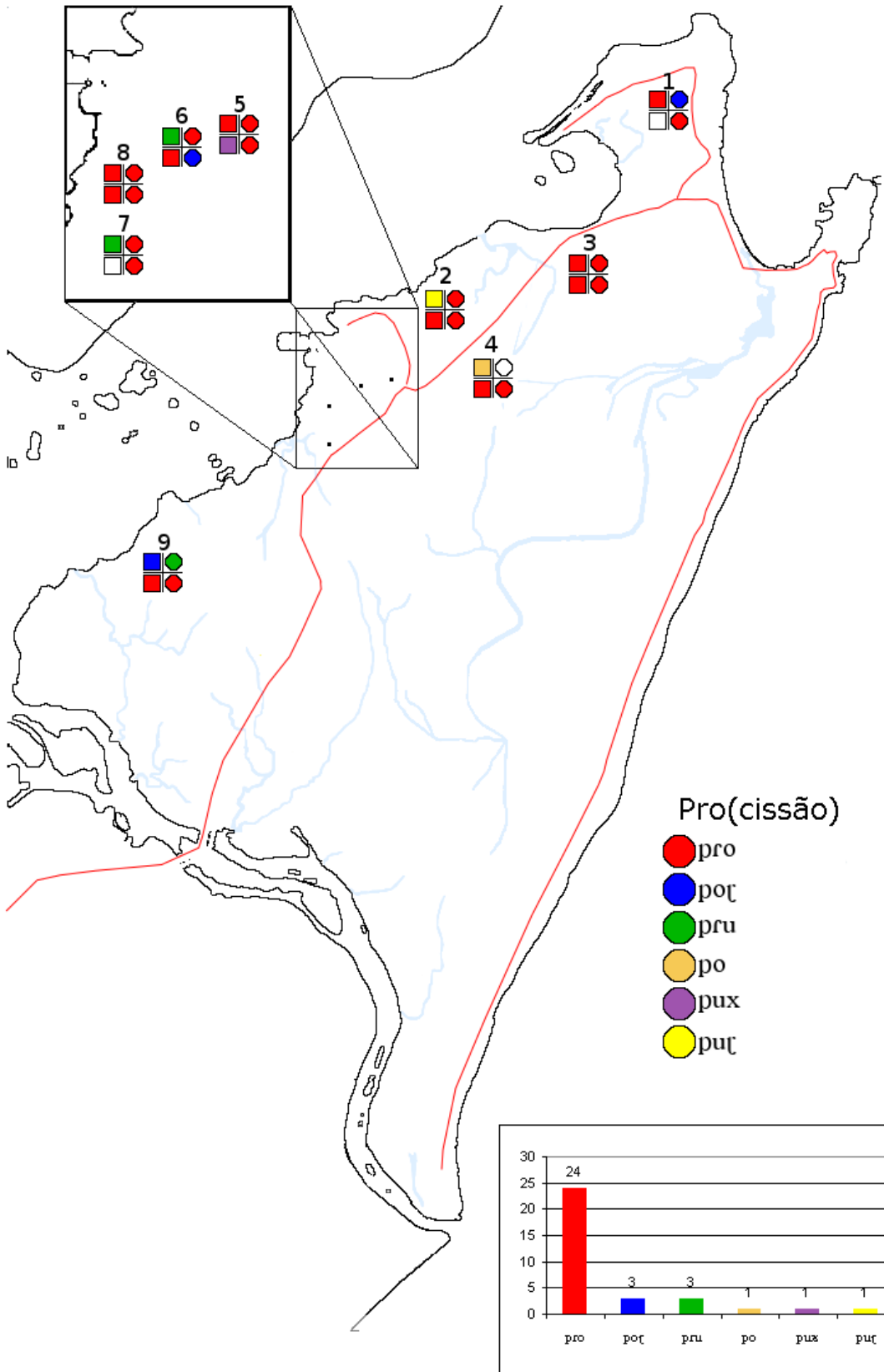
Carta 31. CERTO (QFF-105)



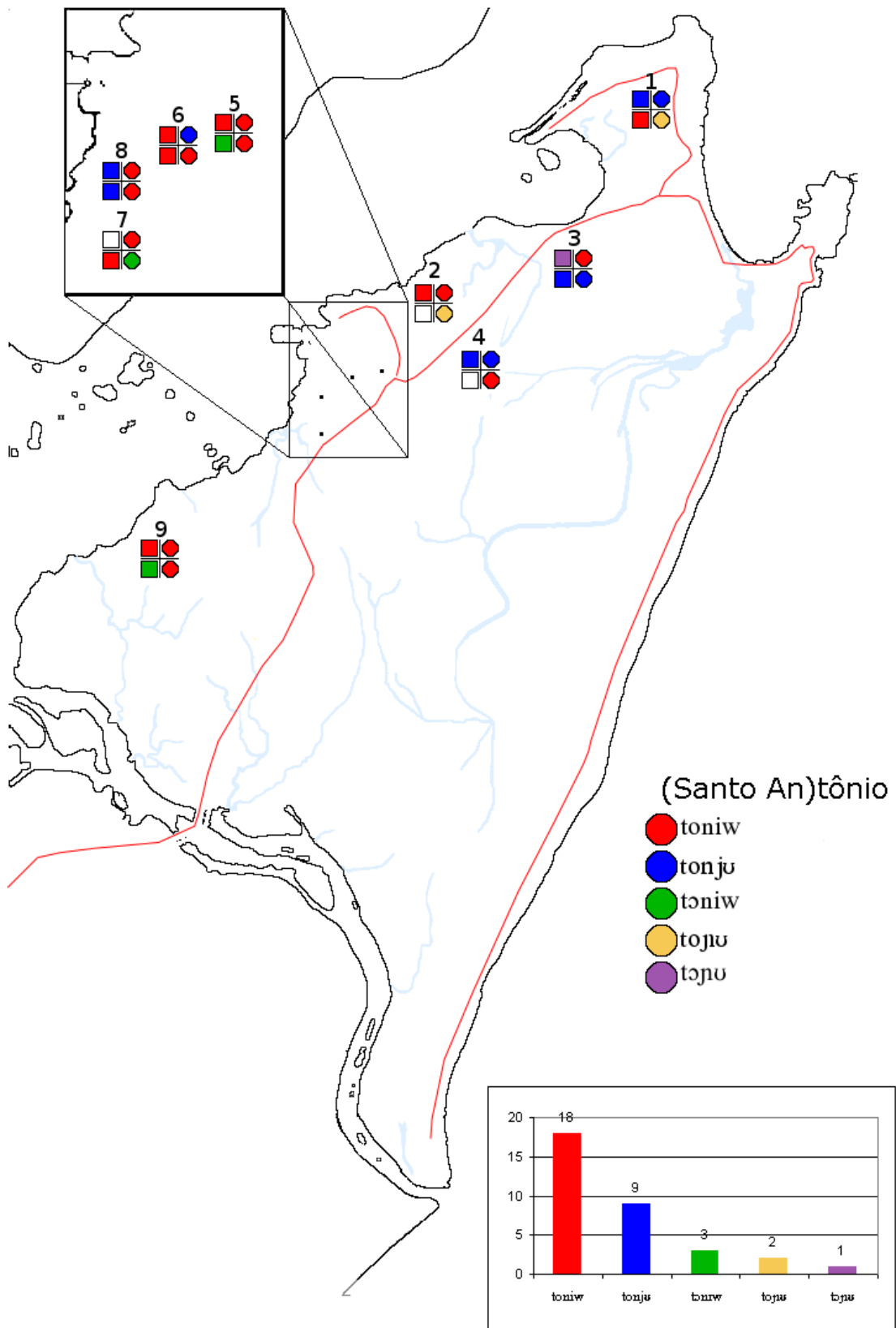
Carta 32. MENTIRA (QFF-106)



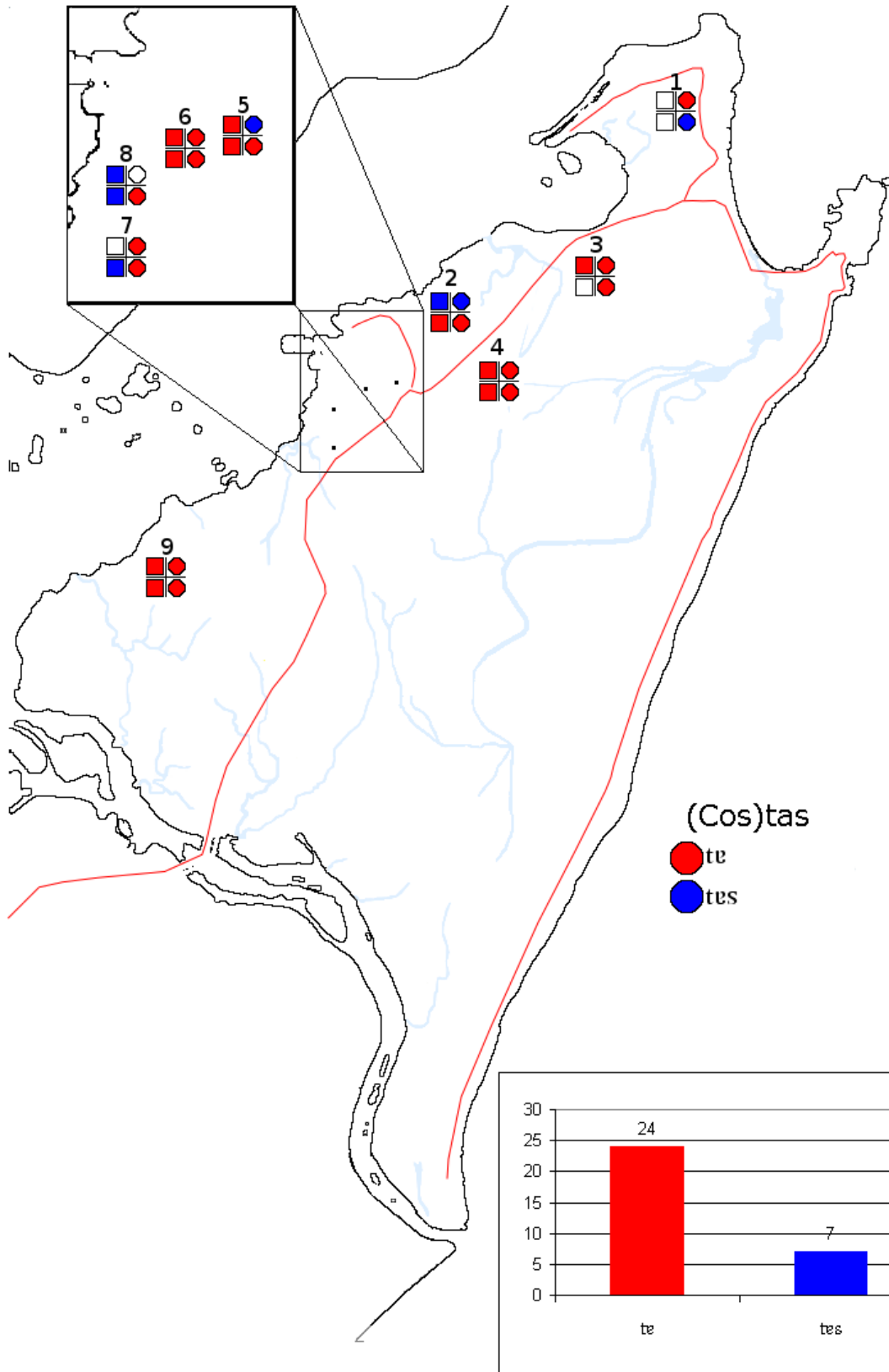
Carta 33. PROCISSÃO (QFF-107)



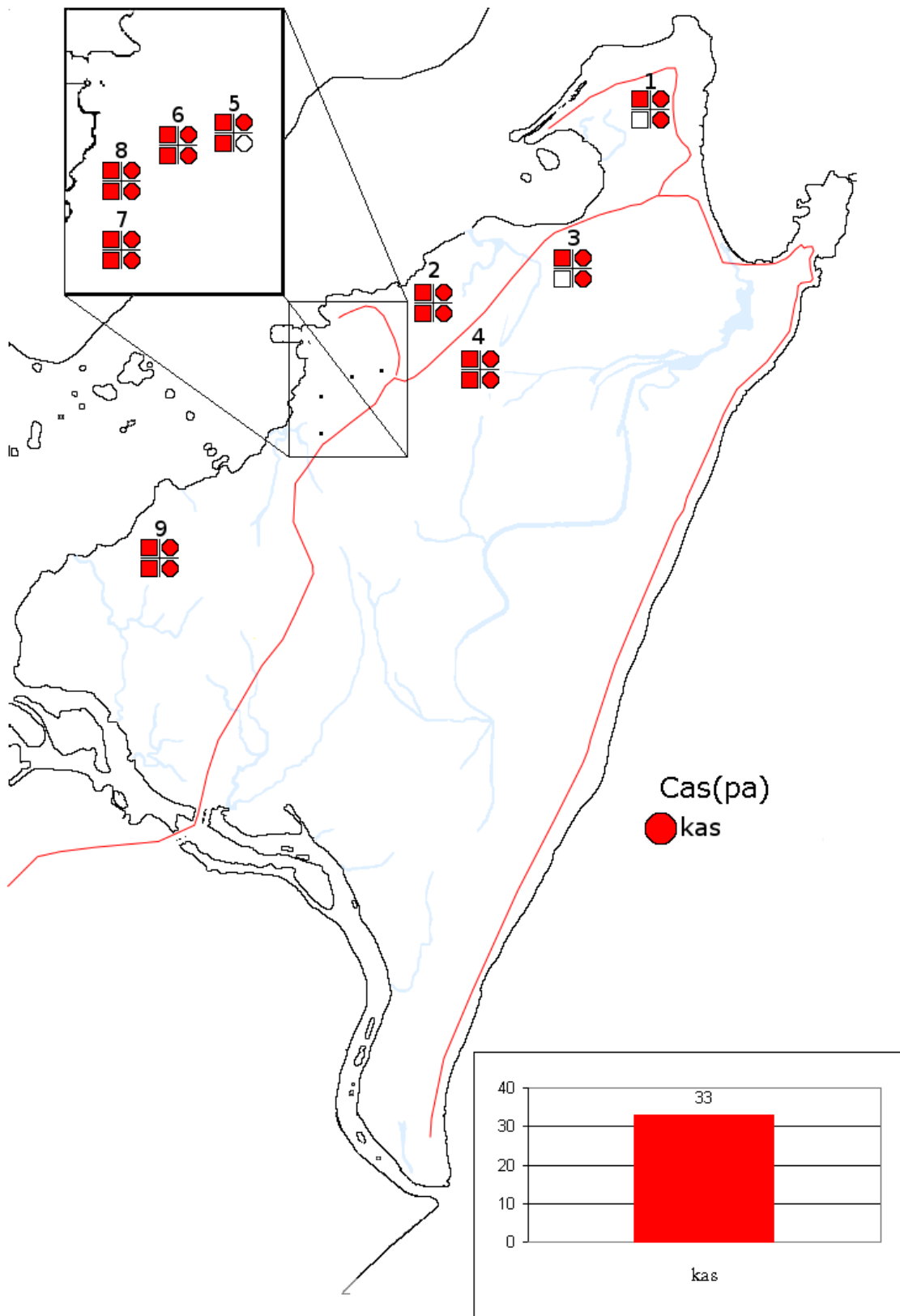
Carta 34. SANTO ANTÔNIO (QFF-108)



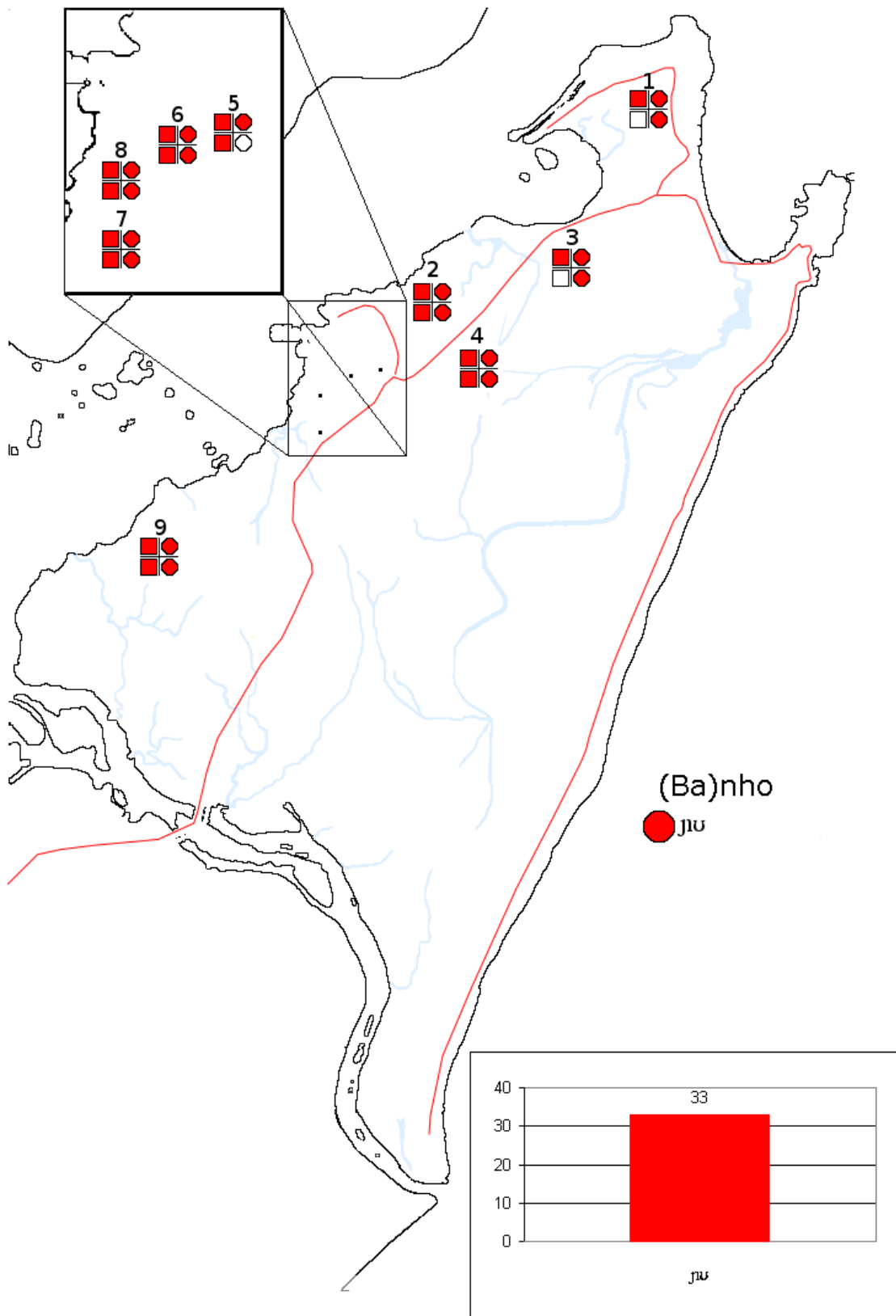
Carta 35. COSTAS (QFF-120)



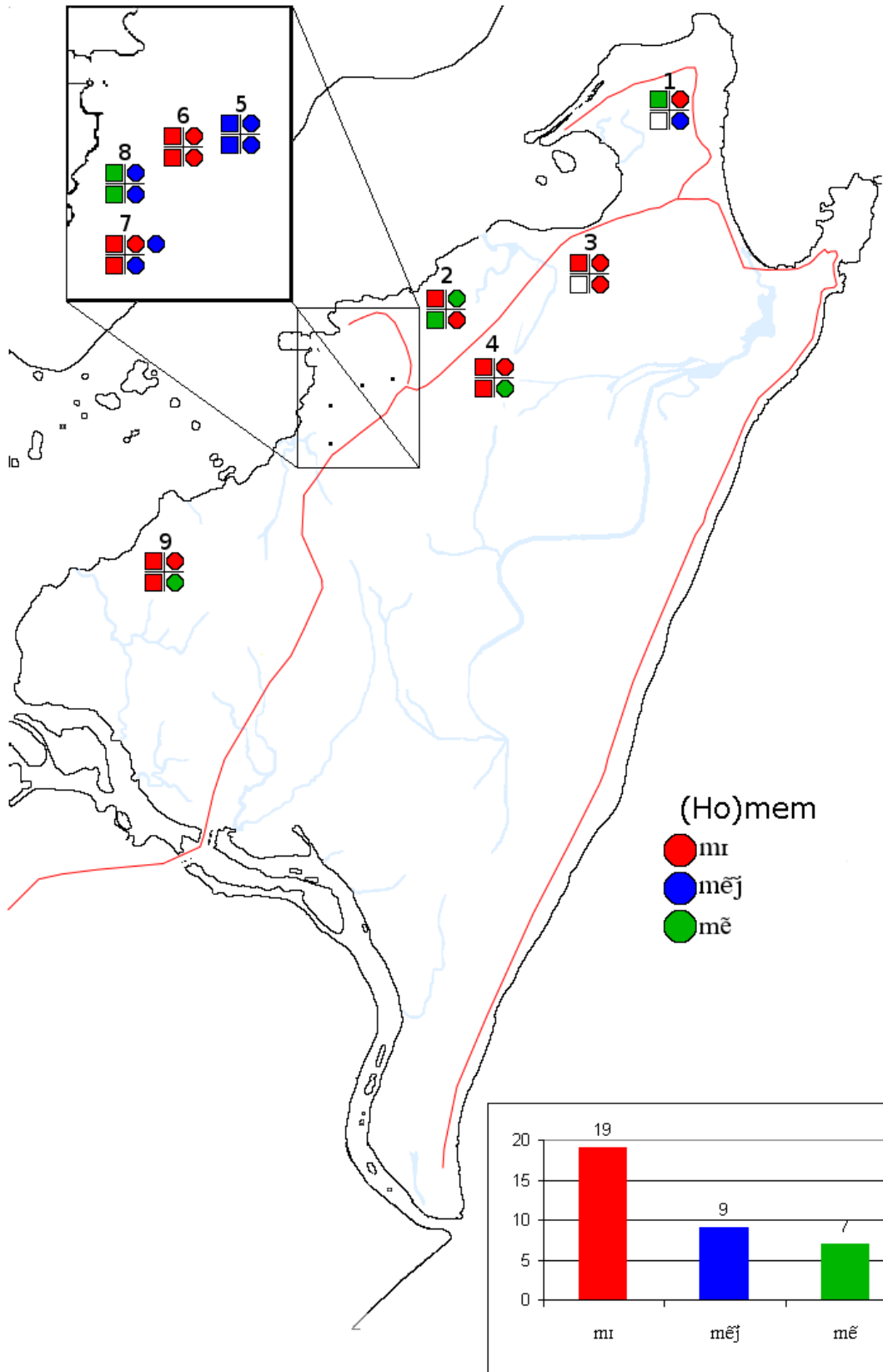
Carta 36. CASPA (QFF-124)



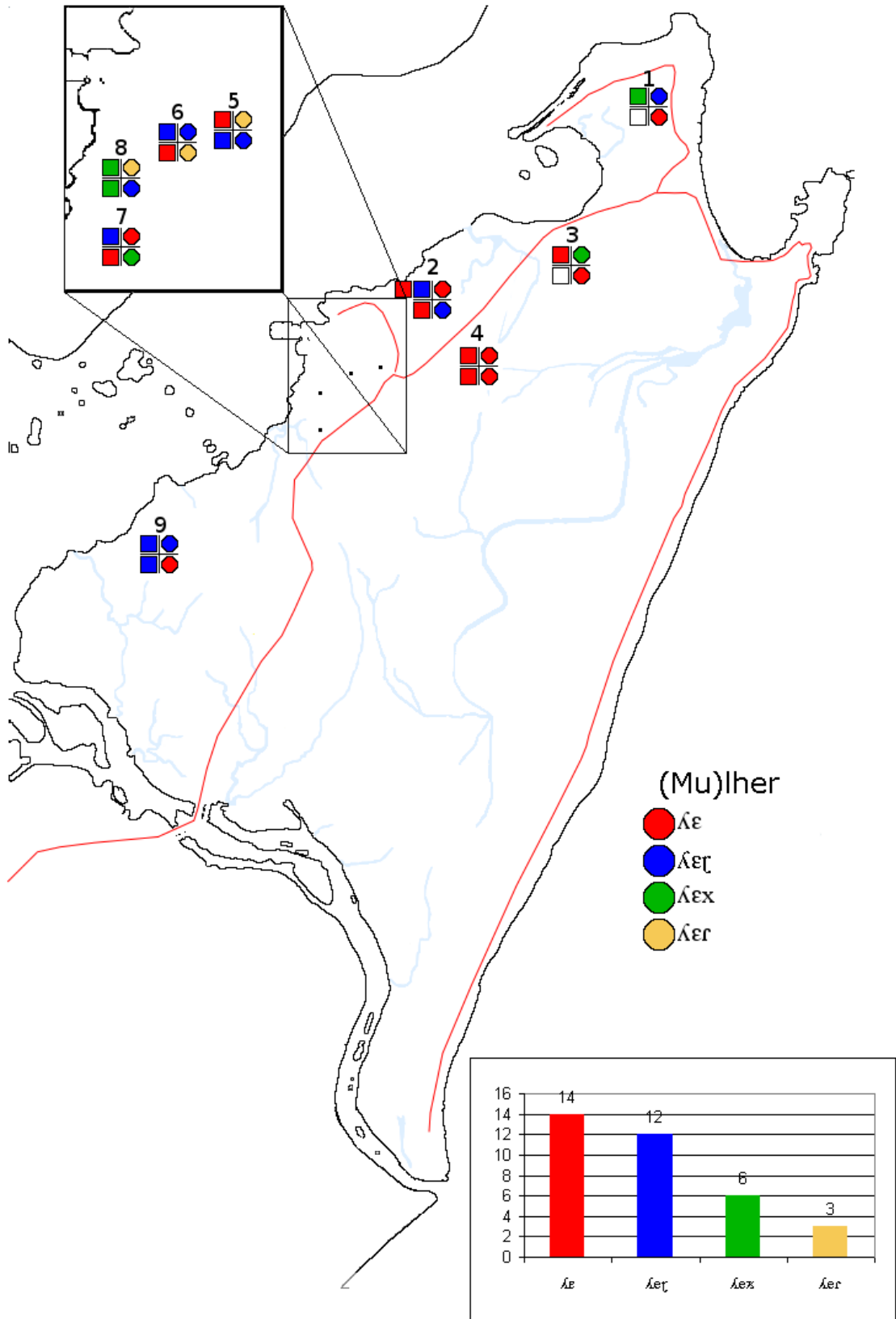
Carta 37. BANHO (QFF-125)



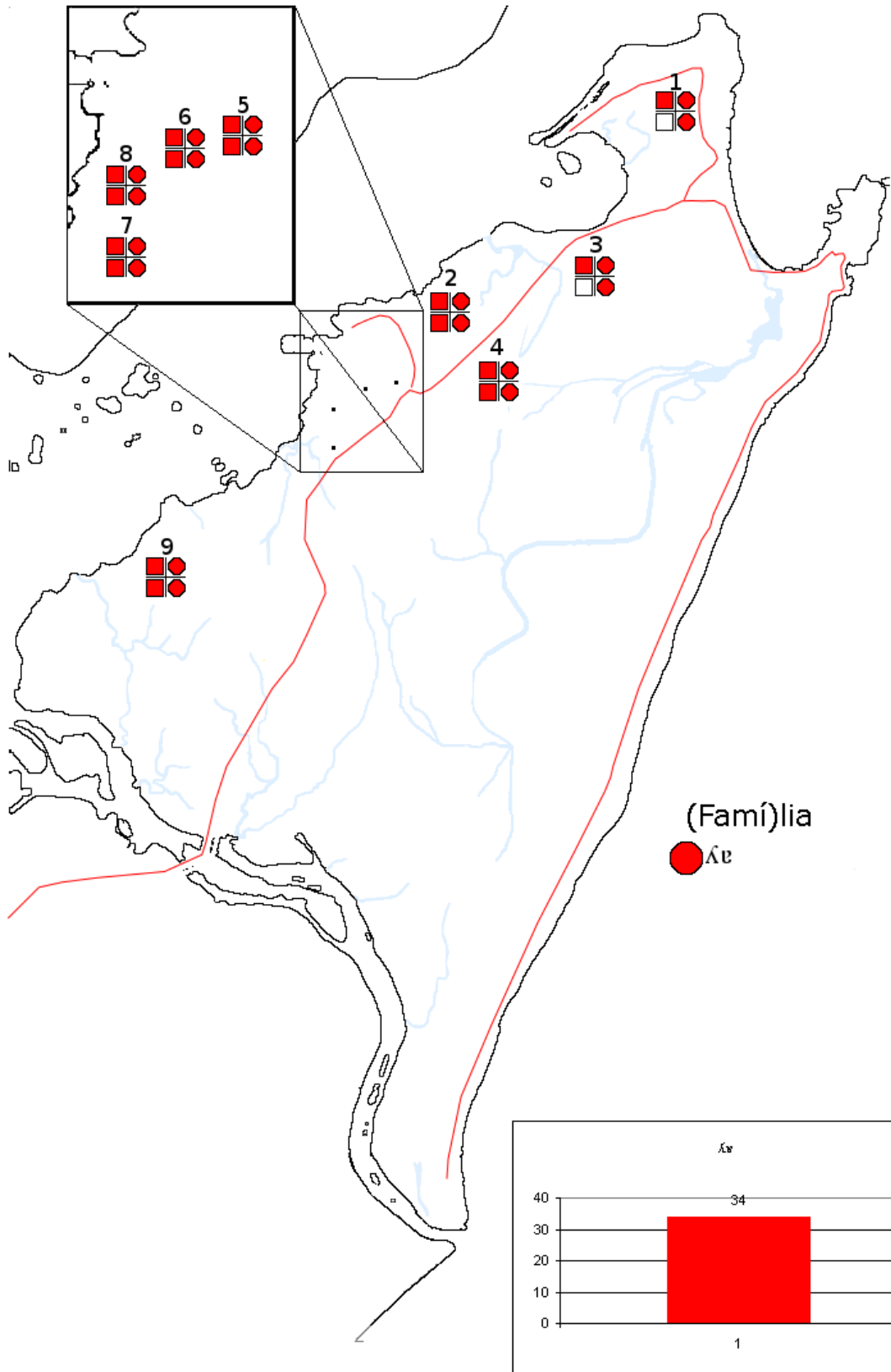
Carta 38. HOMEM (QFF-128)



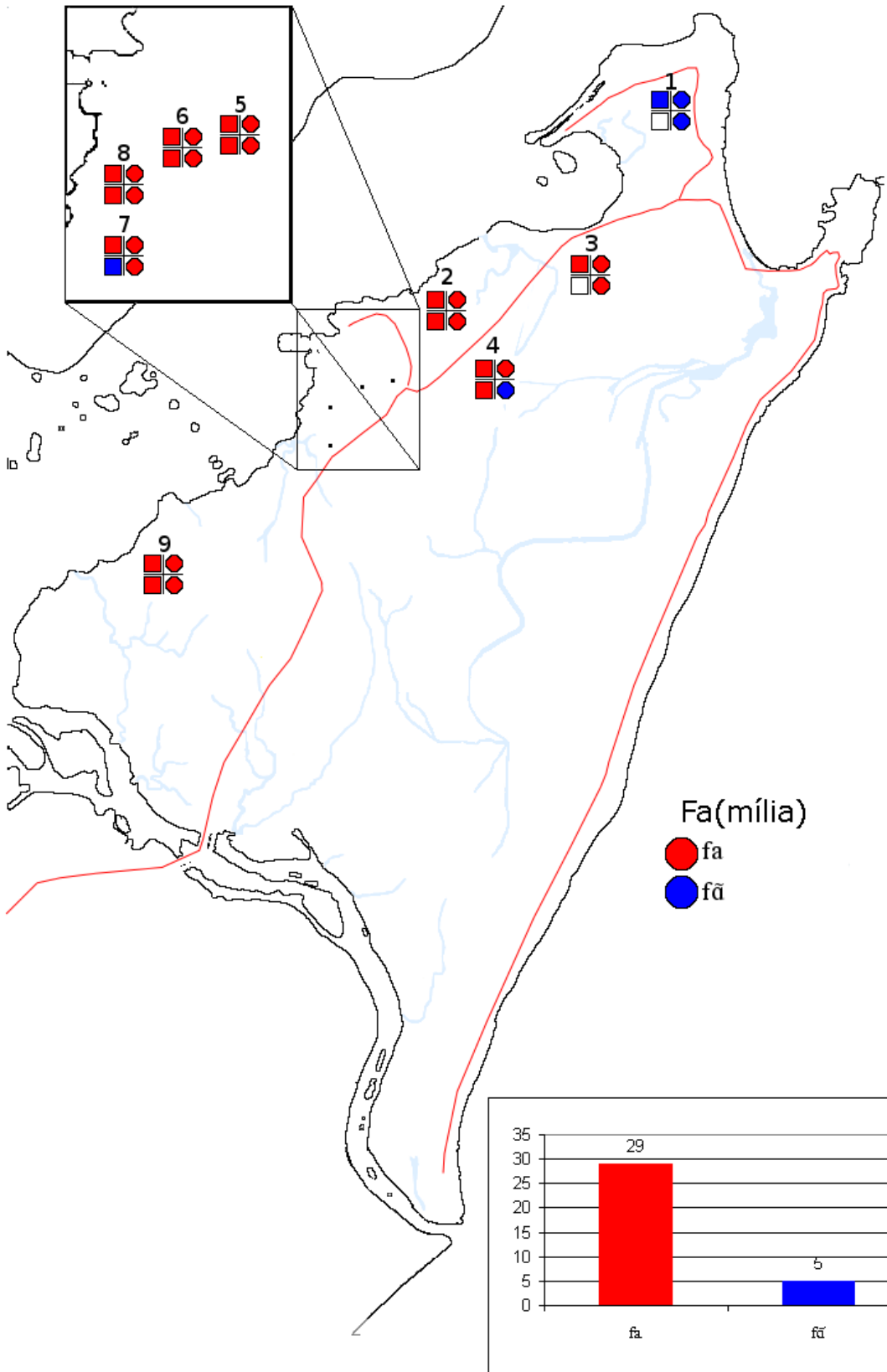
## Carta 39. MULHER (QFF-129)



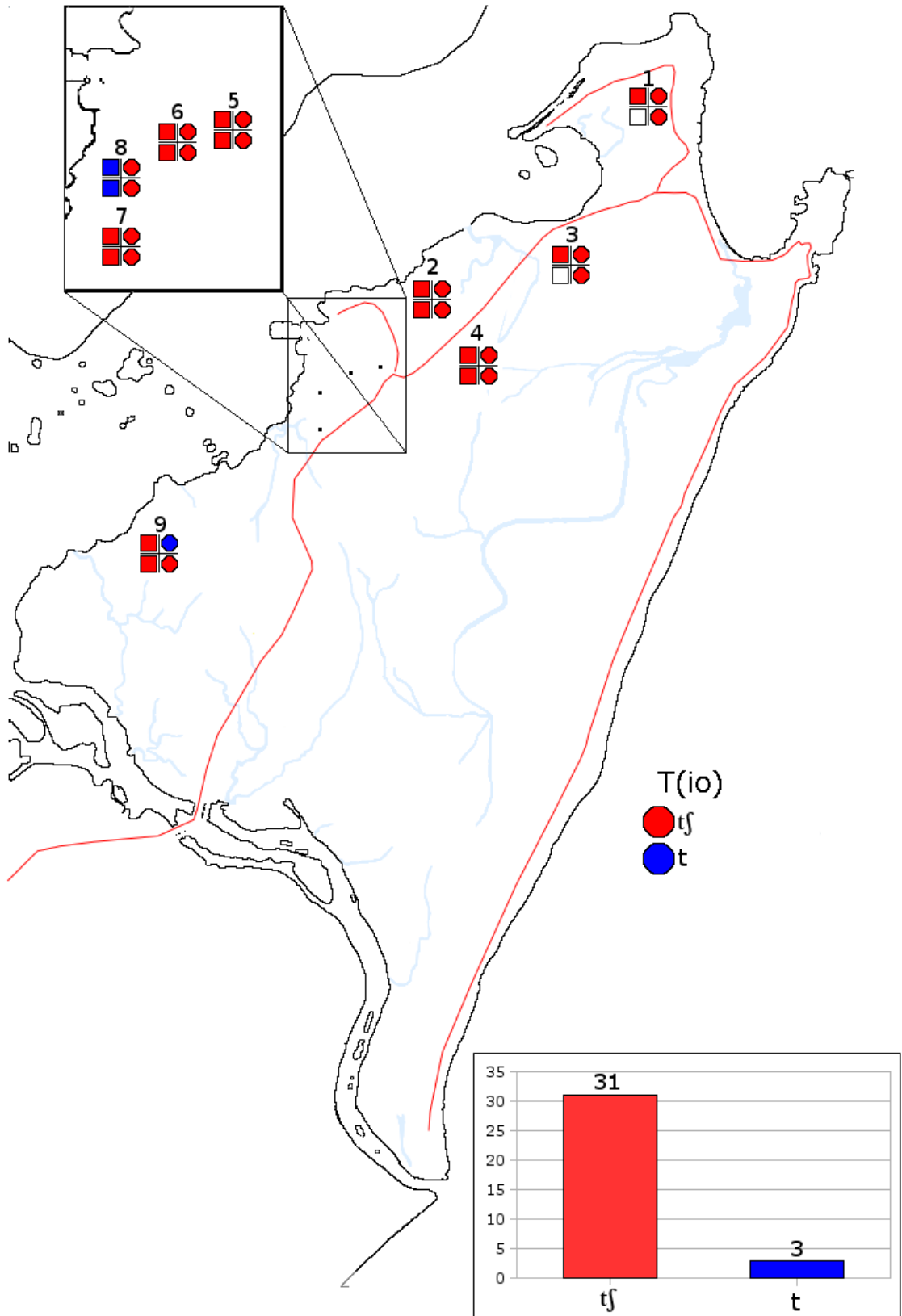
## Carta 40. FAMÍLIA (QFF-130)



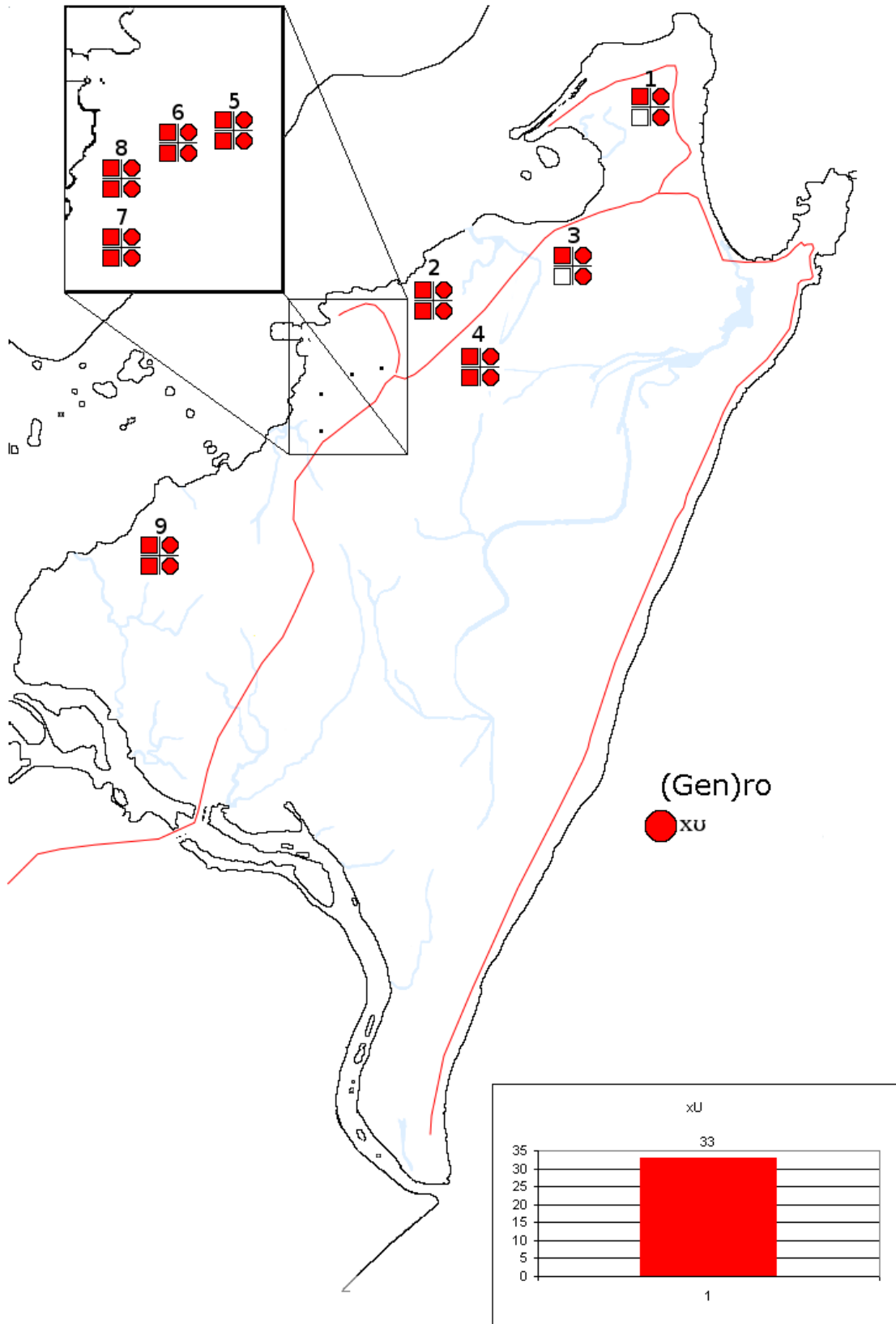
Carta 41. FAMÍLIA (QFF-130)



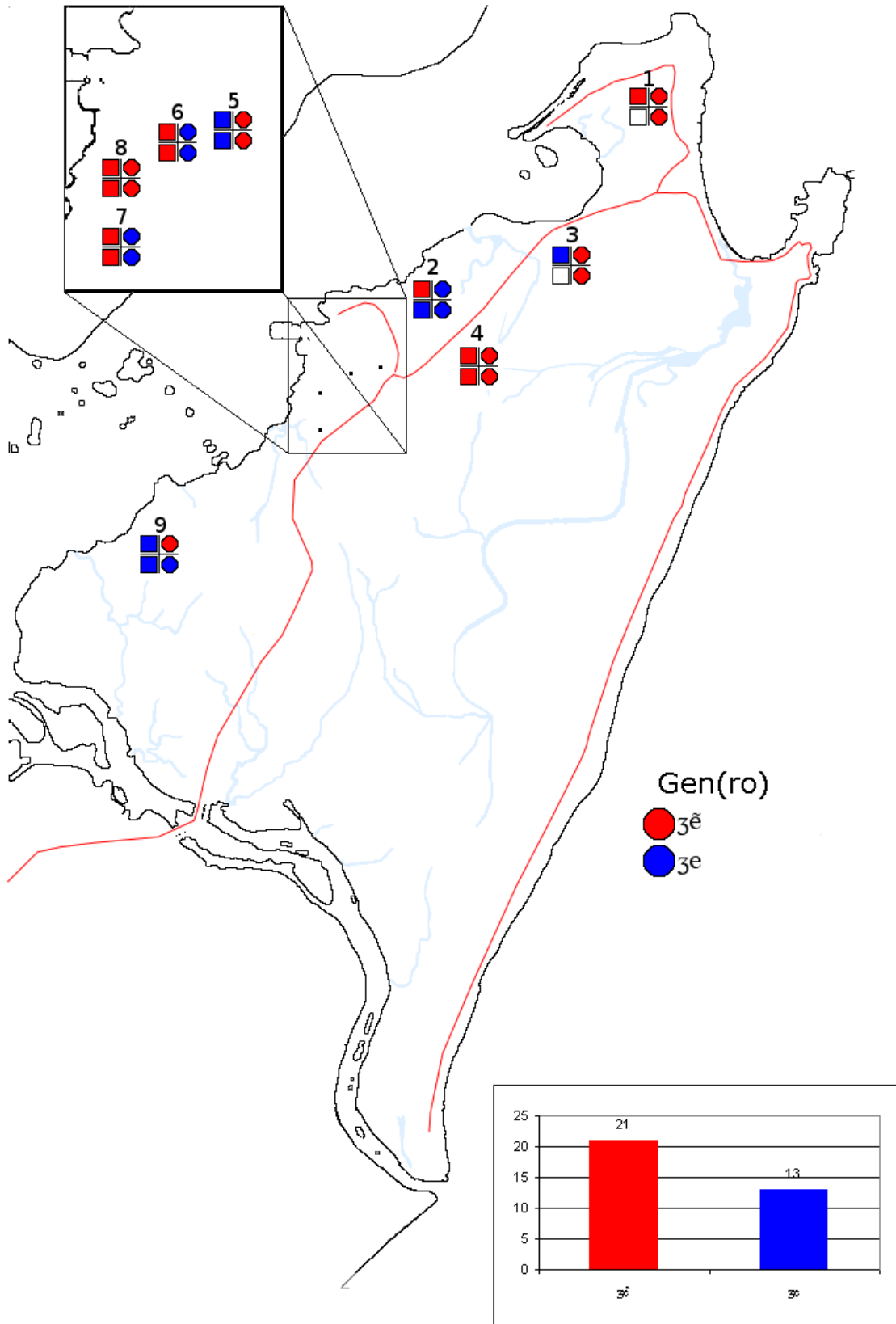
Carta 42. TIO (QFF-131)



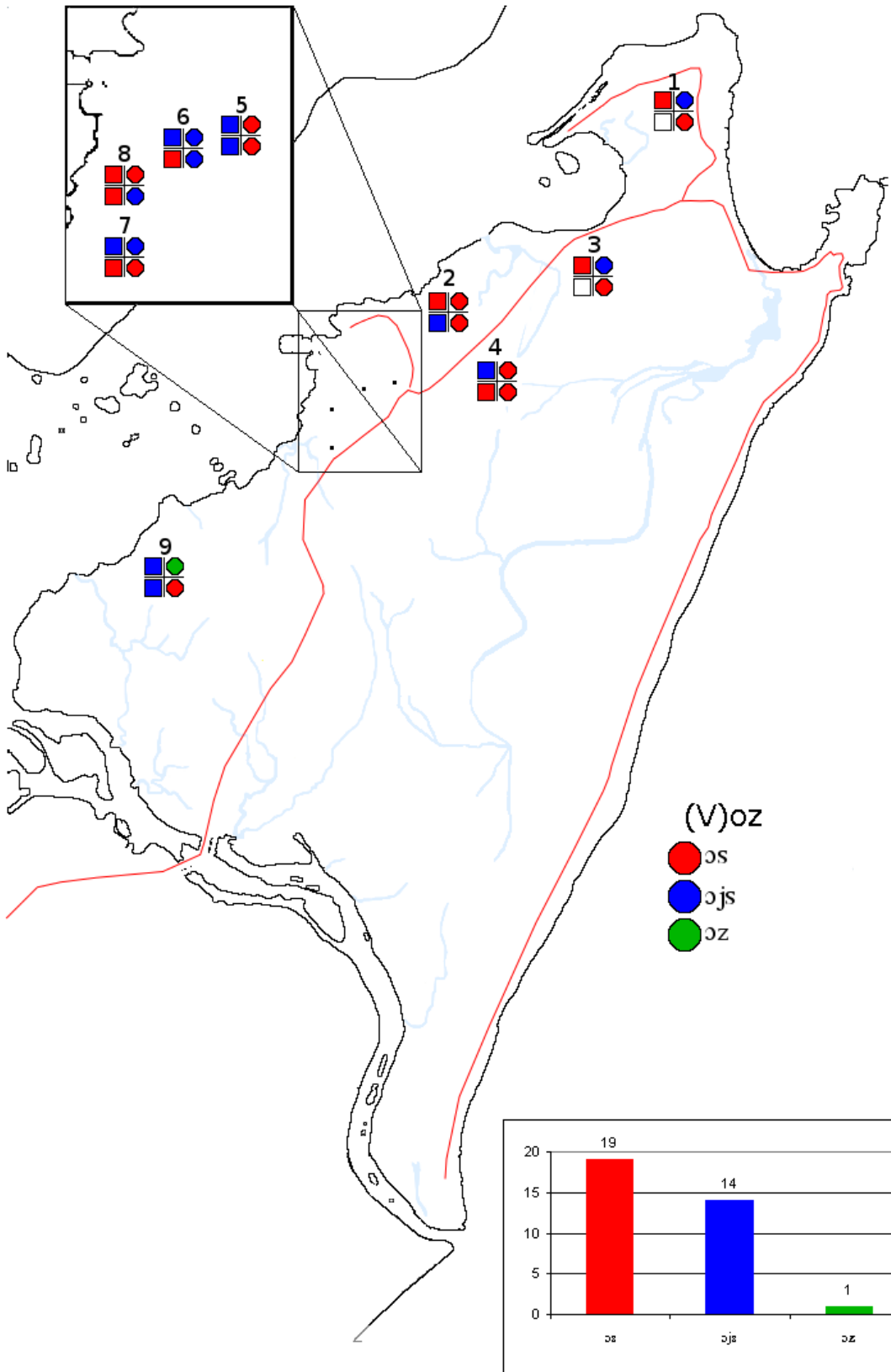
Carta 43. GENRO (QFF-132)



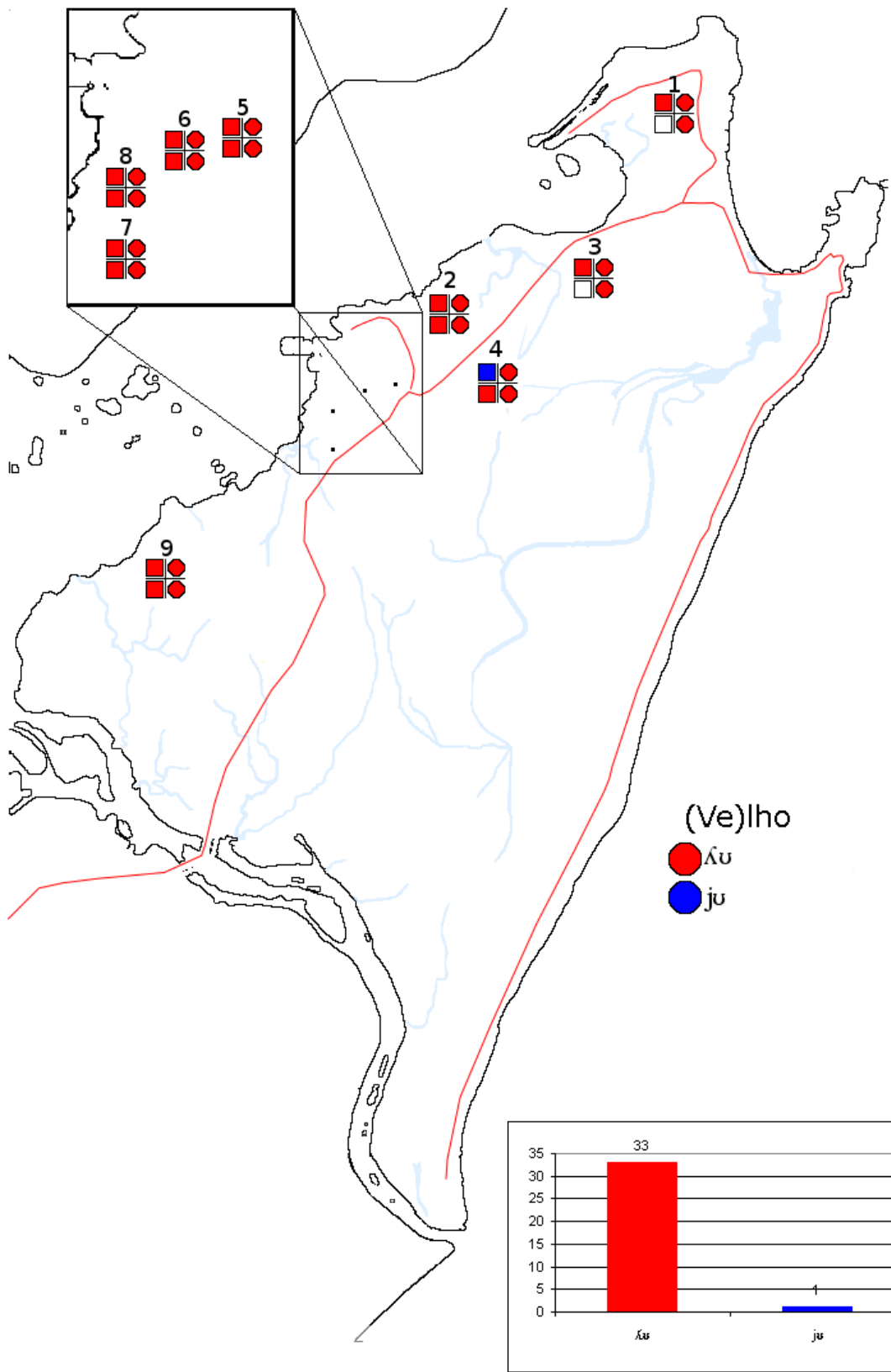
Carta 44. GENRO (QFF-132)



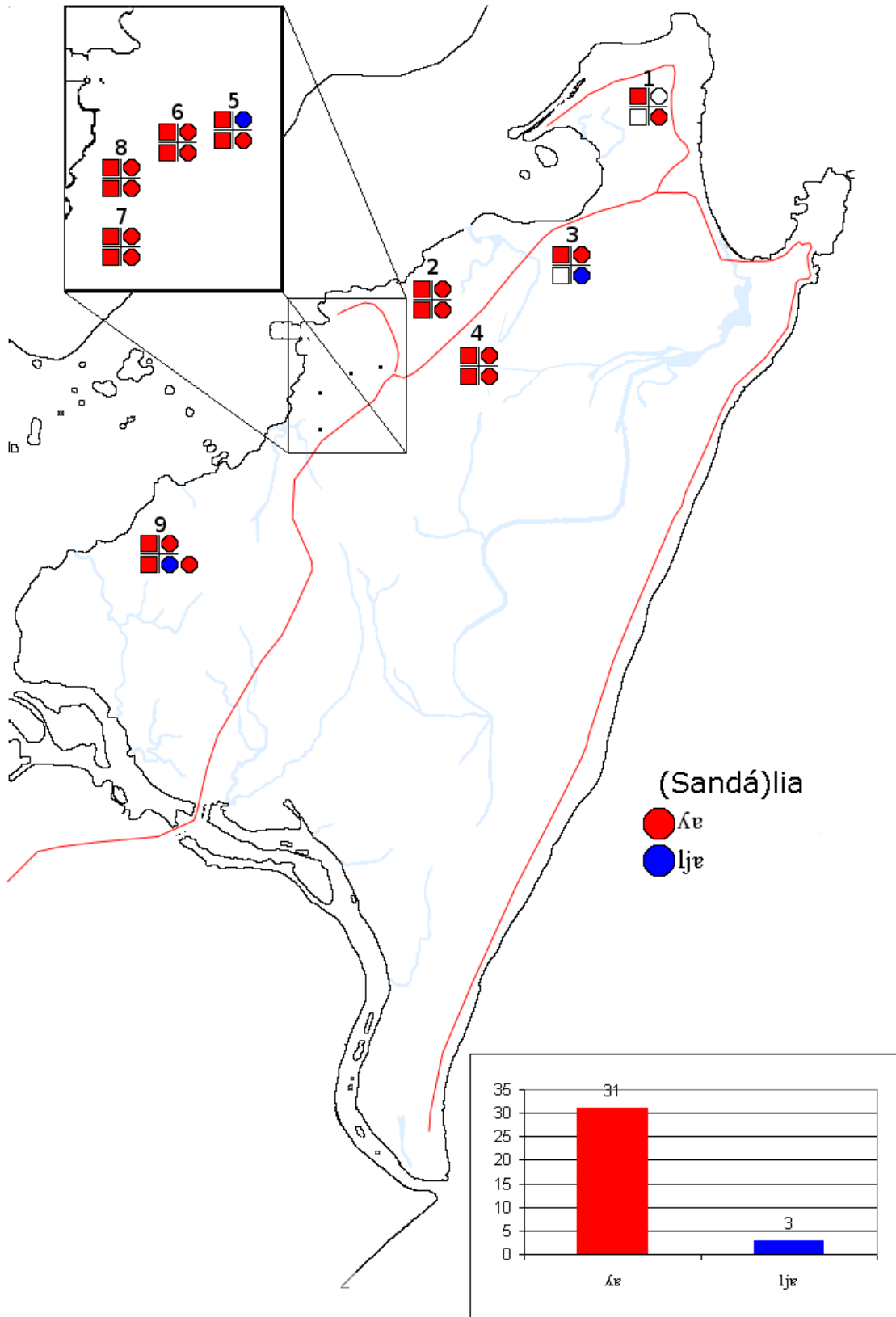
Carta 45. VOZ (QFF-137)



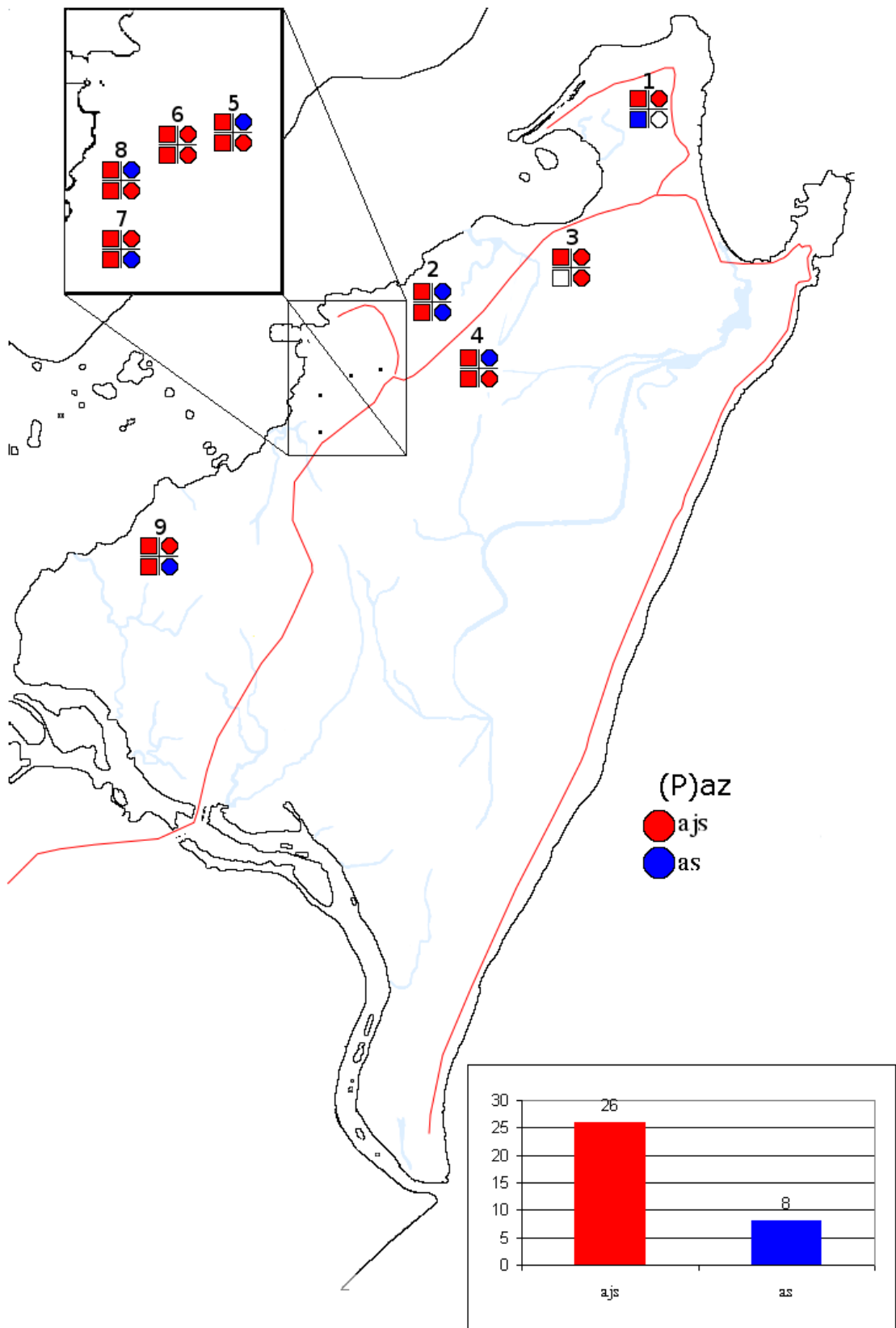
Carta 46. VELHO (QFF-139)



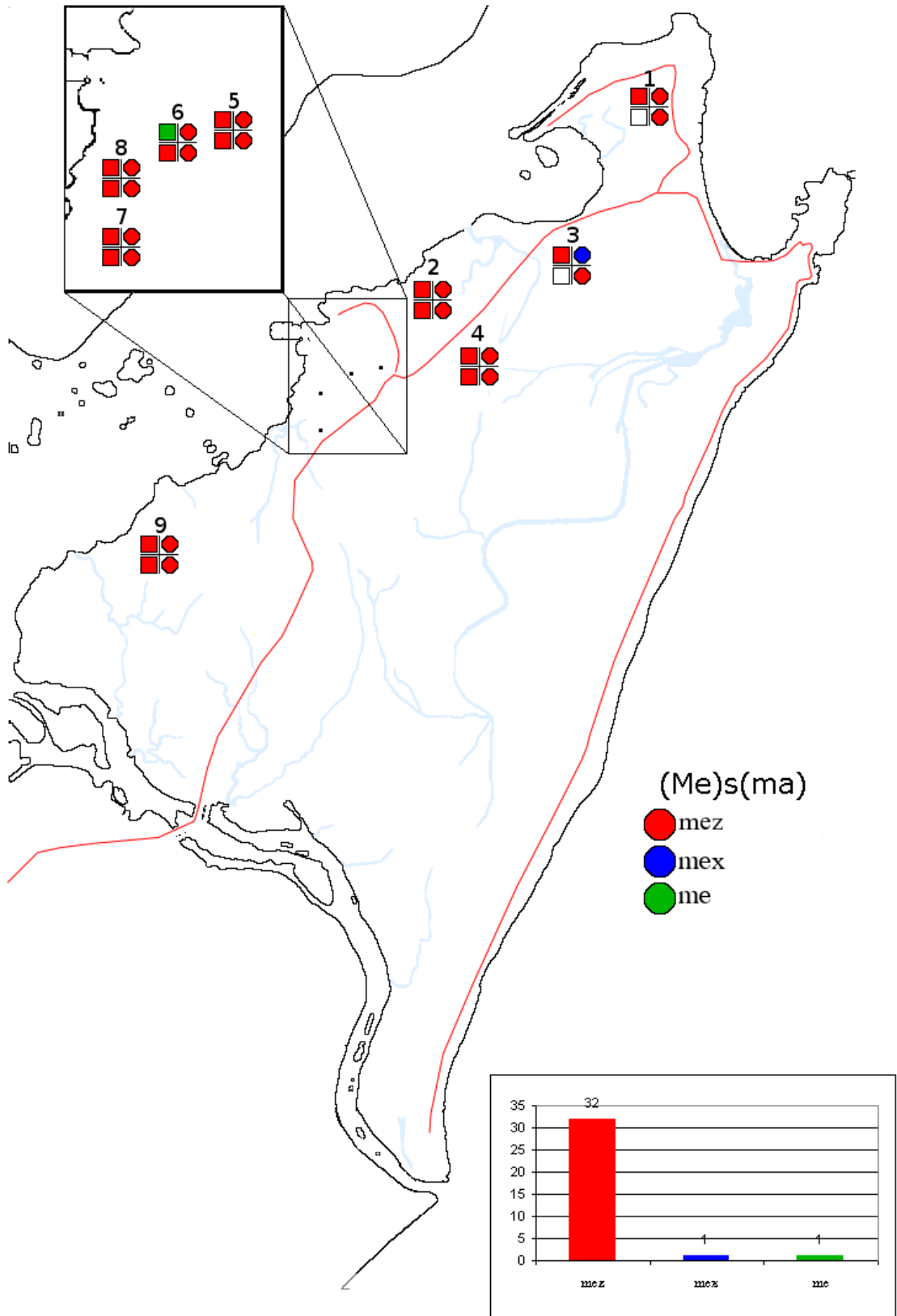
Carta 47. SANDÁLIA (QFF-140)



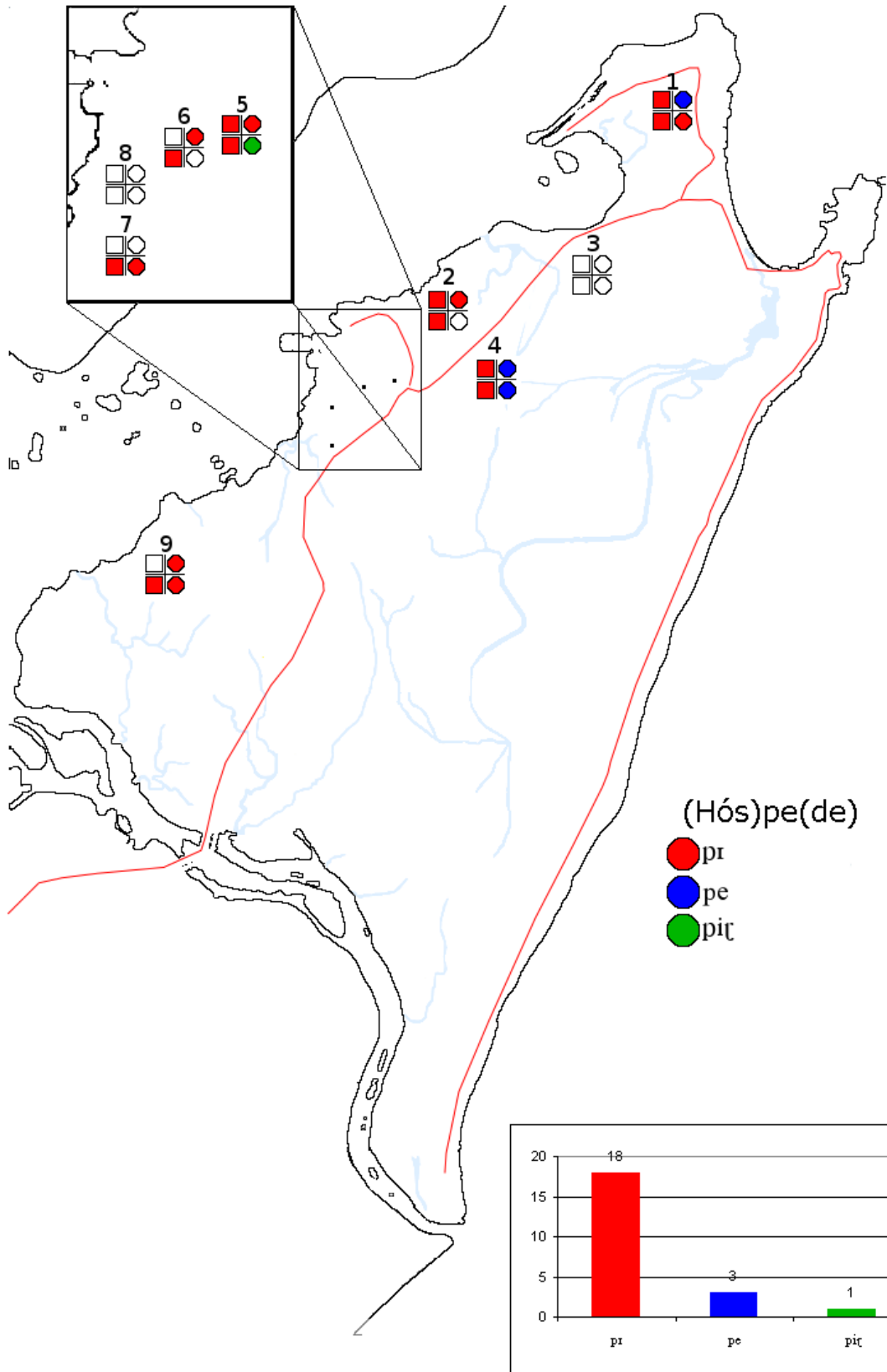
Carta 48. PAZ (QFF-155)



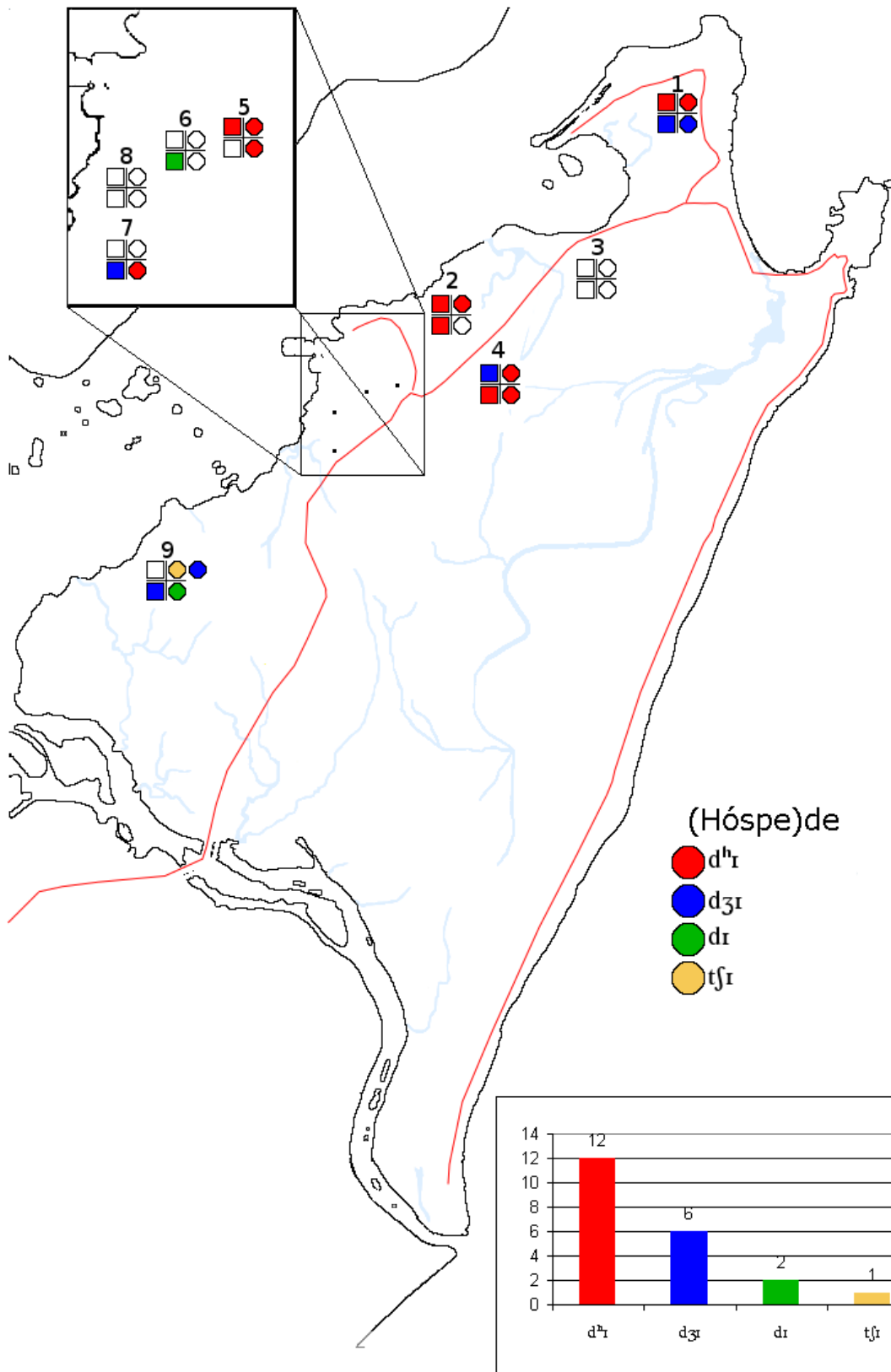
Carta 49. MESMA (QFF-156)



## Carta 50. HÓSPEDE (QFF-157)



Carta 51. HÓSPEDE (QFF-157)



**TÂNIA BRAGA GUIMARÃES**

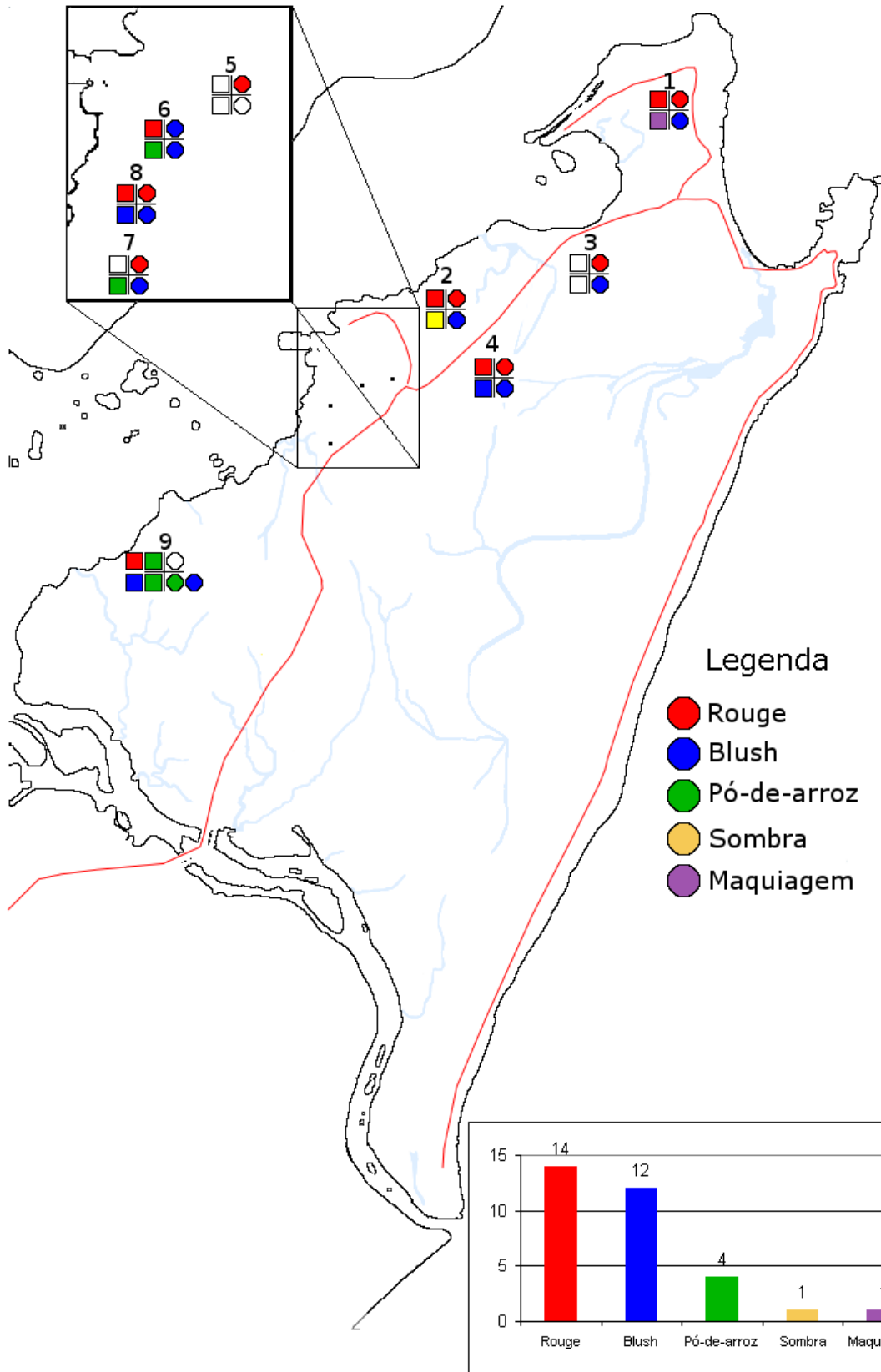
**CARTAS LINGÜÍSTICAS**

**SEMÂNTICO-LEXICAIS**

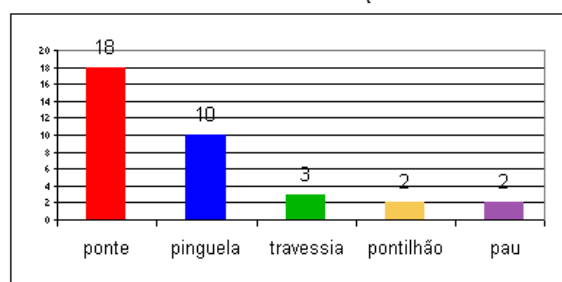
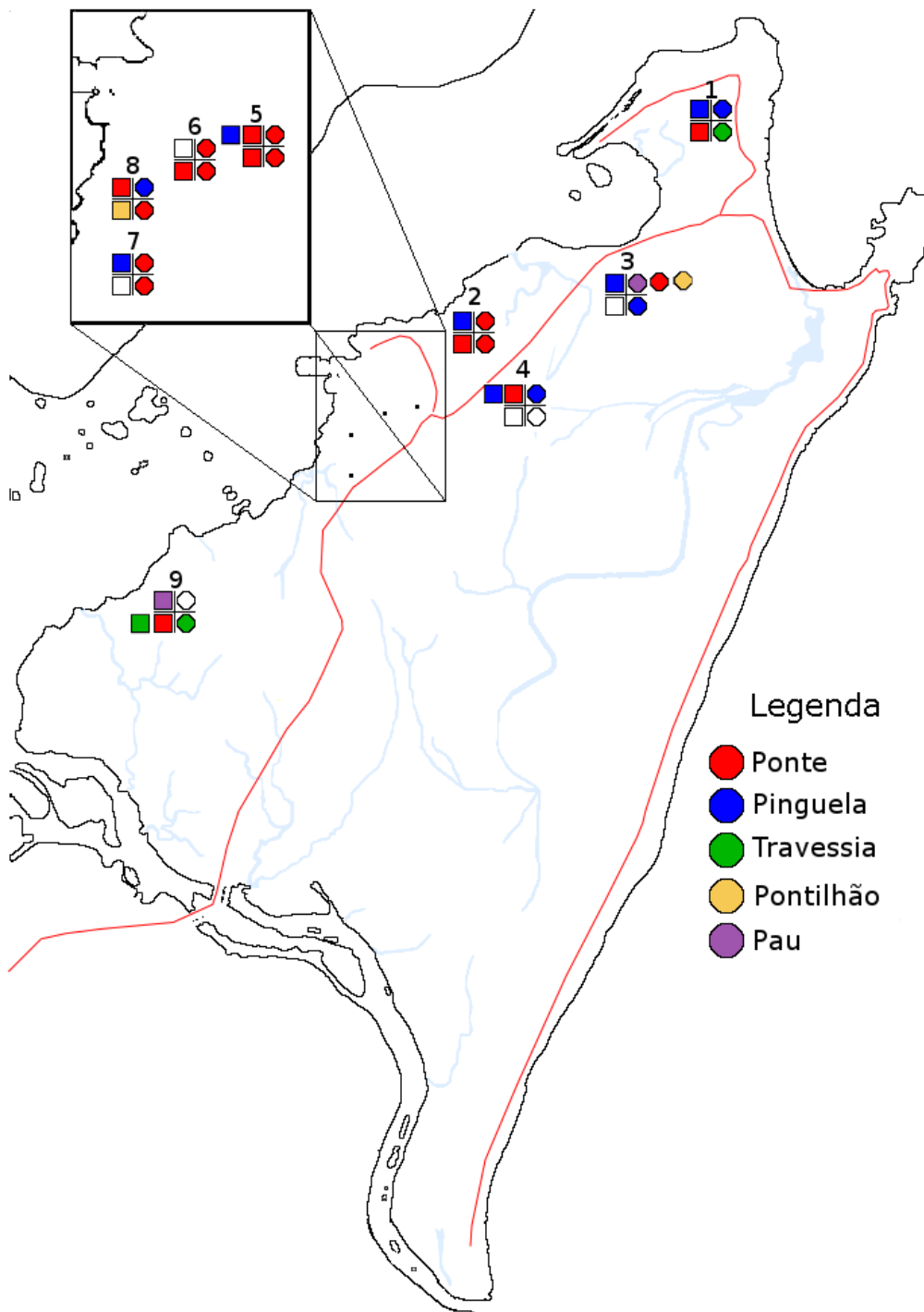
**LONDRINA**

**2008**

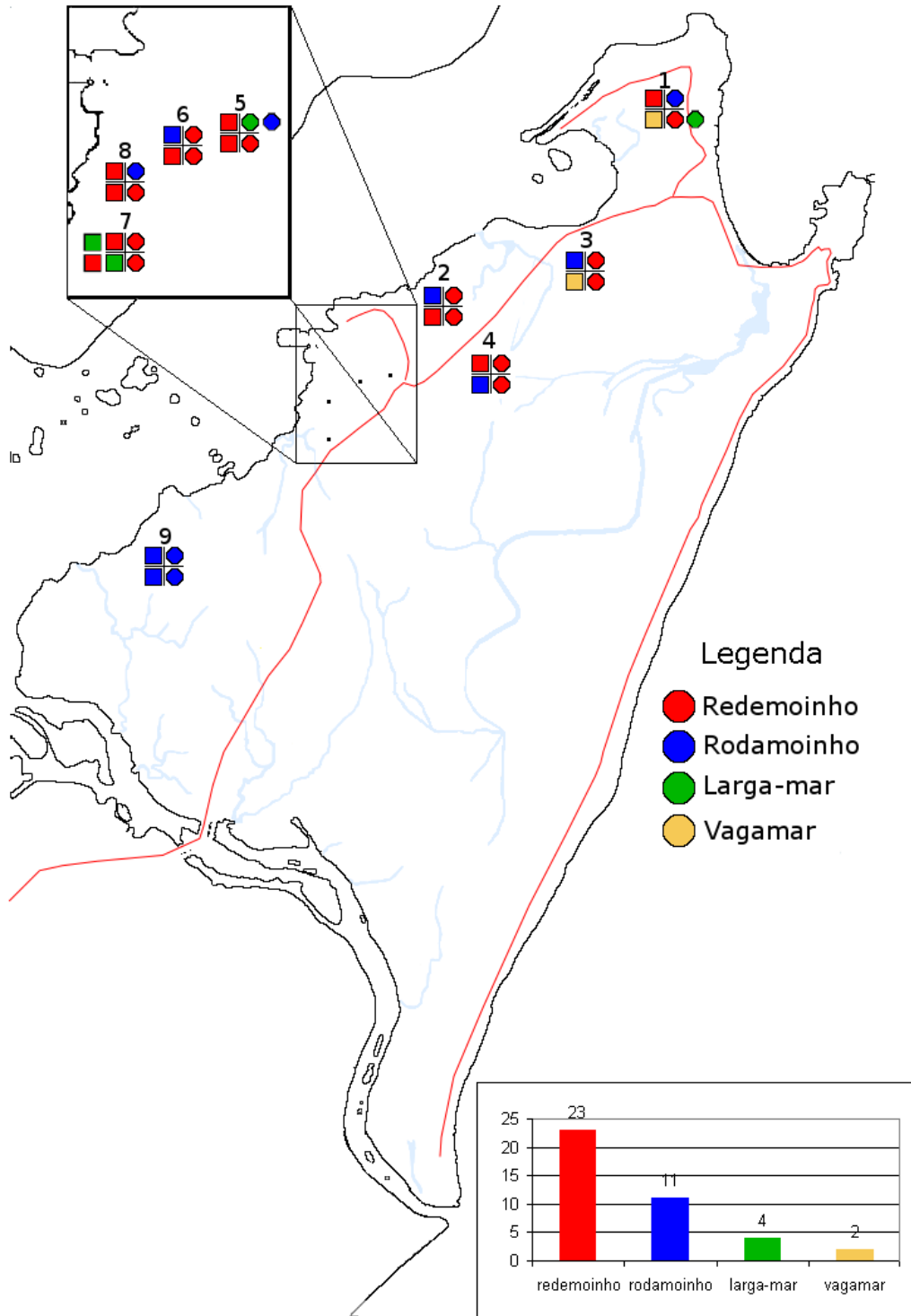
Carta 42 - ROUGE - (QSL-191)



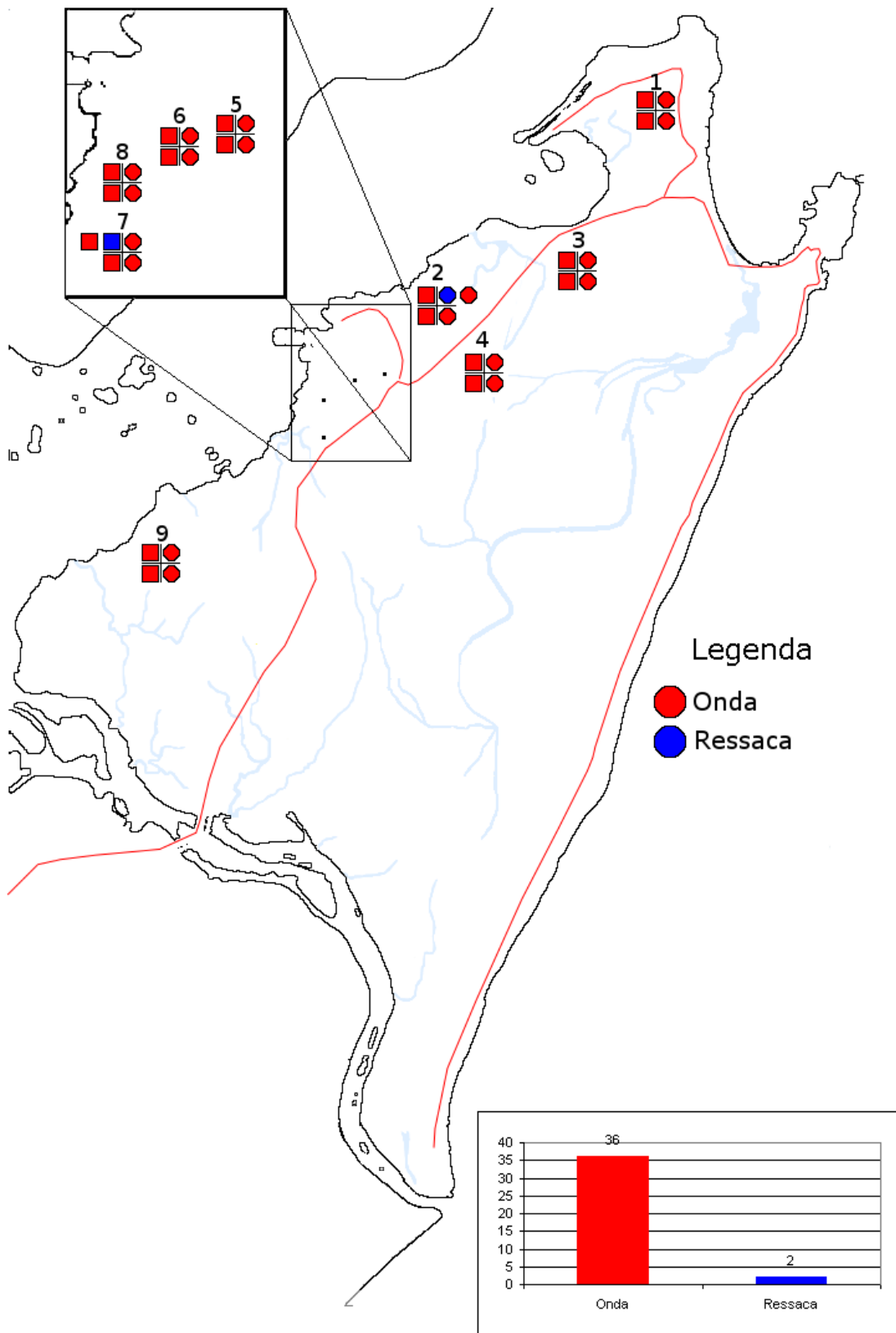
Carta 1 – PINGUELA - (QSL-002)



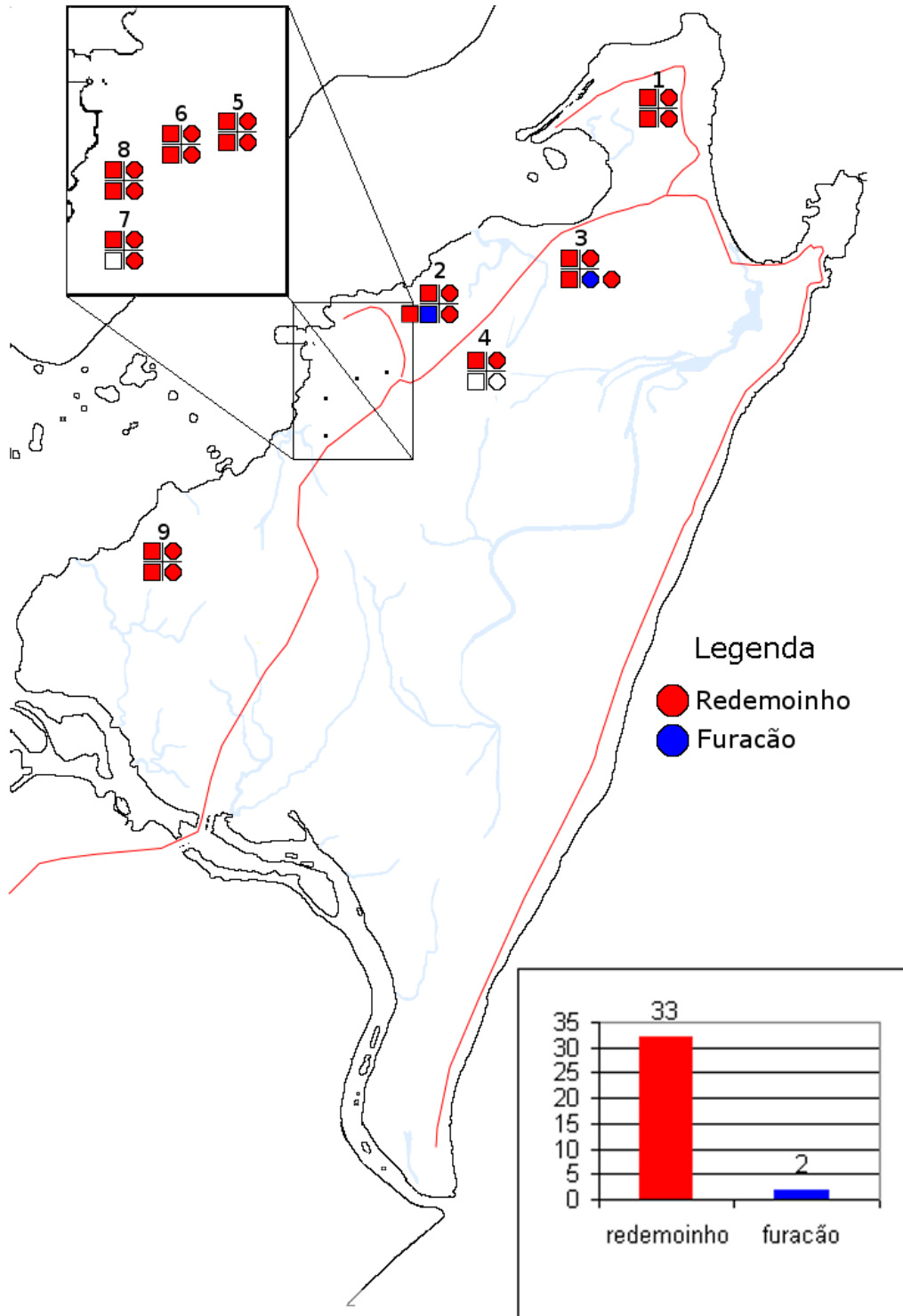
Carta 2 - REDEMOINHO (DE ÁGUA) - (QSL-004)



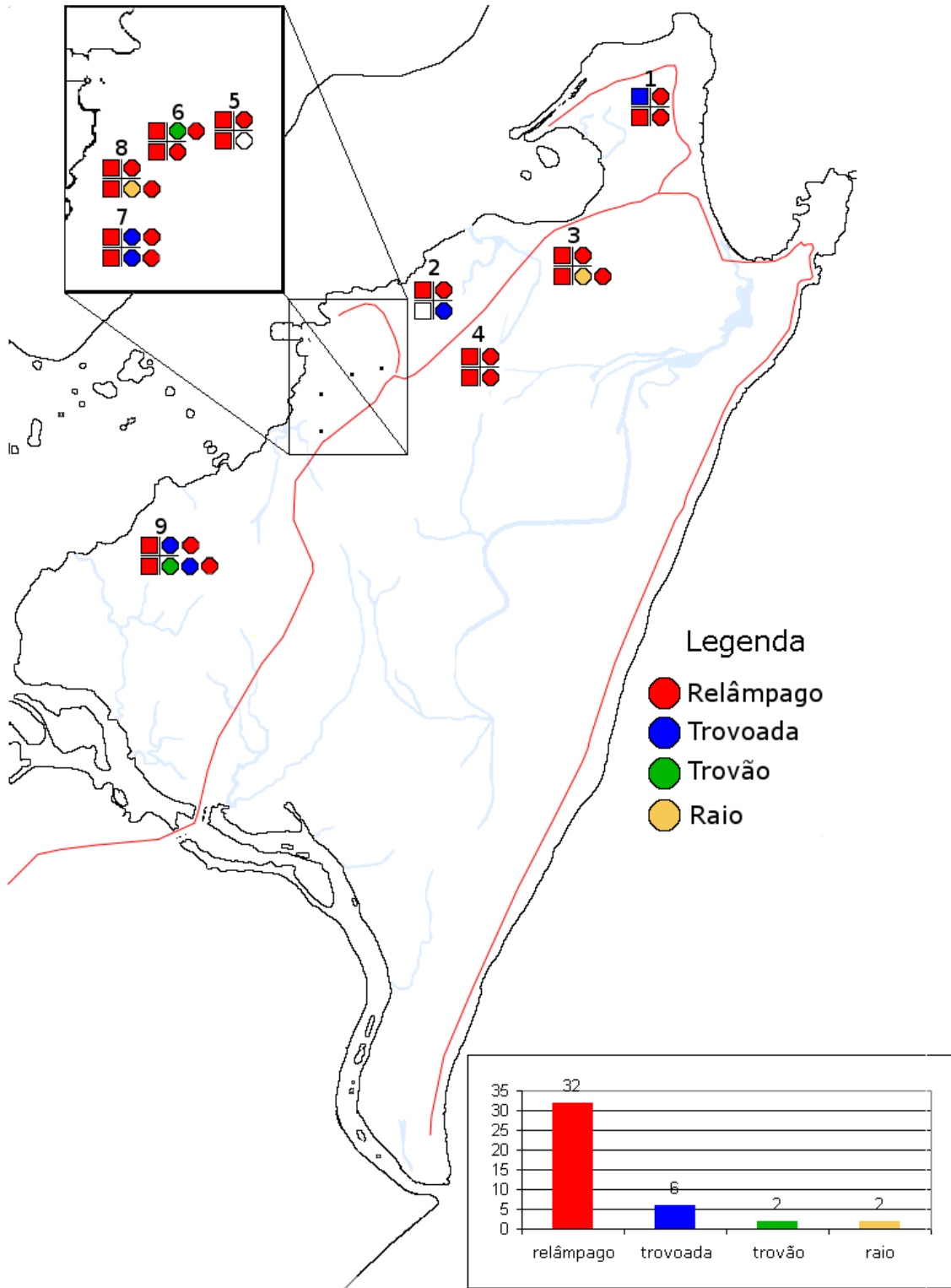
Carta 3 - ONDA DE MAR - (QSL-005)



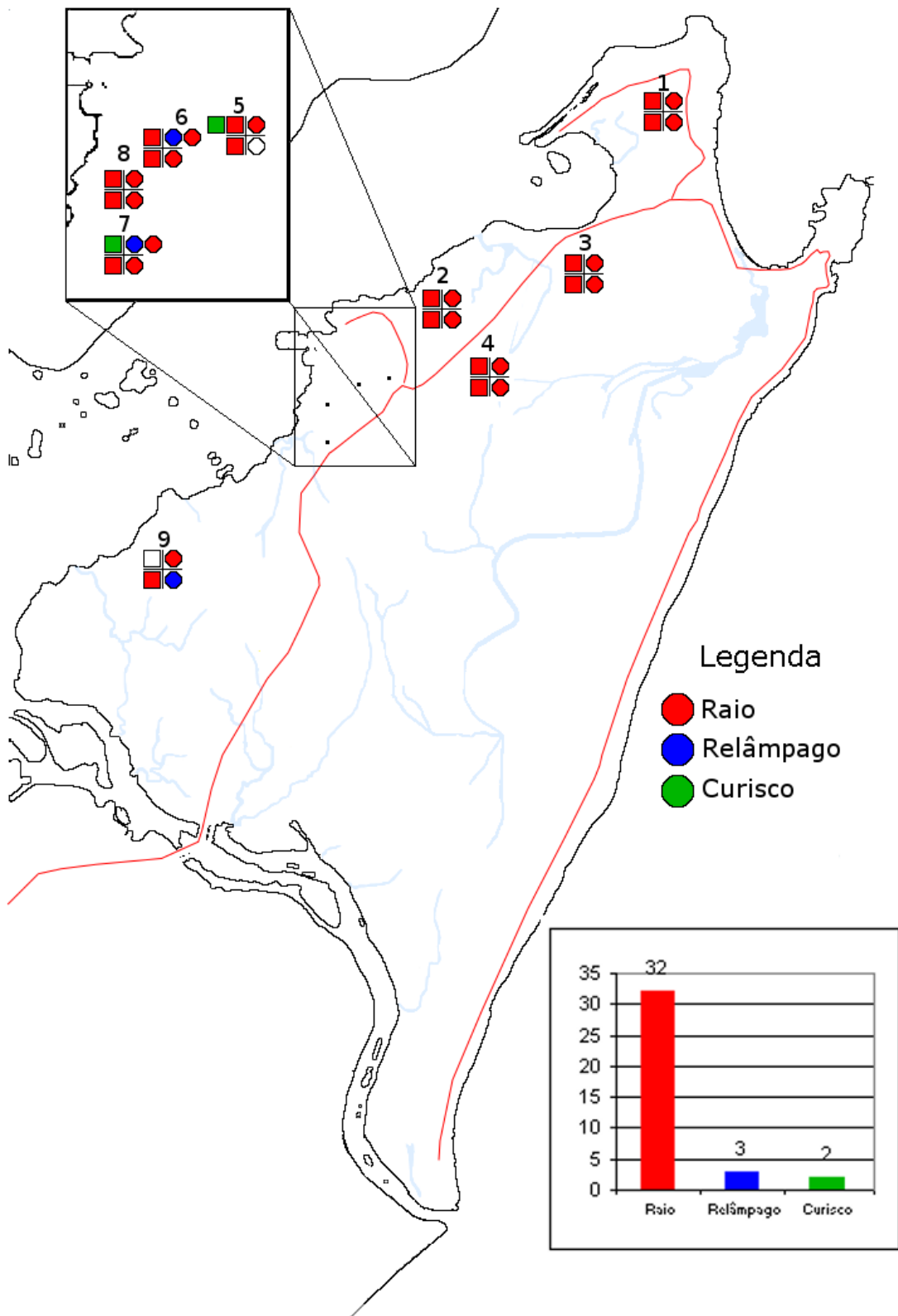
Carta 4 - REDEMOINHO (DO VENTO) - (QSL-007)



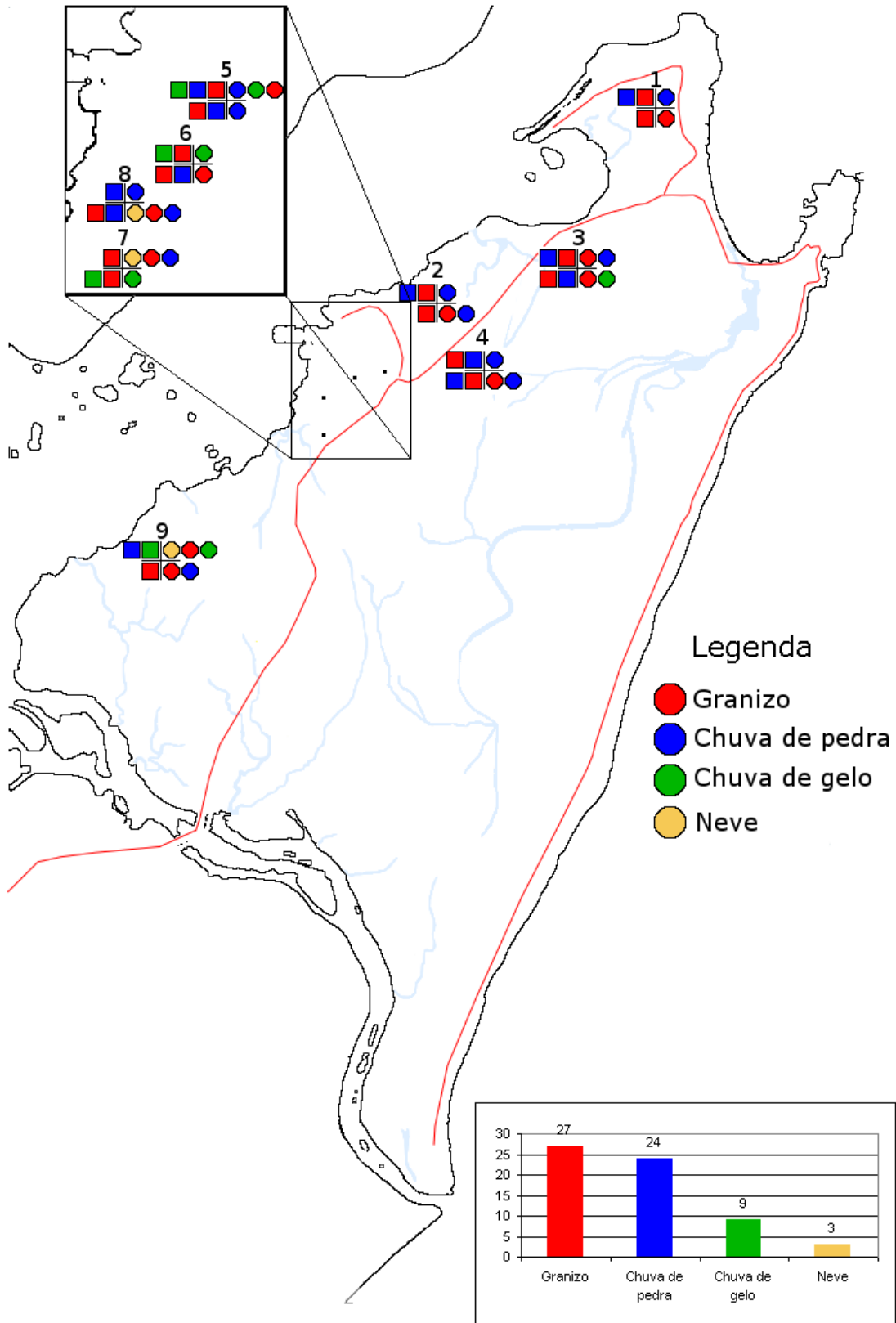
Carta 5 - RELÂMPAGO - (QSL-008)



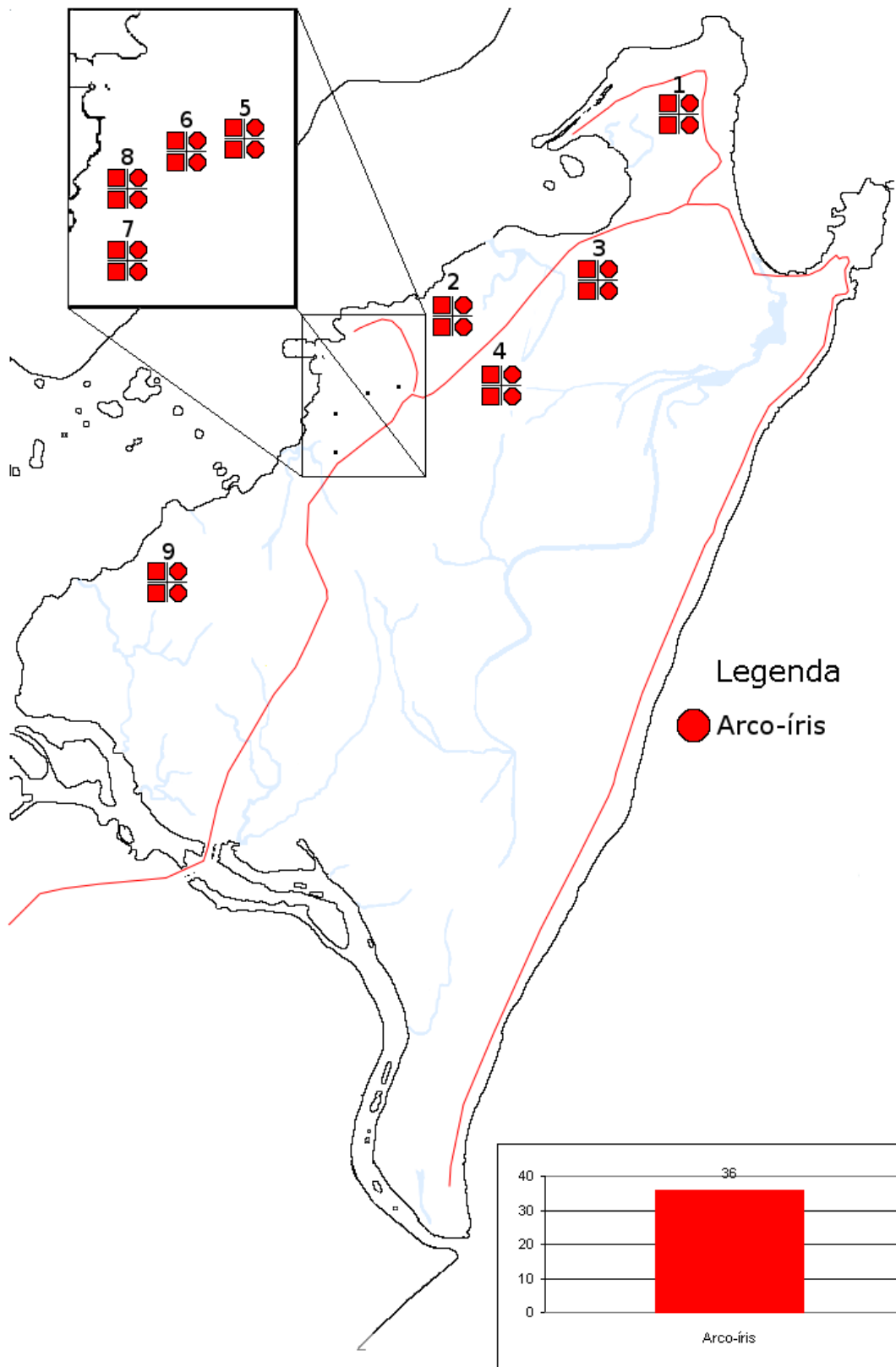
Carta 6 - RAIO - (QSL-009)



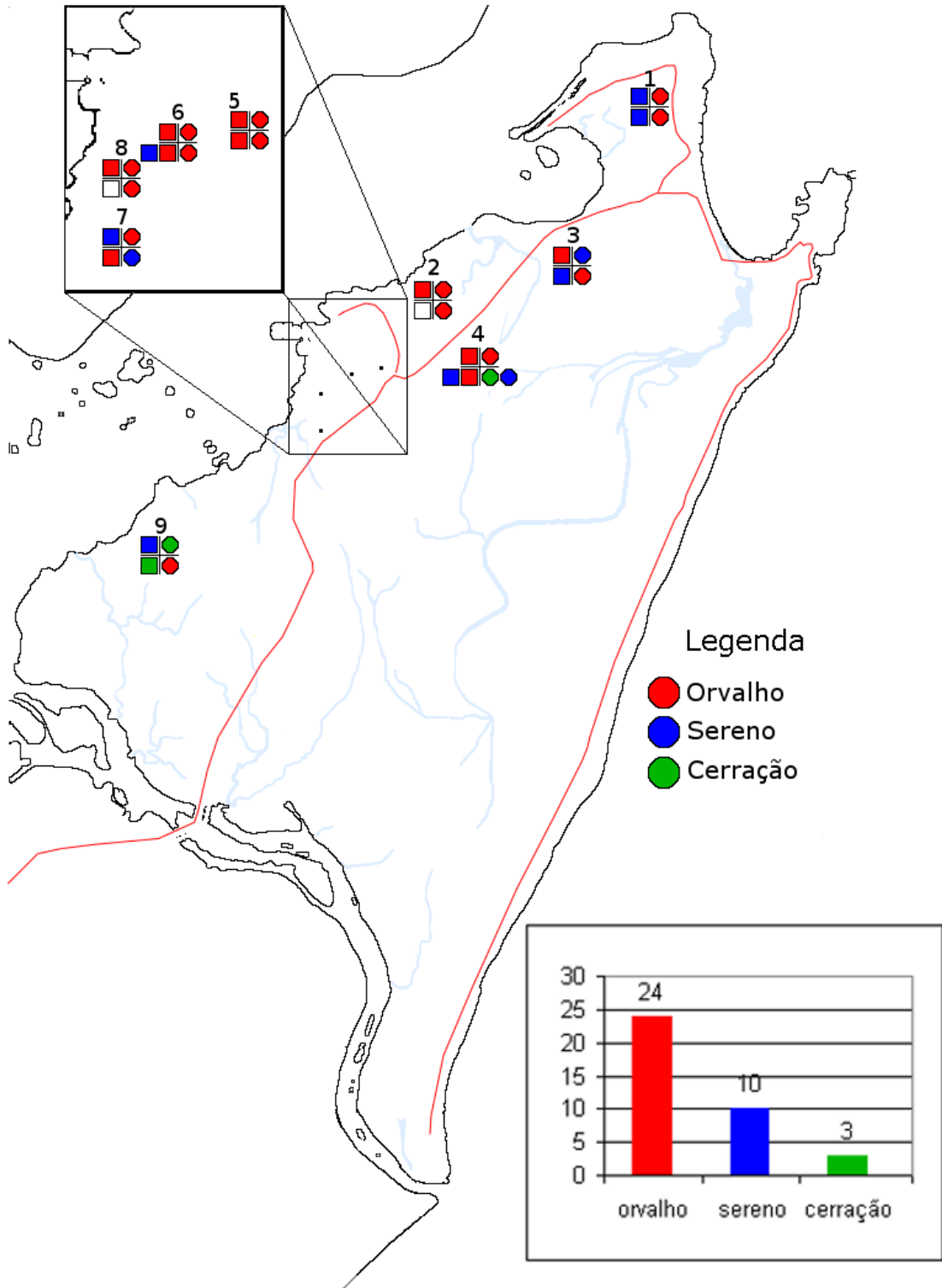
Carta 7 - CHUVA DE PEDRA - (QSL-015)



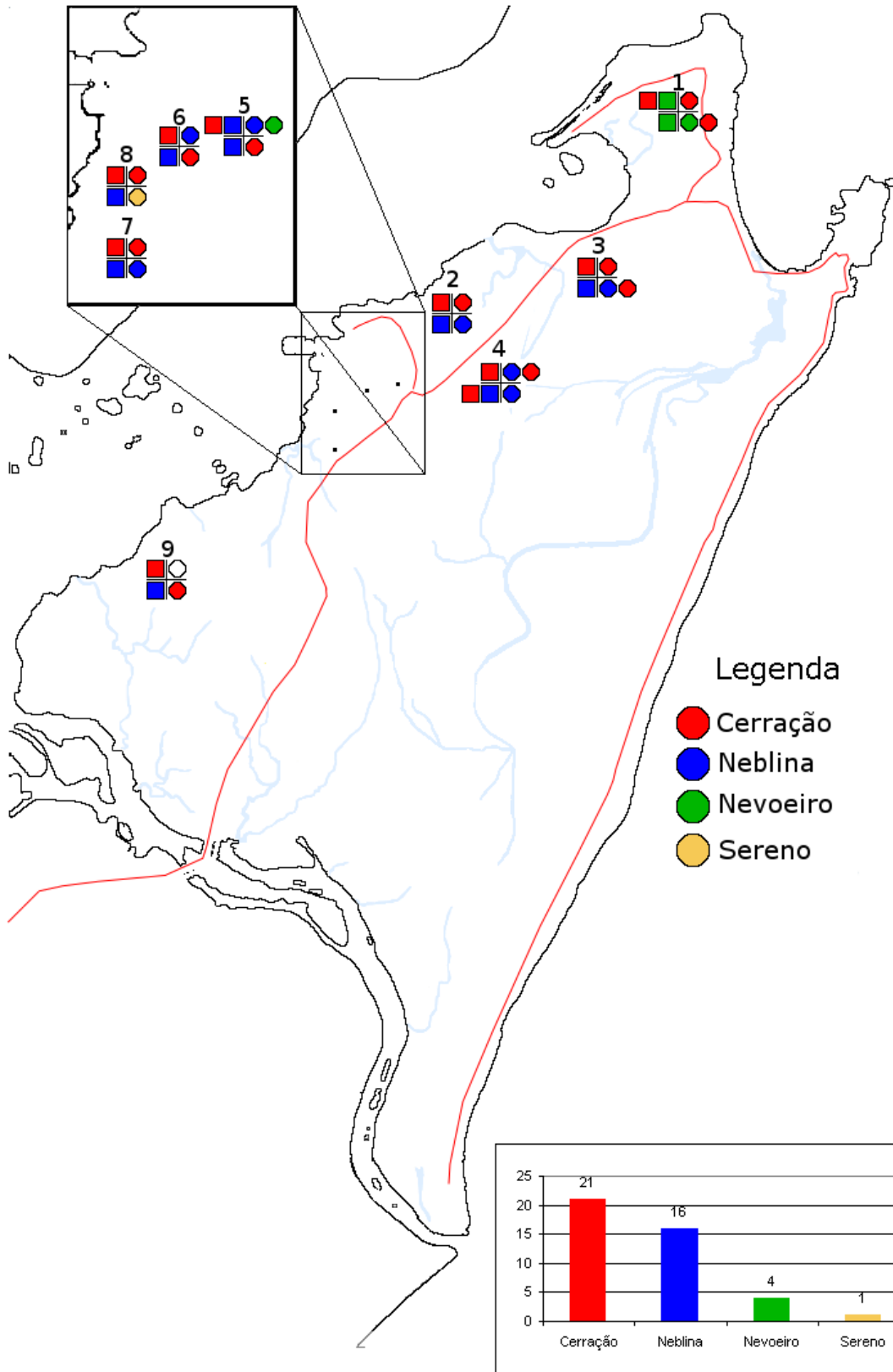
Carta 8 - ARCO-ÍRIS - (QSL-017)



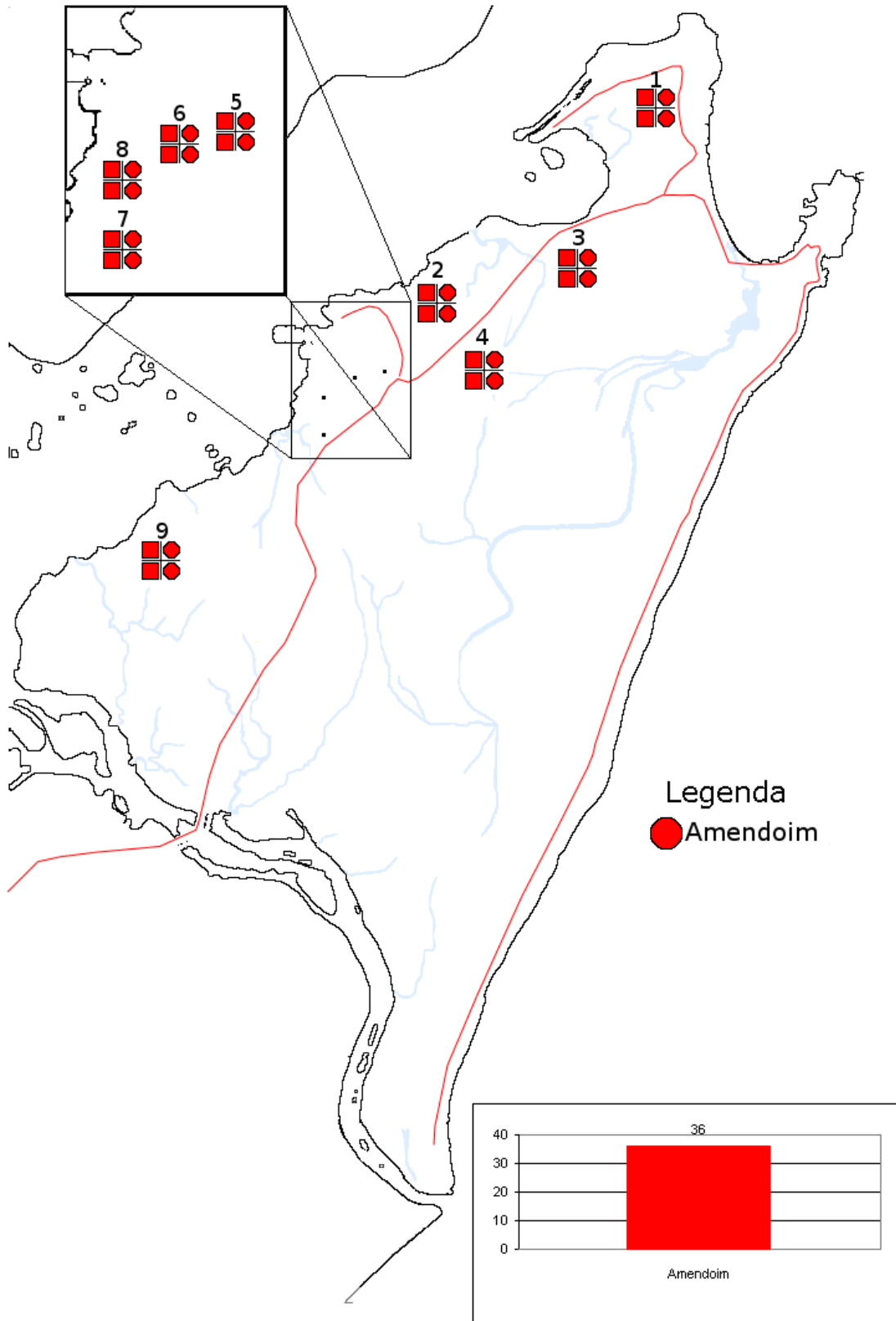
Carta 9 - ORVALHO - (QSL-020)



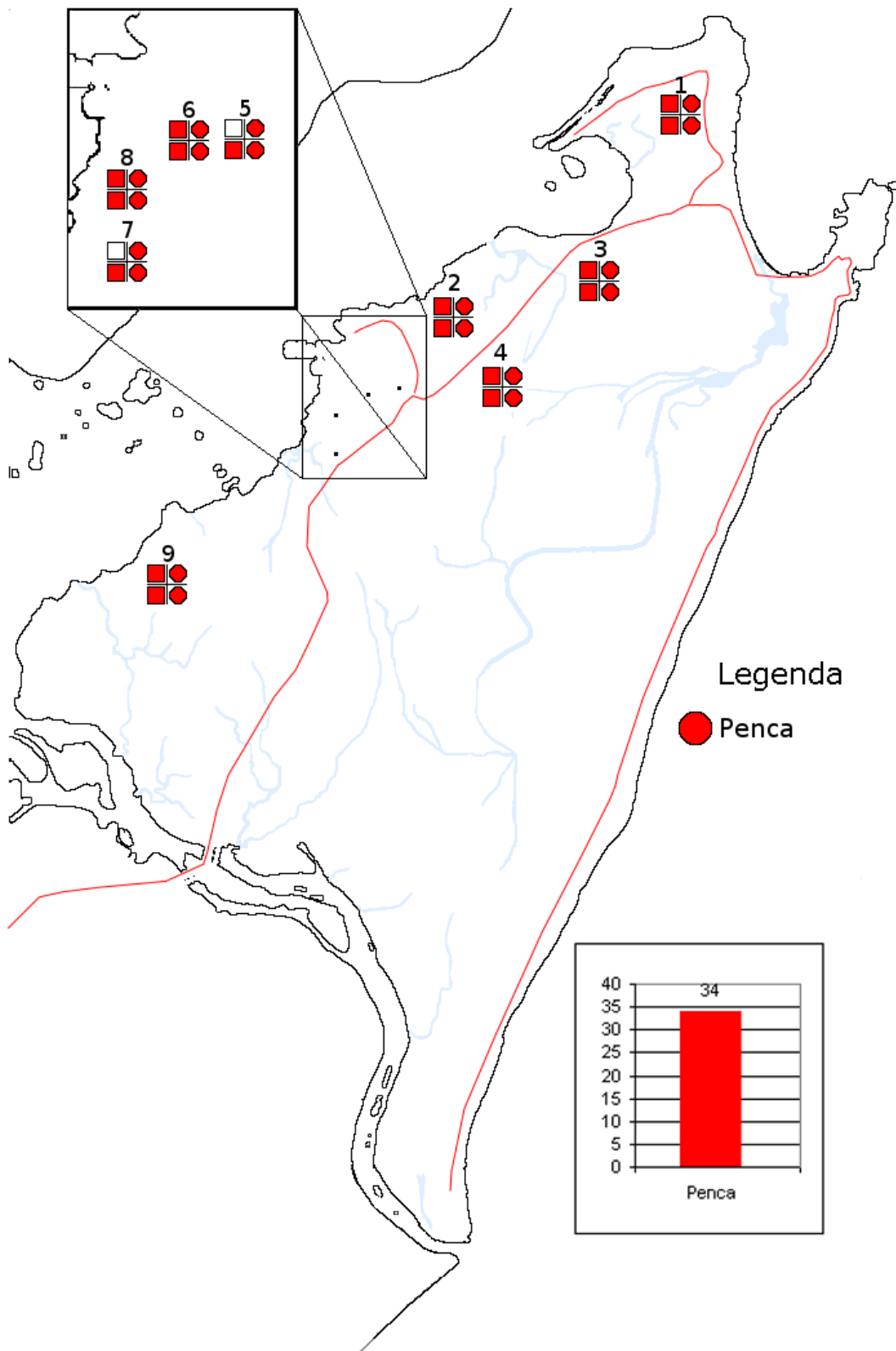
Carta 10 - NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA - (QSL-021)



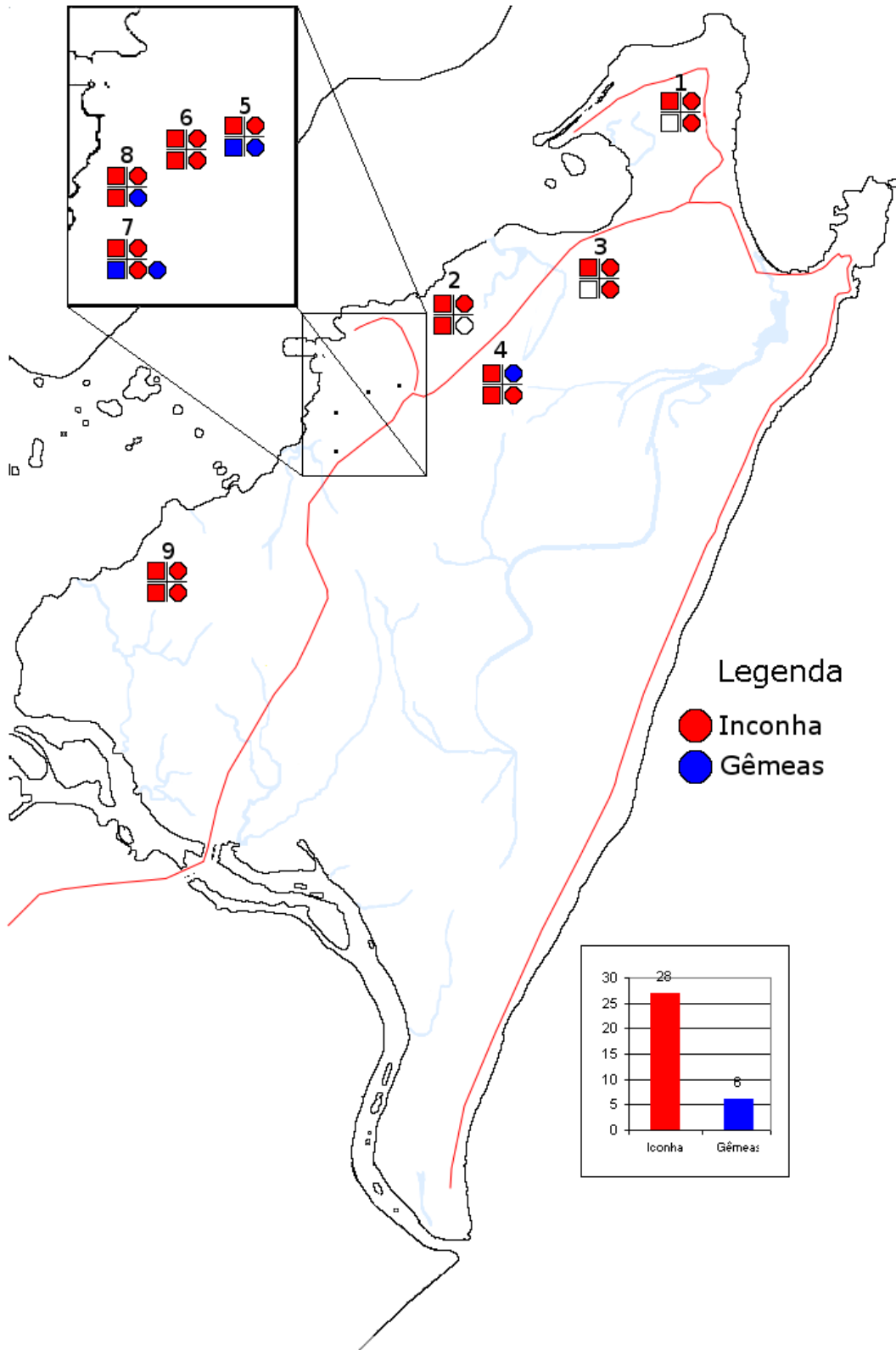
Carta 11 - AMENDOIM - (QSL-040)



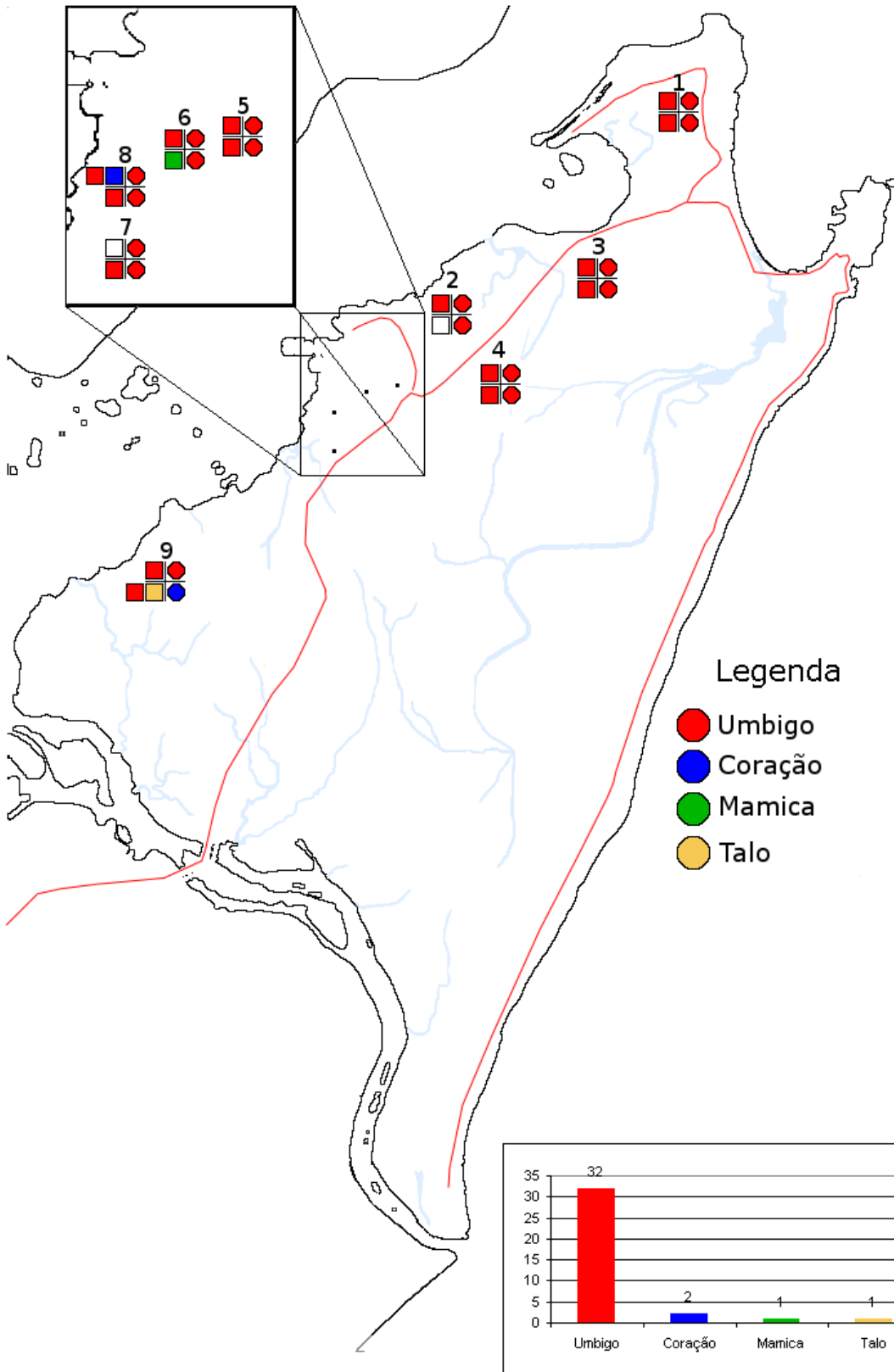
Carta 12 - PENCA - (QSL-042)



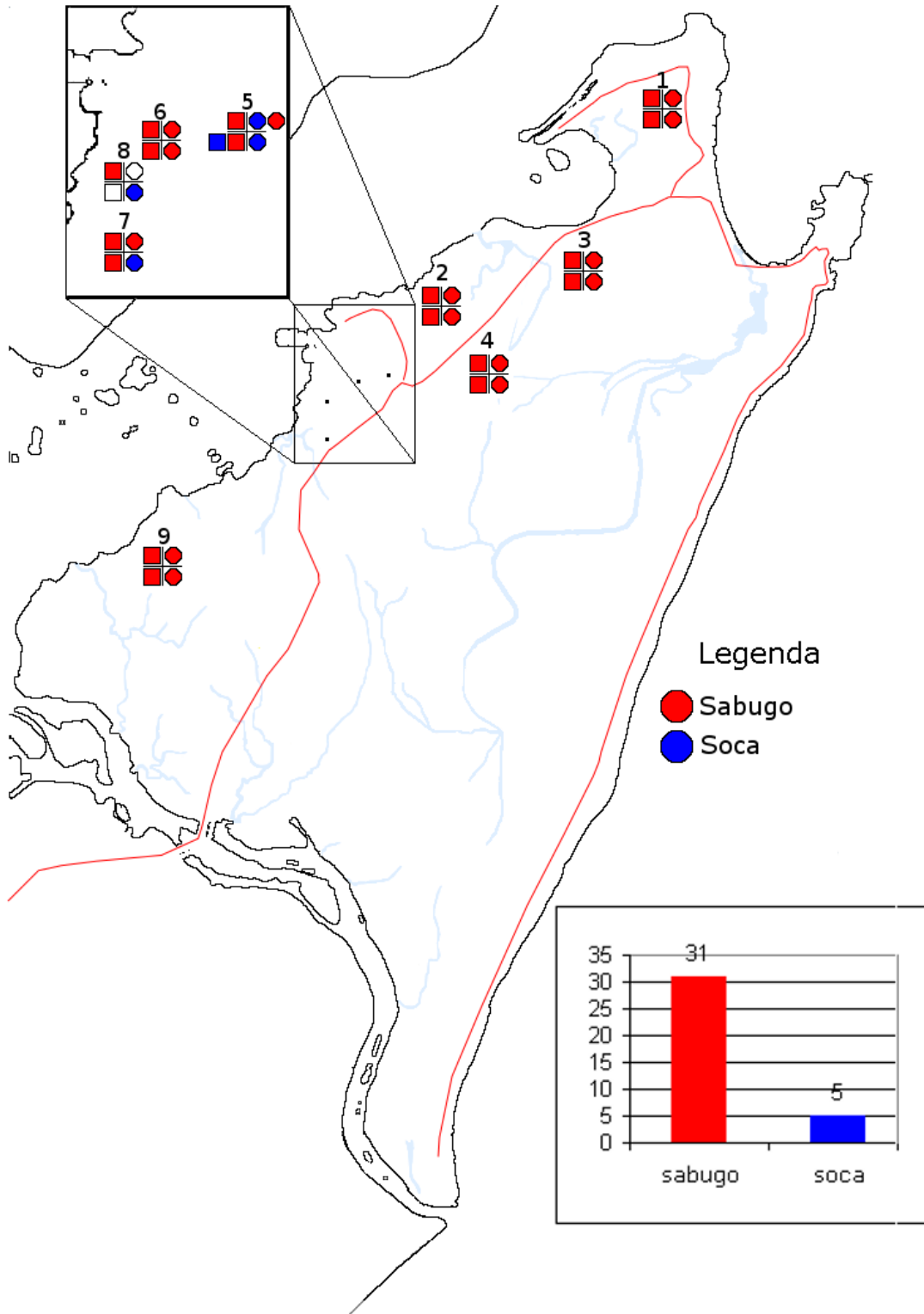
Carta 13 - BANANA DUPLA/FELIPE/GÊMEAS - (QSL-043)



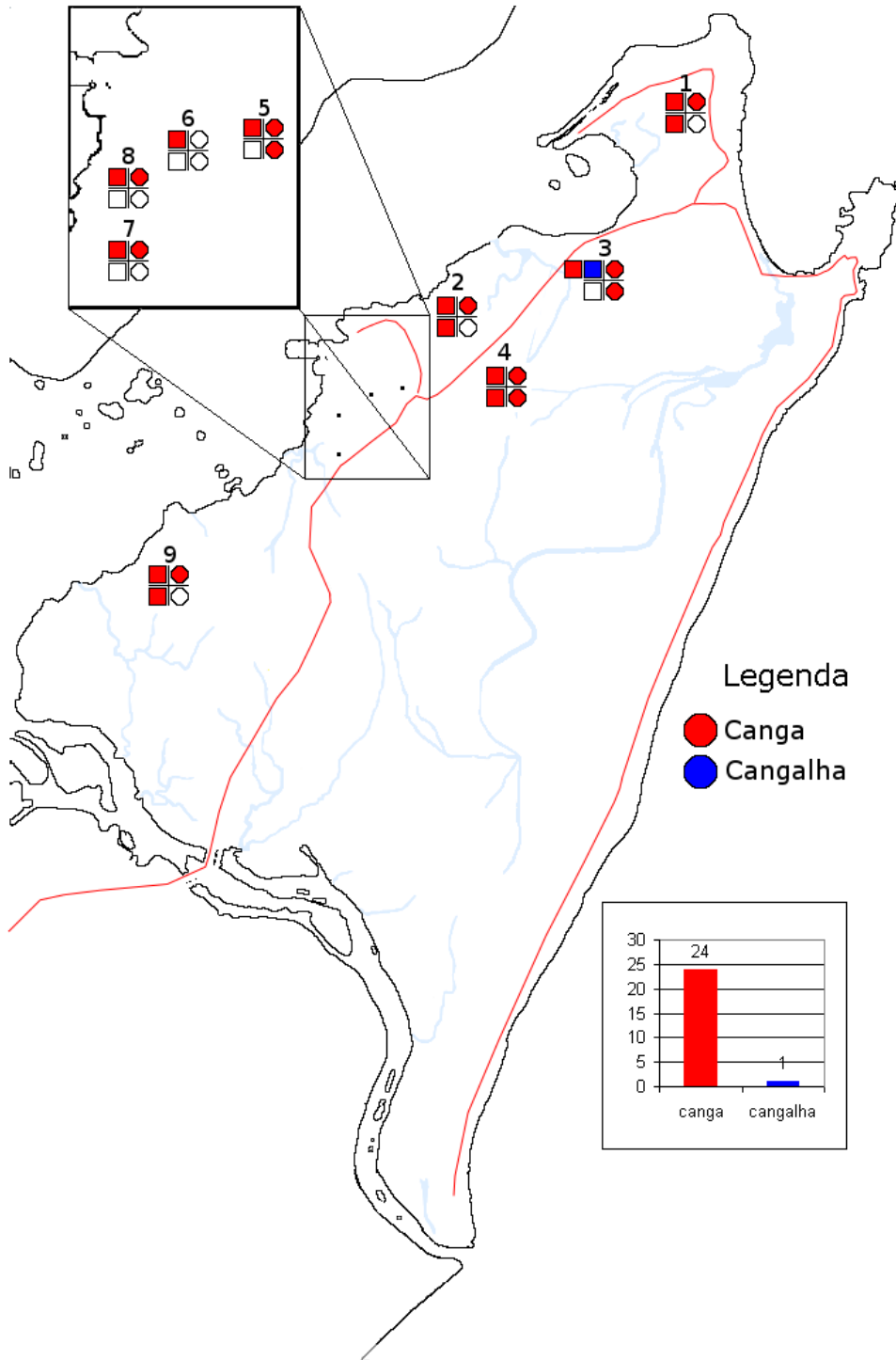
Carta 14- PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/  
UMBIGO/CORAÇÃO - (QSL-044)



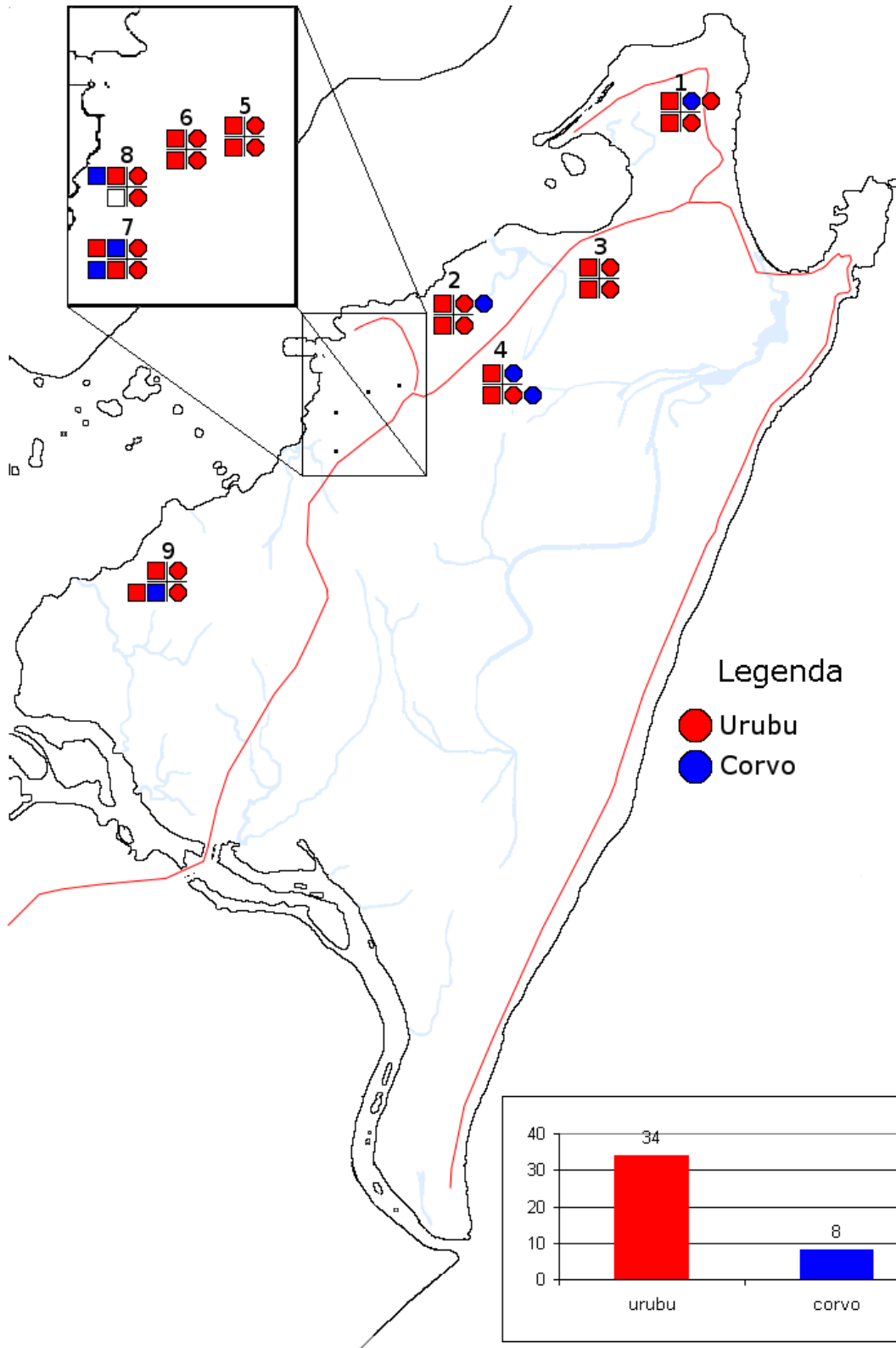
Carta 15 - SABUGO - (QSL-046)



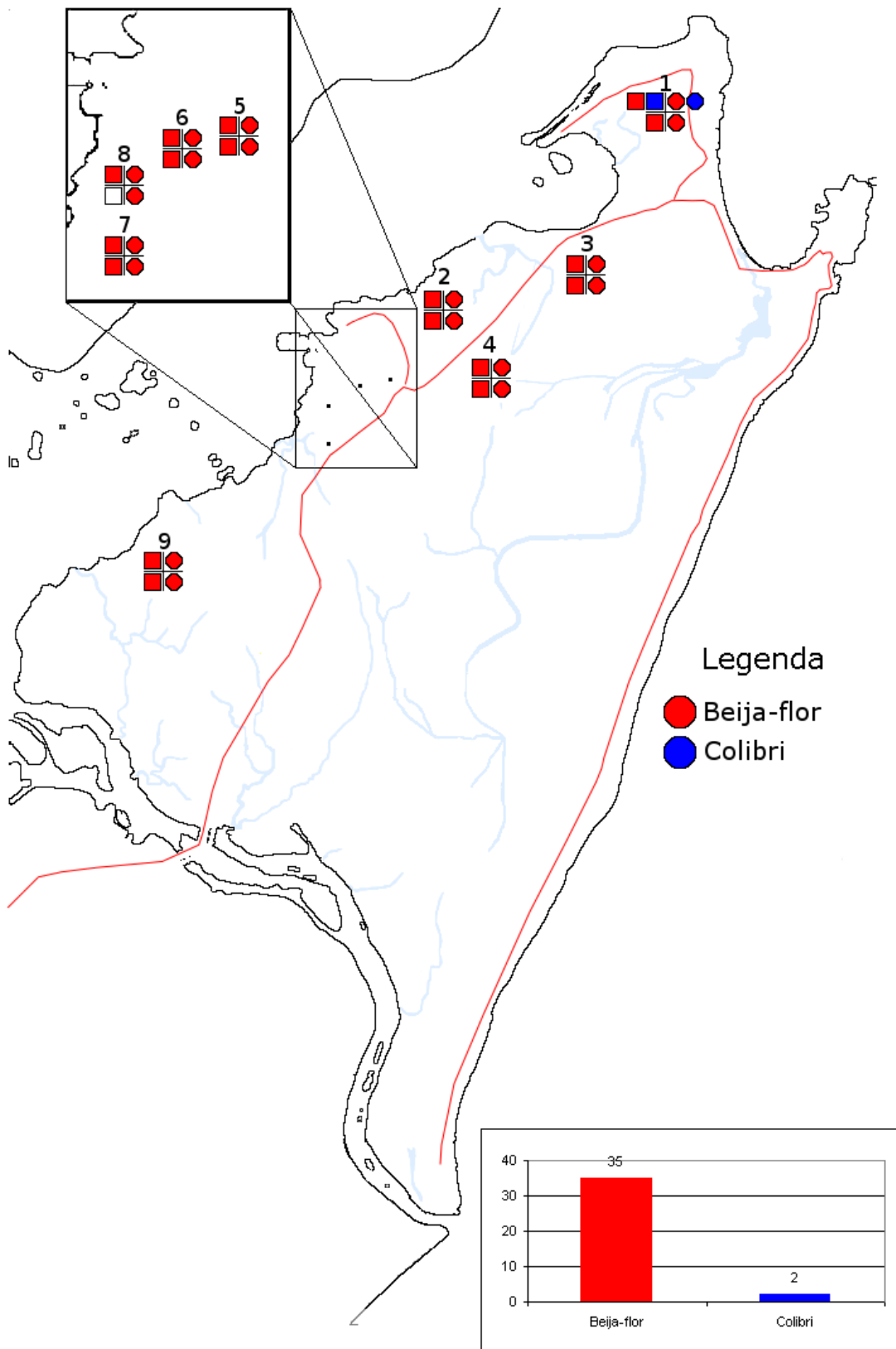
Carta 16 - CANGA - (QSL-056)



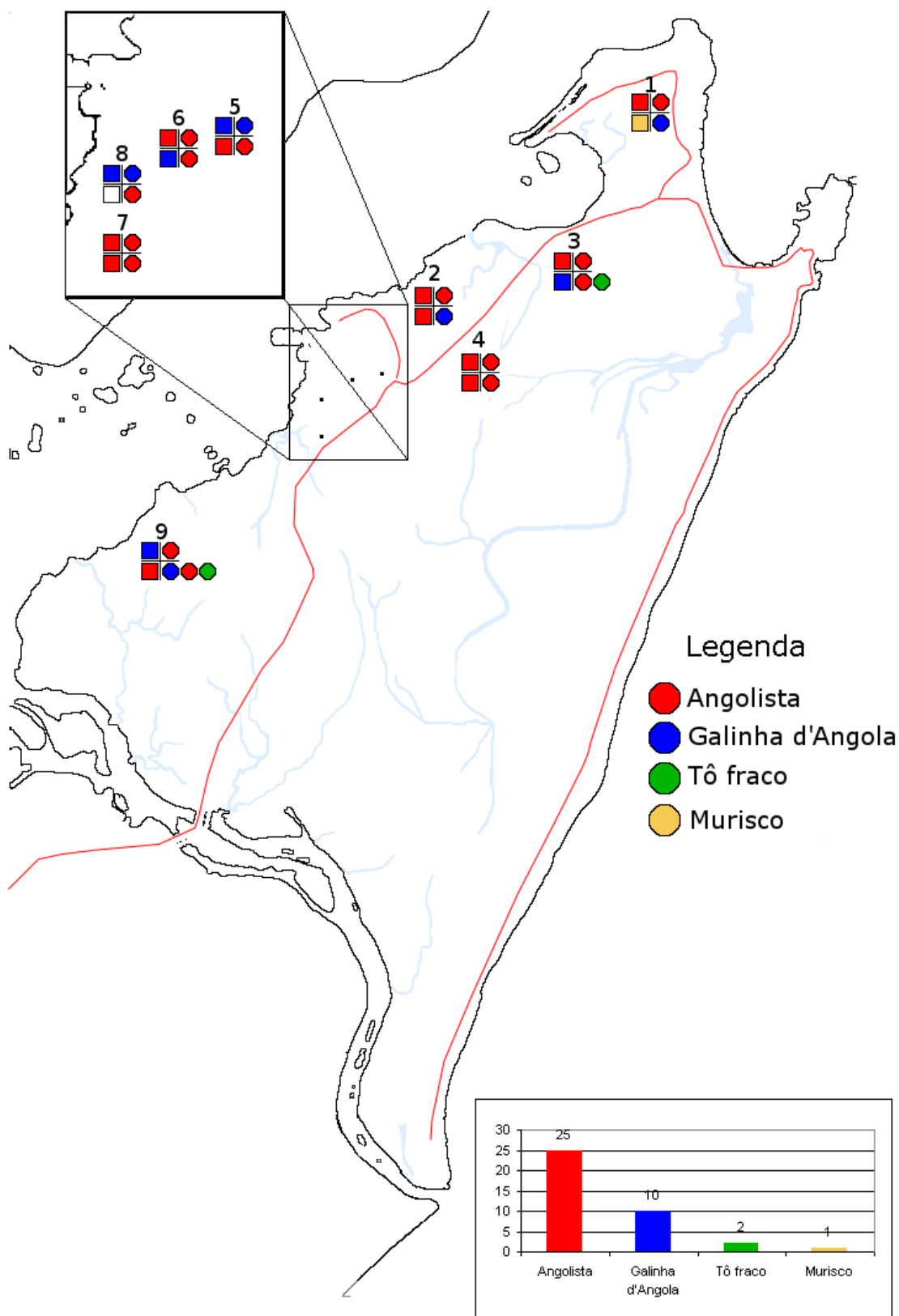
Carta 17 - URUBU - (QSL-064)



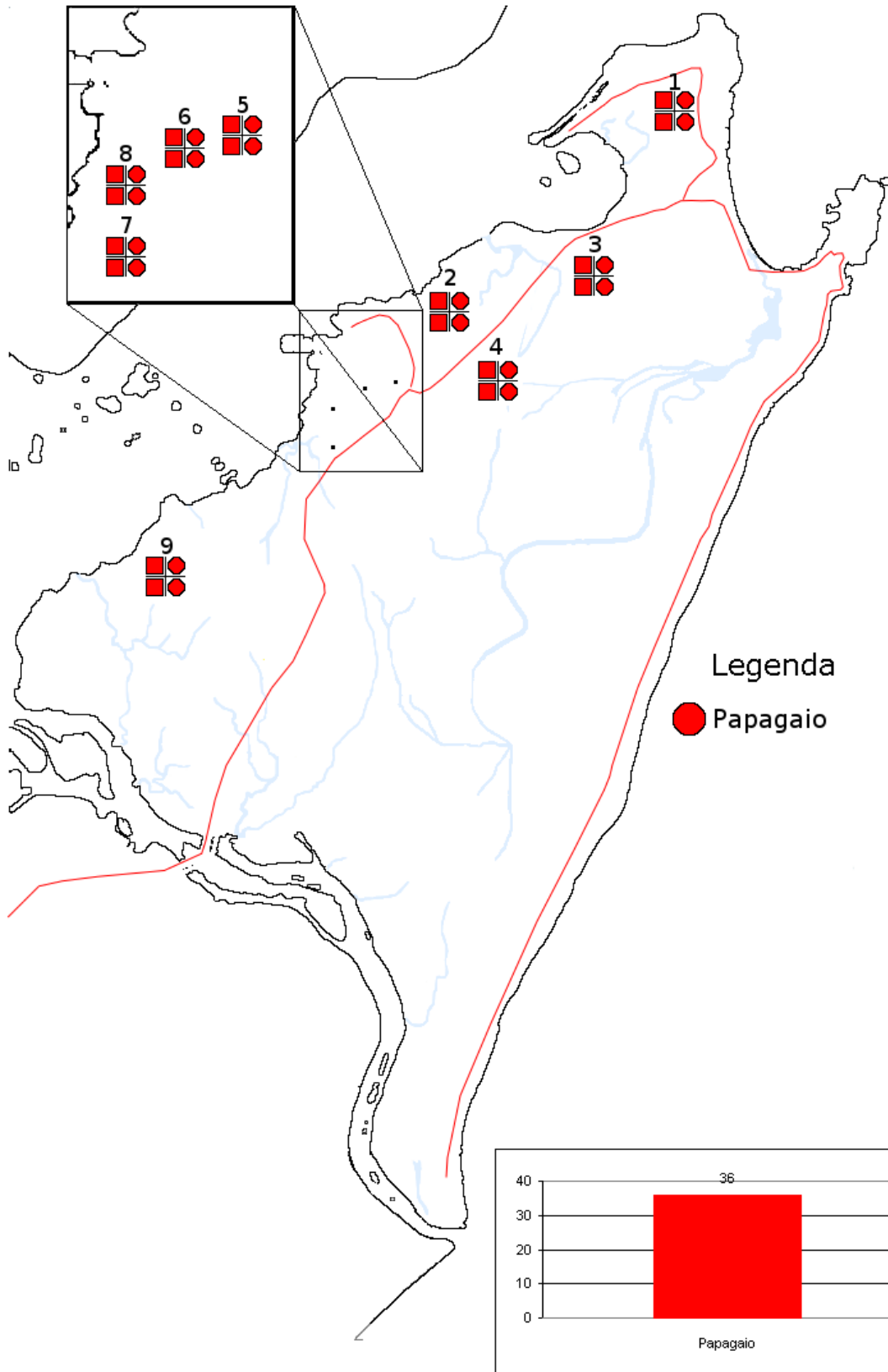
Carta 18 - COLIBRI/BEIJA-FLOR - (QSL-065)



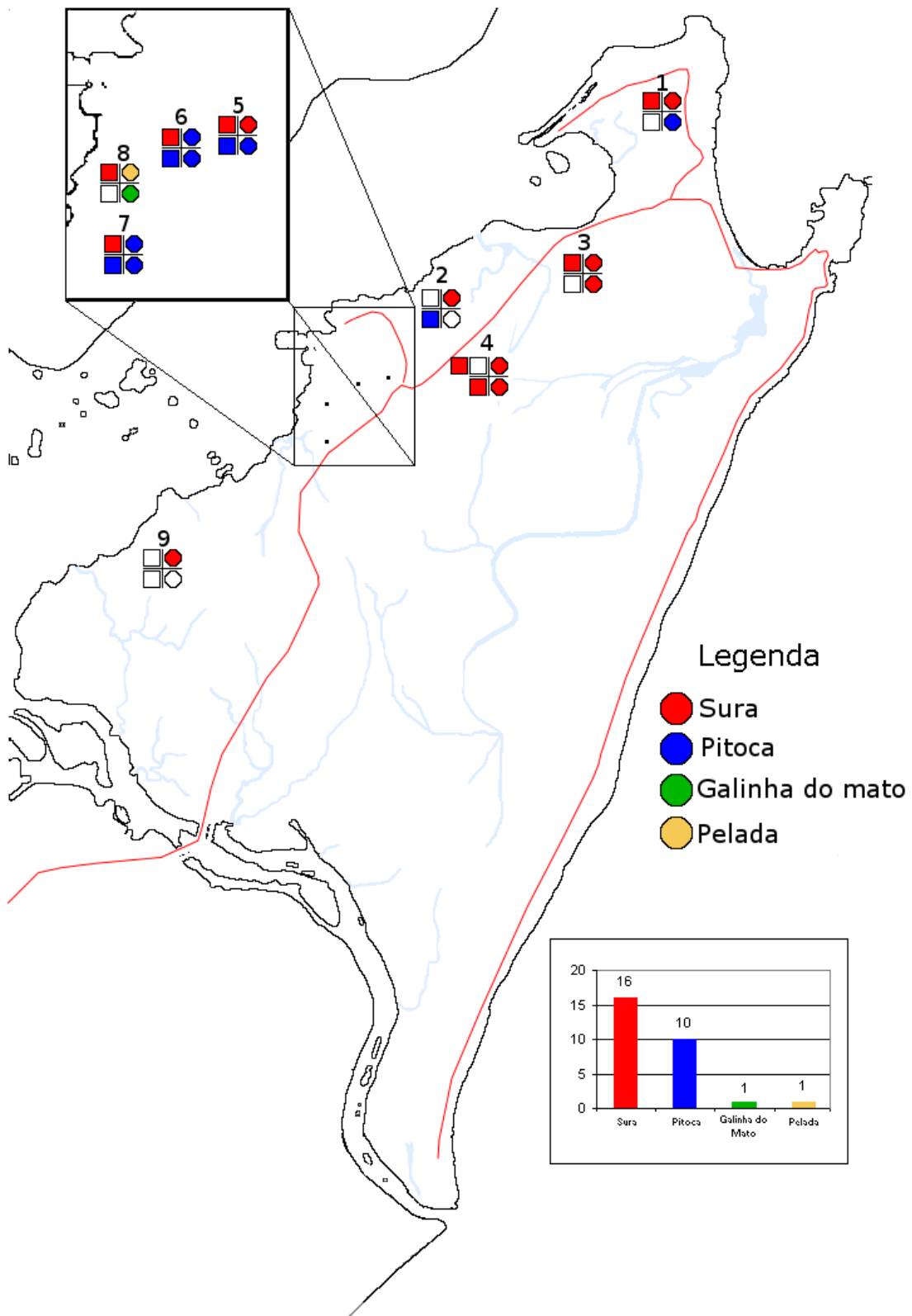
Carta 19 - GALINHA-D'ANGOLA/GUINÉ/COCAR - (QSL-067)



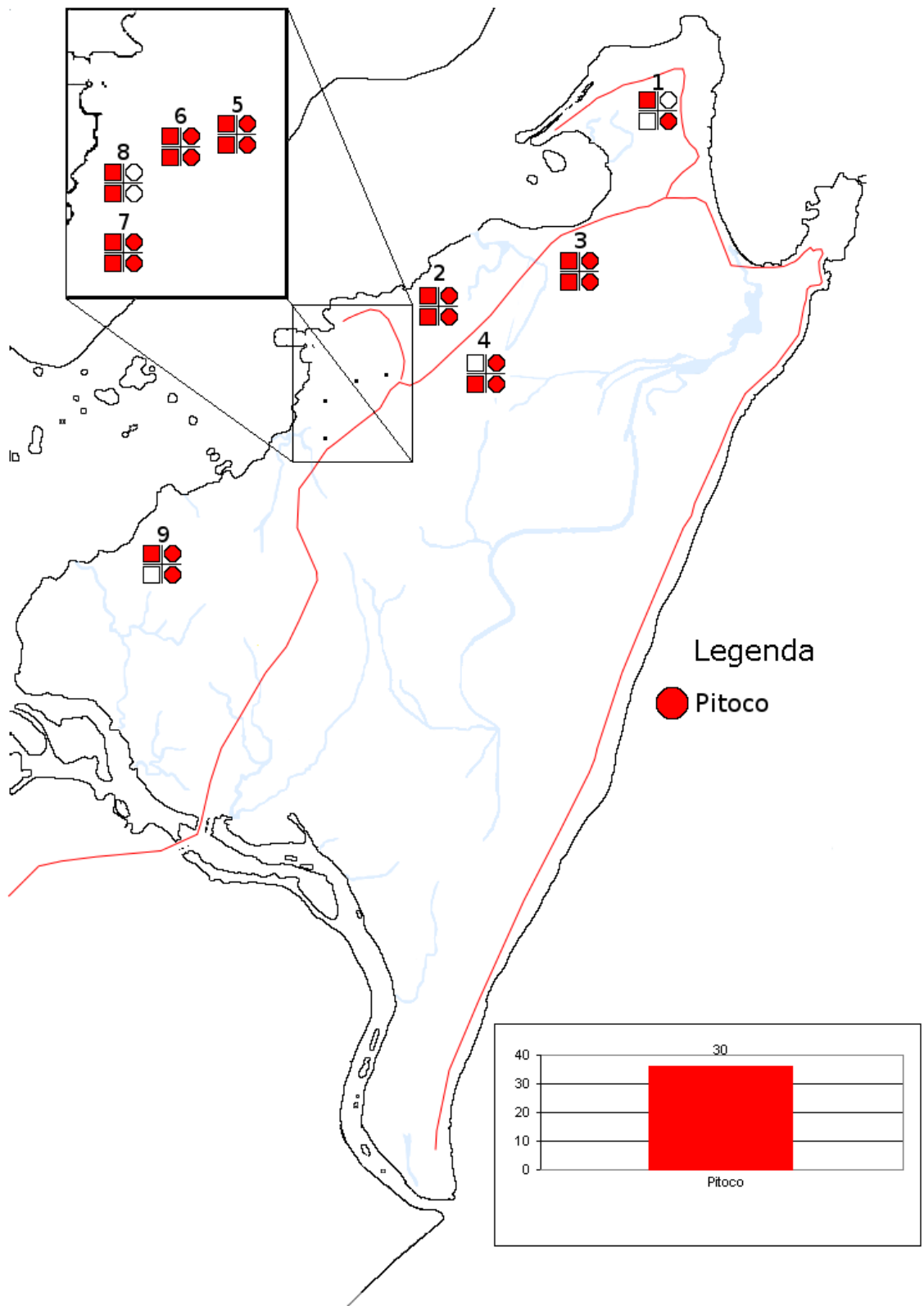
Carta 20 - PAPAGAIO - (QSL-068)



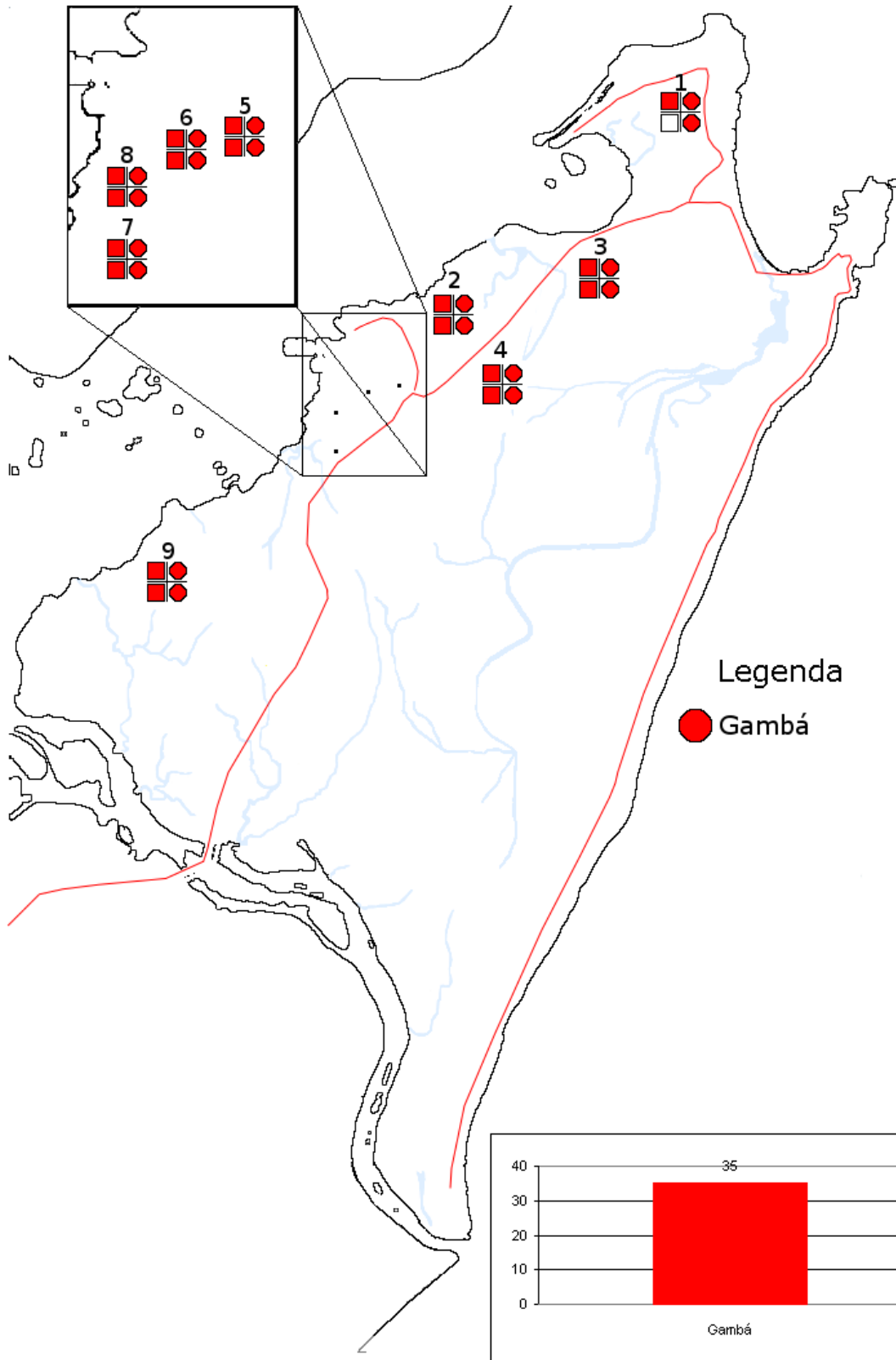
Carta 21 - SURA - (QSL-069)



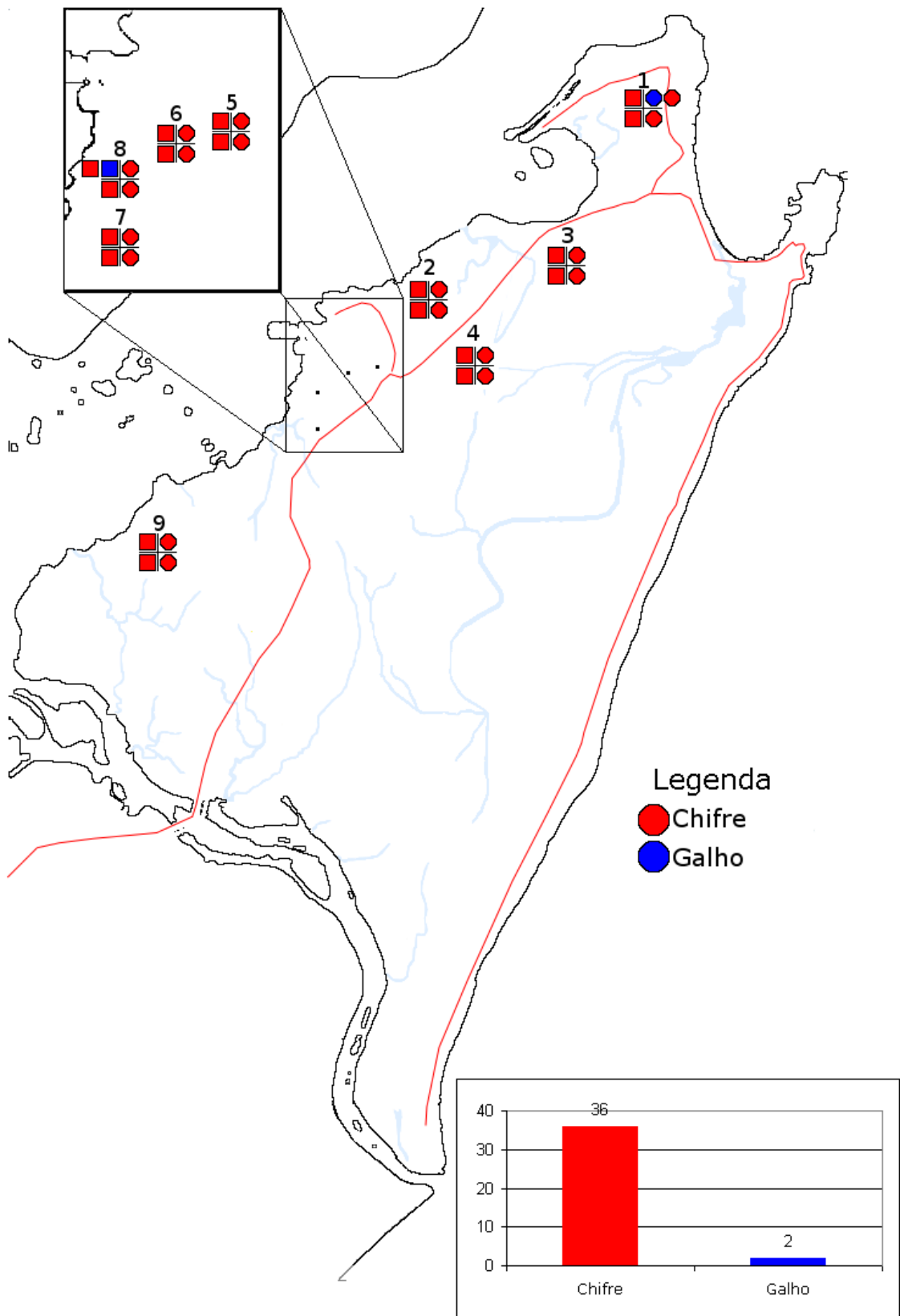
Carta 22 - COTÓ - (QSL-070)



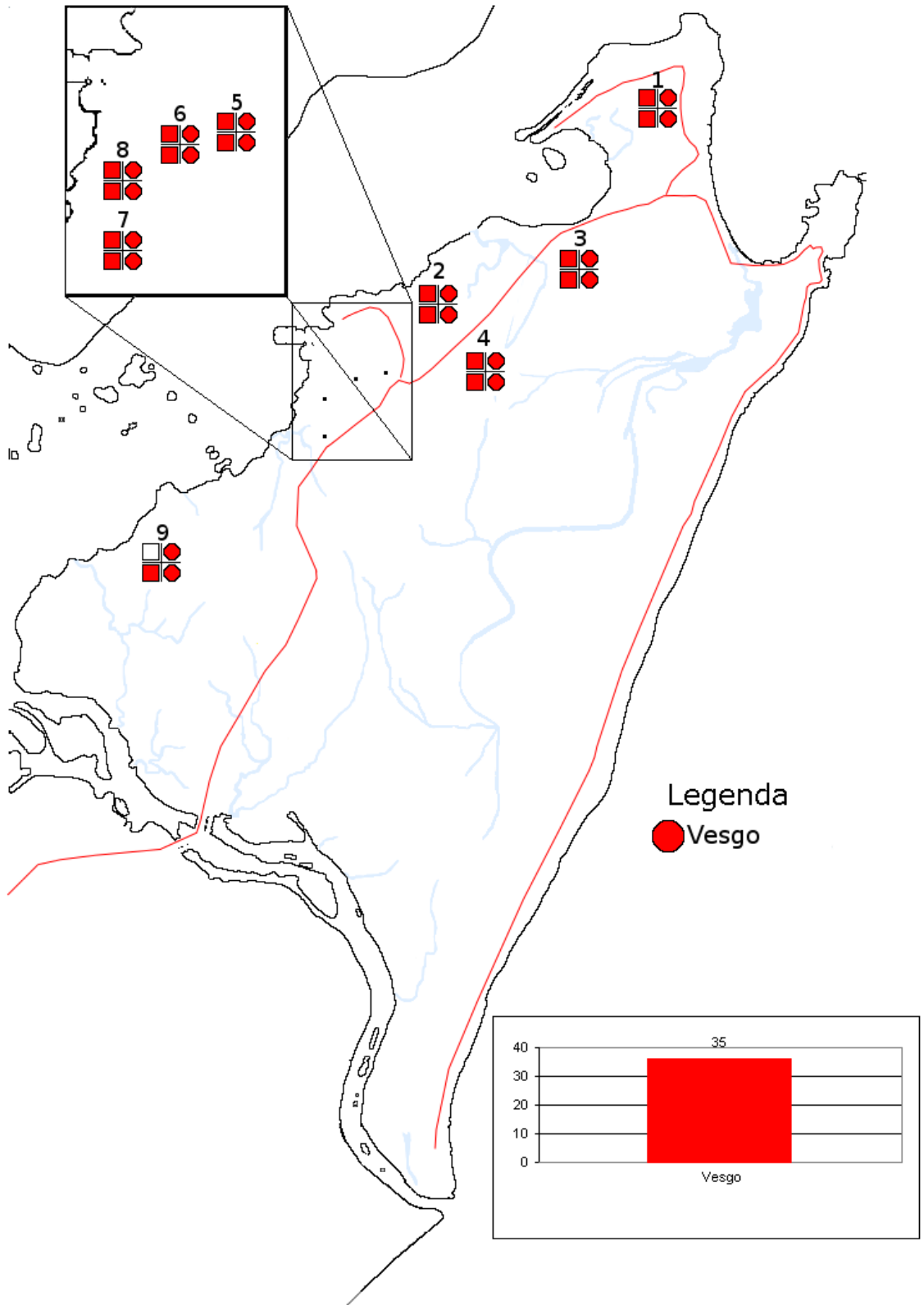
Carta 23 - GAMBÁ - (QSL-071)



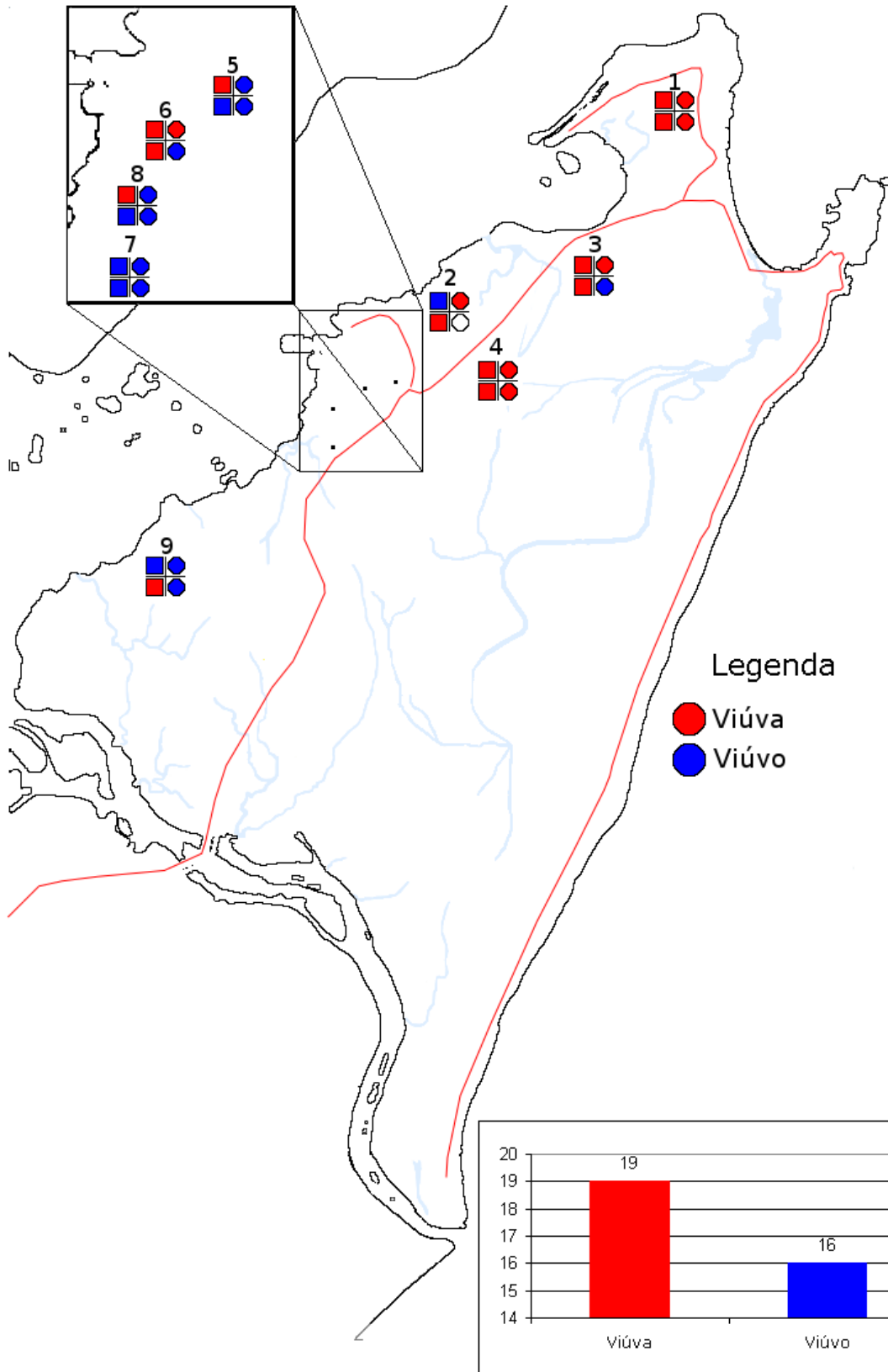
Carta 24 - CHIFRE - (QSL-077)



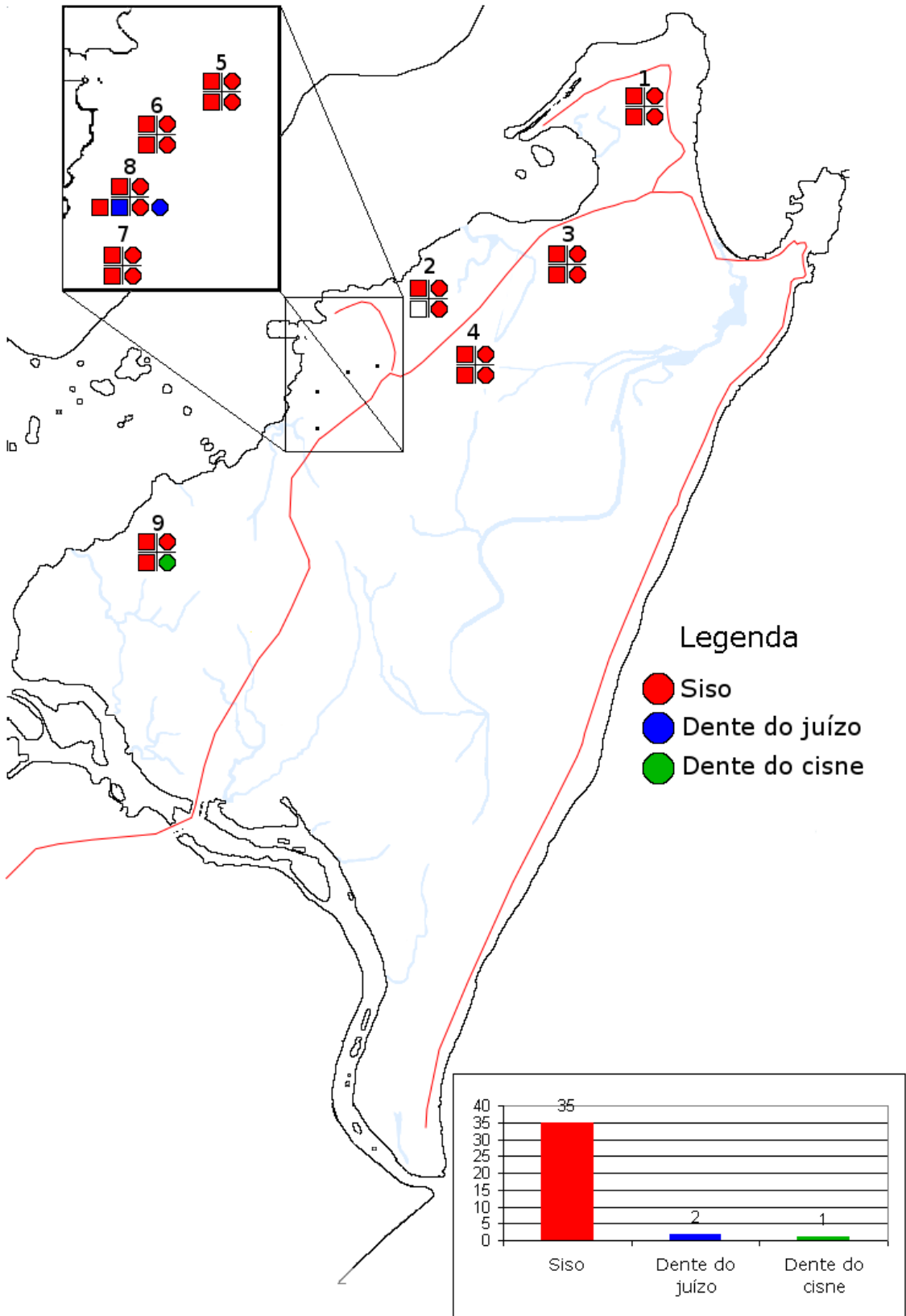
Carta 25 - VESGO - (QSL-092)



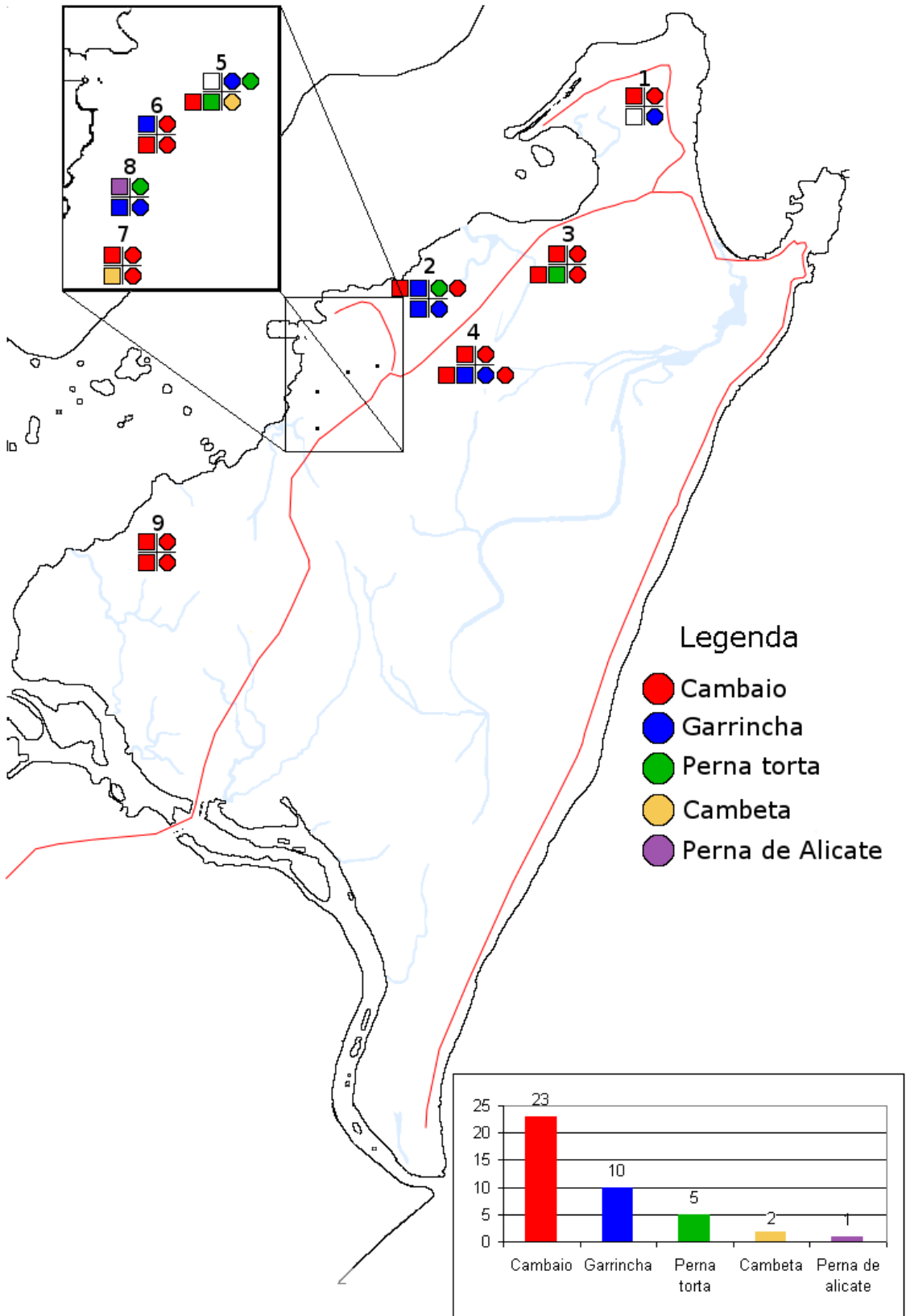
Carta 26 - TERÇOL/VIÚVA - (QSL-094)



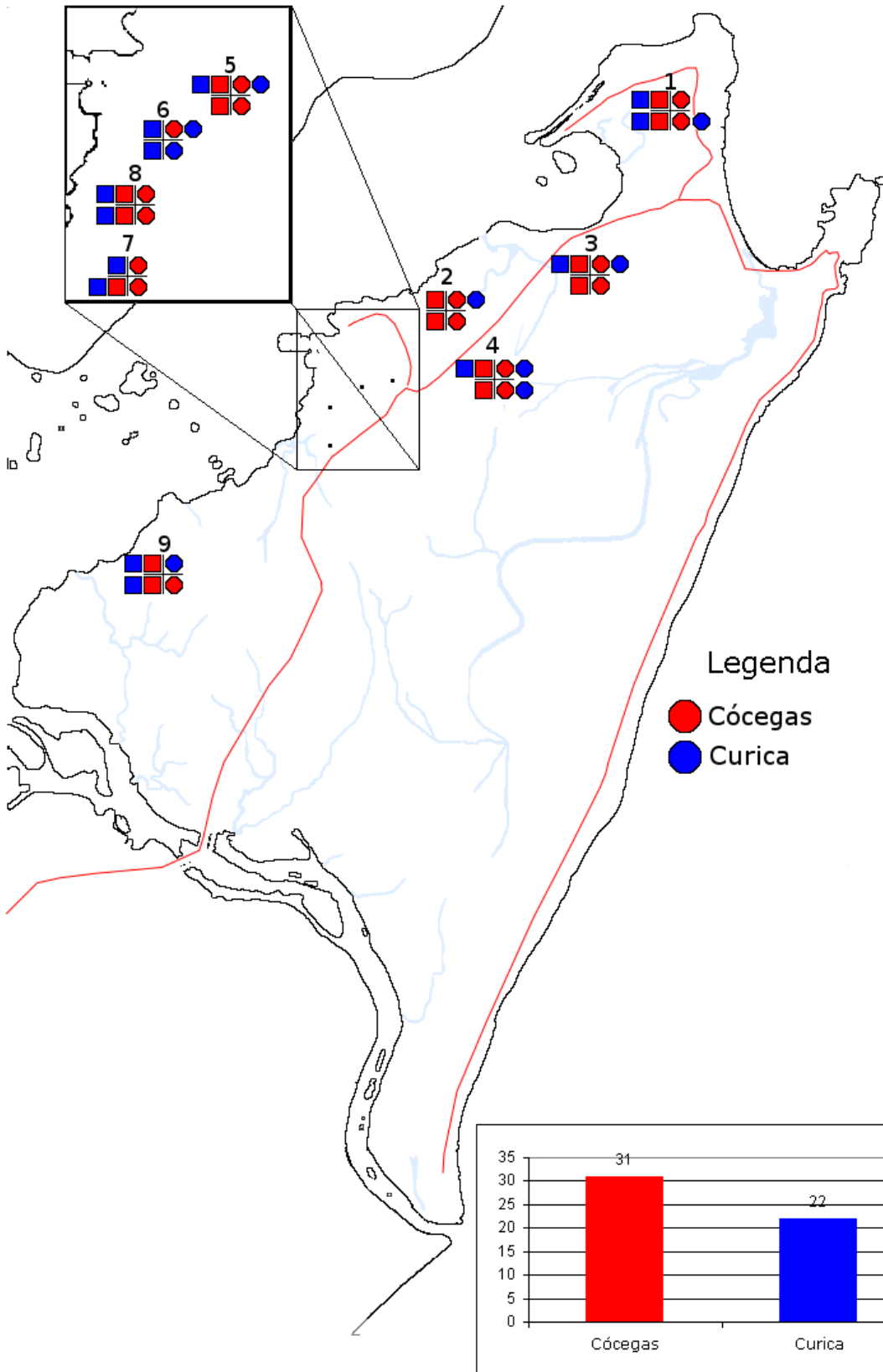
Carta 28 - DENTES DO SISO/DO JUÍZO - (QSL-098)



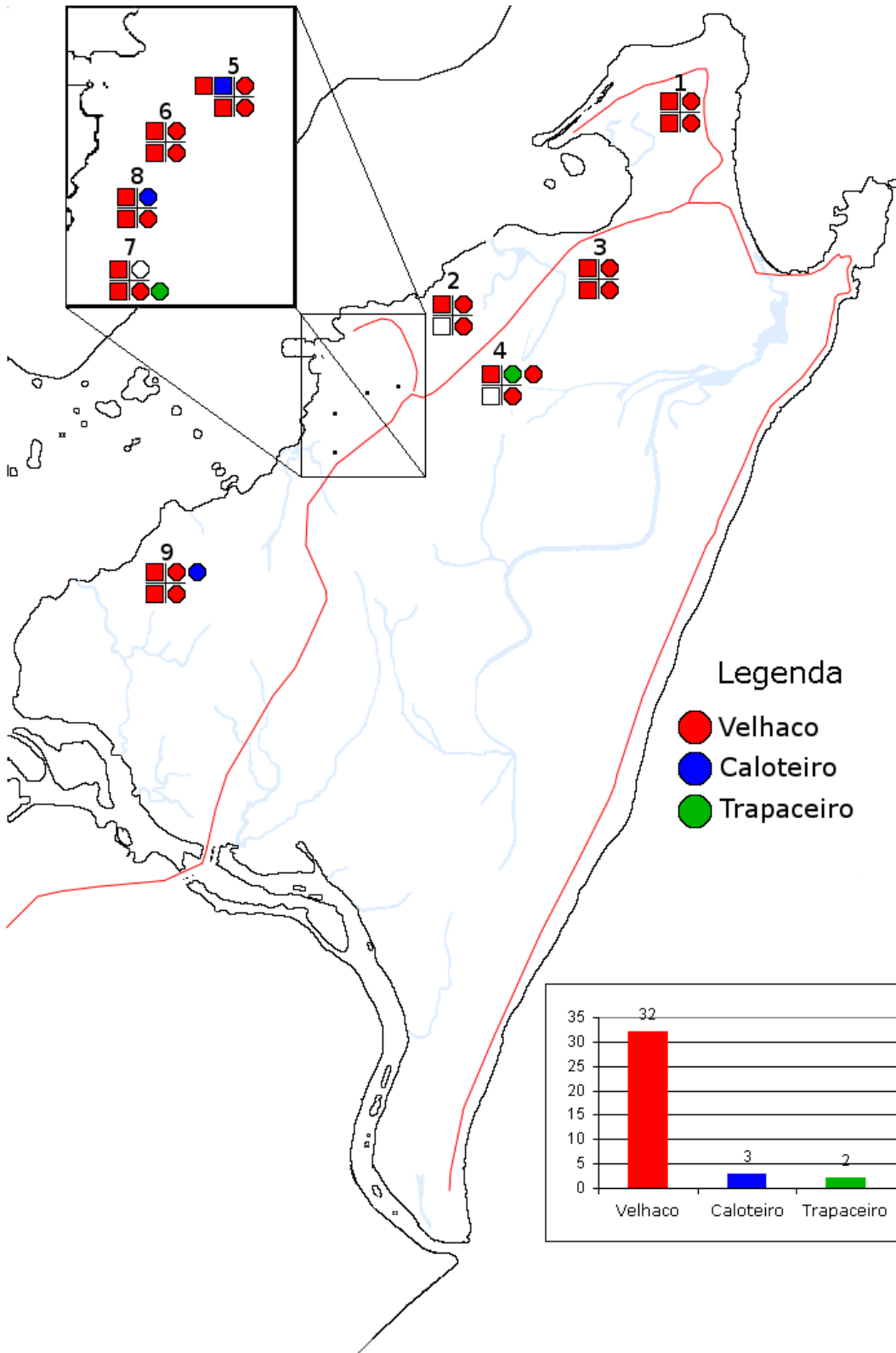
Carta 29 - PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS - (QSL-116)



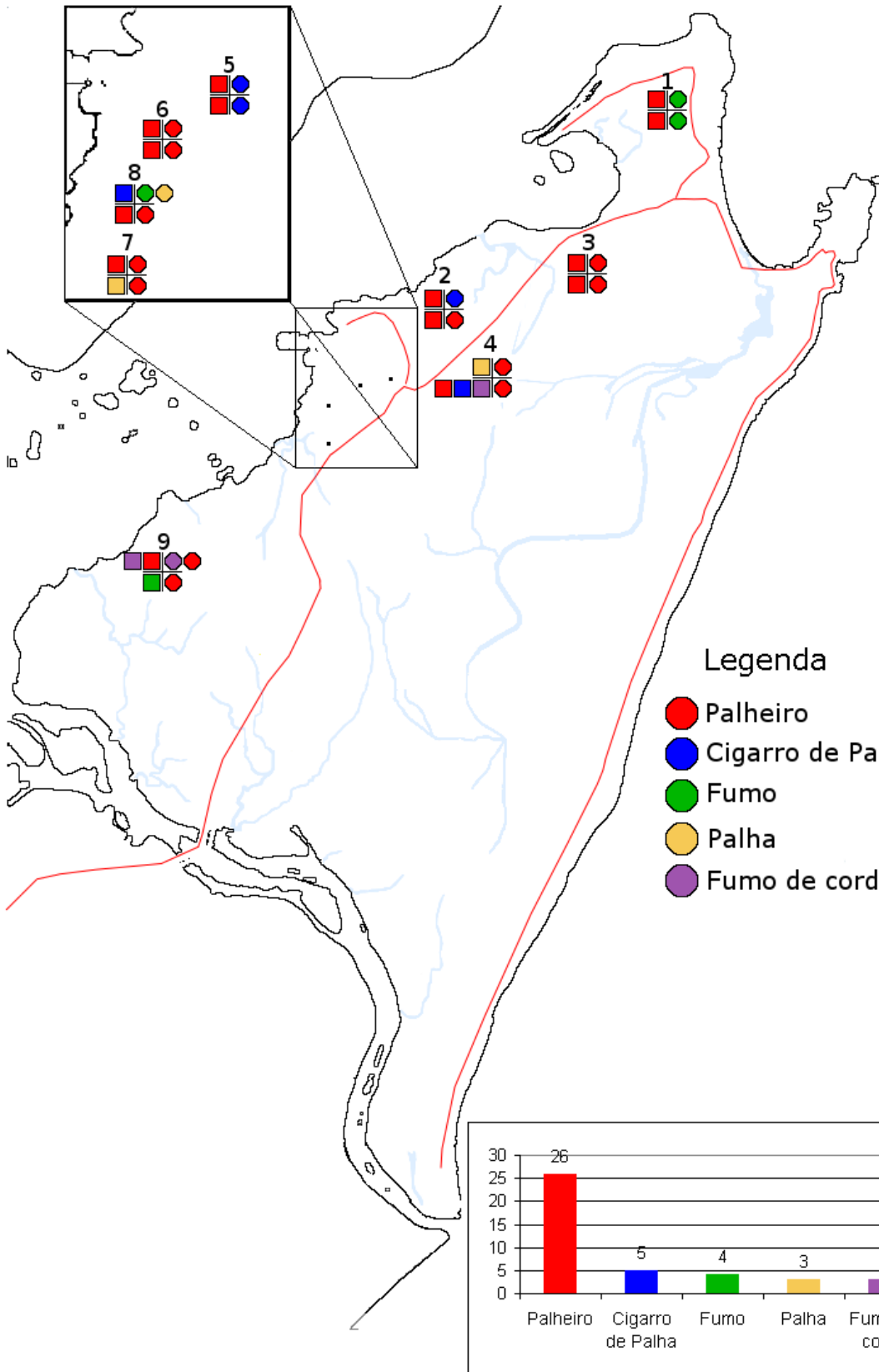
Carta 30 - CÓCEGAS - (QSL-120)



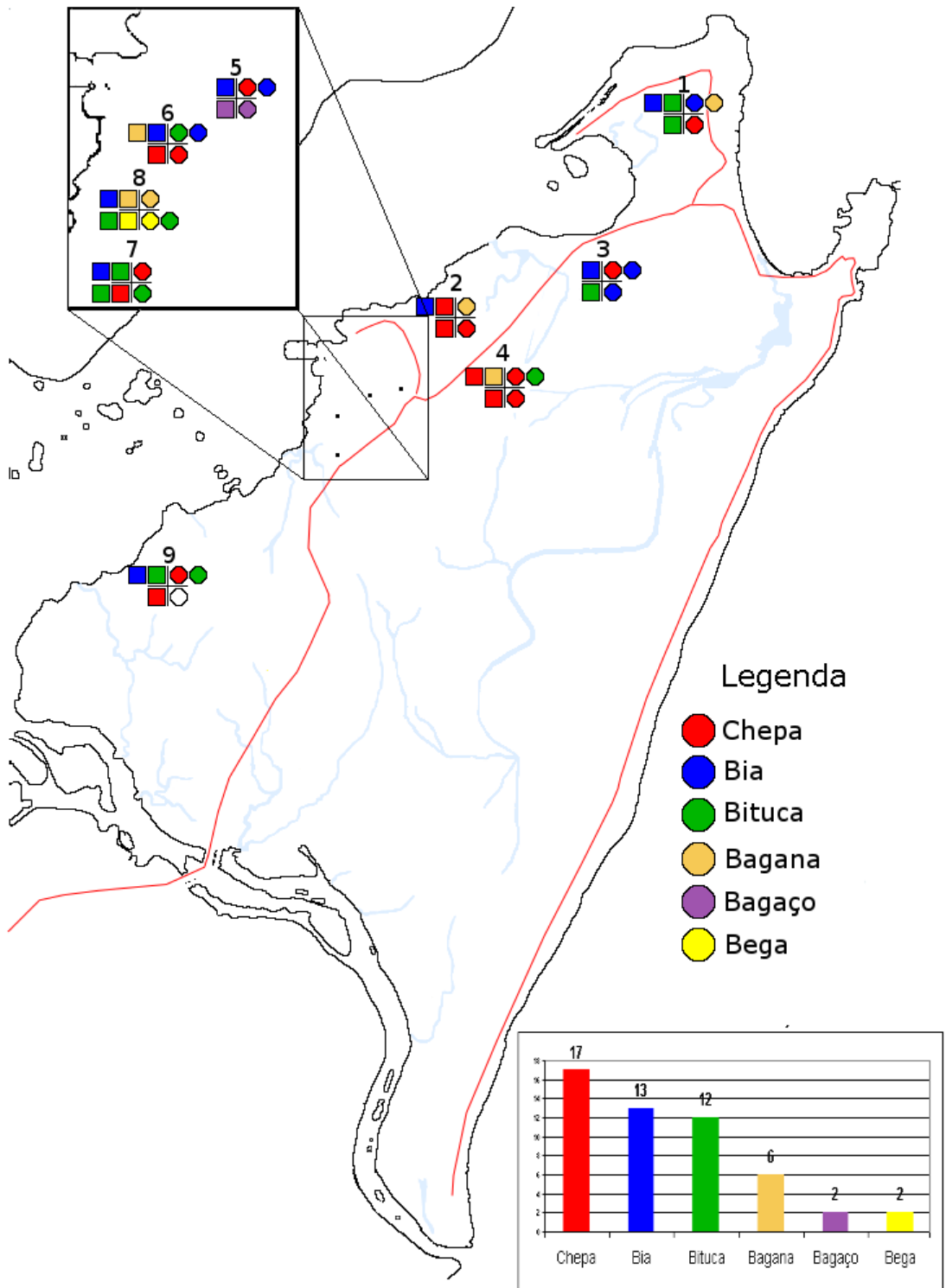
Carta 31 - MAU PAGADOR - (QSL-139)



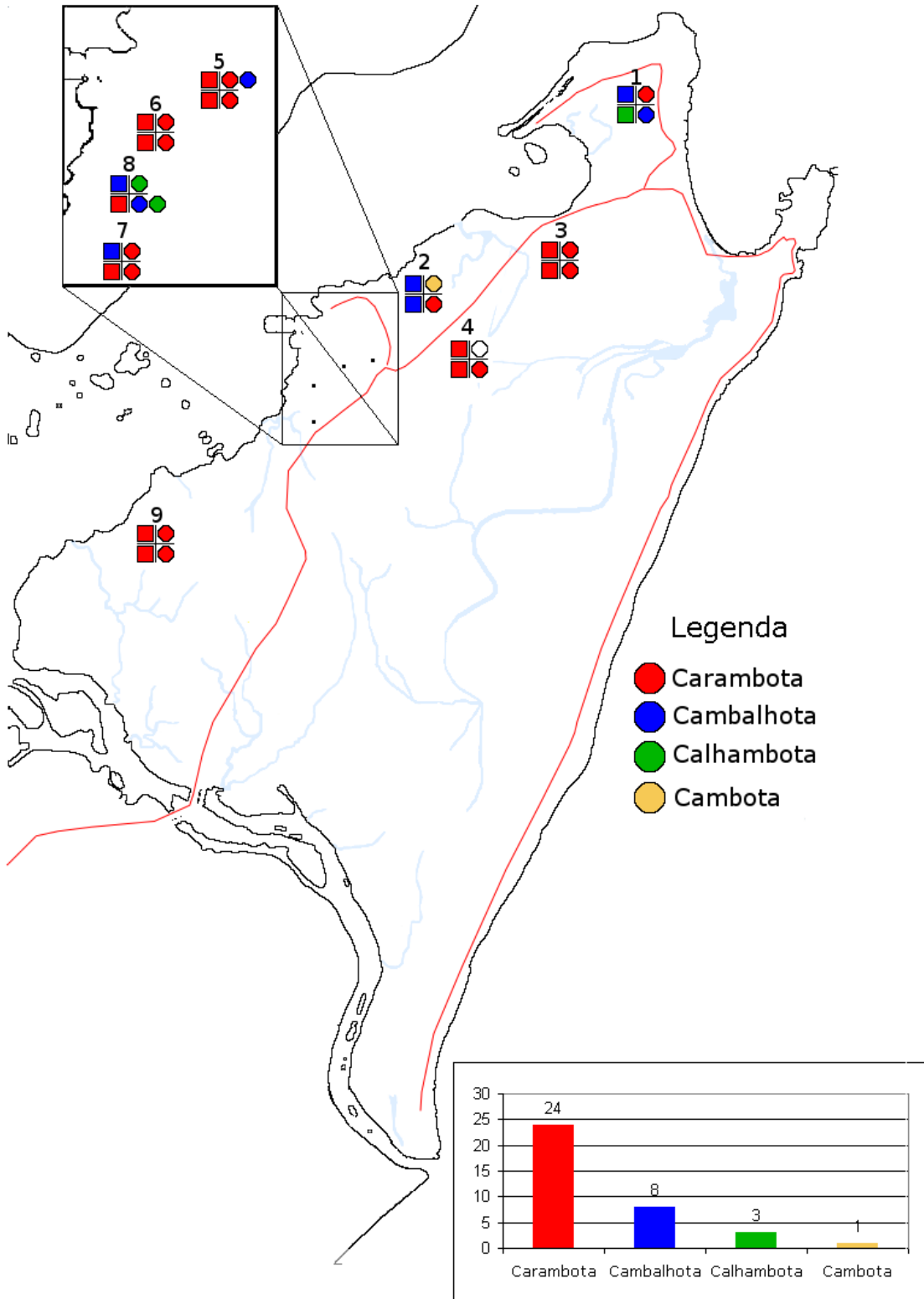
Carta 32 - CIGARRO DE PALHA - (QSL-145)



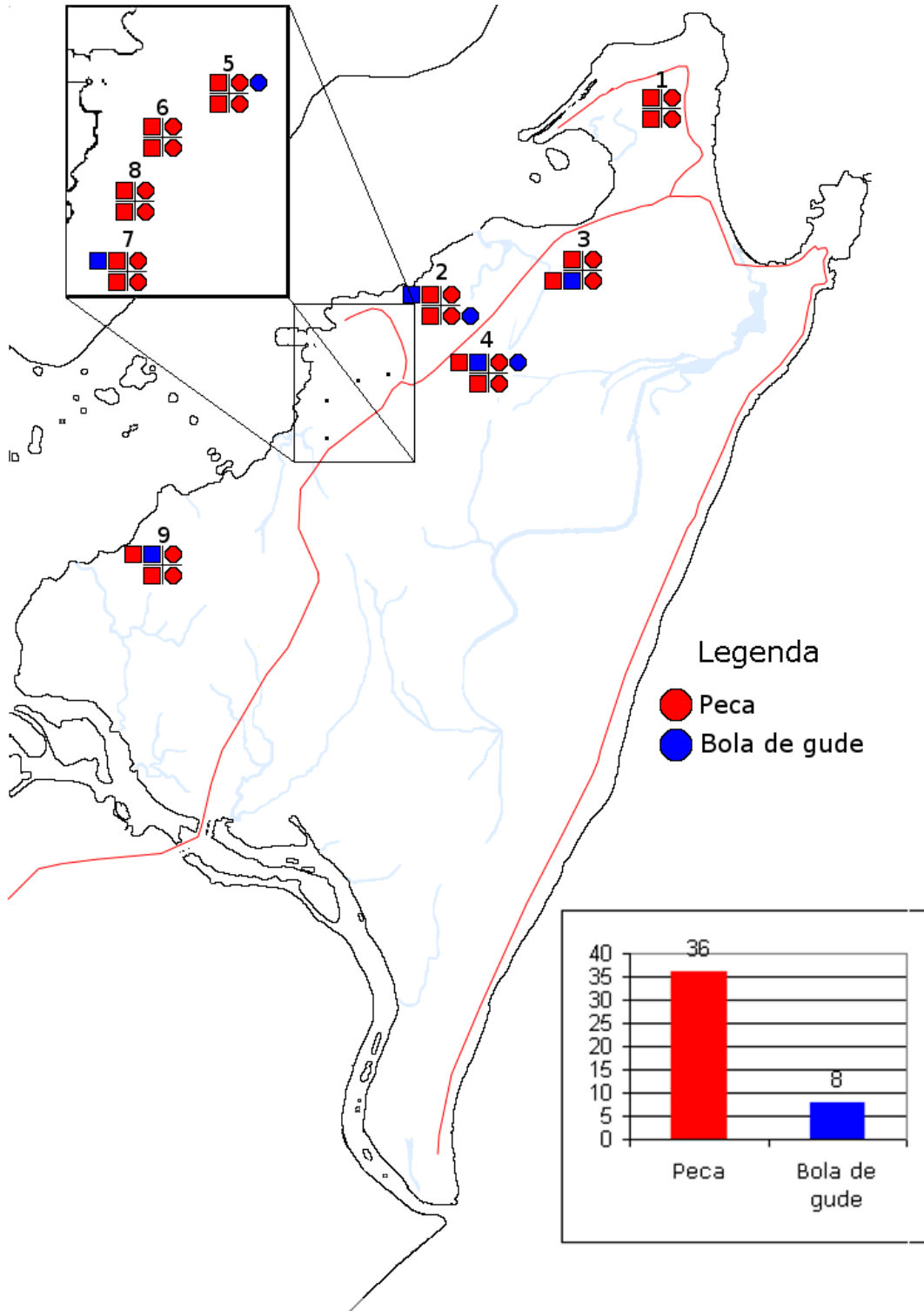
Carta 33 - TOCO DE CIGARRO - (QSL-146)



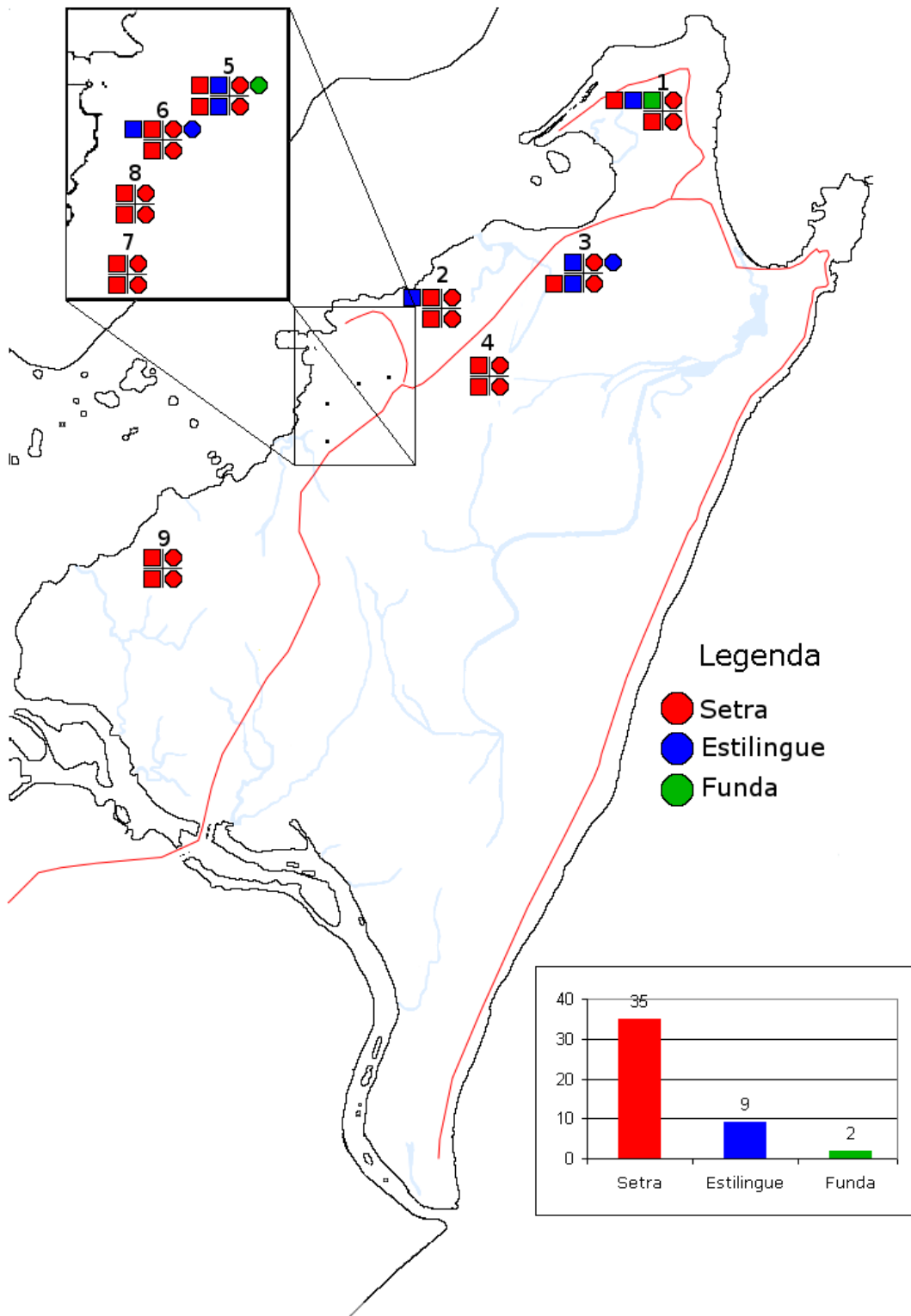
Carta 34 - CAMBALHOTA - (QSL-155)



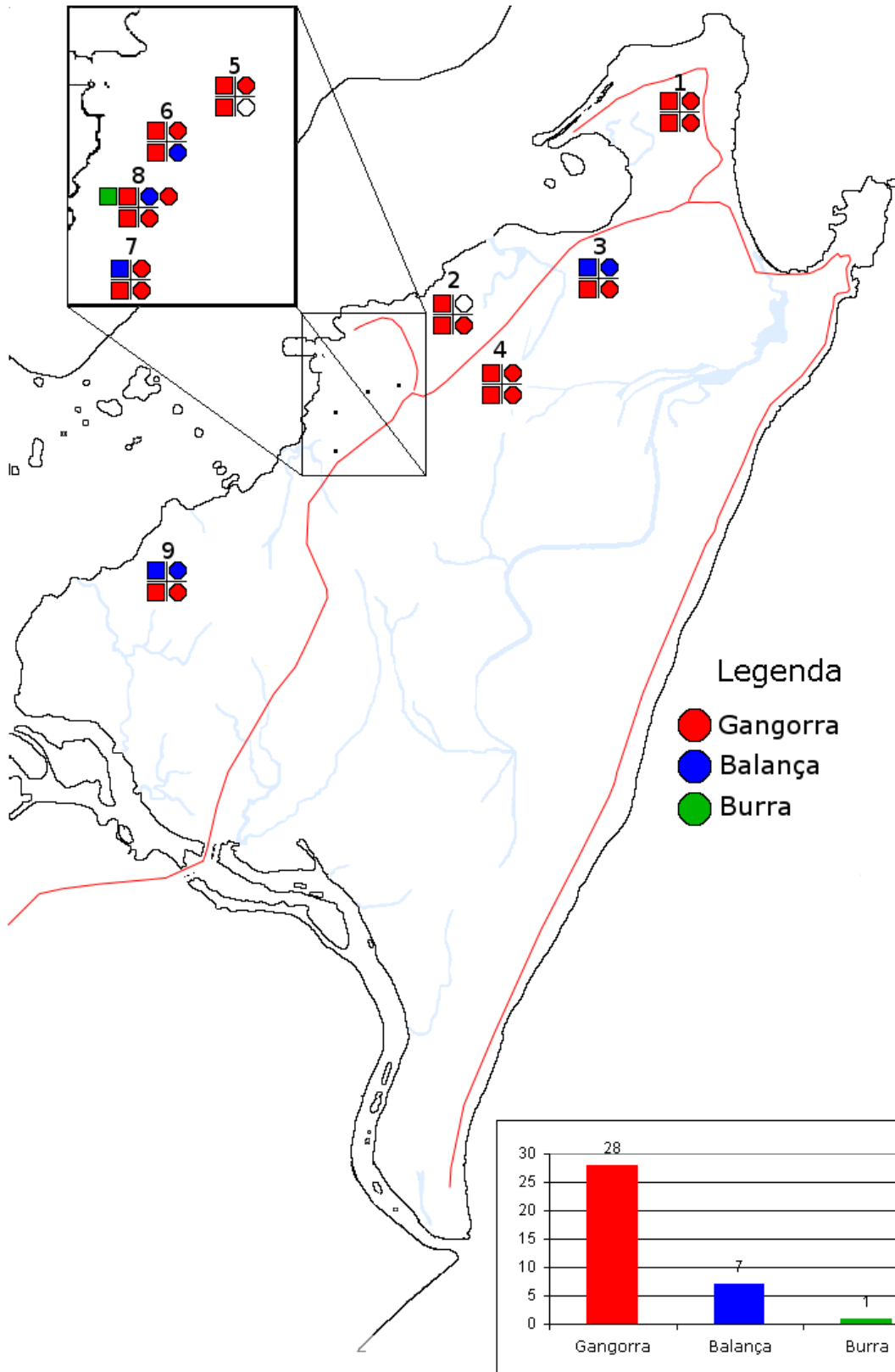
Carta 35 - BOLINHA DE GUDE - (QSL-156)



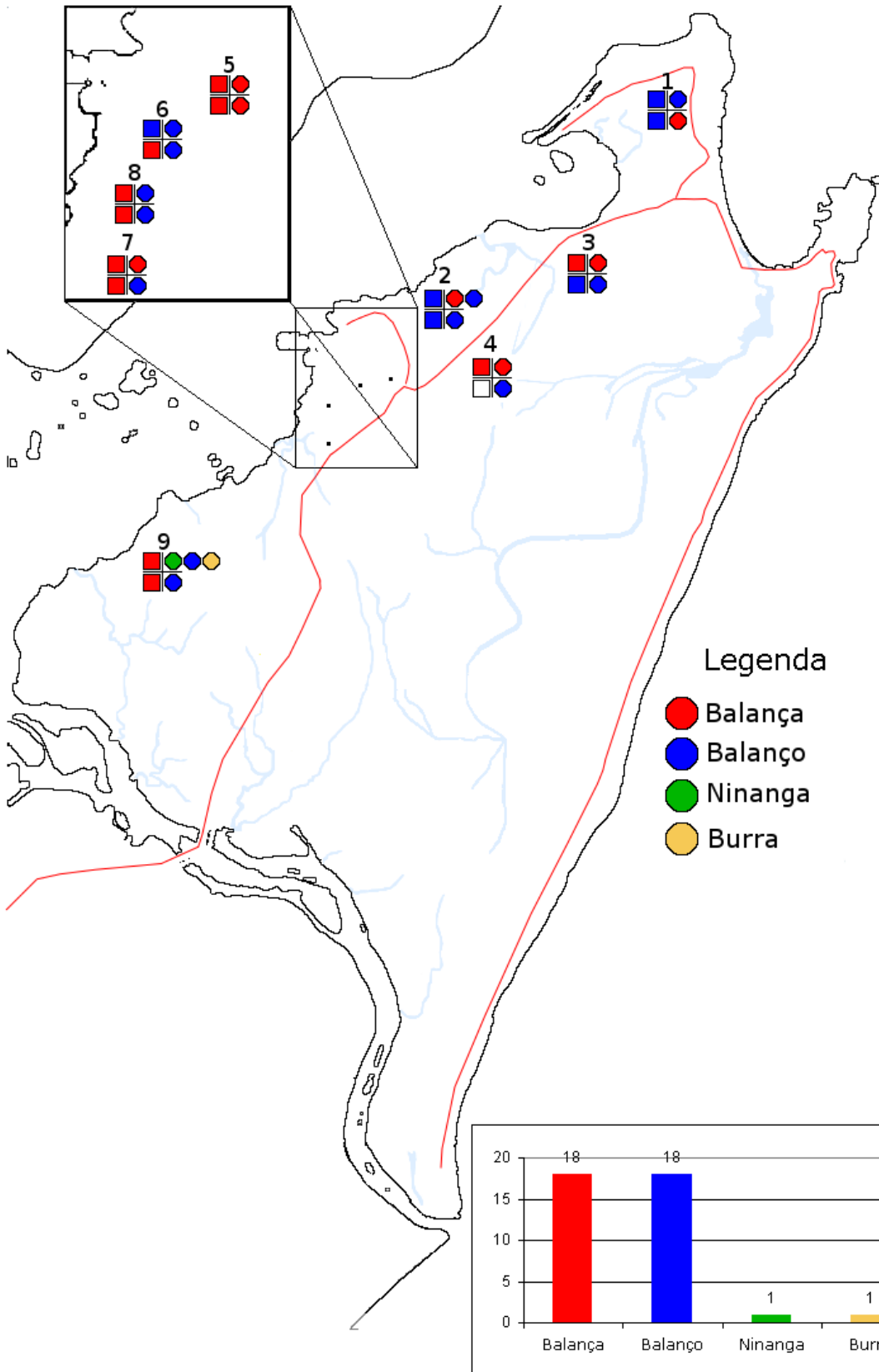
Carta 36 - ESTILINGUE/SETRA/BODOQUE - (QSL-157)



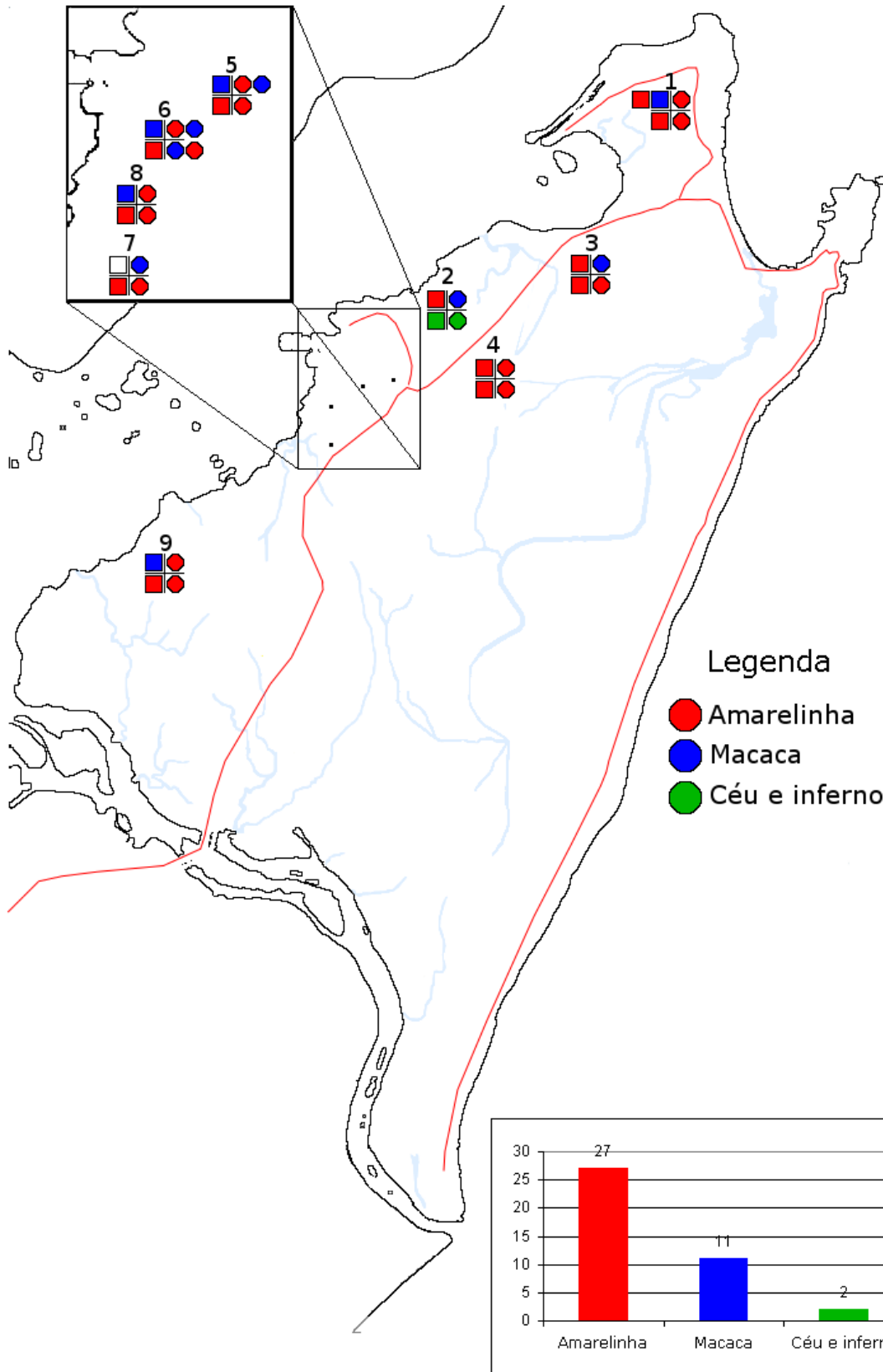
Carta 37 - GANGORRA - (QSL-165)



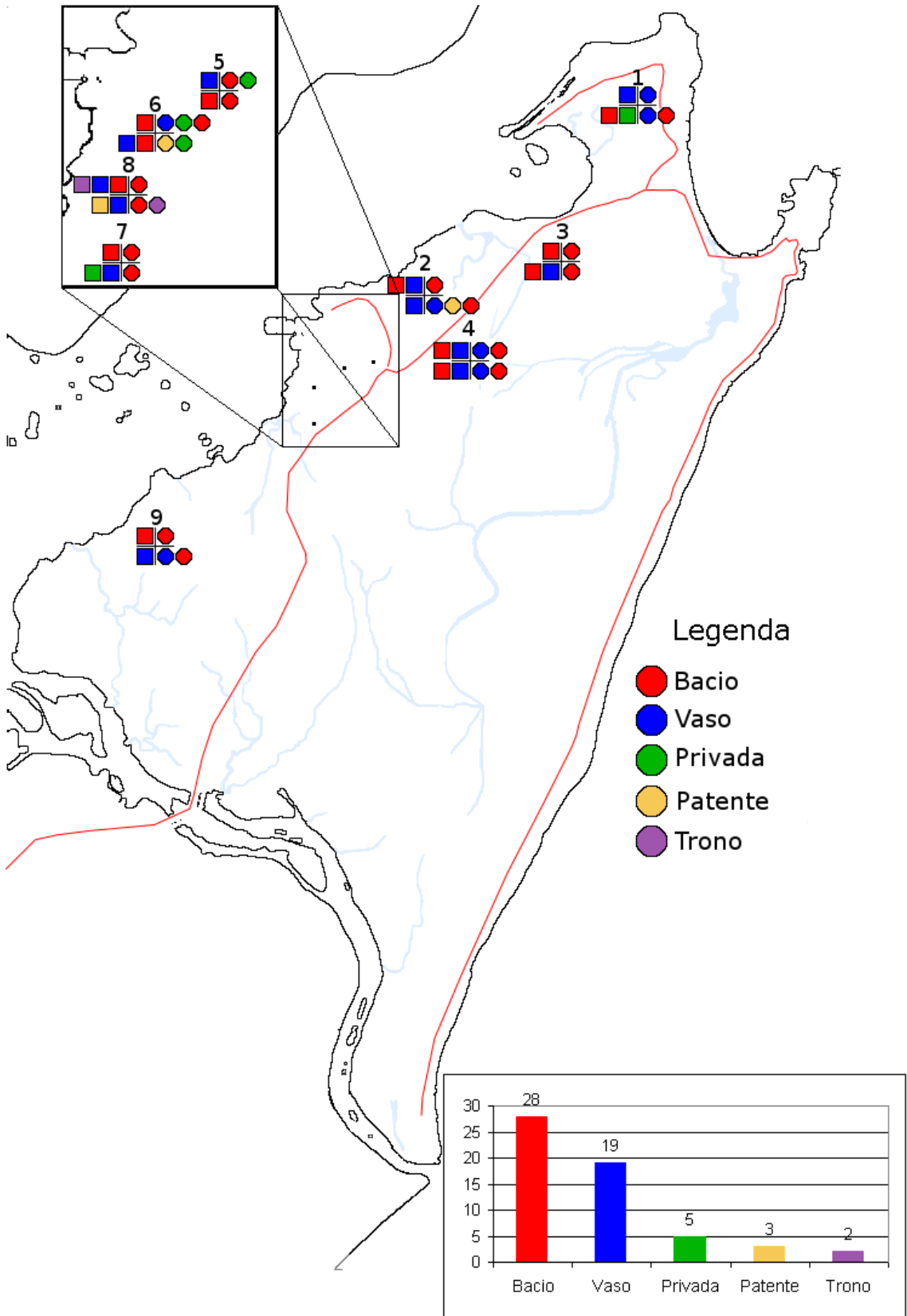
Carta 38 - BALANÇO - (QSL-166)



Carta 39 - AMARELINHA - (QSL-167)



Carta 40 - VASO SANITÁRIO / PATENTE - (QSL-170)



Carta 41 - EMPANTURRADO - (QSL-183)

